



ESCOLA DE DOUTORAMENTO  
INTERNACIONAL DA USC

Pedro Miguel  
Guedes de Oliveira

Tese de doutoramento

A entoação no contacto  
linguístico entre o mirandês e o  
português

Santiago de Compostela, 2024

**Programa de Doutoramento en Lingüística**

*Esta tese é dedicada a todos aqueles  
que, por um motivo ou outro, sofreram  
intimidação e bullying em contexto académico.*

## AGRADECIMENTOS

Antes dos habituais agradecimentos, queria expressar a minha gratidão às duas grandes mulheres sempre presentes na minha vida. À minha mãe e à minha avó. Foram vocês que me construíram e, sem o vosso apoio, nada na minha vida faria sentido.

Gostaria de expressar o meu sincero agradecimento aos meus orientadores. À Elisa Fernández Rei, pelo apoio contínuo, a sua paciência, a motivação, o entusiasmo e todo o conhecimento que me foi transmitindo ao longo destes últimos anos, desde as primeiras reuniões no seu gabinete na Universidade de Santiago de Compostela. Não foi apenas uma orientadora; foi também uma mentora e inspiração, cuja influência vou carregar comigo para além deste doutoramento. Sem a sua orientação ao longo desta investigação, seria impossível chegar até aqui. Ao João Veloso, que aceitou fazer parte desta aventura desde o primeiro momento em que nos cruzámos no bar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foram os melhores mentores durante estes últimos anos.

Em segundo lugar, a minha família. É impossível qualificar e quantificar o quão importante sois para mim. Aos meus pais. À minha vizinha. Aos meus irmãos. Aos meus cunhados. Aos meus sobrinhos. O meu mais profundo agradecimento por estarem sempre ao meu lado, oferecendo-me amor, apoio incondicional e paciência ao longo de todo este percurso. Sem o vosso incentivo, força e compreensão, esta conquista não teria sido possível. Vocês são a minha base. Sem o vosso apoio, seria bem mais difícil. *À ma famille française* : ma Patricia et au clan Moya. *À ma chère Patricia* qui n'est pas seulement une amie, mais une véritable famille. *Merci pour tout le soutien, la patience et l'amour que tu as montrés tout au long de ce dernier parcours. T'avoir à mes côtés a été un privilège inestimable, et ton amitié est l'un des plus grands trésors que je garde de cette étape de ma vie. Tu as été mon refuge. Maintenant et pour toujours.*

À mes collègues de l'Université Jean Monnet, pour leur soutien constant tout au long de ces quatre années ; pour leurs encouragements et leur confiance indéfectible en mon travail, ici comme dans la vie. Aos meus colegas de gabinete. À Rosa, por quem

tenho uma estima imensa e que sempre me fez crer que valia a pena. O meu profundo agradecimento pelo apoio constante e pela amizade sincera que foi para mim durante esta etapa final. As nossas trocas de ideias, os momentos de decompressão e o incentivo mútuo foram essenciais para tornar esta caminhada bem mais leve e para que eu nunca me sentisse sozinho. Obrigado pela motivação e por ter acreditado em mim. À Soraia e ao Igor, obrigado pela vossa boa disposição, a vossa amizade e os momentos melhores e piores que fomos partilhando ao longo dos últimos meses. À Raphaëlle et Emmanuelle, pour vos mots d'encouragement constants, votre amitié précieuse et pour me rappeler que, ensemble, nous sommes plus forts. A Michela, per aver creduto in me, desidero esprimere la mia più sincera gratitudine per il suo continuo supporto e per la preziosa collaborazione durante questo percorso. La tua disponibilità, il tuo aiuto e la condivisione di idee hanno avuto un impatto decisivo sullo sviluppo di questa ricerca. Grazie per essere stata un punto di riferimento costante. Ti sono grato per avermi affidato le materie della laurea e, soprattutto, i seminari del master. E grazie per aver riconosciuto in me la capacità di contribuire attivamente all'interno del Master in Linguistica.

A todos ls mius anformantes que participórun zeinteressadamente neste porjeto, que dedicórun tiempo de la sue vida l'esta ambestigaçon, que me permitiran antrar an buossas casas, por acraditáren, cumo you, que l mirandés ye ua lhéngua d'eilebada amportança i pul ourgulho d'a trabalhar. Sin bós, esta ambestigaçon nun serie possible.

Aos meus amigos (é impossível citar-vos todos!) que *viveram* comigo estes últimos meses. Desidero esprimere la mia gratitudine a Carla per la sua infinita gentilezza, per avermi sempre ascoltato con attenzione, per i suoi preziosi consigli e per la sua amicizia. Ogni conversazione con te mi arricchisce e mi fa crescere come persona. Ti ringrazio di cuore per la tua premura, che è stata particolarmente importante per me negli ultimi mesi. À minha (outra) *mulher*. À Dina, mas também ao Pedro, ao Leo e ao Martim, que se tornaram parte essencial de quem sou. Durante todo este caminho, a vossa presença foi fundamental para que eu não perdesse a coragem nos momentos difíceis. Obrigado pelas conversas, pelo apoio incondicional e pelas *palhaçadas* que tornaram tudo mais leve. Estar convosco faz tudo valer ainda mais a pena. Não tenho palavras para agradecer a vossa amizade, mas sei que esta vitória é também fruto do vosso amor e dedicação. À *minha* Su. Simplesmente, por tudo. Ao João Sousa, a tua amizade não tem limites. Mesmo longe, estiveste presente. Ao *puto* mais reguila, Ary. Ao Mota, à Enara, ao Luís Gabriel e à miúda mais incrível, a Flávia. Obrigado por me acolherem na vossa vida. À Andreia,

que depois de colega se tornou amiga. Obrigado pelos telefonemas, pelas longas conversas e teres aberto esse espacinho para mim. À Su, que apesar de longe, estiveste presente. Ao Fábio Rocha pela primeira versão dos mapas.

À toutes mes étudiantes et à tous mes étudiants, merci pour votre gentillesse.

*The last, but not the least*, ao João, que me acompanhou desde o primeiro minuto e me fez acreditar que era possível. Apesar de as circunstâncias não serem as mesmas de há quatro anos, estás presente! Obrigado por teres feito este caminho comigo.

## RESUMO

O estudo da língua mirandesa remonta aos finais do século XIX com o trabalho de J. L. de Vasconcellos, *O Dialecto Mirandez*. A partir daí, foram feitos vários estudos sobre o mirandês, considerando-o umas vezes como dialeto e outras como falar por se tratar de uma língua que não pertence à família linguística do galego-português. Sendo uma língua de tradição oral, em 1999 criou-se a primeira convenção ortográfica de forma a unificar e sistematizar a ortografia mirandesa.

Embora o mirandês seja objeto de alguns estudos linguísticos, estes têm privilegiado o estudo do léxico (Martins, 2006) e a fonologia (Vasconcellos; 1900; Carvalho, 2015[1958]). Os estudos sobre fonologia prosódica e entoacional do mirandês são relativamente escassos. Apenas recentemente, no âmbito do projeto AMPER, se começou a observar os padrões entoacionais do mirandês, recorrendo à análise fonética da frequência fundamental.

O presente estudo foca-se na análise do impacto do contacto linguístico entre o mirandês e o português, com especial atenção na entoação. Esta investigação visa colmatar uma lacuna no conhecimento sobre a fonologia entoacional do mirandês e procura compreender como é que o contacto com o português pode influenciar os padrões prosódicos do mirandês. O mirandês, apesar de sua importância cultural e identitária, possui pouca investigação no campo da entoação, principalmente no contexto de contacto linguístico, o que torna este estudo inovador e relevante para os estudos sobre línguas minoritárias em situações de contacto.

Este estudo divide-se em duas principais áreas: uma primeira focada na análise dos padrões entoacionais das variedades do mirandês e do português e uma segunda que analisa os efeitos do contacto linguístico.

O estudo tem como objetivos específicos descrever os padrões entoacionais do mirandês e do português e avaliar em que medida é que esses padrões são influenciados pelo contacto linguístico. A criação de um inventário entoacional para o mirandês visa documentar as estruturas entoacionais características dessa língua e compará-las com o português para observar as convergências e divergências. Além disso, espera-se

desenvolver um sistema de anotação para a entoação e gramática prosódica do mirandês, que poderá ser uma ferramenta essencial para futuros estudos, contribuindo para a documentação e preservação dessa língua. Desta forma, o estudo não preenche apenas uma lacuna nos estudos sobre a entoação do mirandês, mas também fortalece o conhecimento das dinâmicas prosódicas em línguas minoritárias em contato com línguas dominantes.

Para investigar esses aspetos, o presente estudo adota um conjunto de procedimentos metodológicos utilizados em investigações sobre outras línguas românicas, incluindo a recolha de dados de fala espontânea ou o mais próximo possível desse contexto. Essa recolha é realizada através de duas tarefas: a *discourse completion task* e a entrevista, que visam proporcionar uma amostra representativa das duas línguas. O material analisado incluir estruturas declarativas (neutras e não neutras), interrogativas (neutras e não neutras), interrogativas parciais (neutras e não neutras), interrogativas eco (neutras e não neutras), imperativas e chamamentos. A análise dos dados é feita à luz dos modelos de Fonologia Prosódica, da abordagem Autossegmental Métrica da Fonologia Entoacional e no quadro ToBI (Pierrehumbert, 1980; Beckman & Pierrehumbert, 1986; Nespor & Vogel, 1986; Beckman *et al.* 2005; Ladd, 2008; entre outros) que fornecem uma descrição da realização fonética e da representação fonológica dos acentos tonais e tons de fronteira.

Os nossos resultados da análise entoacional mostram-nos que as variedades do mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro partilham características prosódicas, mas também evidenciam algumas diferenças. No que diz respeito às semelhanças, o mirandês e o português partilham o mesmo acento pré-nuclear ( $L^*+H$ ) nos tipos frásicos analisados e apresentam um padrão semelhante no que diz respeito à realização das configurações nucleares de diversos tipos frásicos, como por exemplo, o uso da fronteira baixa ( $L\%$ ) para marcação da interrogatividade, o tom alto associado à sílaba tónica ( $H^*$ ) para marcação de foco ou ênfase, o mesmo movimento descendente nas interrogativas parciais, o movimento ascendente-descendente nas interrogativas eco, o movimento  $H^*+L L\%$  para marcação de ordens,  $L^* L\%$  para marcação de pedidos. No Considerando as diferenças que encontramos, o mirandês e o português fazem uso de diferentes categorias fonológicas para veicular, por exemplo, declarativas SVO neutras e fazem uso de um alinhamento diferente das interrogativas eco não-neutras e nos chamamentos.

A comparação dos sistemas prosódicos do mirandês e do português falado em Miranda do Douro com o asturo-leonês e a variedade padrão do PE mostram-nos que o substrato do asturo-leonês está presente no sistema entoacional atual do mirandês, apesar de este

apresentar algumas características transferidas do português (p.e. marcação de foco ou ênfase, declarativas SVO neutras, imperativas). A entoação da variedade do português falada em Miranda do Douro evidencia a transferência de certas características transferidas do mirandês, como por exemplo os acentos pré-nucleares e as declarativas SVO neutras. Também podemos observar que o português falado em Miranda do Douro apresenta mais características do mirandês do que da variedade padrão do PE. Por isso mesmo, parece-nos que a entoação da variedade do português falada em Miranda do Douro é o resultado de uma transferência de características do mirandês para o português.

Os nossos resultados permitiram-nos considerar que as variedades faladas no noroeste da Península Ibérica fazem parte de um diassistema. Entendemos que este diassistema comporta características gramaticais semelhantes, neste caso, prosódicas, levando-nos a considerar a existência de uma (proto)gramática comum às variedades nesta área geográfica (Dubert-García, 2017; Fernández Rei, 2019c).

**Palavras-chave:** mirandês, português, contacto linguístico, entoação

## RESUMO

O estudo da lingua mirandesa remóntase aos finais do século XIX co traballo de J. L. de Vasconcellos, *O Dialecto Mirandez*. A partir de aí, realizáronse varios estudos sobre o mirandés, considerándoo ás veces como dialecto e outras como fala, por tratarse dunha lingua que non pertence á familia lingüística do galego-portugués. Sendo unha lingua de tradición oral, en 1999 creouse a primeira convención ortográfica para unificar e sistematizar a ortografía mirandesa.

Aínda que o mirandés sexa obxecto dalgúns estudos lingüísticos, estes teñen privilexiado o estudo do léxico (Martins, 2006) e da fonoloxía (Vasconcellos, 1900; Carvalho, 2015[1958]). Os estudos sobre fonoloxía prosódica e entoacional do mirandés son relativamente escasos. Só recentemente, no ámbito do proxecto AMPER, comezaron a observarse os patróns entoacionais do mirandés, recorrendo á análise fonética da frecuencia fundamental.

O presente estudo céntrase na análise do impacto do contacto lingüístico entre o mirandés e o portugués, con especial atención á entoación. Esta investigación busca encher unha lagoa no coñecemento sobre a fonoloxía entoacional do mirandés e procura comprender como o contacto co portugués pode influír nos patróns prosódicos do mirandés. O mirandés, a pesar da súa importancia cultural e identitaria, conta con pouca investigación no campo da entoación, especialmente no contexto de contacto lingüístico, o que fai que este estudo sexa innovador e relevante para os estudos sobre linguas minoritarias en situacións de contacto.

Este estudo divídese en dúas áreas principais: unha primeira centrada na análise dos patróns entoacionais das variedades do mirandés e do portugués, e unha segunda que analiza os efectos do contacto lingüístico.

Os obxectivos específicos do estudo inclúen describir os patróns entoacionais do mirandés e do portugués e avaliar en que medida estes patróns están influídos polo contacto lingüístico. A creación dun inventario entoacional para o mirandés busca documentar as estruturas entoacionais características desta lingua e comparalas co portugués para observar converxencias e diverxencias. Ademais, espérase desenvolver un

sistema de anotación para a entoación e gramática prosódica do mirandés, que poderá ser unha ferramenta esencial para futuros estudos, contribuíndo á documentación e preservación desta lingua. Así, o estudo non só enche unha lagoa nos estudos sobre a entoación do mirandés, senón que tamén fortalece o coñecemento das dinámicas prosódicas en linguas minoritarias en contacto con linguas dominantes.

Para investigar estes aspectos, o presente estudo adopta un conxunto de procedementos metodolóxicos utilizados en investigacións sobre outras linguas románicas, incluíndo a recollida de datos de fala espontánea ou o máis próximo posible a este contexto. Esta recollida realízase a través de dúas tarefas: a *discourse completion task* e a entrevista, que buscan proporcionar unha mostra representativa das dúas linguas. O material analizado inclúe estruturas declarativas (neutras e non neutras), interrogativas (neutras e non neutras), interrogativas parciais (neutras e non neutras), interrogativas eco (neutras e non neutras), imperativas e chamamentos. A análise dos datos faise á luz dos modelos de Fonoloxía Prosódica, a perspectiva Autossegmental-Métrica da Fonoloxía Entoacional e no marco ToBI (Pierrehumbert, 1980; Beckman & Pierrehumbert, 1986; Nespor & Vogel, 1986; Beckman et al., 2005; Ladd, 2008, entre outros), que fornecen unha descrición da realización fonética e da representación fonolóxica dos acentos tonais e tons de fronteira.

Os resultados da análise entoacional mostran que as variedades do mirandés e a variedade do portugués falada en Miranda do Douro comparten características prosódicas, pero tamén evidencian algunhas diferenzas. No que respecta ás semellanzas, o mirandés e o portugués comparten o mesmo acento prenuclear ( $L^*+H$ ) nos tipos frásicos analizados e presentan un patrón semellante na realización das configuracións nucleares de diversos tipos frásicos, como por exemplo, o uso da fronteira baixa ( $L\%$ ) para a marcaxe da interrogatividade, o ton alto asociado á sílaba tónica ( $H^*$ ) para a marcaxe de foco ou énfase, o mesmo movemento descendente nas interrogativas parciais, o movemento ascendente-descendente nas interrogativas eco, o movemento  $H^*+L L\%$  para a marcaxe de ordes e  $L^* L\%$  para a marcaxe de peticións. En canto ás diferenzas, o mirandés e o portugués fan uso de diferentes categorías fonolóxicas para expresar, por exemplo, declarativas SVO neutras e empregan un aliñamento diferente nas interrogativas eco non neutras e nos chamamentos.

A comparación dos sistemas prosódicos do mirandés e do portugués falado en Miranda do Douro co asturleonés e coa variedade estándar do portugués europeo (PE) mostran que o substrato do asturleonés está presente no sistema entoacional actual do mirandés, a pesar de que este presenta algunhas características transferidas do portugués (p. ex., marcaxe

PEDRO GUEDES DE OLIVEIRA

de foco ou énfase, declarativas SVO neutras, imperativas). A entoación da variedade do portugués falada en Miranda do Douro evidencia a transferencia de certas características do mirandés, como por exemplo os acentos prenucleares e as declarativas SVO neutras. Tamén podemos observar que o portugués falado en Miranda do Douro presenta máis características do mirandés que da variedade estándar do PE. Por iso, parece que a entoación da variedade do portugués falada en Miranda do Douro é o resultado dunha transferencia de características do mirandés ao portugués.

Os nosos resultados permiten considerar que as variedades faladas no noroeste da Península Ibérica forman parte dun diasistema. Entendemos que este diasistema comporta características gramaticais semellantes, neste caso, prosódicas, o que nos leva a considerar a existencia dunha (proto)gramática común ás variedades desta área xeográfica (Dubert-García, 2017; Fernández Rei, 2019c).

**Palabras clave:** mirandés, portugués, contacto lingüístico, entoación

## RESUMO

L estudo de la lhéngua mirandesa remonta als finales de l seculo XIX cul trabalho de J. L. de Vasconcellos, *O Dialecto Mirandez*. A partir dende, fúrun feitos bários estudos sobre l mirandés, cunsidrando-lo uas bezes como dialeto i outras como falar por se tratar dua lhéngua que nun pertence a la família lhenguística de l galego-pertués. Sendo ua lhéngua de tradiçon oural, an 1999 criou-se la purmeira cumbençon ourtográfica de forma a unificar i sistematizar l'ortografie mirandesa.

Ambora l mirandés seia oubjeto d'alguns estudos lhenguísticos, estes ténen prebilegiado l estudo de l lhéxico (Martines, 2006) i la fonologie (Vasconcellos; 1900; Carvalho, 2015[1958]). Ls estudos sobre fonologie prosódica i entoacional de l mirandés son relativamente scassos. Solo recentemente, ne l ámbito de l porjeto AMPER, se ampeçou a ouserbar ls padrones entoacionais de l mirandés, recorrendo a l'anáze fonética de la frequéncia fundamental.

L persente estudo foca-se na anáze de l'ampato de l cuntato lhenguístico antre l mirandés i l pertués, cun special atençon na entoaçõ. Esta ambestigaçon bisa colmatar ua lhacuna ne l coincimientu sobre la fonologie entoacional de l mirandés i percura cumprir como ye que l cuntato cul pertués puede anfluenciar ls padrones prosódicos de l mirandés. L mirandés, anque sue amportança cultural i eidantitária, ten pouca ambestigaçon ne l campo de l'entoaçõ, percipalmente ne l cuntesto de cuntato lhenguístico, l que torna este estudo inobador i relebante pa ls estudos sobre lhéguas minoritárias an situações de cuntato.

Este estudo debede-se an dues percipales árias: ua purmeira focada na anáze de ls padrones entoacionais de las bariadades de l mirandés i de l pertués i ua segunda qu'analisa ls eifeitos de l cuntato lhenguístico.

L estudo ten como oubjetibos çcrebir ls padrones entoacionais de l mirandés i de l pertués i abalar an que medida ye qu'esses padrones son anfluenciados pul cuntato lhenguístico. La criaçon dun ambientairo entoacional pa l mirandés bisa documentar las estruturas entoacionais caratelísticas dessa lhéngua i cumpará-las cul pertués para ouserbar las cumbergéncias i dibergéncias. Para alhá desso, spera-se zambolber un sistema d'anotaçon pa l'entoaçõ i gramática prosódica de l mirandés, que poderá ser ua

ferramenta essencial para futuros estudos, contribuindo para a documentação e preservação dessa língua. Desta forma, o estudo não preenche apenas uma lacuna nos estudos sobre o entoaço de Miranda, mas também fortalece o coincimientu de las dinámicas prosódicas an línguas minoritárias an cuntatu cun línguas dominantes.

Para investigar esses aspetos, o presente estudo adota un conjunto de procedimientos metodológicos outelizados an investigaciones sobre outras línguas románicas, ancluido la recoilha de dados de fala espontánea ó o mais próximo possible desse cuntesto. Essa recoilha ye rializada atrabeç de dues tarefas: la *discourse completion task* e l'antrebista, que bisan proporcionar ua amostra representatiba de las dues línguas. O material analisado anclui estruturas declarativas (neutras e não neutras), interrogativas (neutras e não neutras), interrogativas parciais (neutras e não neutras), interrogativas eco (neutras e não neutras), imperativas e chamamientos. L'análise de los dados ye feita a la luz de los modelos de Fonologie Prosódica, de l'abordaje Outossegmental Métrica de la Fonologie Entoacional e ne o quadro ToBI (Pierrehumbert, 1980; Beckman & Pierrehumbert, 1986; Nespor & Vogel, 1986; Beckman *et al.* 2005; Lhadd, 2008; antre outros) que fornecen ua çcriçõ de la rializaçõ fonética e de la representaçõ fonológica de los acentos tonales e tones de fronteira.

Los nossos resultados de l'análise entoacional mostramos que las variadades de Miranda e la variadade de português falado an Miranda de l Douro partilhan características prosódicas, mas também evidenciam algumas diferenças. Ne o que diz respeito a las semelhanças, Miranda e português partilhan o mesmo acento pré-nuclear (L\*+H) ne los tipos frásicos analisados e apersentam un padron semelhante ne o que diz respeito a la rializaçõ de las configurações nucleares de diversos tipos frásicos, como por eisemplo, l'uso de la fronteira baixa (L%) para marcaçõ de l'interrogabilidade, o ton alto associado a la sílaba tónica (H\*) para marcaçõ de foco ó ênfase, o mesmo movimento çcendente nas interrogativas parciais, o movimento ascendente-çcendente nas interrogativas retombo, o movimento H\*+L L% para marcaçõ d'ordes, L\* L% para marcaçõ de pedidos. Cunsidrando las diferenças qu'ancontrámos, Miranda e português fázen uso de defrentes catadories fonológicas para beicular, por eisemplo, declarativas SVO neutras e fázen uso dun alinhamiento defrente de las interrogativas eco nó-neutras e ne los chamamientos.

La comparaçõ de los sistemas prosódicos de Miranda e de português falado an Miranda de l Douro cul asturoleonés e la variadade padron de l PE mostramos que o sustrato de l'asturoleonés stá presente ne o sistema entoacional atual de Miranda, aunque este apersentam algumas características trasferidas de português (p.i. marcaçõ de foco ó ênfase, declarativas SVO neutras, imperativas). L'entoaço de la variadade de português falado an

Miranda de l Douro eibidencia la trasferéncia de ciertas caratísticas trasferidas de l mirandés, cumo por eisemplo ls acientos pré-nucleares i las declaratibas SVO neutras. Tamien podemos ouserbar que l pertués falado an Miranda de l Douro apersenta mais caratísticas de l mirandés de l que de la bariadade padron de l PE. Por esso mesmo, parece-mos que l'entoaçon de la bariadade de l pertués falada an Miranda de l Douro ye l resultado dua trasferéncia de caratísticas de l mirandés pa l pertués.

Os nuossos resultados permitiran-mos cunsidrar que las bariadades faladas ne l noroiste de la Península Eibérica fázen parte dun diassistema. Antendemos qu'este diassistema cumporta caratísticas gramaticales semelhantes, neste caso, prosódicas, lhiebandomous a cunsidrar l'eisisténcia dua (proto)gramática quemun a las bariadades nesta ária geográfica (Dubert-García, 2017; Fernández Rei, 2019c).

**Palabras-chabe:** mirandés, pertués, cuntato lhenguístico, entoaçon

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AM	Modelo Autossegmental-Métrico da Fonologia Entoacional
AMPER	Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman
AMPER-MIR	AMPER para a língua mirandesa
AMPER-POR	AMPER para a língua portuguesa
ASTUR_ToBI	Sistema de anotação ToBI para o asturiano
BI	Break Index
cast.	Castelhano
CELRM	Carta Europeia Para as Línguas Regionais ou Minoritárias
DCT	Discourse Completion Task
F	Pé fonológico
$f_0$	Frequência fundamental
Hz	Hertz
IP/ <i>t</i>	Sintagma entoacional
lat.	Latim
L1	Língua materna
L2	Língua segunda/estrangeira
m/s	milési
MAE_ToBI	Mainstream American English ToBI
mir.	Mirandês
O	Objeto
P_ToBI	Sistema de anotação ToBI para o português
PB	(variedade do) Português do Brasil
PE	(variedade do) Português Europeu
port.	Português
PhP/ $\varphi$	Sintagma fonológico
PW/ $\omega$	Palavra Prosódica
SEP	(variedade padrão do) Português Europeu
SLH	Strict Layer Hypothesis
Sp_ToBI	Sistema de anotação ToBI para o castelhano
SVO	Sujeito
$\sigma$	Sílaba
<i>s</i>	<i>Strong</i> (forte)
s.d.	sem dados
ToBI	Tone and Break Indices
v	Enunciado entoacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
V	Verbo
V1	Primeira vogal do encontro vocálico
V2	Segunda vogal do encontro vocálico
w	<i>Weak</i> (fraco)
[ ]	Transcrição fonética

// Transcrição fonológica  
< > Transcrição ortográfica  
. Divisão silábica (por exemplo, *ca.dei.ra*)



## ÍNDICE

RESUMO.....	I
RESUMO.....	IV
RESUMO.....	VII
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....	X
ÍNDICE.....	1
LISTA DE FIGURAS.....	4
LISTA DE TABELAS.....	9
LISTA DE GRÁFICOS.....	11
<b>CAPÍTULO 1   INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 INTRODUÇÃO E OBJETO DE ESTUDO.....	12
1.2 OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO .....	13
1.3 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO.....	14
1.4 ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO .....	15
<b>CAPÍTULO 2   LÍNGUA MIRANDESA.....</b>	<b>17</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA .....	17
2.1.1 Um enclave leonês no espaço português .....	17
2.1.2 Aspetos da dialetologia e da sociolinguística do mirandês.....	24
2.2 O MIRANDÊS ATUAL.....	37
2.2.1 O mirandês como língua minoritária em território português .....	37
2.2.2 A situação atual do mirandês .....	47
<b>CAPÍTULO 3   ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>58</b>
3.1 FONOLOGIA ENTOACIONAL .....	58
3.1.1 Os modelos entoacionais e os sistemas de anotação.....	58
3.1.2 O sistema ToBI.....	65
3.2 A GRAMÁTICA ENTOACIONAL DO CASTELHANO, PORTUGUÊS EUROPEU, GALEGO E ASTURO-LEONÊS .....	67
3.2.1 O léxico entoacional do castelhano.....	72
3.2.2 O léxico entoacional do português europeu .....	73
3.2.3 O léxico entoacional do galego.....	74
3.2.4 O léxico entoacional do asturo-leonês .....	75
3.3 O LÉXICO ENTOACIONAL A NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA.....	76
3.4 ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE A ANÁLISE ENTOACIONAL DO MIRANDÊS .....	83

<b>3.5 CONTACTO LINGUÍSTICO .....</b>	<b>84</b>
<b>3.5.1 Terminologia na investigação em contacto linguístico.....</b>	<b>85</b>
<b>3.5.2 Mudança no nível fonológico induzida pelo contacto linguístico .....</b>	<b>97</b>
<b>3.5.3 Transferência e convergência no nível entoacional .....</b>	<b>99</b>
<b>CAPÍTULO 4   METODOLOGIA.....</b>	<b>106</b>
<b>4.1 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DO CORPUS.....</b>	<b>106</b>
<b>4.1.1 Enquadramento metodológico: revisão bibliográfica .....</b>	<b>106</b>
<b>4.1.2 A sintaxe e a pragmática dos tipos frásicos: caracterização teórica .....</b>	<b>109</b>
4.1.2.1 As frases declarativas .....	109
4.1.2.2 As frases imperativas.....	110
4.1.2.3 As frases interrogativas .....	110
4.1.2.3.1 <i>As frases interrogativas totais</i> .....	110
4.1.2.3.2 <i>As frases interrogativas parciais</i> .....	111
<b>4.1.3 A Discourse Completion Task: mirandês e português .....</b>	<b>111</b>
<b>4.2 BASE DE DADOS DA ANÁLISE ENTOACIONAL.....</b>	<b>113</b>
<b>4.2.1 Os informantes e o perfil sociolinguístico .....</b>	<b>113</b>
<b>4.2.2 A base de dados.....</b>	<b>119</b>
<b>4.3 RECOLHA DE DADOS.....</b>	<b>120</b>
<b>4.4 CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS DE SEGMENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>121</b>
<b>CAPÍTULO 5   PADRÕES DE ENTOAÇÃO EM MIRANDÊS E EM PORTUGUÊS .....</b>	<b>125</b>
<b>5.1 ANÁLISE ENTOACIONAL .....</b>	<b>125</b>
<b>5.1.1 Declarativas e interrogativas .....</b>	<b>125</b>
5.1.1.1 Realizações tonais de declarativas.....	125
5.1.1.2 Realizações tonais de interrogativas.....	130
5.1.1.3 Densidade tonal .....	136
<b>5.1.2 Realizações tonais de estruturas sintaticamente complexas .....</b>	<b>138</b>
5.1.2.1 Estruturas declarativas coordenadas e subordinadas .....	139
<b>5.1.3 Enumeração .....</b>	<b>146</b>
5.1.3.1 Estruturas declarativas .....	146
5.1.3.2 Estruturas interrogativas .....	152
<b>5.1.4 Declarativas e interrogativas não-neutras.....</b>	<b>159</b>
5.1.4.1 Declarativas não-neutras.....	159
5.1.4.2 Interrogativas não-neutras .....	166
<b>5.1.5 Interrogativas parciais .....</b>	<b>172</b>
5.1.5.1 Interrogativas parciais neutras .....	173
5.1.5.2 Interrogativas parciais não-neutras .....	177
<b>5.1.6 Interrogativas eco .....</b>	<b>180</b>
5.1.6.1 Interrogativas eco neutras .....	181
5.1.6.2 Interrogativas eco não-neutras.....	183
<b>5.1.7 Estruturas imperativas.....</b>	<b>185</b>
<b>5.1.8 Vocativos.....</b>	<b>188</b>

<b>5.2 INVENTÁRIO TONAL DO MIRANDÊS E DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADA EM MIRANDA DO DOURO .....</b>	<b>192</b>
<b>5.2.1 Representação esquemática dos acentos pré-nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro .....</b>	<b>192</b>
<b>5.2.2 Representação esquemática dos acentos nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro .....</b>	<b>194</b>
<b>5.2.3 Inventário fonológico dos acentos pré-nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro.....</b>	<b>198</b>
<b>5.2.4 Inventário fonológico das configurações nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro .....</b>	<b>201</b>
<b>CAPÍTULO 6   DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES.....</b>	<b>216</b>
<b>6.1 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS SISTEMAS PROSÓDICOS DO MIRANDÊS E DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADA EM MIRANDA DO DOURO .....</b>	<b>217</b>
<b>6.2 COMPARAÇÃO ENTRE OS SISTEMAS PROSÓDICOS DO MIRANDÊS, DO ASTURO-LEONÊS E DO PORTUGUÊS .....</b>	<b>221</b>
<b>6.2 PROSÓDIA E CONTACTO LINGUÍSTICO EM <i>TIERRA DE MIRANDA</i> .....</b>	<b>224</b>
<b>6.2.1 Acentos pré-nucleares e densidade tonal.....</b>	<b>226</b>
6.2.1.1 Declarativas .....	226
6.2.1.2 Interrogativas .....	227
<b>6.2.2 Acentos nucleares .....</b>	<b>229</b>
6.2.1.1 Declarativas .....	229
6.2.1.3 Imperativas .....	234
6.2.1.4 Chamamentos .....	235
<b>6.2.2 Sumário: os sistemas prosódicos do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro .....</b>	<b>237</b>
<b>6.3 MUDANÇA PROSÓDICA POR TRANSFERÊNCIA E/OU CONVERGÊNCIA.....</b>	<b>240</b>
<b>6.4 CONCLUSÕES .....</b>	<b>244</b>
<b>6.5 INVESTIGAÇÃO FUTURA .....</b>	<b>247</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>248</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>273</b>
<b>APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DCT MIRANDÊS.....</b>	<b>274</b>
<b>APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DCT PORTUGUÊS .....</b>	<b>279</b>
<b>APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO.....</b>	<b>284</b>
<b>APÊNDICE 4 - CONSENTIMENTO INFORMADO .....</b>	<b>287</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Espaço geográfico de Tierra de Miranda .....	18
Figura 2. Área de difusão asturoleonesa.....	19
Figura 3. Povos do norte da Península Ibérica na época da Reconquista.....	20
Figura 4. Situação linguística da Península Ibérica em meados do século X.....	21
Figura 5. Delimitação linguística do leonês falada em Terra de Miranda.....	23
Figura 6. Antiga província romana da Gallaecia et Asturica .....	25
Figura 7. Localização geográfica do asturo-leonês em território português: Tierra de Miranda a Este e Rio de Onor e Guadramil a Norte do distrito de Bragança .....	26
Figura 8. Localização geográfica do galego-português em território Espanhol.....	27
Figura 9. Traços fonéticos diferenciadores dos dialetos galegos e portugueses .....	27
Figura 10. Delimitação linguística da língua mirandesa .....	29
Figura 11. Blocos, áreas, subáreas e microáreas da Língua galega.....	31
Figura 12. Localização geográfica atual do mirandês .....	50
Figura 13. Representação de um enunciado desde a construção mental à sua implementação.....	60
Figura 14. Representação da gramática tonal .....	61
Figura 15. Modelo de f0 para frases declarativas em dinamarquês.....	62
Figura 16. Exemplificação de declination e downstep .....	63
Figura 17. Exemplificação da relação entre os tons H (alto) e L (baixo).....	63
Figura 18. Representação de downstep de tipo H...L (painel superior) e declination (painel inferior).....	64
Figura 19. Representação de downstep de tipo H!H .....	64
Figura 20. Anotação de um enunciado considerando os critérios de anotação do MAE_ToBI.....	66
Figura 21. Áreas geoprosódicas a ocidente da Península Ibérica.....	81
Figura 22. Representação esquemática de empréstimos entre a L1 e a L2 .....	90
Figura 23. Representação esquemática da reestruturação entre a L1 e a L2.....	91
Figura 24. Representação esquemática da mudança de uma L1 e para uma L2 .....	92
Figura 25. Esquema da taxonomia para os casos de erosão linguística .....	93
Figura 26. Influência da L2 na L1 por erosão linguística.....	94
Figura 27. Influência da L1 na L2 por transferência .....	95
Figura 28. Excerto do início da aplicação do questionário DCT: ruído do canto de pássaros.....	121
Figura 29. Excerto do desenrolar da aplicação do questionário DCT: ruído de abertura de porta.....	121
Figura 30. Exemplo de segmentação de dados da tarefa DCT em Praat: etiqueta correspondente à região (Crc: Cérceno), iniciais da informante (FD), tipo de situação (DCT_231c) e número da produção (R1).....	122
Figura 31. Exemplo da análise entoacional: fiadas de anotação tonal, ortográfica e prosódica em Praat do enunciado Ah Jerónimo, anda cá, relativamente à informante:	

TG, falante de português; tipo de situação (DCT_411a) e número da produção (R2)	122
Figura 32. Exemplo final da análise entoacional de um enunciado interrogativo.....	123
Figura 33. Exemplo da análise da gama de variação em Praat do enunciado tu tendes água? relativamente à informante: TF, falante de mirandês; tipo de situação (DCT_211b) e número da produção (R1).....	124
Figura 34. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo Anda na praia a correr .....	126
Figura 35. Português (FD): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo Correr na praia .....	127
Figura 36. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo Anda na praia a correr .....	128
Figura 37. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo lharanja .....	128
Figura 38. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo lharanja .....	129
Figura 39. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo Maria está (a) fazer uma limonada .....	129
Figura 40. Português (60+; FM): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo pêras.....	130
Figura 41. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo Tenes çumo?.....	131
Figura 42. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo Teneis sumo?.....	131
Figura 43. Português (60+; GL): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo Vós teneis-la? .....	132
Figura 44. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo La Jacinta bebe el bino i el outro bebe el çumo .....	141
Figura 45. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo Olha, stá fazer refresco porque fai muito calor[i] .....	142
Figura 46. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo Eilha stá beber un copo de vino i el stá beber ùa cerbeija	143
Figura 47. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo vinho e cerveja .....	144
Figura 48. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo A Jacinta está a beber vinho e o Joaquim está a beber cerveja.....	144
Figura 49. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (A) Jacinta está a beber um copo de vinho e (o) Domingos está a beber cerveja.....	145
Figura 50. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo Está a beber uma limonada que está cheia de calor .....	145
Figura 51. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) Janeiro, fevereiro, márcio, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro i dezembro .....	146
Figura 52. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) Janeiro, fevereiro, márcio, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro i dezembro .....	147
Figura 53. Português (20-50): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.....	148

Figura 54. Português (20-50): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.....	148
Figura 55. Português (60+): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.....	149
Figura 56. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) laranxa, melancia i maçana .....	150
Figura 57. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) tangerina, pêsego i laranja .....	151
Figura 58. Português (20-50): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) pêra, maçã e melancia .....	151
Figura 59. Português (60+): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) maçã, cereja, ginja e abrunhos.....	152
Figura 60. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) Quereis maçanas ó tangerinas?.....	153
Figura 61. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) Tu quieres maçanas ó quieres las tangerinas? .....	154
Figura 62. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) Maçanas ó tangerinas?.....	154
Figura 63. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) Maçana ou tangerina? .....	155
Figura 64. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) [...] só pêras, maçanas, i laranjas i bananas ó quieres que lheve todo? .....	156
Figura 65. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) (tu que quieres?) laranjas, maçanas, pêras ó bananas?.....	156
Figura 66. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) laranjas, maçãs, pêras ou bananas? .....	157
Figura 67. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) Quereis laranjas, maçanas, pêras e bananas? .....	158
Figura 68. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (enumeração) laranjas, maçãs, pêras e bananas? .....	158
Figura 69. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (focalização contrastiva) Pedie-bos laranjas, nun bos pedie lhimones.....	163
Figura 70. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (focalização contrastiva) Eilhes divorciórum-se .....	163
Figura 71. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (exclamação) Cheira bien; cheira pan fresco.....	164
Figura 72. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (focalização contrastiva) Não vedes que pedi-vos laranjas .....	165
Figura 73. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (óbvia) Tenho a certeza que é do Mário .....	165
Figura 74. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (confirmatório) Tu tenes frio? .....	168

Figura 75. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (imperativo) Por que raio nun bos calais? .....	168
Figura 76. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (confirmatório) Tu tenes frio? .....	169
Figura 77. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (confirmatório) Teneis frio?.....	170
Figura 78. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (imperativo) Vós não vos podeis calar?.....	171
Figura 79. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (parcial neutro) [Anton,] que horas son?.....	174
Figura 80. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (parcial neutro) [Olha,] que horas são?.....	174
Figura 81. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de dois enunciados interrogativos (parcial neutro) I para adonde ides? I que ides a fazer? .....	176
Figura 82. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de dois enunciados interrogativos (parcial neutro) Onde é que tu vais? E com quem vais a venir? ...	177
Figura 83. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativos (parcial não-neutro) Que ye que fui que bos aconteceu? .....	179
Figura 84. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativos (parcial não-neutro) Quando ye que começas?.....	179
Figura 85. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (parcial não-neutro) Então, mas porque é que não venis? [Qual é o motivo?].....	180
Figura 86. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (eco neutro) Tu deziste-me [que ye] que ye la ãa?.....	181
Figura 87. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (eco neutro) Ye la ãa? .....	182
Figura 88. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (eco neutro) para adonde bou ó adonde bengo? .....	182
Figura 89. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (eco não-neutro) Bás morar mesmo para Spanha?.....	183
Figura 90. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de dois enunciados interrogativos (eco não-neutro) Ides a morar para Spanha? Anton i ye berdade?.....	184
Figura 91. Português: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de dois enunciados interrogativos (eco não-neutro) Ouvi dizer que ias a morar para Espanha. Mas vais mesmo?.....	184
Figura 92. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado imperativo (ordem) Anda, comi!.....	187
Figura 93. Mirandês (raiano): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de dois enunciados imperativos (ordem) Anda. Comi!.....	187
Figura 94. Mirandês (central): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado imperativo (pedido) Ben cumigo! .....	188
Figura 95. Mirandês (central). Imagem esquerda: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado vocativo (primeiro chamamento) Ah, Joana; Imagem direita: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado vocativo (segundo chamamento) Ah, Tânia .....	189

Figura 96. Mirandês (raiano). Imagem esquerda: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado vocativo (primeiro chamamento) Joana; Imagem direita: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado vocativo (segundo chamamento) Jerónimo.....	191
Figura 97. Português. Imagem esquerda: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado vocativo (primeiro chamamento) Lara; Imagem direita: onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado vocativo (segundo chamamento) Ah, Jerónimo .....	191
Figura 98. Representação esquemática do acento pré-nuclear H*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	193
Figura 99. Representação esquemática do acento pré-nuclear L*+H, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica.....	193
Figura 100. Representação esquemática do acento H*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	194
Figura 101. Representação esquemática do acento !H*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	194
Figura 102. Representação esquemática do acento L+H*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	194
Figura 103. Representação esquemática do acento L*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	194
Figura 104. Representação esquemática do acento L*+H, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	195
Figura 105. Representação esquemática do acento !H+L*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	195
Figura 106. Representação esquemática do acento H+L*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica .....	195
Figura 107. Representação esquemática do tom de fronteira L%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica.....	197
Figura 108. Representação esquemática do tom de fronteira !H%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica .....	197
Figura 109. Representação esquemática do tom de fronteira H%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica.....	197
Figura 110. Representação esquemática do tom de fronteira HL%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica .....	197
Figura 111. Classificação dos dialetos do português europeu, segundo Cintra (1971)	225
Figura 112. Representação esquemática do desenvolvimento do mirandês e do português falada em Miranda do Douro .....	239

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Principais diferenças e semelhanças fonético(-fonológicas) entre o mirandês, o asturiano, o galego, o português e o castelhano .....	33
Tabela 2. Principais diferenças e semelhanças fonético(-fonológicas) e morfológicas entre o mirandês, o sanabrês, o asturo-leonês ocidental e o asturo-leonês central. ....	35
Tabela 3. Caracterização dos níveis fonético, lexical e morfossintáticos das variedades do mirandês: variedade central, raiana e o sendinês.....	36
Tabela 4. Avaliação do fator 1 Transmissão de linguagem entre gerações.....	42
Tabela 5. Avaliação do fator 3 Número de falantes pelo total da população .....	43
Tabela 6. Avaliação do fator 4 Ocasões em que a língua é usada.....	44
Tabela 7. Avaliação do fator 5 Novos domínios e média.....	45
Tabela 8. Avaliação do fator 9 Quantidade e qualidade da documentação .....	47
Tabela 9. Relação das localidades mirandófonas segundo Alves (1997), Ferreira (2001) e Merlan (2009) .....	49
Tabela 10. Anotações MAE_ToBI para os eventos tonais .....	67
Tabela 11. Inventário dos acentos tonais em português (europeu), castelhano, galego e asturiano.....	70
Tabela 12. Inventário dos tons de fronteira em português (europeu), castelhano, galego e asturiano.....	71
Tabela 13. Tabela 3.4. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Castelhano .....	72
Tabela 14. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Português .....	74
Tabela 15. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Galego.....	75
Tabela 16. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Asturiano .....	76
Tabela 17. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em castelhano, em português europeu, em galego e em asturiano .....	77
Tabela 18. Inventário dos movimentos nucleares em mirandês .....	84
Tabela 19. Escala de empréstimos lexicais mais afetados pelo contacto linguístico .....	89
Tabela 20. Informação relativa aos informantes falantes de mirandês e falantes de português .....	115
Tabela 21. Estimativas do número total de emigrantes portugueses, 1960-2020.....	118
Tabela 22. Lista exaustiva dos enunciados relativos à análise da gramática entoacional do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro .....	120
Tabela 23. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português com respetivas percentagens dos enunciados declarativos .....	127
Tabela 24. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos sim-não neutras .....	132
Tabela 25. Relação dos valores de pitch range (f0) mínimo (min) e máximo (max) das estruturas declarativas e interrogativas sim-não neutras. ....	135
Tabela 26. Densidade tonal (PA/PW) em mirandês e português .....	137
Tabela 27. Relação das configurações nucleares das enumerações I em mirandês e em português .....	149

Tabela 28. Relação das configurações nucleares das enumerações II em mirandês e em português .....	152
Tabela 29. Relação das configurações nucleares das enumerações interrogativas em mirandês e em português .....	159
Tabela 30. Relação dos acentos nucleares em Mirandês e em Português com respetivas percentagens dos enunciados declarativos não-neutros.....	166
Tabela 31. Relação dos acentos nucleares na variedade central do Mirandês com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos confirmatórios e imperativos .....	169
Tabela 32. Relação dos acentos nucleares na variedade raiana do Mirandês com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos confirmatórios e imperativos .....	170
Tabela 33. Relação dos acentos nucleares em Português com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos confirmatórios e imperativos.....	172
Tabela 34. Relação dos valores de pitch range (f0) mínimo (min) e máximo (max) das estruturas declarativas, interrogativas sim-não neutras e interrogativas parciais em mirandês e em português. ....	175
Tabela 35. Relação dos acentos nucleares em Mirandês e em Português com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos parciais não-neutros .....	178
Tabela 36. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português dos enunciados interrogativos eco neutros.....	183
Tabela 37. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português dos enunciados interrogativos eco não neutros .....	185
Tabela 38. Relação dos valores de pitch range (f0) mínimo (min) e máximo (max), gama de variação (GV) e média das sílabas tónicas das estruturas declarativas e vocativos (primeiro chamamento) da variedade central do mirandês. ....	190
Tabela 39. Relação dos acentos nucleares em Mirandês e em Português com respetivas percentagens dos vocativos (primeiro e segundo chamamento) .....	192
Tabela 40. Inventário dos acentos pré-nucleares em mirandês e em português.....	193
Tabela 41. Representação esquemática dos acentos nucleares em mirandês e em português .....	195
Tabela 42. Representação esquemática dos tons de fronteira em mirandês e em português .....	198
Tabela 43. Inventário dos acentos nucleares em mirandês e em português .....	215
Tabela 44. Distância entoacional entre o mirandês, o asturiano, a variedade do português falada em Miranda do Douro e as restantes variedades do português europeu ....	222

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Evolução da população residente em Miranda do Douro de 1539 a 2001 ....	50
Gráfico 2. Resultados do questionário sociolinguístico .....	117
Gráfico 3. Saldo populacional anual em Miranda do Douro: saldo migratório de Miranda do Douro .....	119

## CAPÍTULO 1 | INTRODUÇÃO

### 1.1 INTRODUÇÃO E OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo centra-se na descrição da investigação, dos objetivos da investigação, assim como das hipóteses de trabalho. Por último, este capítulo descreve, ainda, a organização da investigação.

A presente investigação é pioneira, uma vez que se propõe a descrever de forma mais ampla o sistema fonológico da língua mirandesa, língua da família linguística do asturo-leonês, ou seja, a descrição do sistema entoacional e do léxico tonal. Esta investigação é desenvolvida no âmbito do programa de Doutoramento em Linguística da Universidade de Santiago de Compostela, na Galiza, em Espanha.

O estudo das variedades em contacto tem suscitado especial interesse na compreensão de como as línguas interagem quando faladas por comunidades que convivem em proximidade geográfica, histórica ou cultural. A par, procura-se entender as consequências e os mecanismos desse contacto.

As variedades faladas no nordeste de Portugal têm oferecido exemplos notáveis de um contacto histórico entre as variedades faladas a noroeste da Península Ibérica intimamente relacionadas: galego-português, português-castelhano, galego-castelhano, galego-asturo-leonês, asturo-leonês-português e asturo-leonês-castelhano. Historicamente, todas estas línguas são evoluções linguísticas de variedades do latim faladas na Península Ibérica.

A língua mirandesa é uma língua minoritária<sup>1</sup> da família do asturo-leonês falada, em termos mais amplos, em *Tierra de Miranda*. *Tierra de Miranda* é um nome histórico que, representando todo o espaço geográfico entre os rios Douro e Sabor, corresponderia, hoje, aos concelhos de Miranda do Douro e Mogadouro e algumas das localidades em Vimioso, Freixo de Espada à Cinta, Macedo de Cavaleiros e Bragança.

A Língua Mirandesa é, hoje, falada no concelho de Miranda do Douro (com exceção da própria cidade de Miranda do Douro e das aldeias de Atenor e Teixeira), e por algumas aldeias do concelho de Vimioso (Angueira, Vilar Seco e Caçarelhos), ambos os concelhos

---

<sup>1</sup> Os termos língua maioritária e minoritária são amplamente discutidos no Capítulo 2.

no distrito de Bragança. A par desta, podemos encontrar, ainda, alguns vestígios asturo-leoneses na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, nomeadamente, nas aldeias de Rio de Onor e Guadramil, no concelho de Bragança (Quarteu & Frías Conde, 2002: 89).

Historicamente, a língua mirandesa remonta ao século VI e surge a par de outros romances de características comuns, como o galego-português, o aragonês, o castelhano, entre outros. Segundo Quarteu e Frías Conde (2002: 89), o espaço linguístico asturo-leonês corresponde aos velhos reinos das Astúrias e de Leão. Este espaço asturo-leonês cai em declínio devido à imposição de línguas maioritárias, ou “fortes”, como o português e o castelhano.

A atual *Tierra de Miranda* pertenceu, historicamente, à diocese de Astorga, hoje província de Leão. Os missionários que aí se instalaram levaram com eles toda a influência da diocese e da língua, o que nos permite observar a íntima relação entre Leão e Miranda do Douro (Quarteu & Frías Conde, 2002: 90). A língua mirandesa foi resistindo ao longo dos séculos e consolidou-se como língua materna dos habitantes em *Tierra de Miranda* a par do português. O resultado da convivência com o português é observável em diferentes domínios da gramática, como léxico (Alves, 1997, 2002), a fonética (Carvalho, 2015[1958]; Belina, 2023), a semântica/pragmática (Martins, 1994) e, mais recentemente, a entoação (Bautista & Moutinho, 2021).

## 1.2 OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Como pudemos observar acima, o contacto linguístico com o português teve impacto na gramática do mirandês. No entanto, as propriedades prosódicas do mirandês numa perspectiva fonológica não foram, até onde sabemos, largamente estudadas. Bautista & Moutinho (2021) apenas descrevem, a partir de dados da entoação de frases declarativas e interrogativas, os movimentos entoacionais do mirandês e nenhum estudo sobre o sistema e o léxico entoacionais foi descrito até hoje. A par, os efeitos do contacto próximo do português e do mirandês não foram, até onde sabemos, objeto de nenhuma análise. O que sabemos sobre a entoação do mirandês não ultrapassa as primeiras descrições impressionistas de Leite Vasconcellos e as análises experimentais sobre a análise de declarativas e interrogativas sim-não neutras. Da mesma forma, os efeitos deste contacto não foram considerados nas análises até agora realizadas.

Estabelecemos, desta forma, dois grandes objetivos que guiam a presente investigação:

1. trazer à luz a investigação da entoação da língua mirandesa no quadro da Fonologia Prosódica e baseada no modelo Autossegmental-Métrico da Fonologia Entoacional eliminando a lacuna acima referida.

2. investigar e descrever a entoação não apenas do mirandês (posicionando-a no quadro das línguas românicas faladas na Península Ibérica), mas também a entoação do português falado em Miranda do Douro. Assim, propomos apresentar de forma detalhada os padrões entoacionais das duas línguas em contacto tendo em conta o domínio linguístico dos falantes, para que possamos melhor compreender os sistemas entoacionais de ambas as línguas e os efeitos do contacto entre ambas.

Tendo em conta o conhecimento atual sobre a entoação da língua mirandesa, formulamos as seguintes questões de investigação:

1. Quais são as diferenças e as semelhanças entre os sistemas entoacionais dos falantes do mirandês (L1) e dos falantes monolíngues da variedade do português (L1) falado em Miranda do Douro?
2. Como é que as semelhanças e as diferenças entoacionais entre o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro se explicam em termos de contacto linguístico, ou seja, como surgiram os sistemas entoacionais atuais?
3. Como funciona a mudança entoacional induzida pelo contacto e que tipo de características entoacionais podem ser transferidas?

Através dos dois grandes objetivos a que nos propomos e tentando responder às questões de investigação que formulamos, pretendemos fazer uma descrição dos sistemas prosódicos das línguas faladas no território de Miranda do Douro, a saber, o mirandês e o português. É nossa intenção (i) obter uma visão geral dos sistemas prosódicos do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro em contacto dentro do quadro teórico do modelo Autossegmental-Métrico da Fonologia Entoacional e através da anotação *Tone and Break Indices* (ToBI), que, até onde sabemos, está por fazer; (ii) e contribuir para o conhecimento das variedades faladas a noroeste da Península Ibérica.

### 1.3 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A análise da entoação de ambas as línguas baseia-se num corpus de fala semi-espontânea (questão amplamente discutida no Capítulo 4 da metodologia). A escolha deste tipo de tarefa prende-se com o facto de que a população falante de mirandês como língua materna ser fortemente envelhecida, o que invalidaria qualquer tipo de corpus baseado na leitura. Costas (2022: 35) atesta que “[l]s usos bilhíngues i mirandeses ban caras a 0 anquanto que ls de l portués ban caras a 100. A este ritmo de perda de falantes, **i dado que la maior parte de ls falantes ténen más de 60 anhos**, na década de 2050-2060 l mirandês poderá num eisistir como lhéngua biba” (negrito nosso). A par, 98% dos falantes com idades entre os 60 e os 99 não estudaram mirandês na escola (Costas, 2022: 41).

A par, e ao contrário dos dados totalmente espontâneos, os dados semi-espontâneos possuem a característica de serem aplicados oralmente e poderem ser controlados com vista à obtenção de vários tipos de estruturas sintáticas e pragmáticas (Vanrell, Feldhausen & Astruc, 2018). Como um dos objetivos é posicionar o mirandês no quadro das línguas românicas, a metodologia utilizada é largamente baseada em Prieto & Roseano (2010), e amplamente descrita e desenvolvida na secção §4.3.1.1. Desta forma, os dados foram obtidos através do questionário *Discourse Completion Task* (Blum-Kulka, House, & Kasper, 1989; Billmyer & Varghese, 2000; Félix-Brasdefer, 2010), permitindo uma comparação entre diferentes tipos de enunciados em ambas as línguas e entre falantes.

A análise entoacional foi realizada com recurso ao software de análise acústica *Praat* (Boersma & Weenink, 2020), no quadro teórico do modelo Autossegmental-Métrico da Fonologia Entoacional e através da anotação *Tone and Break Indices* (ToBI), baseado no modelo desenvolvido para o MAE\_ToBI (Beckman & Hirschberg, 1994; Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel, 2005).

A análise inclui a descrição da realização fonética e a representação fonológica dos acentos tonais e tons de fronteira e dos contornos nucleares dos seguintes tipos frásicos: **declarativas neutras** (que incluem estruturas SVO, estruturas coordenadas e subordinadas e enumeração), **declarativas não-neutras** (focalização contrastiva, exclamação, declarativas categórica e declarativa dubitativa), **interrogativas neutras** (que incluem estruturas SVO e enumeração), **interrogativas não-neutras** (confirmatórias e imperativas), **interrogativas parciais** (neutras e não-neutras), **interrogativas eco neutras** (absoluta, parcial e disjunção), **interrogativas eco não-neutras** (antiexpectativa), **imperativas** (ordem e pedido) e **vocativos**. De salientar, aqui, que os termos *neutro* e *não-neutro* são largamente discutidos no subcapítulo §5.1.

#### 1.4 ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO

O Capítulo 2 é dedicado à língua mirandesa. Numa primeira parte, a contextualização do mirandês tendo em conta a sua história ao longo dos séculos e, numa segunda parte, a situação atual do mirandês, compreendendo aspetos da dialetologia e sociolinguística, assim como a língua mirandesa como língua minoritária em território português.

O Capítulo 3 faz um enquadramento teórico que está na base da nossa investigação. Numa primeira secção (§3.1) descrevemos os trabalhos sobre o contacto linguístico, englobando as várias áreas da gramática com enfoque na entoação. Por se tratar de uma investigação em entoação, a secção §3.2 fornece a fundamentação teórica desta investigação: a subsecção §3.2.1 apresenta o modelo Autossegmental-Métrico da Fonologia Entoacional

(AM), assim como o sistema de anotação ToBI; na subsecção §3.2.2 é descrito o inventário dos acentos tonais e dos tons de fronteira estabelecidos no quadro do modelo AM e no sistema de anotação ToBI para o português, o castelhano, o galego e o asturoleonês, percorrendo a descrição de todos os tipos frásicos.

No Capítulo 4, fazemos uma descrição da metodologia aplicada nesta investigação. Na secção §4.1 apresenta-se a proposta metodológica para a elaboração do *corpus*; na secção §4.2 é apresentada a base de dados da análise entoacional, assim como uma visão geral dos informantes e de fatores extralinguísticos de particular interesse para o presente estudo; na secção §4.3 são descritos os procedimentos durante a recolha de dados; e, finalmente, na secção §4.4, são descritos os critérios de procedimentos de segmentação e análise de dados.

O objetivo do Capítulo 5 é a descrição dos padrões de entoação a partir dos resultados da análise entoacional dos dados do mirandês e da variedade do português falada em Mirando do Douro. A análise entoacional engloba uma descrição de cada um dos tipos frásicos em análise, assim como alguns estudos prévios e a descrição detalhada da realização fonética dos acentos tonais, dos tons de fronteira, assim como da configuração nuclear (secção §5.1). Propomos ainda, neste capítulo (secção §5.2), a representação fonológica do léxico entoacional dos padrões de entoação do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro.

No Capítulo 6 fazemos uma descrição geral dos dados e as conclusões a que chegámos. Procuramos tentar responder às questões de investigação formuladas neste capítulo, acima, resumindo as diferenças e semelhanças entre os sistemas entoacionais do mirandês e da variedade do português falada em Mirando do Douro (secção §6.1). De seguida, na secção §6.2, tentamos explicar em termos de contacto linguístico as diferenças e semelhanças entoacionais entre o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro, ou seja, como surgiram os sistemas entoacionais atuais destas línguas. A secção §6.3 é consagrada à mudança entoacional induzida pelo contacto e que características podem ser transferidas entre as línguas em análise. A secção §6.4 procura recapitular as principais conclusões da presente investigação, apresentando algumas observações finais e na secção §6.5 deixamos em aberto questões para investigação futura.

## CAPÍTULO 2 | LÍNGUA MIRANDESA

Este capítulo apresenta uma breve contextualização histórica e linguística da língua mirandesa, um enclave asturo-leonês no espaço geográfico português. Para perceber e interpretar os dados sobre o contacto linguístico entre o mirandês e o português é necessário compreender não só a relação deste reportório diglótico, em termos do que ambas as línguas representam a nível social, a evolução do mirandês em termos históricos e a distância linguística do mirandês e do português, mas também as línguas que as rodeiam (como o galego, o castelhano e o asturo-leonês). Desta forma, é objetivo desta secção a descrição do cenário histórico, social e linguístico da língua mirandesa.

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA

#### 2.1.1 Um enclave leonês no espaço português

A Língua Mirandesa é uma língua românica que pertence à família linguística das línguas asturo-leonesas, resultado da evolução do latim vulgar em *Tierra de Miranda* (Vasconcellos, 1900; Quarteu & Frías Conde, 2002). *Tierra de Miranda* é o nome histórico do território habitado por falantes de mirandês. A primeira referência a *Tierra de Miranda* surge nos documentos medievais do reinado de D. Sancho I e nas Inquirições de D. Afonso III (Vasconcellos, 1900: 36-58; Vasconcellos, 1901: 9-10). Esse território correspondia aos concelhos de Miranda do Douro, Vimioso, Bragança, Mogadouro, Macedo de Cavaleiros e Freixo de Espada a Cinta (Figura 1).

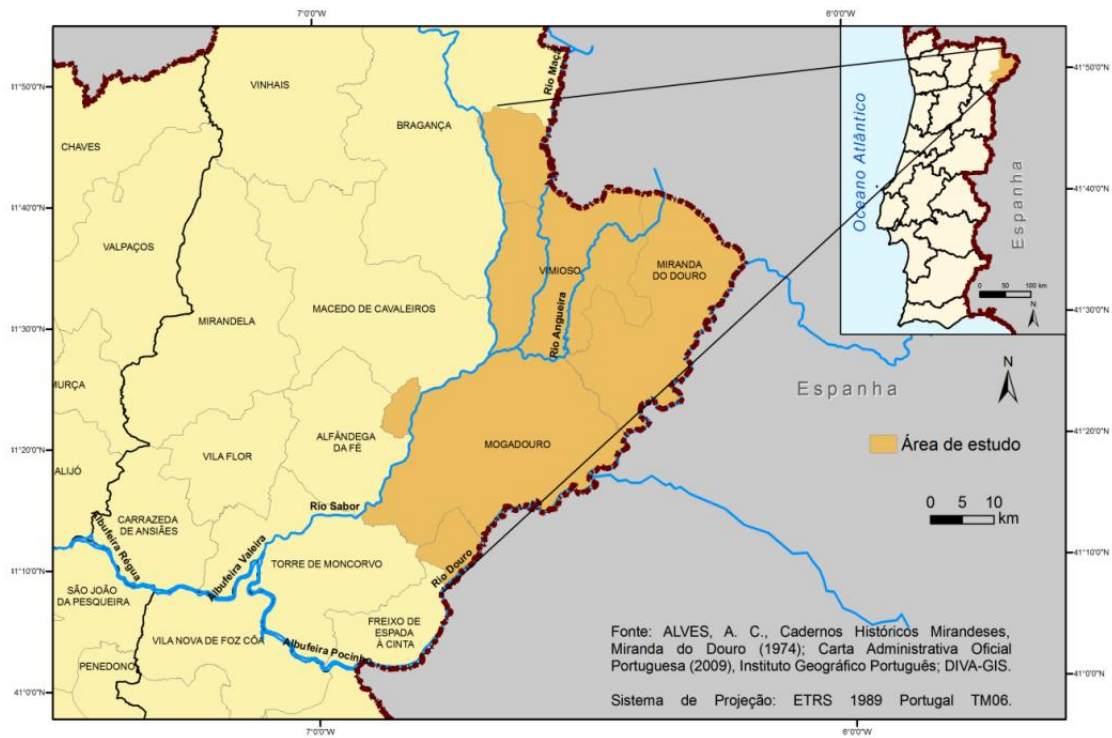


Figura 1. Espaço geográfico de Terra de Miranda  
(fonte: Meirinhos, 2014: 17)

Mourinho (2000: 224-225) acrescenta que o espaço geográfico de *Terra de Miranda* era formado “pelos actuais concelhos de Miranda do Douro, Vimioso, a Norte e a Ocidente e Mogadouro, a sudoeste desde Outeiro até Lagoaça, esta povoação já no concelho de Freixo de Espada à Cinta”. A par, Ferreira (2001: 134) evidencia a extensão de *Terra de Miranda* desde o concelho de Bragança até ao concelho de Freixo de Espada à Cinta (Figura 2).

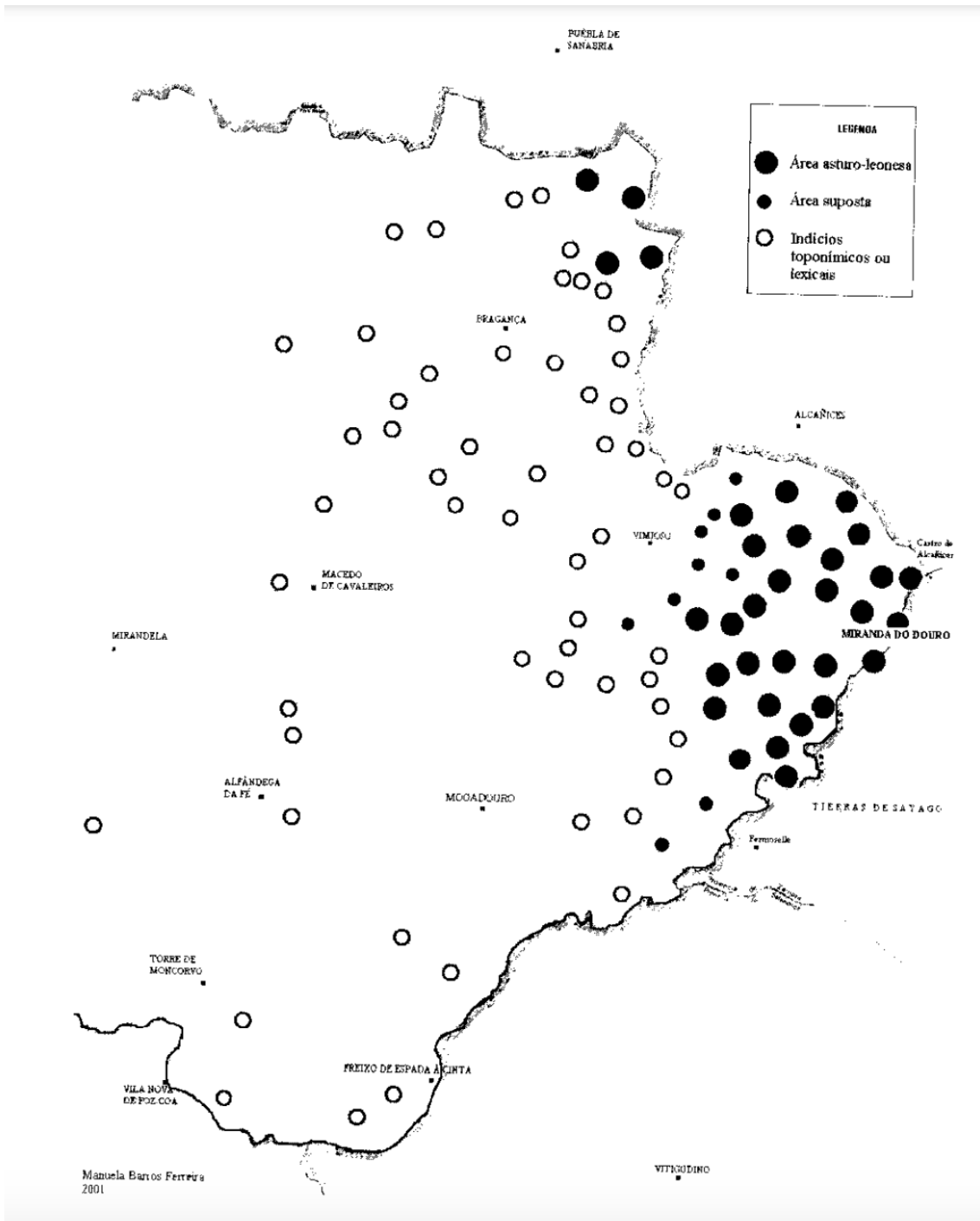


Figura 2. Área de difusão asturoleonesa  
(fonte: Ferreira, 2001: 134)

Sendo o mirandês uma língua românica, importa situar o seu contexto de formação no quadro ibérico. Foram muitos os povos que se foram instalando na atual Península Ibérica: cartagineses, fenícios, lusitanos, entre outros, mas foram os Gregos que apelidaram a atual Ibéria (do grego *Ἰβηρ*; do latim *Iberus*). É com o declínio do Império Romano, e pela conseqüente transformação e variação do latim na Europa, que nascem as línguas românicas (Castro, 2013). Essa transformação leva a que as províncias se

autonomizassem em termos linguísticos. Segundo García Alvarez (1983), nos finais do século VIII já havia consciência da existência de línguas românicas diferentes do latim. Por isso mesmo, no Concílio de Tours (ano de 813), as homilias eram pronunciadas “in rusticam romanam linguam”, para que o povo assim as compreendesse.

O panorama românico, então, deixava escapar uma diversidade de sistemas linguísticos. Durante a Reconquista, o noroeste da Ibéria era ocupado por vários povos que tiveram influência na formação dos diferentes dialetos românicos (Figura 3). García Alvarez (1983) refere ainda que o romance falado nas regiões das Astúrias e na Cantábria teriam características bem diferentes.



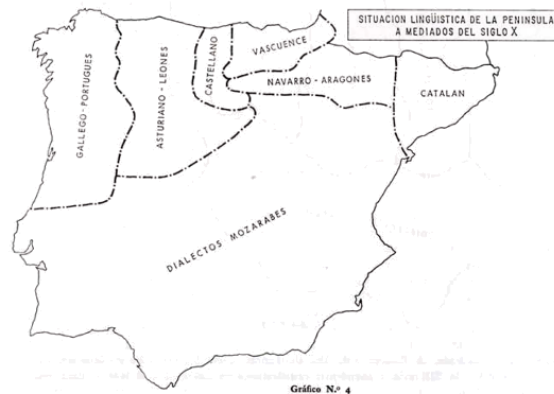
Figura 3. Povos do norte da Península Ibérica na época da Reconquista  
(fonte: García Alvarez, 1983: 88)

Após a invasão da Península Ibérica e a derrota dos visigodos na batalha de Guadalete, os muçulmanos vão conquistando toda a Península com exceção de uma pequena faixa territorial a norte: as Astúrias e os Pireneus. É aí que nasce a resistência cristã, que leva à formação do Reino das Astúrias. Constituído o Reino das Astúrias, este vai dar continuidade à corte visigótica de Toledo, com capital em Cangas de Onís e depois em Oviedo. Com Afonso III das Astúrias (866-910), o reino avança até ao rio Douro. O romance falado no Reino das Astúrias destacou-se dos demais devido à importância deste, tornando-se preponderante em toda a Espanha cristã (séculos VIII e IX). Posteriormente, a corte desloca-se para Leão no século X, passando o dialeto leonês a destacar-se, renomeado o asturiano de leonês ou asturo-leonês (Cano González, 1992: 652; Moral, 2013: 32), dando lugar à formação de um reino com o mesmo nome.

Em termos linguísticos, cria-se nos séculos X e XI uma configuração românica na Península Ibérica, ainda dominada pelos dialetos moçárabes, formada pelos seguintes romances: galego-português, asturo-leonês, castelhano, navarro-aragonês e catalão<sup>2</sup> (Figura 4). À medida em que a Reconquista ia avançando, o Reino de Leão conquista os reinos da Galiza e de Castela, aumentando o seu poder político e administrativo. Após a

<sup>2</sup> García Alvarez (1983) considera que o Basco, de origem pré-indo-europeia, é uma língua da família das línguas caucásias. Ou seja, o substrato basco é diferente do ibérico, pois este último tem origem camítica.

derrota de Afonso VI na batalha de Zalaca (em Badajoz), começam a chegar à Península Ibérica os cruzados vindos de França em seu auxílio. Entre eles, o cavaleiro Henrique de Borgonha que virá a governar o recém-formado Condado Portucalense.



**Figura 4. Situação linguística da Península Ibérica em meados do século X**  
(fonte: García Alvarez, 1983: 89)

É indubitável a extensão do asturo-leonês durante a Reconquista uma vez que vai estender-se por toda a Vía de la Plata<sup>3</sup> e na fronteira portuguesa, desde o mar Cantábrico até Badajoz (García Arias, 2002: 16). A partir o século XV, o asturo-leonês começa a perder terreno devido à influência e dependência do poder político do Reino de Castela.

Considerando a situação geográfica do asturo-leonês, formaram-se, assim, um conjunto de variedades do asturo-leonês em território português. Atualmente, essas variedades correspondem ao mirandês, o riodonorês, guadramilês e às falas de duas aldeias na Serra de Montesinho, na Petisqueira e em Deilão (Merlan, 2009). O mirandês tem origem no século VI, proveniente das variedades românicas faladas nos reinos das Astúrias e Leão, a que hoje se denomina como espaço linguístico asturo-leonês (ou asturiano ou leonês). O mirandês representa, então, um enclave linguístico asturo-leonês em território português e importa avaliar as causas do enclave de um sistema linguístico asturo-leonês em território português. Carvalho (2015[1952]) traça duas razões importantes: por um lado, o domínio da Sé de Astorga sobre a quase totalidade do atual distrito de Bragança e, por outro, a colonização leonesa do século XIII. O autor mostra, documentalmente, que as terras do nordeste transmontano estariam sob domínio da sé de Astorga, pelo menos até ao século XII, quando o Papa Pascoal II recomenda ao Bispo Pelágio de Astorga a restituição ao Arcebispo Geraldo das “parrochias Laedram uidelicet et Alistam et Braganciam, quas desolationis tempore perdiderat” (Carvalho, 2015[1952]: 76).

<sup>3</sup> A Vía de la Plata é uma via romana comercial que atravessava o Oeste da atual Espanha de Sul para Norte, partido de Mérida até Astorga. Atualmente, liga as cidades de Sevilha e Xixón.

As inquirições de D. Afonso III revelam que existiu uma intensa colonização leonesa no século XIII entre os rios Douro e Angueira, pelo concelho de Miranda e parte do concelho de Vimioso. Nesta colonização, o papel primordial foi desempenhado pelos mosteiros de Moreruela e San Martín de Castañeda, mas colaboraram na colonização igualmente os Templários de Alcañices e vários particulares. Esta fixação do asturo-leonês em território português vai estender-se até ao século XV (Carvalho, 2015[1952]: 84).

A extensão do asturo-leonês em território português era bem maior do que aquela que hoje conhecemos. Vasconcellos (1900) concluiu que a variedade mirandesa do asturo-leonês era falada também em várias aldeias/freguesias do concelho de Vimioso: Serapicos, Campo de Víboras<sup>4</sup>, São Joanico e Avelanoso. Carvalho (2015[1952]: 84) constata o mesmo, acrescentando Vimioso, Carção e Vale de Frades. Sletsjøe (1967) inclui toda a região Noroeste, em Vimioso, e Sul, em Mogadouro. Mourinho (1987) aponta, também, para a existência de falantes de mirandês em Caçarelhos, Avelanoso, São Joanico, Vila Chã da Ribeira, Serapicos e Campo de Víboras, em Vimioso, em Urrós e Bemposta, em Mogadouro, e a norte de Rio de Onor e Guadramil. Ferreira (2001) torna clara a origem asturo-leonesa de alguns topónimos em território português, servindo-se de características fonéticas, como a conservação das consoantes latinas *-n-* e *-l-* intervocálicas (mir. Beneita (Urrós, Mogadouro) < port. *benta* < lat. BENEDICTA), morfossintáticas, como o diminutivo *-ico* (*Serapicos* em Bragança, *Moitoitico*, *São Joanico*, *Piçarrica* em Vimioso) e a ausência de preposição *de* em topónimos formados por dois substantivos justapostos, muito frequentes na zona onde se fala mirandês e também no concelho de Bragança e, finalmente, características lexicais, como a presença da palavra *orrieta* (que designa terra húmida) em topónimos que estão além do concelho de Miranda (*Urreta Faleta* em Guadramil) ou *Urreta de Nalha* em Coelhooso, Bragança).

A Figura 5, abaixo, ilustra os lugares linguisticamente asturo-leoneses em Terra de Miranda. Esta fixação, segundo o autor, deve-se, ainda, ao facto de a região ser de baixa densidade populacional e ao facto de a colonização durar, pelo menos, dois séculos, tempo suficiente para o dialeto leonês se fixar em território político português.

---

<sup>4</sup> Ferreira & Martins (1987: 33) fazem referência à localidade de Campo de Víboras, a partir do *Atlas Linguarum Europae*, mostrando que esta localidade “guarda bastantes palavras comuns ao mirandês, como por exemplo, *parro* e *parrico* para pato, *marão* para o carneiro, *sartigalho* para o gafanhoto, *burgo* para a lagarta, *pastorica* para o pirilampo, *setos* para os cogumelos, *pinho* para o pinheiro, *pruma* para a pena e *nubre* para a nuvem. Noutras palavras, tais como *soberana* para a vitela e *troar* para trovejar, a diferença é apenas fonética, pois em mirandês vamos encontrar *sobranha* e *tronar*. Aliás, algumas destas palavras encontram-se também em Gimonde. (A maioria, porém, do vocabulário de Campo de Víboras pertence ao conjunto dialetal do nordeste transmontano e ao português comum)”.

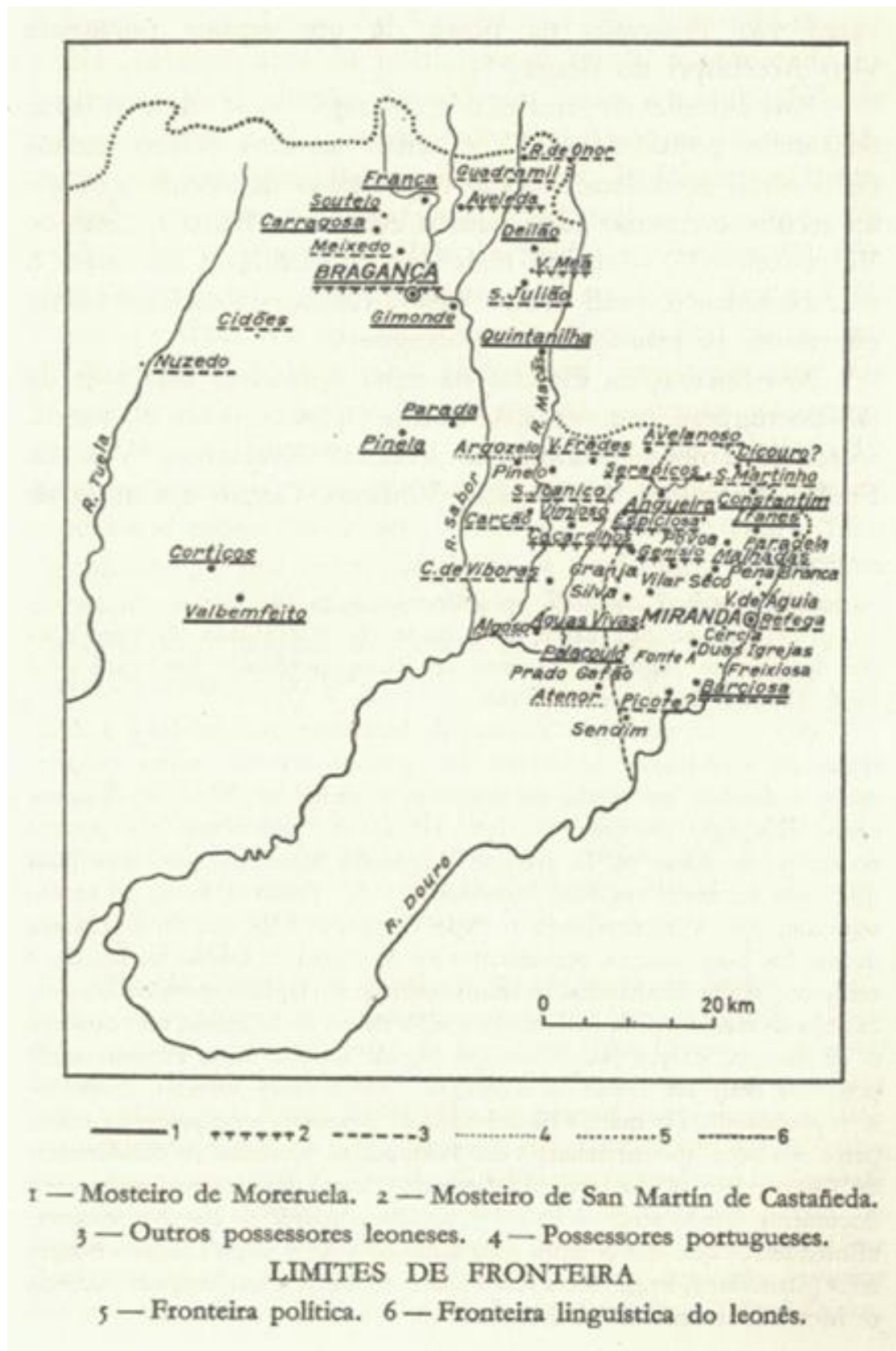


Figura 5. Delimitação linguística do leonês falada em Terra de Miranda  
(fonte: Carvalho, 1952: 83)

Como já notámos anteriormente, a expansão e preponderância do castelhano na Reconquista (e depois) fez com que o número de falantes da língua asturo-leonesa em território espanhol recuasse. O mesmo se passou sob influência do português. Os grandes movimentos culturais dos séculos XV-XVI fortaleceram as línguas ditas nacionais, de poder, e minorizaram as línguas asturo-leonesas, como o mirandês. “Rezar em lingoagem” foi um movimento desencadeado e imposto pelas Constituições Episcopais, que impunham “o português como a única língua digna de falar com Deus” (Ferreira, 2011). O Estado Novo, ditadura em Portugal de 1933 a 1974, através de mecanismos de propaganda nacionalista, abalou a língua mirandesa, uma vez que era notória a generalização do ensino em português e de nenhuma outra língua que não a da nação. O mirandês era considerado, por muitos, fala de gente “inculta”, como “fala charra”, o que fez com que os mirandeses letrados preferissem o uso da “língua fidalga”.

Rodrigues & Ferreira (2011: 545) descrevem que o mirandês vai atravessar séculos de existência e sobrevive, até aos dias de hoje, “ao permanente ataque”, considerando-a como “um feito que é um autêntico milagre cultural”. Os autores assinalam que a sobrevivência do mirandês é complexa e que, apesar de os falantes viverem em diglossia desde os séculos XV-XVI, essa sobrevivência se deve à “forte estrutura como língua” e ao “facto de se integrar num amplo espaço de falantes com boas relações sociais e económicas, ignorando as fronteiras políticas”. A par das razões acima descritas, a forte consciência de uma identidade própria (linguística e cultural) solidifica o mirandês como língua, comprovado pela ação cultural e linguística levada a cabo pela Associação de la Lhéngua i Cultura Mirandesa.

### **2.1.2 Aspetos da dialetologia e da sociolinguística do mirandês**

Na província de *Gallaecia et Asturica* (Figura 6), atual Galiza, ocidente das Astúrias e ao norte de Portugal (até Aveiro), a variedade que aí se falava tomou um caminho próprio, diferente das demais províncias, como consequência da queda do Império Romano, o que levou ao nascimento das línguas românicas (Castro, 2003).



Figura 6. Antiga província romana da *Gallaecia et Asturica*  
(fonte: autor)

É nesta região que se constituem os romances galego, português e asturo-leonês (Vasconcellos, 1901; Pidal, 1906; Baldinger, 1972). Os romances galego e português distanciam-se de outros, como o asturo-leonês e o castelhano, através de fenómenos como a síncope de consoantes [l] e [n] em posição intervocálica e pela convergência de grupos consonânticos <pl>, <fl> e <cl> em proveito da africada [tʃ] grafada como <ch>.

pala > paa > pá; bonu > bõo > bom  
plorare > [tʃ]orar; flama > [tʃ]ama; clamare > [tʃ]amar

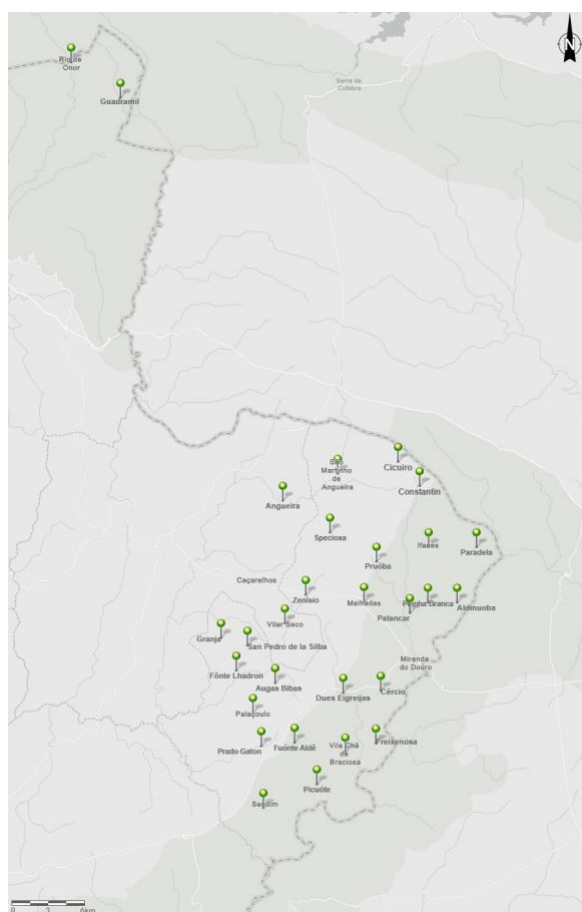
São muitas as semelhanças dos dialetos<sup>5</sup> galegos e dos dialetos portugueses. Cintra (1971), na sua Nova Proposta de Classificação dos Dialetos Galego-Portugueses, classifica os dialetos em três grandes grupos: dialetos galegos, dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses centro-meridionais com base em traços fonéticos, fortemente caracterizadores dos três grupos dialetais. A semelhança é de tal forma consistente que, mais recentemente, Fernández Rei (1990) reconhece a origem comum dos dialetos galegos e portugueses ao longo de uma faixa ocidental na Península Ibérica desde a Corunha até Faro, dispendo-se um *continuum* linguístico.

A par dos traços caracterizadores do português, que o distancia das demais línguas a oriente da Península Ibérica, outros níveis da gramática mostram essa coesão linguística. Ainda no nível fonético, o sistema de sete vogais fonológicas em galego e em português, /a/, /ɛ/, /ɔ/, /e/, /o/, /i/ e /u/, que se opõe às cinco vogais fonológicas em castelhano, /a/,

<sup>5</sup> Segundo Chambers & Trudgill (1998) o termo dialeto é conotado como uma forma de linguagem sem prestígio social, associada ao meio rural, à classe trabalhadora ou a outros grupos sem prestígio. O termo é ainda aplicado a todas as formas de linguagem que não têm sistemas de escrita. A par, os dialetos são, muitas vezes, descritos como uma forma não-padrão (uma variante à forma de falar de referência). Para não adotar nenhum dos termos, os autores assumem a noção de que todos os falantes são falantes de, pelo menos, um dialeto, como o dialeto de Lisboa (português europeu padrão). O dialeto de Lisboa é tanto uma forma de linguagem como qualquer outro dialeto do português.

/e/, /o/, /i/ e /u/. No nível morfossintático, a existência de infinitivo pessoal é uma forma peculiar do português e do galego, como por exemplo, *a professora pediu para vermos os materiais*. Isto não quer dizer que as demais línguas não possam expressar esta ideia, mas têm de recorrer a outros métodos, como, por exemplo, em espanhol, *la profesora nos pidió que miremos los materiales*.

Como aponta Cintra (1971), a demarcação geopolítica<sup>6</sup> não coincide totalmente com a linguística. A norte do rio Douro, é possível encontrar variedades asturo-leonesas no território português (Figura 7), nomeadamente nos concelhos de Miranda do Douro, Vimioso e as aldeias de Rio de Onor e Guadramil, assim como é possível encontrar, em território espanhol (Figura 8), nomeadamente em Hermisende (província de Zamora, que pertenceu a Portugal até 1640), Castromil, Calabor, La Tejera e Santa Cruz de Abanes, variedades galego-portuguesas (Vasconcellos, 1900: 75; Merlan, 2009: 36).



**Figura 7. Localização geográfica do asturo-leonês em território português: *Tierra de Miranda* a Este e Rio de Onor e Guadramil a Norte do distrito de Bragança (fonte: autor)**

<sup>6</sup> A demarcação do espaço fronteiriço entre Portugal e Espanha constitui-se como a mais antiga da Europa (desde o Tratado de Zamora, em 1143, Tratado de Alcanices, em 1297, até ao Convénio dos Limites, em 1926). A linha geopolítica marca a zona da raia: húmida, quando coincide com cursos de água, e seca, quando coincide com o espaço terrestre.



Figura 8. Localização geográfica do galego-português em território Espanhol (fonte: autor)

Cintra (1971) exemplifica muito bem que as fronteiras linguística e política não coincidem quando delimita o espaço galaico-português desde as Astúrias até ao rio Guadiana (Figura 9). A isófona representada separa os domínios linguísticos do galego e do português dos sistemas do asturo-leonês e castelhano. As vogais *ě* e *ǫ* do latim conservaram-se, ao passo que nas variedades asturo-leonesas e castelhana ditongaram para *ě* > *ie* e *ǫ* > *uo*, *ue*.

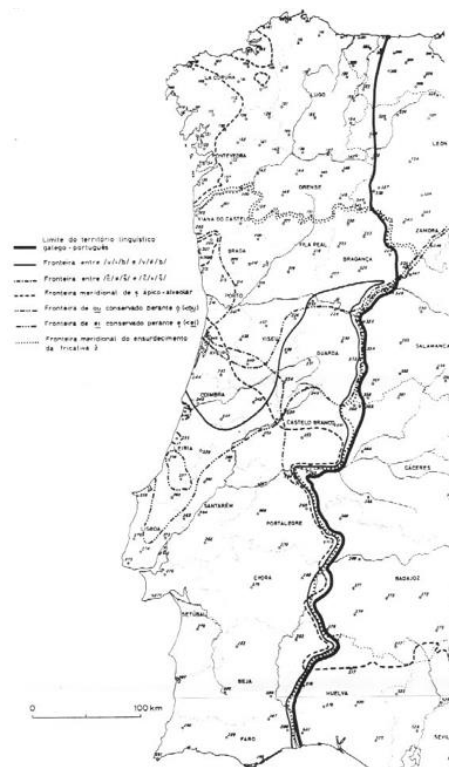


Figura 9. Traços fonéticos diferenciadores dos dialetos galegos e portugueses (fonte: Cintra 1971)

A zona de contacto linguístico no nordeste de Portugal com a fronteira da província de Zamora é há muito citada. Na zona raiana do distrito de Bragança, como já apontámos acima, resistem algumas variedades linguísticas asturo-leonesas, como em Rio de Onor, Guadramil<sup>7</sup> e no concelho de Miranda do Douro.

Os primeiros estudos sobre as variedades asturo-leonesas em território português remontam aos trabalhos desenvolvidos por José Leite de Vasconcelos. A primeira obra, *O Dialecto Mirandéz* publicada em 1882, marca o nascimento do estudo da linguística da língua mirandesa.

Na obra, Vasconcellos (1882) alerta para o facto de

«não é o Português a única lingoa, usada em Portugal [...] falla-se aqui também o mirandês».

Adverte, ainda, para o facto de o mirandês não pertencer à família linguística do galego-português, quando afirma que “pode-se estabelecer que o mirandês pertence ao domínio hespahal, como próximo do lionês” (Vasconcellos, 1882, 1929). O autor nota algumas semelhanças do mirandês à família asturo-leonesa quando descreve que

«o mirandes vem ocupar o seu logar no grupo NO., ao lado do asturiano-leonez, entre este sub-grupo e o sub-grupo gallegio-portuguez, que pertence em parte ao NO. E em parte ao O» (Vasconcellos, 1882: 39).

Não se comprometendo com tal, Vasconcellos (1901: 6) reforça a ideia de que

«[S]e existe certa semelhança entre os phenomenos grammaticaes do mirandês e dos idiomas de Leão e Astúrias, ella explica-se perfeitamente, como veremos no cap. III, sem se recorrer á ideia de importação linguistica».

O autor assinala as similaridades das línguas fronteiriças referindo que

---

<sup>7</sup> Vasconcelos (1900: 52-53) refere que “[a] história d’estas povoações ascende já, pelo menos, á idade-média. O meu erudito amigo Pedro de Azevedo, official da Torre do Tombo, desenterrou neste rico archivo a respeito d’ellas umas valiosas noticias, que teve a bondade de me resumir assim: No Livro das Inquirições de D. Affonso III, vem a cópia de uma em latim que tem a data (a cópia) de 1301 (era de 1239). Nesta encontram-se os dois nomes de Rio de Onor e Guadramil orthographados, o primeiro: (fls. 160v) *Barrio de Riulo d’oor*, (fls. 165) *Rio d’oor*; e o segundo: (fls. 115 e 165) *Galdramir*, (fls. 160v) *villar de Galdramiro*. D’esto documento vê-se que, se as povoações são hoje pequenas - em 1884 Rionor tinha 26 fogos, e Gaudramil 20 -, não eram tambem muito grandes na idade-média, pois que Rionor não passava de um *bárrio* ou *bairro*, e Gaudramil de um *villar*”. Carvalho (2015[1952]: 86) refere que a aldeia de Guadramil teria sido povoada por habitantes de Bragança, mas que por altura das Inquirições de D. Affonso III pertencia a Pedro Rodrigues e seus irmãos, descendentes de povos leoneses. Rio de Onor era dividida em duas partes: uma portuguesa que pertencia a Pero Garcia, Escudeiro e irmãos, pertencendo a restante parte a Espatários de Uclés.

«o mirandês estabelece transição do português e gallego para o asturiano-leonês. Incidentalmente vimos que, se o riodonês e o quadramilês estão nas mesmas circunstâncias que o mirandês, tem comtudo phenomenos que se aproximam muito do gallego; e vimos finalmente que ha uma serie de idiomas secundarios entre o gallego e o português, de uma parte, e o asturiano-leonês, da outra, ora mais vizinhos, ora mais afastados dos idiomas principaes. O que tudo sobreesae mais claro no seguinte esquema» (Figura 10)

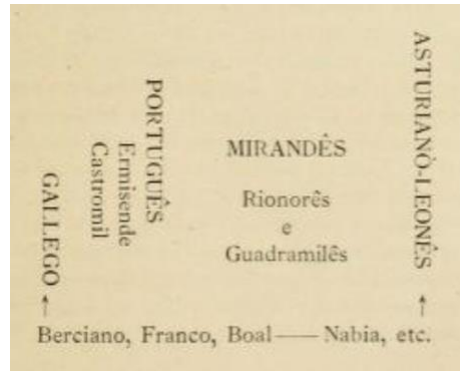


Figura 10. Delimitação linguística da língua mirandesa  
(fonte: Vasconcellos, 1901: 75)

A aldeia de Rio de Onor situa-se na fronteira, aldeia vizinha de Rihonor de Castilla, em território espanhol. Vázquez Cuesta & Mendes da Luz (1987) apontam algumas características do riodonorês e do quadramilês como (i) a conservação da lateral *-l-* em posição intervocálica: *malu* (port. ‘mau’), *culor* (port. ‘cor’); (ii) manutenção do *-n-* intervocálico em quadramilês: *masana* (port. ‘maçã’), *bonu* (port. ‘bom’), *ermanu* (port. ‘irmão’), e em riodonorês apenas em algumas como *ganau* (port. ‘ganhou’) e em outras que desapareceram, depois de ter deixado um traço nasal como em *mã* (port. ‘mão’; cast. ‘mano’, mas *mans*), *chẽ* (port. ‘cheio’; cast. ‘lleno’, mas *chens*) e *ermá* (port. ‘irmã’); (iii) os ditongos [je]~[ja] e [wo]: *pía* (port. ‘pé’; cast. ‘pie’), *suono* (port. ‘sono’; cast. ‘sueño’) e *nuoite* (port. ‘noite’; cast. ‘noche’); (iv) ieísmo, que consiste na semivocalização da lateral [ʎ] para [j], como em *uo[j]o* (port. ‘olho’), *fi[j]o* (port. ‘filho’) e *oba[j]a* (port. ‘ovelha’); (v) apenas possuem sibilantes surtas, como em [ˈkasa] (port. [ˈkaza]) e [fuˈʃir] (port. [fuˈʒir]); (vi) supressão dos artigos definidos com nomes próprios: *bou com João* (port. ‘vou com o João’).

Vasconcellos (1900: 54-56) traça algumas diferenças e semelhanças entre o mirandês e o riodonês e quadramilês. Entre o mirandês e o quadramilês, as principais semelhanças residem na ditongação do *õ* latino (*buono*; port. ‘bom’), manutenção de *-n-* intervocálico (*manhana*; port. ‘manhã’), manutenção do *-l-* intervocálico (*solombra*; port. ‘sombra’). As principais diferenças residem no facto de em mirandês o *l-* inicial e *-ll-* intervocálicos palatalizarem em *lhabar* e *abelhana* e em quadramilês não, como em *labar* e *abelana* e a

não existência de sibilantes sonoras em Guadramil, como em *xardĩ* e em mirandês *jardin*. Entre o mirandês e o riodonês, as principais semelhanças residem na ditongação do *õ* latino (*buosso*; port. ‘vosso’), evolução dos grupos *pl-*, *cl-* e *fl-* para [tʃ] ([tʃ]over; port. ‘[ʃ]over), manutenção do *-l-* intervocálico (*cielo*; port. ‘céu). As principais diferenças residem no facto de em mirandês *l-* inicial e *-ll-* intervocálicos palatalizarem em *lhabar* e *galhina* e em riodonês não, como em *labar* e *galina*, a manutenção do *-n-* intervocálico em mirandês (*manu*; port. ‘mão’) e não em riodonês (*man*), a manutenção do *-d-* intervocálico em mirandês (*passado*; port. ‘passado’) e não em riodonês (*passau*), ieísmo em riodonês (*biejo*; port. ‘velho’) e não em mirandês (*bielho*). O autor nota ainda que ambas as línguas se aproximam, também, do galego como é o caso da não existência de sibilantes sonoras e da síncope do *-d-* intervocálico.

Um estudo de Baltrons Graboleda (2006) mostra que existe um conhecimento das características da língua vernacular (especialmente no léxico, mas também na morfologia e fonética) por parte dos falantes mais velhos, mas mesmo estes tendem a abandonar o vernáculo pelas línguas maioritárias (português ou castelhano). Os mais jovens têm consciência de que nas aldeias “*parlat una varietat lingüística peculiar*” (Baltrons Graboleda, 2006: 65). Apenas três falantes são considerados bilingues, pois utilizam o riodonorês e o português ou o riodonorês e o castelhano, sendo que os demais são monolíngues, apesar de conseguirem entender a língua vizinha e a *língua dos avós*. Os falantes não têm consciência de que o seu dialeto é de origem asturo-leonesa, mas sim uma mistura de espanhol com português, o que poderá colocar em causa a sua vitalidade. O autor nota que “*alguns llogarrets es parla més malament que a la seva localitat (Guadramil, per exemple)*”. A aldeia de Guadramil situa-se no Parque Natural de Montesinho, em Bragança, aldeia vizinha de Rio de Onor e muito próxima das aldeias de Riomanzanas e Santa Cruz de los Cuérragos (ambas na província de Zamora). Reis (2017), num estudo mais recente, conclui que o riodonorês e o guadramilês apenas são usados em situações mais privadas e informais. Os dados mostram que os falantes mais velhos adquiriram ambas as línguas como língua materna e o português como segunda língua. Considerando a atitude linguística dos falantes perante a sua língua, os falantes de Rio de Onor consideram que falam “dialeto” e os falantes de Guadramil consideram que falam guadramilês. O autor conclui recordando a importância das línguas locais como fator de identidade quando refere que “o riodonorês e o guadramilês representam um fator importante para a identidade dos riodonoreses e dos guadramileses” (Reis, 2017: 36).

Para Hermisende, Vasconcellos (1900: 56-57) aponta que esta variedade é uma variedade do português falada na província de Zamora uma vez que apresenta alguns fenómenos do português, como a existência de sibilantes sonoras, vogais nasais, síncope de *-l-*

intervocálico, síncope de *-n-* intervocálico, apesar da existência de traços nasais, e a não ditongação das vogais tónicas *ẽ* e *õ* do latim. O autor aponta Castromil como uma variedade bastante semelhante com o galego. Mais recentemente, Fernández Rei (1994: 104-105) engloba Hermisende no bloco oriental do galego na área zamorana (L), conforme Figura 11.

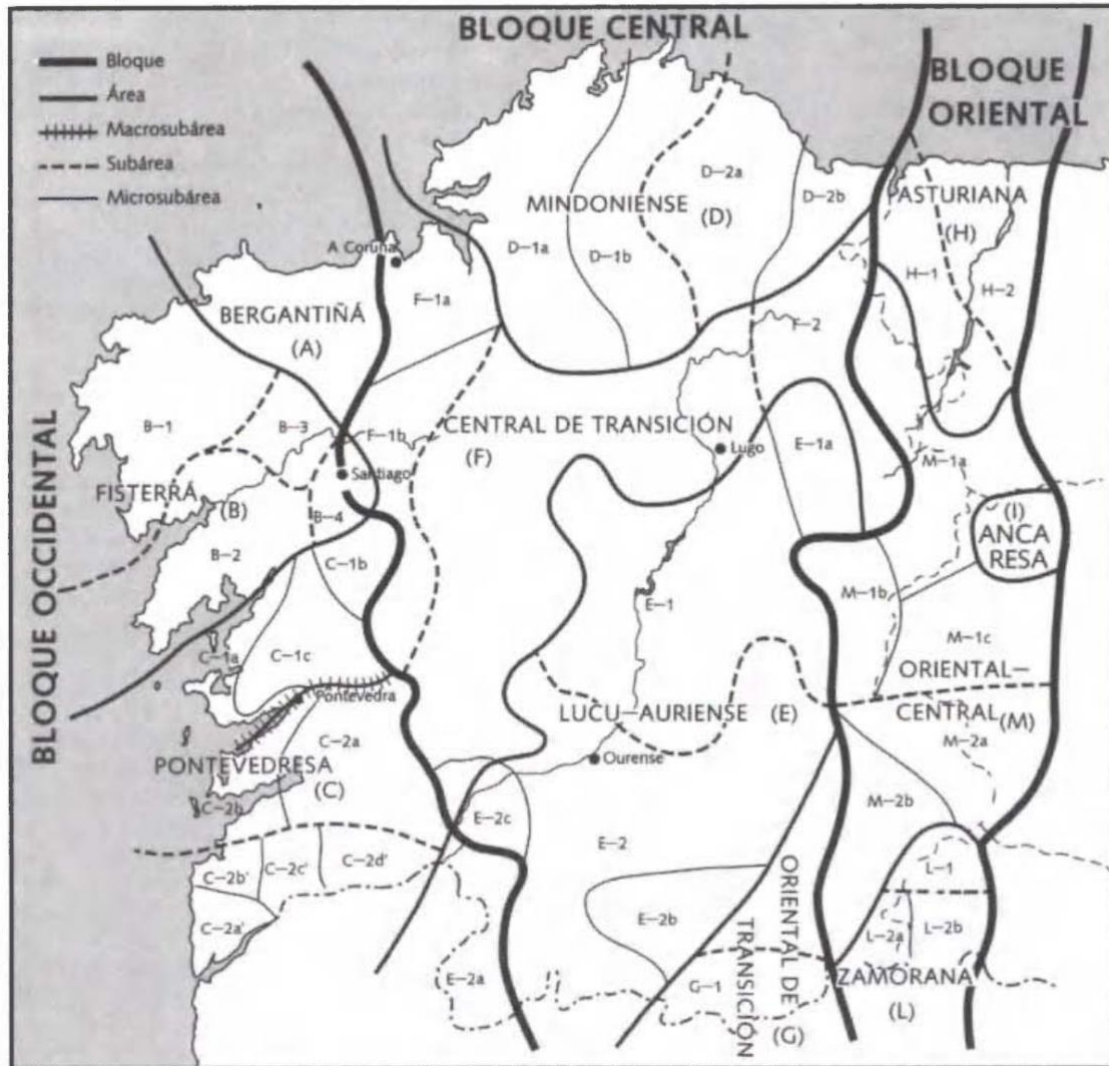


Figura 11. Blocos, áreas, subáreas e microáreas da Língua galega (fonte: Fernández Rei, 1994)

Ao lado da primeira obra, *O Dialecto Mirandéz* de Vasconcellos, publicada em 1882, que marca o nascimento do estudo da linguística da língua mirandesa, Pidal (1906) publica o seu *El Dialecto Leonés*. É à sua obra que devemos a confirmação do mirandês no domínio linguístico do asturo-leonês<sup>8</sup>: “entra el dominio del leonés en el reino de Portugal, en

<sup>8</sup> Importa mostrar que ainda subjaz algum desconhecimento sobre a origem do mirandês. Um estudo levado a cabo por Veloso (2000) mostra que apenas 2,9% dos inquiridos foram capazes de relacionar o mirandês com o leonês e que a grande maioria dos inquiridos não soube ou não respondeu à questão.

Riodonor, Guadramil, y quizá en Quintanilha (á juzgar por su diminutivo *-illa* y no *-ela*), y además en la tierra de Miranda”.

Sob influência de línguas maioritárias, o asturo-leonês divergiu e hoje o espaço linguístico é bastante amplo. Destacamos, na Tabela 1, as principais diferenças e semelhanças entre o mirandês e o asturo-leonês e as línguas que as rodeiam.

Tabela 1. Principais diferenças e semelhanças fonético(-fonológicas) entre o mirandês, o asturo-leonês, o galego, o português e o castelhano (elaboração própria a partir das fonte de Merlan, 2007 e Ferreira, 2011)

	Fenómeno	Mirandês	Asturo-leonês	Galego	Português	Castelhano
Principais semelhanças	Ditongação de vogais tónicas <ë> e <ö>	<i>tierra</i> <i>puorta</i>	<i>tierra</i> <i>puerta</i>	<i>terra</i> <i>porta</i>	<i>terra</i> <i>porta</i>	<i>tierra</i> <i>puerta</i>
	Palatalização de <l-> inicial latino	<i>lhana</i>	<i>llana</i>	<i>la</i>	<i>lã</i>	<i>lana</i>
	Palatalização de <ll-> e <nn->, <mn-> latinas	<i>castielho</i> <i>panho</i> <i>danho</i>	<i>castiellu</i> <i>pañu</i> <i>dañu</i>	<i>castelo</i> <i>pano</i> <i>dano</i>	<i>castelo</i> <i>pano</i> <i>dano</i>	<i>castillo</i> <i>pañu</i> <i>daño</i>
	Conservação de consoantes <l-> e <n-> latinas intervocálicas	<i>bena</i> <i>pila</i>	<i>vena</i> <i>pila</i>	<i>vea</i> <i>pia</i>	<i>veia</i> <i>pia</i>	<i>vena</i> <i>pila</i>
	Conservação de <f->	<i>falar</i>	<i>falar</i>	<i>falar</i>	<i>falar</i>	<i>hablar</i>
	Inexistência de [v]	<i>[b]aca</i>	<i>[b]aca</i>	<i>[b]aca</i>	<i>[b/v]aca</i>	<i>[b]aca</i>
Principais diferenças	Perda das consoantes <g-> e <d-> intervocálicas	<i>lhougo</i> <sup>9</sup>	<i>llueu</i>	<i>logo</i>	<i>logo</i>	<i>luego</i>
	[i] > [ej] inicial	<i>eigreija</i>	<i>ilesia</i>	<i>igrexa</i>	<i>igreja</i>	<i>iglesia</i>
	Ditongação de [o] > [ow] em posição inicial de palavra	<i>oubriḡar</i>	<i>obligar</i>	<i>obrigar</i>	<i>obrigar</i>	<i>obligar</i>
	Bloqueio (tendencial) para vogais palatais (orais e nasais) iniciais	<i>ampério</i>	<i>imperi</i>	<i>imperio</i>	<i>império</i>	<i>imperio</i>
	Ditongos nasais <sup>10</sup>	<i>coraçon</i> [kuresöw̃] <i>eimbierno</i> [ëjbjernu]	<i>corazón</i> <i>iviernu</i>	<i>corazón</i> <i>inverno</i>	<i>coração</i> <i>inverno</i>	<i>corazón</i> <i>invierno</i>

<sup>9</sup> Em Sendinês, no contexto *-igo-*, existe perda da consoante <g->: *trio*, *umbelhio* (mirandês central ou raiano *trigo* e *umbelhigo*)

<sup>10</sup> De notar a influência que o português teve nas variedades do mirandês: [öw̃] em mirandês central e raiano e [ëw̃] em sendinês e a existência de [ëj] pelo contacto com os quatro ditongos nasais em português: [ëw̃] (coração), [ëj] (pães), [öj] (põe), [üj] (muito).

Hoje, considera-se o mirandês uma língua do grupo ocidental do asturo-leonês e as diferenças entre ambas estão relacionadas com a influência do português e do castelhano como línguas de contacto (Quarteu & Frías Conde, 2002; García Arias, 2003; Merlan, 2007).

Quando colocadas em contraste, o mirandês, o asturo-leonês e o galego mostram-se variedades bastante conservadoras quando comparadas com o português e o castelhano: a manutenção da não oposição fonológica entre as consoantes /b/~v/, a preservação do pronome tónico *bos/vós*, a preservação do mais-que-perfeito do indicativo latino (preservada em galego, mas não em castelhano), entre outros (Merlan, 2007). Por outro lado, estas variedades notam alguns traços inovadores causados, claramente, pela aproximação ao português e castelhano: (i) o ditongo /je/ e /we/ em galego, a dessonorização das sibilantes em galego e asturo-leonês, os pronomes *nosoutros* e *bosoutros* em mirandês, entre outros, são claramente influências do castelhano e (ii) a existência de vogais e ditongos nasais em mirandês, o infinitivo flexionado, os nomes dos dias da semana, etc. são influências do português.

Como apontam Quarteu & Frías Conde (2002: 93), todas as comparações que se têm feito com o mirandês apenas englobam a variedade padrão do asturo-leonês. Os autores notam a importância de comparar ambas as línguas, mas essa comparação deve englobar outros falares asturo-leoneses mais próximos do mirandês: o sanabrês e o asturo-leonês ocidental (ou o asturo-leonês sub-padrão). A par, apontam, por exemplo, os níveis fonético e morfológico, onde há uma maior convergência das três variedades mais próximas (mirandês, sanabrês e asturo-leonês ocidental) da variedade central do asturo-leonês, conforme Tabela 2.

**Tabela 2. Principais diferenças e semelhanças fonético(-fonológicas) e morfológicas entre o mirandês, o sanabrês, o asturo-leonês ocidental e o asturo-leonês central (fontes: Frías Conde, 2001; Quarteu & Frías Conde, 2002)**

Fenómeno	Mirandês	Sanabrês	Asturo-leonês Ocidental	Asturo-leonês Central
Ditongação	-uo-, -ie- <sup>11</sup>	-uo-, -ie-	-uo-, -ie-	-ue-, -ie-
	-ei-, -ou-	-ei-, -ou-	-ei-, -ou-	-ei-, -ou-
<i>l-</i> inicial	<i>lhado, lhobo</i>	<i>llado, llobo</i>	<i>l·lau, l·lobu</i>	<i>llau, llobu</i>
-d- intervocálico	<i>cansado</i>	<i>cansa(d)o</i>	<i>cansáu</i>	<i>cansáu</i>
-nn- intervocálico	<i>anho</i>	<i>año</i>	<i>anu</i>	<i>añu</i>
Artigo definido	<i>l, la, ls, las</i>	<i>el, a, os, as</i>	<i>el, la, los, las</i>	<i>el, la, los, les</i>
Género neutro	(-)	(-)	(-)	(+)

Quarteu & Frías Conde (2002) notam que o mirandês é mais conservador, assim como Merlan (2007), e o asturo-leonês ocidental mais inovador.

Hoje, é possível distinguir diferentes variedades dentro do mirandês: o mirandês raiano (as zonas da raia seca, fronteira com a província de Zamora), o mirandês central (as áreas interiores) e o sendinês (na vila de Sendim, no extremo sul do concelho). O mirandês central foi a variedade adotada como padrão para a Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa (subsecção §2.2.1; Alves *et al.*, 1999). De notar que é a variedade mais estudada e que a que tem sofrido mudanças recentes, também observadas no mirandês raiano, mas não no sendinês. No mirandês raiano parece haver menos uniformidade de aldeia para aldeia, mas tal fenómeno tem, certamente, influência das aldeias raianas asturo-leonesas. O sendinês (ou mirandês do Sul) é o que apresenta maiores diferenças das restantes variedades. Na ortografia, é a única variedade que pode alterar a grafia para *l-* em vez de *lh-* em início de palavra (*luna* por *lhuna*), fenómeno consagrado na primeira adenda<sup>12</sup> à Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa, de fevereiro de 2000. A par, o léxico e a sintaxe apresentam diferenças bastante significativas (Tabela 3).

<sup>11</sup> Note-se que, em Sendinês, -i- e -u-, *tirra* e *curpo*.

<sup>12</sup> “Aceitar que os sendineses escrevam com um simples *l-* as palavras que em mirandês se iniciam com *lh-* e em sendinês se pronunciam com *l-*”. (Ferreira & Marquilhas, 2000)

**Tabela 3. Caracterização dos níveis fonético, lexical e morfossintáticos das variedades do mirandês: variedade central, raiana e o sendinês (fonte: elaboração própria a partir dos dados de Ferreira, 2011)**

Variedade Nível	Mirandês central	Mirandês raiano	Sendinês
Fonético	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palatalização de l- inicial. Ex. <i>lhuna</i>.</li> <li>• [e] &gt; [ɛ]. Ex. <i>antander</i> (por entender)</li> <li>• Ditongos [wo] e [ie], <i>nuobre</i> e <i>castielho</i></li> <li>• -ONE &gt; [õw̃]</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palatalização de l- inicial. Ex. <i>lhuna</i>.</li> <li>• Queda de g- depois de &lt;i&gt; tônico. Ex. <i>amio</i> (apenas em Paradela e Constantim)</li> <li>• -ONE &gt; [õw̃]</li> <li>• Ditongos [wo] e [ie], <i>nuobre</i> e <i>castielho</i></li> <li>• Palatalização de &lt;c&gt; em -ico e de &lt;g&gt; em -ingo/inga. Ex. <i>cachico</i> e <i>spingarda</i>, em Paradela</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• -ONE &gt; [ẽw̃] <i>coração</i></li> <li>• Queda de g- depois de &lt;i&gt; tônico. Ex. <i>amio</i></li> <li>• Inexistência de ditongos &lt;ie&gt; e &lt;uo&gt;. Ex. <i>castilho</i> e <i>nube</i></li> <li>• Palatalização de &lt;c&gt; em -ico e de &lt;g&gt; em -ingo/inga. Ex. <i>cachico</i> e <i>spingarda</i></li> </ul>
Lexical		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Forte influência do castelhano, nas localidades fronteiriças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem vocabulário próprio</li> </ul>
Morfossintático	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conjugação verbal semelhante à do português</li> <li>• Tendência generalizada para usar as formas <i>al, als</i> em vez de <i>l</i> e <i>ls</i></li> <li>• Formas de tratamento na 2ª pessoa do plural. Ex. <i>bós</i></li> <li>• Uso da conjunção <i>mais</i></li> <li>• A segunda pessoa do plural do presente do indicativo é <i>sós</i>. O imperfeito do indicativo apresenta as formas <i>era, eras, era, éramos, érades e éran</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso da forma do feminino plural &lt;-es&gt; em vez de &lt;-as&gt;</li> <li>• Algumas formas fortes do pronome possessivo. Ex. <i>esso/aquesso, esto/aquesto</i></li> <li>• Artigos definidos <i>lo/al, la, los, las</i></li> <li>• Formas de tratamento na 2ª pessoa do plural. Ex. <i>bós</i></li> <li>• Uso da conjunção <i>más</i></li> <li>• Nalgumas localidades, como por exemplo Genísio, a forma <i>yes</i> para a segunda pessoa do presente do indicativo do verbo <i>ser</i> e as formas <i>yera, yeras, yera, yeramos, yerades yeran</i> para o imperfeito de indicativo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso de formas fortes dos pronomes. Ex. <i>esto/aquesto, esso/aquesso, aqueleho; algue, nanhue</i></li> <li>• Formas de tratamento na 3ª pessoa do singular. Ex. <i>el</i></li> <li>• Uso da conjunção <i>mais</i></li> <li>• A segunda pessoa do presente do indicativo é <i>sós</i>. O imperfeito do indicativo apresenta as formas <i>era, eras, era, éramos, érades e éran</i>.</li> </ul>

A listagem acima pode não definir, inequivocamente, as variedades do mirandês, como Ferreira (2011) descreve, uma vez que existem bastantes influências entre as variedades internas do mirandês. Serão necessários vários estudos sistemáticos que consigam dar conta de todos os fenómenos das variedades do mirandês. Assistimos, obviamente, à forte influência das línguas maioritárias no mirandês, o que pode levar a uma maior ou menor mudança em curso, pelo que os processos acima descritos possam já não ser tão caracterizadores das variedades em questão.

O mirandês esteve sempre dominado, histórica e geograficamente, pelo castelhano e pelo português como línguas maioritárias (especialmente o português, uma vez que faz parte do seu território) e da influência de outras variedades asturo-leonesas e galegas pela sua proximidade geográfica.

## 2.2 O MIRANDÊS ATUAL

### 2.2.1 O mirandês como língua minoritária em território português

O termo língua minoritária é, por definição, uma língua falada por um grupo de pessoas inferior a metade da população (Grenoble & Singerman, 2014). O termo apresenta algumas problemáticas, uma vez que o critério principal é o do tamanho da população de falantes: uma língua pode ser maioritária num país e minoritária noutra. A par, o estatuto de minoritário pode não ser o mesmo de país para país<sup>13</sup>.

A Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias<sup>14</sup> (CELRM) define “línguas regionais ou minoritárias” aquelas que

- i. Sejam utilizadas tradicionalmente num determinado território de um Estado por nacionais desse Estado que constituam um grupo numericamente inferior à restante população do mesmo Estado; e
- ii. Sejam diferentes da(s) língua(s) oficial(is) desse Estado;

Na União Europeia, existem cerca de sessenta línguas regionais ou minoritárias faladas por 40 milhões de habitantes, como é o caso do catalão, do frísio, do lapão, do galês e do ídiche. Curiosamente, Portugal só assina a Carta Europeia de Línguas Regionais e Minoritárias<sup>15</sup> do Conselho da Europa em 2021.

<sup>13</sup> Veja-se, por exemplo, o espanhol é uma língua maioritária, mas nos EUA é uma língua minoritária, no geral. Ao mesmo tempo, pode ser minoritária em estados do norte dos EUA, mas é maioritária nos estados como o Texas ou o Novo México, com grandes populações latinas.

<sup>14</sup> “The European Charter for Regional or Minority Languages is the European convention for the protection and promotion of languages used by traditional minorities. Together with the Framework Convention for the Protection of National Minorities it constitutes the Council of Europe’s commitment to the protection of national minorities.” <https://www.coe.int/en/web/european-charter-regional-or-minority-languages/home>

<sup>15</sup> Cf. <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/148/signatures>

O enfraquecimento e o desaparecimento de línguas minoritárias é uma urgência social (Hale *et al.*, 1992). O abandono das línguas minoritárias a favor das línguas majoritárias tem acontecido de forma veloz por diversos fatores: geográficos, sociais, económicos, políticos, como já referimos acima. As línguas têm, entre outras, funções sociais, como por exemplo a função identitária (Edwards, 2010; Bautista, 2017). As comunidades de línguas minoritárias têm, muitas vezes, optado por uma realidade bilingue, convivendo com as duas realidades linguísticas de forma a evitar o desaparecimento da língua minoritária.

A questão do direito das comunidades a manterem a sua língua minoritária tem trazido algumas opiniões a favor e contra a política linguística. Autores como May (2003, 2005) e Canagarajah (2005) criticam a abordagem pela defesa das línguas minoritárias: (i) a inevitabilidade histórica (May 2005), uma vez que a língua muda e moderniza-se; (ii) a língua não significa necessariamente identidade: “o problema do essencialismo” (May, 2003); (iii) a questão da mobilidade e uso, limitando ativamente a mobilidade dos falantes de línguas minoritárias (May 2005); (iv) Canagarajah (2005) apresenta questões sociopolíticas para a dicotomia Tamil-Inglês no Sri Lanka (por um lado pela existência da promoção da língua nacional, e por outro, o uso do inglês pelo próprio governo) e conclui que o uso de ambas as línguas pode beneficiar a população em diferentes situações. Esta última visão, apesar de não ser totalmente favorável, vai ao encontro dos argumentos apresentados a seguir.

Por outro lado, Skutnabb-Kangas & Phillips (1994), Skutnabb-Kangas (1998, 2002) e Phillipson (2003) apresentam visões mais “ecologistas” respeitante às línguas minoritárias. Skutnabb-Kangas (1998, 2002) e Phillipson (2003) criticam a visão mais “consumista” da língua: a homogeneização, padronização e centralização como factores de mercado único e eficiente. Skutnabb-Kangas (1998) argumenta que a homogeneização da língua promove a erradicação de grupos que possam exigir a autodeterminação. Phillipson (2003) acrescenta, ironizando, que o monolinguísmo é “curável” e aponta o comércio global (empresas e universidades) de instituir o inglês como língua de negócios, ensino e ciência em detrimento de todos os esforços para a promoção da cultura linguística. Skutnabb-Kangas (2002) mostra que a defesa da educação formal e a globalização para os estudantes das minorias não é eficaz, uma vez que pode levar à redução da diversidade linguística e cultural. A par, Skutnabb-Kangas & May (2017: 4) acrescentam que se uma “(dominant) language is used in schools, i.e., if children do not have the right to learn and use their mother tongue or first language in schools (and, of course, later in their working life and many other domains), the language is likely not going to survive. The result of such language loss also sees a diminution in the cultural

knowledge associated with particular languages. In other words, if [minoritized groups] languages disappear, most of the knowledge associated with them is also lost over time”.

Verdelho (1993) nota a fragilidade do mirandês apesar de ser “uma língua viva perfeita e de muitos modos única no mundo”. A importância do mirandês é de elevada grandeza, pois a língua é o instrumento privilegiado de intercomunicação da comunidade, o reflexo da sua cultura e identidade e o mais genuíno testemunho de memória e o meio para o encontro coletivo (Verdelho, 1993; Santana, 2007). Nas palavras de Verdelho (1993: 8), o “mirandês é, como todas as línguas naturais, um legado cultural de incomensurável valor”. O autor reflete sobre o caráter obsessivo da linguística pelos estudos das grandes línguas em detrimento da marginalização e desvalorização de línguas como o mirandês. É certo que o mirandês foi levado a “fechar-se” por fatores geográficos, históricos e culturais, mas “as línguas são uma preenchida e remota memória da humanidade” (Verdelho, 1993: 8).

Martins (1994, 1997) mostra que o isolamento das comunidades terá contribuído para a vitalidade do mirandês e Verdelho (1993) sublinha que a comunidade sobrevive de pequenos aglomerados populacionais, direcionados para a economia agro-pastoril. A autora explica que estas características alicerçaram as relações sociais e a comunidade voltou-se para dentro dos respetivos “in-groups”. A autora nota, já, a existência de um bilinguismo social em *Tierra de Miranda*, uma vez que os mirandeses teriam necessidade de recorrer à língua portuguesa em situações formais. A par do isolamento, outra importante explicação para a vitalidade do mirandês prende-se com a existência de funções simbólicas, sociais e comunicativas. A autora explora a questão e propõe que o mirandês conviveu com o português numa situação de diglossia (Ferguson, 1959).

Partindo de dados recolhidos em Paradela e em Miranda do Douro, Martins (1994, 1997) traça o perfil dos informantes que promovem o uso do português em vez do mirandês: jovens que frequentam o ensino secundário (76,8%). Os dados mostram, ainda, que 44% dos alunos têm vergonha/receio de serem ridicularizados/conotação social de falta de cultura quando falam mirandês, mas quase 60% destes mostram-se favoráveis ao ensino da língua. Esta natureza contraditória pode ser explicada, por um lado, pela ascensão social, mas, por outro lado, reconhecem que o uso do mirandês marca relações de solidariedade e veicula determinados valores discursivos. Recuperando May (2005), podemos notar que a preferência do português por parte dos jovens ao mirandês se deve, claramente, e como aponta Martins (1994), às limitações que o mirandês tem, pela inexistência de uma política linguística que abarque o mirandês no ensino. Quarteu & Frías Conde (2002) notam essa questão, uma vez que a oferta do mirandês se reduz aos

ensinos obrigatórios e que as universidades portuguesas têm dada pouca importância à língua na criação de cursos de língua, assim como o património escrito. Ferreira & Martins (2016) assinalam que a “tradução de literatura canónica da cultura ou religião dominantes para a língua minoritária é de importância fulcral para a afirmação destas línguas, assim como para o acesso aos mais diversos meios de comunicação”. Os autores notam a importância de introduzir uma forte política linguística para a revitalização da língua e com vista à consolidação da sua literatura.

Mais recentemente, Costas (2022) coordenou um estudo sociolinguístico levado a cabo pela Brigada de la Lhéngua, juntamente com a Associação de Lhéngua i Cultura Mirandesa, que entrevistou 315 pessoas em *Tierra de Miranda*, perfazendo um total de 25000 respostas. Os dados foram agrupados em três zonas sociolinguísticas: Miranda Norte (freguesias de Angueira, San Martinho de Angueira, Cucuiro-Constantin, Anfaiç-Paradela, Zenízio, Pruoba e Malhadas), Miranda (concelho de Miranda do Douro) e Miranda Sul (Caçarelhos-Bilasseco, Silba-Águas Bibas, Dues Eigreijas, Palaçoulo, Bila Chana, Atanor-Sendim e Picuote).

As conclusões desse estudo revelam que a língua mirandesa está em perigo de desaparecer uma vez que em idades entre os 18 e 40 anos, o uso do mirandês diminui para quase 50%. O autor chama a atenção para este feito devido à chamada “portugalização” que aconteceu anos entre 1960 e 1980. Segundo o autor, pouco se tem feito a favor da língua mirandesa, apesar de ter introduzido o mirandês como língua opcional na escola (Costas, 2022: 97).

Considerando a versão publicada em 2010 do *Atlas of the World's Languages in Danger* o asturo-leonês está “increasingly endangered” (página 38). Considerando a versão eletrônica do *Atlas of the World's Languages in Danger*<sup>16</sup>, o mirandês está classificado como *Endangered/unsafe*, ou seja, em perigo. A UNESCO classifica-a, assim, tendo em conta o número de falantes, por ser uma língua regional e apenas usada a nível local no nordeste de Portugal.

A UNESCO (2003) preparou um documento que explora a questão das línguas em extinção e chama a atenção para o que considera ser crucial na manutenção das línguas ameaçadas: (i) o papel das comunidades de fala, o envolvimento dos especialistas com as comunidades de fala, que tipo de assistência deve o Estado providenciar, a diversidade linguística e a ecodiversidade e, por fim, a documentação. Recorrendo ao ponto (i), é necessário ouvir as comunidades e perceber a perspetiva futura da comunidade, que

---

<sup>16</sup> *Mirandese in Portugal*: <https://en.wal.unesco.org/countries/portugal/languages/mirandese> (consultado dia 4 de julho de 2024)

muitas vezes é pressionada, por fatores socioeconómicos, pela língua maioritária, passando a olhar para a sua própria língua como obsoleta. É necessário capacitar as comunidades de fala com atividades de estabilização e revitalização da língua em creches, escolas e no mundo laboral. Em (ii), é necessária a envolvência dos linguistas para documentar, recolher, anotar e analisar os dados dessa mesma língua e, posteriormente, fazer parte da construção de um programa educativo que fomente o ensino da língua em ameaçada. Os resultados devem, objetivamente, beneficiar a comunidade e esta deve ser envolvida na determinação de como serão divulgados esses resultados. Em (iii), é necessário que os linguistas, educadores ou ativistas considerem os cinco principais pontos quando recorrem a uma comunidade de fala (UNESCO 2003: 5-6): (1) formação linguística e pedagógica, proporcionando aos professores uma formação no ensino de línguas e desenvolvimento dos currículos e programas pedagógicos; (2) desenvolvimento de competências em literacia e desenvolvimento de documentação, promovendo a criação de centros de investigação para o estudo, documentação e corpora de línguas ameaçadas; (3) apoiar e desenvolver a política linguística nacional promovendo a diversidade linguística; (4) apoiar e desenvolver a política educativa, uma vez o modelo educativo mais comum para o ensino de crianças de minorias etnolinguísticas e culturais nas escolas continua a utilizar as línguas dominantes a nível local ou nacional como meios de ensino. O ensino exclusivamente nessas línguas favorece a sua difusão, em detrimento das línguas ameaçadas. Desta forma, é necessário incluir as línguas regionais na educação formal (Skutnabb-Kangas, 2003), pois vários estudos mostram que a aquisição de capacidades bilingues não tem de diminuir de forma alguma a competência na língua oficial; e por fim (5) melhorar as condições de vida e o respeito pelos direitos humanos das comunidades de falantes, embora os linguistas não estejam, diretamente, implicados no desenvolvimento económico e social, podem ajudar os governos a identificar as populações negligenciadas, servindo de mediadores vitais, apoiando as comunidades na formulação de reivindicações sobre os seus direitos linguísticos e outros direitos humanos.

Se considerarmos o ponto (4), devemos reconhecer a conexão íntima entre língua e cultura. A investigação deve explorar o vínculo entre a biodiversidade e a diversidade cultural/linguística, assim como as causas para a perda dessa diversidade. Por último, a UNESCO (2003: 6) chama a atenção para o facto de que, mesmo que a língua não possa ser mantida ou preservada, deve ser documentada (ponto 2, acima), porque cada língua incorpora um conhecimento cultural e ecológico únicos. Esta documentação enriquece a propriedade intelectual, serve-nos de uma perspetiva cultural sobre a atualidade e ajuda na reativação do conhecimento linguístico e cultural.

A UNESCO (2003: 7) chama a atenção para o facto de que nenhum fator isolado pode ser utilizado para avaliar a vitalidade de uma língua ou para a documentar. Desta forma, identificam seis fatores para avaliar a vitalidade de uma língua, assim como o seu estado de extinção, dois fatores para avaliar as atitudes linguísticas e um fator para avaliar a urgência da documentação: (1) Transmissão de linguagem entre gerações, (2) Número de falantes, (3) Número de falantes pelo total da população, (4) Ocasões em que a língua é usada, (5) Novos domínios e média, (6) Materiais para o ensino e alfabetização, (7) Atitudes e políticas linguísticas governamentais e institucionais, incluindo o estatuto e uso oficiais, (8) Atitude da comunidade em relação à sua própria língua e (9) Quantidade e qualidade da documentação. Cada um dos fatores é classificado de 0 a 5. Propomos, abaixo, a avaliação dos nove fatores. O fator 1 (**Transmissão de linguagem entre gerações**) avalia a vitalidade de uma língua, ou seja, o facto de esta ser ou não transmitida para a geração seguinte. Chama-se a atenção para o facto de que mesmo uma classificação como “seguro” possa não garantir a vitalidade da língua, como nos casos de *language attrition*, ou erosão linguística (veja-se, por exemplo, Flores 2010: 542).

Tabela 4. Avaliação do fator 1 *Transmissão de linguagem entre gerações*

Grau de perigo	Nível	Falantes
Seguro	5	A língua é utilizada em todas as faixas etárias.
Não seguro	4	A língua é utilizada por algumas crianças em todos os domínios ou é utilizada por todas as crianças em domínios limitados.
Definitivamente ameaçado	3	A língua é utilizada sobretudo pela geração seguinte (pais), ou seja, não há transmissão para a geração anterior.
Gravemente ameaçado	2	A língua é utilizada maioritariamente pelas gerações mais velhas (avós).
Em perigo crítico	1	A língua é utilizada por muito poucos falantes, na sua maioria da geração dos bisavós.
Extinto	0	Não existem falantes

Segundo os dados mais atualizados, e suportando-nos no último estudo sociolinguístico levado a cabo por Costas (2022: 35), podemos considerar que o mirandês se encontra, tendo em conta a **Transmissão de linguagem entre gerações**, no nível 2, ou seja, gravemente ameaçado.

Considerando o fator 2, **Número de falantes**, não se pode estabelecer uma regra rígida e rápida para interpretar números absolutos, uma vez que qualquer comunidade pequena está sempre em risco. Se observarmos o caso do mirandês, concluímos que a comunidade em *Tierra de Mirada* está fortemente vulnerável, considerando o número de falantes (discutiremos o assunto mais largamente na secção §2.2): cerca de 3500 falantes ativos (Costas, 2022: 97).

Relativamente ao fator 3, **Número de falantes pelo total da população**, é importante avaliar o número de falantes em relação à população total, uma vez que pode ser um grupo indicador significativo da vitalidade dessa língua. São propostos cinco níveis:

**Tabela 5. Avaliação do fator 3 Número de falantes pelo total da população**

Grau de perigo	Nível	Falantes
Seguro	5	A língua é falada por toda a população.
Não seguro	4	A língua é falada por quase toda a população.
Definitivamente ameaçado	3	A língua é falada pela maioria da população.
Gravemente ameaçado	2	A língua é falada por uma minoria da população.
Em perigo crítico	1	A língua é falada por poucos falantes.
Extinto	0	A língua não é falada por nenhum dos falantes.

No caso do mirandês, e segundo Costas (2022: 97), apenas 3500 pessoas são falantes ativos do mirandês, ou seja, 54%<sup>17</sup> da população do concelho fala mirandês no seu dia-a-dia. Desta forma, podemos classificar o mirandês no nível 3, ou seja, definitivamente ameaçado, uma vez que a língua é apenas falada por metade da população. Importa aqui salientar que os dados da população incluem todo o concelho de Miranda do Douro e não foi possível calcular o número de falantes por aldeias/freguesias. Seria importante calcular esse número, uma vez que nos parece plausível afirmar que, excluindo a cidade de Miranda do Douro, a língua é falada por quase toda a população, se não por toda.

Analisando o fator 4, **Ocasões em que a língua é usada**, é importante avaliar onde, com quem e quais as temáticas para as quais a língua é utilizada, uma vez que afetam diretamente a sua transmissão ou não à geração seguinte.

<sup>17</sup> Os dados dos Censos de 2021 mostram que a população de Miranda do Douro é de 6463 (consultado dia 4 de julho de 2024; fonte Instituto Nacional de Estatística).

Tabela 6. Avaliação do fator 4 *Ocasões em que a língua é usada*

Grau de perigo	Nível	Falantes
Uso universal	5	A língua é utilizada em todos os domínios e para todas as funções.
Paridade multilingue	4	Duas ou mais línguas podem ser utilizadas na maioria dos domínios sociais e para a maioria das funções.
Domínio em declínio	3	A língua [minoritária] é utilizada nos domínios domésticos e para muitas funções, mas a língua dominante começa a penetrar mesmo nos domínios domésticos.
Domínios limitados ou formais	2	A língua é utilizada em domínios sociais e funções limitadas.
Domínios bastante limitados	1	A língua é utilizada num número muito restrito de domínios sociais e funções.
Extinto	0	A língua não é utilizada em nenhum domínio para nenhuma função.

Dentro do fator 4, parece-nos a existência de três níveis, considerando as gerações existentes: (i) do ponto de vista da geração Z e Alfa o uso é inexistente ou bastante limitado, ou seja, parece-nos que o uso se situa entre os níveis 0 e 1; (ii) do ponto de vista da geração X e Y o uso parece estar em declínio, uma vez que o mirandês é utilizado nos domínios domésticos e para muitas funções, mas o português começa a penetrar mesmo nos domínios domésticos (uso do português entre pais e filhos); (iii) a geração nascida antes de 1965, e sobretudo nas aldeias/freguesias fora do domínio do concelho de Miranda do Douro, o uso é universal, ou seja, parece-nos estar no nível 5, uma vez que o mirandês é a língua utilizada no dia-a-dia<sup>18</sup>. A par, Ceolín (2002: 73-74) refere um estudo sobre os usos do mirandês levado a cabo em abril de 2001 por Maria do Céu Carvalho de Sousa, professora na Escola Secundária de Miranda do Douro, abrangendo 2% da população das freguesias do Concelho da Miranda do Douro. O estudo concluiu que, no que diz respeito ao uso efetivo do mirandês:

- 87,6% dos inquiridos afirmou compreender a língua mirandesa, mas essa percentagem atinge os 100% na maioria das freguesias rurais;
- 64,6% dos inquiridos respondeu que sabe falar mirandês, embora essa percentagem seja muito mais elevada nas aldeias rurais;
- os inquiridos que falam mirandês fazem-no no dia a dia ou quando isso lhes é solicitado (63%, no conjunto). Mas enquanto as freguesias mais urbanas utilizam a língua sobretudo quando é

<sup>18</sup> No capítulo 4, Metodologia, abordaremos esta questão quando nos referirmos aos informantes que participaram na presente investigação.

*solicitado, já as freguesias mais rurais usam o mirandês no dia a dia;*

O fator 5, **Novos domínios e média**, é um fator importante para o mirandês, pois a comunidade de *Tierra de Miranda* tem feito todos os esforços para incluir o ensino do mirandês nas escolas e novos ambientes de trabalho e para consolidar o mirandês nos novos meios de comunicação. Embora o mirandês esteja presente na internet, *podcast*, jornais regionais, entre outros, os meios de comunicação nacionais estão apenas reservados para a língua portuguesa. Este uso exclusivo do português nos meios de comunicação nacionais torna o mirandês uma língua irrelevante, estigmatizando-a.

Cinco níveis são classificados da seguinte forma:

Tabela 7. Avaliação do fator 5 *Novos domínios e média*

Grau de perigo	Nível	Falantes
Dinâmico	5	A língua é utilizada em todos os novos domínios.
Ativa	4	A língua é utilizada na maioria dos novos domínios.
Recetiva	3	A língua é utilizada em bastantes novos domínios.
Em dificuldade	2	A língua é utilizada em alguns domínios novos.
Mínima	1	A língua é utilizada em poucos domínios novos.
Inativa	0	A língua não é utilizada em nenhum dos novos domínios.

Como descrito acima, a utilização do mirandês nos novos domínios varia, uma vez que o mirandês parece estar a desenvolver-se nos novos meios de comunicação, como a internet<sup>19</sup>, na administração local<sup>20</sup>, mas nos meios de comunicação mais tradicionais, e a nível nacional, a língua está inativa.

Relativamente ao fator 6, **Materiais para o ensino e alfabetização**, a língua mirandesa foi uma língua de tradição oral. Considerando os cinco níveis para avaliação dos materiais de ensino e alfabetização, o mirandês dispõe de uma ortografia definida na Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa, que tem como objetivo “estabelecer critérios unitários, sistemáticos, claros e económicos para escrever e ler em mirandês” (Alves *et al.*, 1999: 7). Se observarmos a tradição de literacia com gramáticas, dicionários, e obras literárias, o mirandês foi uma língua de tradição oral até muito recentemente.

<sup>19</sup> A título de exemplo: página Wikipédia em mirandês *La anciclopédia lhibre que todos puoden eiditar* [https://mw1.wikipedia.org/wiki/Biquip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://mw1.wikipedia.org/wiki/Biquip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)

<sup>20</sup> O espaço web da Câmara Municipal de Miranda do Douro está desenvolvido, também, em língua mirandesa.

Do fator 7, **Atitudes e políticas linguísticas governamentais e institucionais**, podemos referir que o mirandês é uma língua protegida pelo estado português, uma vez que a língua mirandesa foi reconhecida em 1999, pela Lei 7/99, que assegura os direitos linguísticos da comunidade mirandesa. Apesar disso, acreditamos existir um suporte diferenciado quando comparada com o português, ou seja, o mirandês está explicitamente protegido pelo estado, mas existem diferenças claras nos contextos em que ambas são utilizadas.

O fator 8, **Atitude da comunidade em relação à sua própria língua**, descreve a relação que os membros da comunidade têm com a sua própria língua, considerando-a essencial para a comunidade e identitária. Como vimos acima (subsecção §2.1.1), o mirandês atravessou séculos “sobrevivendo ao permanente ataque que usa como arma o descrédito, a vergonha, a humilhação” (Rodrigues & Ferreira, 2011: 545). Apesar disso, e como referido no estudo levado a cabo por Maria do Céu Carvalho de Sousa, “a generalidade dos inquiridos (76.3 %) acha importante as crianças aprenderem mirandês; 75.3% dos inquiridos tem uma referência positiva da língua e 24.7% uma referência negativa. A referência positiva à língua varia com a idade (0-14 anos - 48%; 15-44 anos - 77%; 45-64 anos - 82%; 65 e mais anos - 84%) e com o grau de instrução (não sabe ler - 87.5%; básico - 66.3%; secundário - 75%; superior - 100%; outro - 75.3%); Apenas a partir do ano 1999, a língua mirandesa passou a ser usada com regularidade por alguns (ainda poucos) deputados à assembleia municipal de Miranda do Douro, nas intervenções realizadas nesse órgão autárquico”. Desta forma, podemos concluir que a maioria dos membros da comunidade valoriza a sua língua e deseja vê-la promovida (nível 5 da escala).

Finalmente, o fator 9, **Quantidade e qualidade da documentação**, avalia a necessidade de documentar uma língua, ou seja, identificar o tipo e a qualidade dos materiais linguísticos existentes. Consideramos, assim, que ainda não existe uma extensa lista de materiais linguísticos de qualidade (como estudos linguísticos e dicionários) e que estão apenas disponíveis alguns corpora de fala sobre a língua mirandesa<sup>21</sup>. Logo, podemos concluir que estamos perante o nível 2.

Posto isto, propomos, abaixo, a notação dos nove fatores que avaliam a vitalidade do mirandês e a necessidade de uma constante documentação da língua.

<sup>21</sup> Vejam-se, por exemplo, o projeto MADISON - Mapa Dialectal Sonoro, o único que inclui amostragens de recolhas efetuadas no âmbito dos projetos *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* e *Atlas Linguistique Roman*.

Tabela 8. Avaliação do fator 9 Quantidade e qualidade da documentação

Fatores	Língua: mirandês
1. Transmissão de linguagem entre gerações	2
2. Número de falantes	3500 (em risco)
3. Número de falantes pelo total da população	3
4. Ocasões em que a língua é usada	1
5. Novos domínios e média	1
6. Materiais para o ensino e alfabetização	2
7. Atitudes e políticas linguísticas governamentais e institucionais	4
8. Atitude da comunidade em relação à sua própria língua	5
9. Quantidade e qualidade da documentação	2

Parece-nos, desta forma, que o mirandês se encontra, efetivamente, em perigo, não obstante os fatores **Atitudes e políticas linguísticas governamentais e institucionais** e **Atitude da comunidade em relação à sua própria língua** terem obtido o nível maior da escala, logo, uma visão mais otimista. Os aspetos que nos parecem mais preocupantes são a **Transmissão de linguagem entre gerações**, o **Número de falantes pelo total da população**, as **Ocasões em que a língua é usada**, os **Novos domínios e média**, os **Materiais para o ensino e alfabetização** e a **Quantidade e qualidade da documentação**. Não incluímos o **Número de falantes** porque a ameaça da perda de habitantes é do nível nacional, uma vez que todo o território do interior de Portugal está a perder habitantes.

Acreditamos que as instituições governamentais a nível local, regional e nacional devem empenhar-se em desenvolver os fatores 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 9. Acreditamos que desenvolvendo os fatores 4, 5 e 7 vai implicar, obrigatoriamente, o desenvolvimento dos fatores 1 e 3, ou seja, desenvolvendo uma política em que o mirandês passe a fazer parte do dia-a-dia da população portuguesa. Se a população for estimulada a ouvir e a ler mirandês com mais frequência, a Transmissão de linguagem entre gerações e o Número de falantes pelo total da população vai, simultaneamente, crescer.

### 2.2.2 A situação atual do mirandês

Atualmente, é falado, em parte, na atual *Tierra de Miranda*. São vários os autores que notam as localidades mirandófonas e existe alguma discrepância entre os locais apontados. Alves (1997: 40-41) nota que fazem parte do espaço linguístico do mirandês o concelho de Miranda do Douro (com exceção da sede concelho, Miranda do Douro, e as aldeias de Atenor e Teixeira) e algumas aldeias do concelho de Vimioso (Angueira,

Vilar Seco e Caçarelhos): Aldinuoba, Augas Bibas, Angueira, Bila Chana, Bilar Seco, Caçareilhos, Cérceno, Cicuiro, Constantin, Dues Eigreijas, Fônte Aldê, Fônte Lhadron, Freixenosa, Granja, Infanç, Malhadas, Palaçôlo, Palancar, Paradela, Peinha Branca, Picôte, Prado Gatón, Prôba, San Martino, San Pedro de la Silba, Sendim, Speciosa, Sra. de la Luç, Zenísio. Ferreira (2001: 118) precisa que a “norte, a “raia seca” está representada pelas aldeias-limite de San Martino de Angueira, Cicuiro, Coustonin e Paradela; a nascente, situa-se a fronteira natural entre Portugal e Espanha constituída pelo rio Douro, ao longo do qual se elevam Aldinuoba, Bal d’Aila, a própria cidade de Miranda, Freixenosa e Picuote. A oeste deste arco, encontram-se Angueira (no concelho de Vimioso), Speciosa, Pruoba e Infainç; Zenízio, Malhadas e Peinha Branca; Bilasseco (novamente no concelho de Vimioso); San Pedro de la Silba, Palancar, Bal de Mira; Fuonte Lhadron, Palaçuolo, Augas Bibas, Dues Eigreijas, Cérceno; Prado Gatón, Fuonte Aldé, Bila Chana de Barçiosa; e finalmente, a sul, Sendin. Pela primeira vez, a cidade de Miranda do Douro é listada como uma localidade mirandófona, uma vez que se observam migrações das aldeias para a cidade e, como consequência, o mirandês deixou de ser aí evitado. Merlan (2009: 56), por seu turno, aponta as seguintes localidades: Aldinuoba, Augas Bibas, Angueira, Bila Chana de Barçiosa, Bilasseco, Cércio, Cicuiro, Constantin, Dues Eigreijas, Fuonte Aldê, Fônte Lhadron, Freixenosa, Granja, Infanç, Malhadas, Palaçuolo, Palancar, Paradela, Peinha Branca, Picuóte, Prado Gatón, Pruóba, San Martino, San Pedro de la Silba, Sendim, Speciosa, Zenísio. A aldeia de Barrocal de 1 Douro foi recentemente incluída por Ferreira (2003). A Tabela 9 resume as diferenças encontradas nos três autores e a Figura 12 indica a localização geográfica do espaço mirandófono.

Tabela 9. Relação das localidades mirandófonas segundo Alves (1997), Ferreira (2001) e Merlan (2009)

Alves (1997)	Ferreira (2001)	Merlan (2009)
Aldinuoba	Norte:	Aldinuoba
Augas Bibas	San Martino de Angueira	Augas Bibas
Angueira	Cicuiro	Angueira
Bila Chana	Custantin	Bila Chana de Barceosa
Bilar Seco	Paradela	Bilasseco
Caçareilhos		Cércio
Cérceno	Nascente:	Cicuiro
Cicuiro	Aldinuoba	Constantin
Constantin	Bal d'Aila	Dues Eigreijas
Dues Eigreijas	Miranda de l Douro	Fuónte Aldê
Fônte Aldê	Freixenosa	Fônte Lhadron
Fônte Lhadron	Picuote	Freixenosa
Freixenosa		Granja
Granja, Infanç	Oeste:	Infanç
Malhadas	Angueira	Malhadas
Palaçôlo	Speciosa	Palaçuólo
Palancar	Pruoba	Palancar
Paradela	Infainç	Paradela
Peinha Branca	Zenizio	Peinha Branca
Picôte	Malhadas	Picuóte
Prado Gatón	Peinha Branca	Prado Gatón
Prôba	Bilasseco	Pruóba
San Martino	San Pedro de la Silba	San Martino
San Pedro de la Silba	Palancar	San Pedro de la Silba
Sendim	Bal de Mir	Sendim
Speciosa	Fuonte Lhadron	Speciosa
Sra. de la Luç	Palaçuolo	Zenísio
Zenísio	Augas Bibas	
	Dues Eigreijas	
	Cérceno	
	Prado Gatón	
	Fuonte Aldé	
	Bila Chana de Barceosa	
	Sul:	
	Sendin	

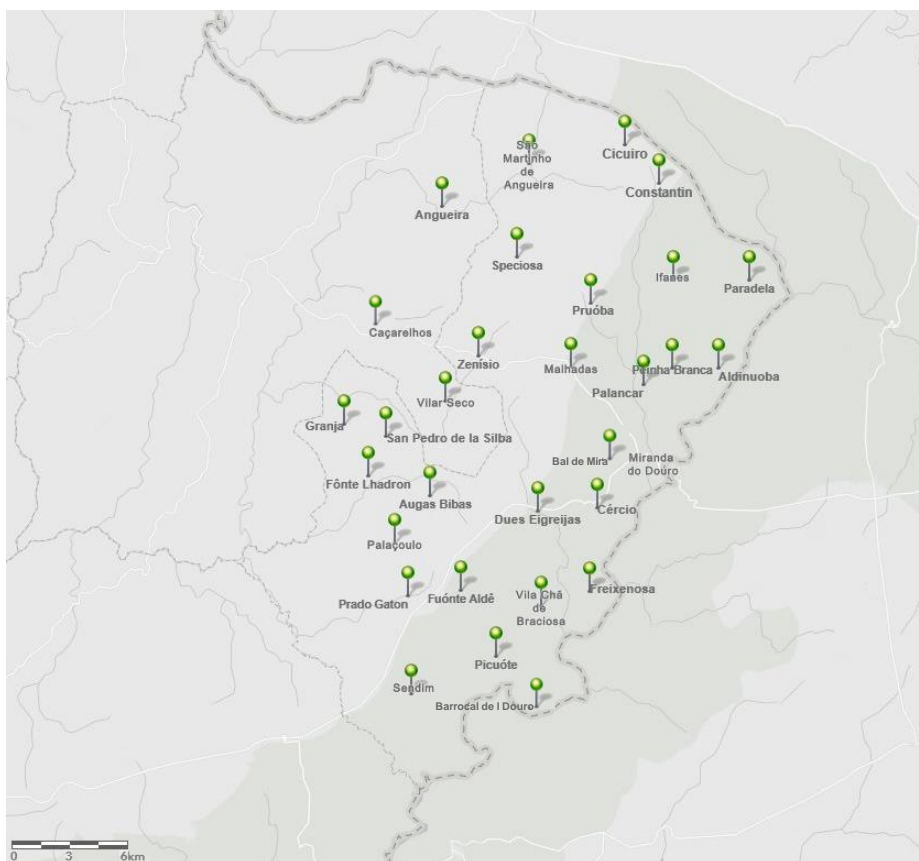


Figura 12. Localização geográfica atual do mirandês (fonte: autor)

Merlan (2009: 72) chama a atenção para o facto de não se conhecer exatamente o número de falantes de mirandês, uma vez que a língua foi considerada, ao longo dos tempos, como um dialeto, sendo vítima de um mito da existência de uma unidade linguística no território português (Ferreira, 1995; Alves, 1997: 49). Reunimos alguns dados e apresentamos o gráfico abaixo (Gráfico 1), que espelha o número de habitantes, assim como a estimativa do número de falantes de mirandês.

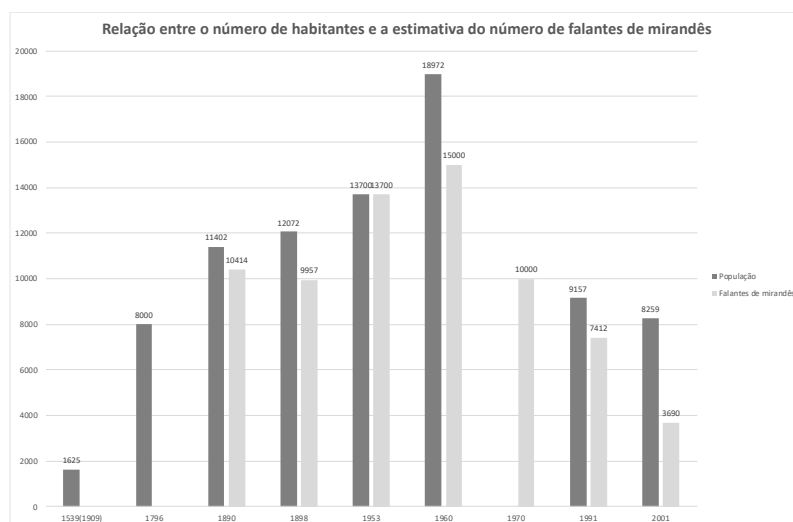


Gráfico 1. Evolução da população residente em Miranda do Douro de 1539 a 2001 (fontes descritas abaixo)

Os dados que encontrámos no Gráfico 1 resultam das seguintes pesquisas:

i. Archivo Histórico Portuguez (1909: 264): *A villa de Mirãnda do Douro he del Rey Noso Senhor com todajurdiçam; he alcayde mor da dita villa Luis Alvarez de Tavora; a elle e pagam direitos e remdas; e he a dita villa bem cerçada e acastelada, e a cerça da villa e asy a do castello he muito forte e grande; e vyvem na dita villa e arrabaldes 287 moradores*

*E nas aldeas do termo vyvẽ os seguintes: It. Paradela, 47. Yfanez, 90. Costantim, 69. Cicouro, 28. Sam Martinho, 71. Avelanoso, 34. Angeyra, 36. Caçarelhos, 30. Gynizio, 45. Espiciosa, 15. Povia, 52. Malhadas, 64. Villar Sequo, 66. Agoas Vyvas, 38. Palacoello, 58. Prado Gatam, 27. Fomte dAldea, 26. Semdim, 115. Picote, 62. Villa Chãa, 82. Freyxiosa, 26. Duas Igrejas, 156. Cercio, 54. Tutiras, 7. Val de Mira, 8.*

*Soma por todos os moradores da dita Villa e aldeas do termo, com mais 32 moradores que vyvẽ ã casas e quimtas apartados dos outros, sam 1625. E desta soma Sam vyuvas, 222; e da dita soma sam clerygos, 25; e da dita soma sam molheres solteiras, que vyvem sobre sy, 16.*

ii. Merlan (2009: 73) cita José Manuel Amado Mendes, num trabalho de 1981, onde, a partir de um manuscrito do século XVIII, nota a existência de 8000 pessoas em Terra de Miranda. Cem anos depois, a partir do Censo da população do reino de Portugal, Merlan (2009) cita 11402 habitantes, sendo que 988 estão em Miranda do Douro, falantes, já, de português.

iii. Segundo Vasconcellos (1901: 61), “*os habitantes do concelho de Miranda, naturaes de lá, com exclusão dos 385 habitantes de Atenor e Teixeira, e de uns 800 habitantes que podem attribuir-se á cidade, são 8:635; os das três freguesias de Vimioso são 1:322: isto perfaz o total de 9:957 individuos que fallam habitualmente mirandês*”.

iv. Segundo Carvalho (2015[1958]: 7), no espaço de cinquenta anos (1953), o número de falantes no concelho de Miranda do Douro (que exclui a própria cidade e Atenor) e no concelho de Vimioso

(Angueira, Caçarelhos e Vilar Seco) aumentou para 13700, “possuindo praticamente todos eles o mirandês (incluindo a variedade sendinesa) como língua materna”. De notar, aqui, a incapacidade de incluir o número de habitantes da cidade de Miranda do Douro e de Atenor, o que faria com o que o número de habitantes fosse superior aos 13700.

v. Merlan (2009: 74) cita Maria José de Moura Santos, num trabalho de 1967, que nota um número de habitantes no concelho de Miranda de 18972 e 15000 falantes de mirandês.

vi. Verdelho (1993: 10) aponta, segundo a *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, um total de 10000 falantes em 1970 e Merlan (2009: 74), segundo os Censos de 1991, para um total de 9157, sendo que 1950 vivem em Miranda do Douro e 205 em Atenor.

vii. Para os dados de 2001, Merlan (2009: 76) aponta para um total de 8259 habitantes, sendo que destes a autora aponta para um número de falantes de 3690, sendo que a estimativa pode estar entre os 4000 e os 5000 falantes. A autora chama a atenção para o facto de aos 5000 falantes se poderem acrescentar os emigrantes fora do concelho e do país.

Quarteu & Frías Conde (2002) estimam que existam 12000 falantes de mirandês<sup>22</sup>, divididos entre *Tierra de Miranda* e as cidades e países para onde os mirandeses emigravam.

Claramente que o mirandês tem visto o seu número de falantes reduzir e Ferreira (2011) aponta três momentos centrais: (i) a construção das barragens do Douro internacional até aos anos 50 do século XX, que trouxe milhares de falantes de português para Picote, Miranda do Douro e Bemposta, havendo relatos de chacota em relação à língua mirandesa (Alves, 1997: 6); (ii) a generalização do uso do português nos sistemas de ensino primário e secundário, a generalização da rádio e televisão em português em todo o território e a incorporação de tantos jovens na máquina de guerra nos territórios coloniais entre os anos 60 e 70; (iii) e, por fim, a melhoria das vias de comunicação rodoviária que permitiu o aparecimento de outras atividades económicas, que fez com o mirandês passasse a ser uma língua de ambiente familiar. Quarteu & Frías Conde (2002) notam ainda que os

---

<sup>22</sup> Apesar destes números, Ferreira (2011) apontava para um número estimado de entre 5000 e 10000 falantes em diferentes regiões, somando os emigrantes e imigrantes.

meios de comunicação, como a rádio e a televisão e a escolarização das zonas rurais, fizeram com que os mirandeses considerassem “falar mal português”.

Estas causas levaram a que se instalasse um desconhecimento geral sobre a língua mirandesa. Um estudo levado a cabo por Veloso (2000) mostra, por um lado, o desconhecimento do estatuto do mirandês como língua (57,7% assinalam o mirandês como dialeto), mas, por outro, os inquiridos conseguem localizar o mirandês geograficamente (63,5% localizam o mirandês em Miranda do Douro).

Como já referido, o mirandês foi reconhecido em 1999, pela Lei 7/99, que confirma, oficialmente, os direitos linguísticos da comunidade mirandesa:

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

Artigo 1.º

O presente diploma visa reconhecer e promover a língua mirandesa.

Artigo 2.º

O Estado Português reconhece o direito a cultivar e promover a língua mirandesa, enquanto património cultural, instrumento de comunicação e de reforço de identidade da terra de Miranda.

Artigo 3.º

É reconhecido o direito da criança à aprendizagem do mirandês, nos termos a regulamentar.

Artigo 4.º

As instituições públicas localizadas ou sediadas no concelho de Miranda do Douro poderão emitir os seus documentos acompanhados de uma versão em língua mirandesa.

Artigo 5.º

É reconhecido o direito a apoio científico e educativo, tendo em vista a formação de professores de língua e cultura mirandesas, nos termos a regulamentar.

Artigo 6.º

O presente diploma será regulamentado no prazo de 90 dias a contar da sua entrada em vigor.

Artigo 7.º

O presente diploma entra em vigor 30 dias após a data da sua publicação.

Vale a pena notar que, apesar de o reconhecimento existir, nenhum dos artigos da Lei 7/99 ratifica o mirandês como língua cooficial, ao contrário daquilo que *La Constitución española de 1978* reconhece (negrito nosso):

Artículo 3

El castellano es la lengua española oficial del Estado. Todos los españoles tienen el deber de conocerla y el derecho a usarla.

**Las demás lenguas españolas serán también oficiales** en las respectivas Comunidades Autónomas de acuerdo con sus Estatutos.

La riqueza de las distintas modalidades lingüísticas de España es un patrimonio cultural que será objeto de especial respeto y protección.

Claramente que a Lei 7/99 reconhece “o direito a cultivar e promover a língua mirandesa, enquanto património cultural, instrumento de comunicação e de reforço de identidade da terra de Miranda” (artigo 2º), o que implica, objetivamente, o reconhecimento da existência de uma outra língua que não o português. O artigo 1º refere que o reconhecimento e a promoção devem acontecer, mas enquanto a Constituição da República Portuguesa não reconhecer o mirandês como língua cooficial, essa promoção não acontece. Prova disso é o carácter nacionalista da revisão feita pelo Partido Socialista da Constituição da República Portuguesa em 2001, onde reconhecem, claramente, que Portugal é um estado monolingue (negrito nosso):

Artigo 11.º

Símbolos nacionais e língua oficial

1. A Bandeira Nacional, símbolo da soberania da República, da independência, unidade e integridade de Portugal, é a adotada pela República instaurada pela Revolução de 5 de Outubro de 1910.

2. O Hino Nacional é A Portuguesa.

**3. A língua oficial é o Português.** (este ponto foi acrescentado na revisão constitucional de 2001)

Torna-se claro que a Lei 7/99 trouxe um momento histórico para a comunidade de falantes em *Tierra de Miranda*, porque passa a reconhecer a liberdade de se expressarem em língua mirandesa. O mirandês deixa de ser conhecido como dialeto e passa a ser reconhecido como língua, o que contribui para a caracterização patrimonial de uma comunidade e resulta como função social e identitária de um povo. É necessário mover esforços no sentido de reconhecer a língua mirandesa como língua cooficial do território português para que, e apesar de todos os esforços de a comunidade a manter ativa, também a possamos reconhecer como património nacional.

Para o mirandês, Martins (1994, 1997, 2008) tem traçado um panorama sociolinguístico, que nos permite considerar a vitalidade da língua em *Tierra de Miranda*. Não obstante, Merlan (2009: 189) refere que não é possível traçar a situação sociolinguística do mirandês apenas com base nos dados de Paradela e Miranda do Douro. Como tal, Merlan (2009) traça pormenorizadamente a situação sociolinguística do mirandês falado em *Tierra de Miranda* através da análise de dados de questionários num universo de 611 entrevistas. Os dados de Merlan (2009) mostram que o português penetrou o mundo rural e a vida privada dos mirandófonos, fazendo com que o número de falantes seja cada vez mais baixo. A autora aponta para que apenas 4500 habitantes (ou 5000, no máximo) falem mirandês bem ou muito bem: (i) o mirandês é a segunda língua melhor dominada depois do português; (ii) só os adultos mostram competência para dominar a língua: os dados da expressão oral mostram que o domínio aumenta com a idade mais avançada, acompanhado com um nível de instrução baixo; (iii) apenas dois em quatro pessoas com mais 60 anos e duas em cada cinco pessoas entre os 41 e os 60 anos falam bem mirandês, ao passo que não chega a um falante em oito com idade entre os 18 e os 40; (iv) os dados mostram, ainda, a predominância do mundo rural, onde 36,45% de falantes habitam o meio rural e apenas 20% a cidade.

Considerando o uso exclusivo do mirandês, uma em cada seis pessoas com mais de 60 anos usa o mirandês no dia-a-dia e apenas uma em dez entre os 18 e os 40 anos. Uma em cada duas, do grupo etário 18-25 anos, e apenas três em cada dez, do grupo 26-60, usa exclusivamente o português. O uso exclusivo do mirandês entre os 10 aos 17 anos desce drasticamente para os 0,70%, sendo que o uso do português é bastante superior: 53,19%. Destes, dois em cada cinco respondeu que opta pelo uso das duas línguas, o que leva a autora a considerar que pode representar a sobrevivência da língua minoritária.

Como já tínhamos descrito atrás, o mirandês deixou de ser usado no seio familiar devido a diversos motivos, como o prestígio da língua maioritária, a necessidade do uso da língua maioritária para a emancipação da comunidade e, como aponta Merlan (2009: 459) “*el*

*sentimento de vergüenza, pues hablar mirandés se consideraba hablar mal, «charro», mientras que hablar portugués era considerado hablar correcto, refinado - «falar fidalgo»*”. Só cerca de três em cada dez adultos usa o mirandês como principal instrumento de comunicação com os mais velhos ou os da mesma geração. Os mais jovens já pouco usam o mirandês para falar em casa: apenas 12,78% usam para falar com os avós e entre 2-3% com os pais ou irmãos. O português está amplamente difundido na comunidade e a autora aponta para o processo avançado de substituição do mirandês pelo português. Já nos usos semiformal ou formal, o português domina por completo o uso do mirandês, apesar do reconhecimento oficial da língua em 1999.

O mirandês foi língua materna de muitos falantes até à primeira metade do século XX, ou seja, os falantes eram monolíngues até ao momento da alfabetização em português. Desde aí que existe uma tendência para que a língua de socialização seja em português: os pais optam pelo ensino em português, pois consideram que trará mais benefícios sociais. Merlan (2009: 461) aponta para que os falantes com mais de 60 anos tenham o mirandês como língua materna: nove em cada dez falantes com mais de 60 anos socializam em mirandês, ao passo que apenas seis em cada dez falantes na categoria 41-60 anos, quatro em cada dez falantes na categoria 18-40 anos e apenas 2,8% para a categoria 10-17 anos. O nível de instrução é claramente um fator que condiciona o uso do mirandês, pois quanto mais elevada é a instrução, menor é o uso do mirandês.

Se considerarmos a identidade dos habitantes de *Tierra de Miranda*, claramente a língua mirandesa é a componente central para a identidade regional, ao passo que o português funciona como componente para a identidade nacional. A passagem “*Outras vezes, á noite, tomava lições com um lavrador, que, por ser de certa idade, e muito curioso, possuía na memória todo o lexico; a certas horas sentia eu bater á porta do meu quarto : era elle, o facundo Mirandês, que trepava, como um gato, pela varanda pegada, e vinha leccionar-me; nunca o esquecerei, - alto, embuçado na capa d'honras, todo vaidoso e todo contente por me ensinar a sua lhengoa*” mostra a importância da cultura e da língua como componentes identitárias de um povo (Vasconcellos, 1901: 12). O mirandês foi estigmatizado ao longo dos anos, tendo sido cunhado, tanto por falantes de português como de mirandês, como «*lhéngua/fala charra, caçurra, chaprona, atrabessada, burreira, palhantre, paroul(h)a*». Vasconcellos (1901: 12-13) nota o mesmo sentimento por parte dos falantes de Dues Igrejas: “*Com uma especie de modestia os habitantes de Duas-Igrejas dizem que quem falla mirandês fala mal, fala charro, e que quem falla portugués, fala grabe, ou em grabe. Também a pessoas de Cércio ouvi dizer que os Mirandeses são caçurros, e a sua lingoagem «falla caçurra»; mas estas expressões não são conhecidas em toda a Terra-de-Miranda, pelo menos alguns individuos de Duas-*

*Igrejas e Constantim, com quem ultimamente falei, e a quem interroguei sobre o caso, não me souberam dizer a significação d'ellas*". Alves (1997: 44, nota 102) acrescenta que *falar fidalgo* ou *falar an fidalgo* podem, também, designar o português.

O reconhecimento oficial da língua mirandesa por parte do Estado português alterou a atitude perante a língua, passando, hoje, os mirandeses a considerar a língua vernácula como «*mirandés, la nuossa lhéngua/fala, lhéngua mai*» e como «*segunda lhéngua ouficial*» (Merlan, 2009: 463). Apesar de os entrevistados considerarem que o ensino do mirandês e o uso no domínio público deva ser difundido, um quarto dos entrevistados considera o mirandês inútil para o avanço profissional. A autora aponta para que o sentimento de baixo prestígio da língua mirandesa, apesar do reconhecimento oficial, se mantém.

## CAPÍTULO 3 | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nesta secção são descritos os requisitos necessários para a análise e discussão dos resultados que serão apresentados ao longo deste trabalho. Começamos por apresentar os modelos de análise e anotação entoacional: o modelo Métrico Autossegmental da Fonologia Entoacional e o modelo de anotação *Tone and Break Indices* (secção §3.1). Estes dois modelos são aplicados às línguas em análise, neste caso, o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro. Na subsecção §3.2 é abordada a gramática entoacional do castelhano (subsecção §3.2.1), do português (subsecção §3.2.2), do galego (subsecção §3.2.3) e, por fim, do asturo-leonês (subsecção §3.2.4). Na secção §3.3, estabelecemos uma comparação entre as línguas na noroeste da Península Ibérica, elencando as semelhanças e diferenças entre estas línguas. A secção §3.4 é consagrada aos primeiros estudos da análise entoacional do mirandês. Por fim, a secção §3.5 é dedicada à apresentação dos conceitos-chave/terminologia dos fenómenos que serão abordados no Capítulo 6, resultado da análise entoacional do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro em termos de contacto linguístico (subsecção §3.5.1). A par, são, também, descritos os estudos em contacto linguístico na fonologia (subsecção §3.5.2), com especial foco naqueles que se referem à entoação (subsecção §3.5.3).

### 3.1 FONOLOGIA ENTOACIONAL

#### 3.1.1 Os modelos entoacionais e os sistemas de anotação

Diferente da arbitrariedade da fonologia segmental, a entoação é um sistema icónico que segue os mecanismos naturais da produção e da perceção da fala (Gussenhoven, 2004). O estudo da entoação ganha especial interesse quando Pierrehumbert (1980) investiga um modelo de análise da entoação do inglês separando a representação fonológica da implementação fonética. Esta abordagem permitiu, assim, caracterizar a noção de “estrutura prosódica”, distinguindo-a das características fonéticas do contorno entoacional (Gussenhoven, 2002). Partindo da definição de Ladd (2008), entoação refere-se ao uso de recursos fonéticos suprasegmentais para transmitir significados pragmáticos pós-lexicais ou do nível frasal: (i) os recursos fonéticos *suprasegmentais* referem-se à frequência fundamental ( $f_0$ ), intensidade e duração (Lehiste, 1970); (ii) considerando os significados pragmáticos *pós-lexicais* ou do *nível frasal*, a entoação transmite

significados, como os tipos frásicos (declarativas, interrogativas, exclamativas, etc.) e estrutura (diferença entre declarativa neutra e focalizada); (iii) a entoação está *estruturada* em termos de entidades e relações categoricamente distintas.

O caráter universal da entoação é especificado no nível frasal, através da interação complexa entre a camada métrica, o fraseamento prosódico, a sintaxe e a pragmática (Arvaniti, 2022). Estes fatores vão determinar onde os movimentos de  $f_0$  ocorrem e de que tipo são. Sendo  $f_0$  o expoente fonético da entoação, ele veicula, simultaneamente, informações individuais, paralinguísticas, estilísticas e fonológicas (Ladd, 2008).

Têm sido propostos diferentes modelos e análises da entoação, que têm por base uma abordagem mais fonética ou mais fonológica. O projeto *Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman* utiliza um quadro da fonética acústica com recurso a uma série de componentes fonéticas, como  $f_0$ , duração e intensidade com o intuito de comparar as diferentes variedades românicas através de uma descrição dialetal da prosódia românica (Contini *et al.* 2002; Romano, 2003). Por outro lado, os modelos como os de O'Connor & Arnold (1973), Crystal (1969), Halliday (1967) utilizam conceitos como “subida” e “descida” para descrever a entoação (a chamada Escola Britânica), o modelo de t'Hart & Cohen (1973), t'Hart & Collier (1975), que propõe um nível fonético bem definido entre o nível de  $f_0$  e o nível fonológico (a chamada Escola Holandesa), o modelo de Pijper (1983), t'Hart, Collier & Cohen (1900), que possui a sua própria codificação da curva de  $f_0$ , desde uma descrição acústica detalhada até às representações fonológicas (o modelo IPO). Ladd (2008: 14) descreve que a teoria IPO para a estrutura prosódica foi a primeira de uma série de tentativas de combinar a descrição de um nível fonológico abstrato com a descrição dos fenómenos fonéticos dos elementos fonológicos.

A abordagem que tem predominantemente servido a fonologia entoacional é o modelo Autossegmental Métrico da Fonologia Entoacional (AM), cunhado, assim, por Ladd (2008). Os princípios do modelo AM são desenhados por Pierrehumbert (1980) e foram sendo redefinidos ao longo dos anos (Gussenhoven, 2004; Jun, 2005a, 2014). O modelo AM reflete, então, a relação entre a camada autossegmental, que representa a melodia, e a estrutura métrica, que representa o fraseamento e a proeminência (Arvaniti, 2022). Gussenhoven (2002) descreve que o modelo é autossegmental (Goldsmith, 1976) porque possui camadas segmentais e tonais, independentes e formalmente representados em camadas separadas, e é métrico (Lieberman & Prince, 1977) porque tem uma representação não-linear de unidades prosódicas nas quais o material segmental é agrupado em constituintes prosódicos, constituindo, assim, uma hierarquia prosódica que vai desde a sílaba até aos níveis mais altos, como a palavra prosódica e o sintagma entoacional

(Figura 13). Essas unidades organizam-se em domínios fonológicos da seguinte forma: as sílabas ( $\sigma$ ) agrupam-se em pés ( $\Sigma/F$ ) que formam palavras ( $\omega$  ou PW); estas por sua vez agrupam-se e formam constituintes maiores, neste caso, o sintagma fonológico ( $\varphi$  ou PhP), que formam grupos acima destes, os sintagmas entoacionais (IP). Toda a estrutura é dominada pelo constituinte mais alto da hierarquia, o enunciado (U), tal como representado na Figura 13 de Gussenhoven (2002), largamente baseada na proposta de Selkirk (1981) e recuperada em Nespor & Vogel (1986). A estrutura métrica indica as relações de força entre sílabas, relações de sílabas fortes ( $s$ ) e fracas ( $w$ ) como em  $(ca.)_s(sa)_w$ , e as relações de proeminência no nível da frase, como em  $(a\ casa)_w$   $(amarela)_s$ .

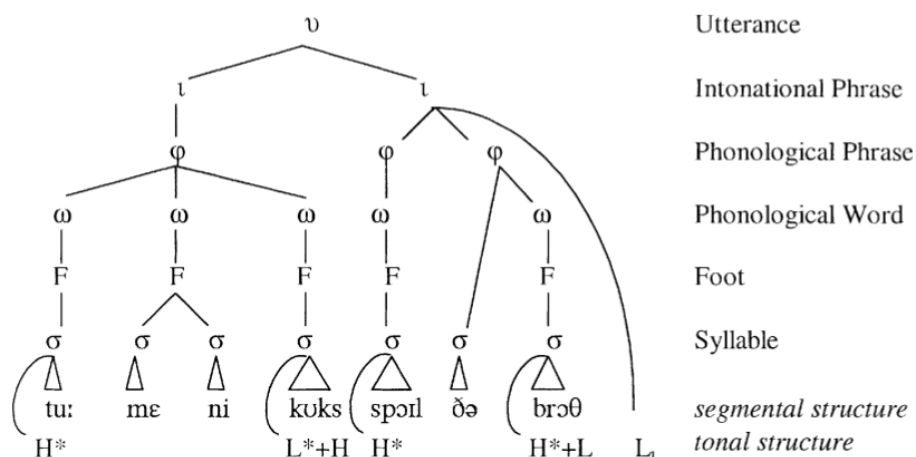


Figura 13. Representação de um enunciado desde a construção mental à sua implementação (fonte: Gussenhoven, 2002)

Segundo o modelo AM, a organização fonológica interna dos sistemas entoacionais é obtida através da análise fonológica das unidades tonais, representada por dois níveis de altura: *High* (tom alto) e *Low* (tom baixo), que se associam à cadeia segmental. Os eventos tonais atuam localmente e são as categorias que formam acentos tonais, que se ancoram a categorias de natureza diferente (à mora, como em japonês, ou à sílaba, como em inglês), e tons de fronteira, que se associam às fronteiras dos constituintes prosódicos. Os acentos tonais estão sempre associados a relações de proeminência dentro da estrutura prosódica e configuram-se através de realizações de  $f_0$  (Ladd, 2008). Os acentos tonais estão alinhados com as sílabas tónicas e podem ser monotonais (T), bitonais (T+T) ou tritonais (T+T+T). Os “phrase accent” associam-se ao material fonético imediatamente antes do último tom dentro de IP. Os tons de fronteira estão associados às fronteiras dos domínios prosódicos (no início ou no fim). Os tons podem ser L- ou H- (Beckman & Pierrehumbert, 1986; Hayes & Lahiri, 1991), associados a constituintes mais baixos que o sintagma entoacional, ou L% ou H%, associado ao sintagma entoacional (Pierrehumbert

1980). A representação da cadeia tonal é obtida através da análise fonética do contorno da frequência fundamental ( $f_0$ ). Pierrehumbert (1980: 29) formula a gramática de sequências tonais para um sintagma entoacional, reestruturado em Beckman & Pierrehumbert (1986: 256) e esquematizado em Gussenhoven (2002) (Figura 14).

$$(\%H) \left( \left( \left( \begin{array}{c} H^* \\ L^* \\ H^* + L \\ L^* + H \\ L + H^* \\ H + L^* \end{array} \right) \right) \left\{ \begin{array}{c} H^- \\ L^- \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{c} H\% \\ L\% \end{array} \right\} \right)$$

Figura 14. Representação da gramática tonal  
(fonte: Gussenhoven, 2002)

Os tons monotonais são sempre tons marcados com asterisco ( $L^*$  ou  $H^*$ ). Os tons bitonais podem apresentar duas configurações: uma relação de forte-fraco ou fraco-forte, sendo que o mais forte é assinalado com asterisco ( $H^*+L$ ,  $L^*+H$ ,  $L+H^*$ ,  $H+L^*$ ). A associação de tons regula que o tom marcado com asterisco é o tom associado à sílaba tónica, por exemplo,  $H^*$  marca uma sílaba tónica com tom alto. Nos tons bitonais, o tom marcado com asterisco marca a sílaba tónica e o anterior ou posterior alinha-se antes ou depois do tom com asterisco. Ladd (2008) esclarece a descrição fonética dos tons:  $H^*$ ,  $L^*$  e  $L^*+H$  têm uma descrição bastante direta ( $H^*$  é um pico local,  $L^*$  é um vale local e  $L^*+H$  é um vale que se eleva para a sílaba seguinte), ao passo que a distinção entre  $L+H^*$  e  $H^*$  é bastante problemática, pois se ambos forem iniciais, podem apresentar uma subida para a sílaba acentuada (Ladd 2008: 96-97).  $H^*+L$  é um pico alto alinhado com a sílaba tónica, com uma descida e o  $H+L^*$  é um movimento descendente de uma sílaba pretónica alta para uma sílaba tónica baixa. Esta implementação deixa claro que a criação de um número infinito de valores de  $f_0$  (entre  $L$  e  $H$ ) permitiu que a distinção entre representações fonológicas e contornos fonéticos fosse mais evidente. Pierrehumbert (1980) nota que dois tons são suficientes para descrever o inglês, e várias outras línguas.

Os acentos tonais podem ocupar diferentes posições no contorno entoacional: posição nuclear, posição pré-nuclear e posição pós-nuclear. Os eventos tonais finais são aqueles que apresentam uma maior carga pragmática (Cruttenden, 1997), uma vez que sinalizam o significado vinculado. Ladd (2008: 131-134) integra a noção de núcleo através da distinção entre acentos pré-nucleares e nucleares, atribuindo ao acento nuclear uma carga funcional mais alta. Ladd (2008) descreve que o acento ancorado ao elemento proeminente dentro de IP é a cabeça do IP e serve como referência aos eventos pré e pós-nucleares. Os eventos pré-nucleares são os elementos proeminentes antes da cabeça de IP

e os eventos pós-nucleares são os eventos proeminentes que se encontram depois da cabeça de IP (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008; Frota, 1999).

Lieberman (1966) e Collier (1975) procuraram investigar o porquê de os enunciados apresentarem um formato descendente na frequência fundamental (*declination*). Esta questão torna-se relevante quando Ladd (2008: 74) chama a atenção para a necessidade de se distinguir as especificações fonológicas abstratas da sua realização fonética para procurar compreender como é que os tons estão dimensionados. Gussenhoven (2004: 97-98) mostra alguns estudos relacionados com esta questão. Num estudo para o holandês, Appels (1985, *apud* Gussenhoven, 2004) mostra que existem 30 a 70 roturas de IP que coincidem com a ingestão de ar. Strik & Boves (1995) experimentam se a descida nos enunciados é fisiológica ou controlada, concluindo que é a resposta é difícil, uma vez que a descida depende em parte da definição operacional da tendência de  $f_0$  descer, mas é provável que a descida da pressão subglótica desempenhe um papel significativo, encontrado também em Grønnum (1992).

A *declination* é uma descida gradual e dependente do tempo da frequência fundamental entre os pontos que se esperam iguais (Gussenhoven, 2004: 98). Línguas como o mandarim e o iorubá mostram que a *declination* está sob controlo do falante. Thorsen (1978, 1983) e Grønnum (1992) exploram a questão com base no dinamarquês (Figura 15).

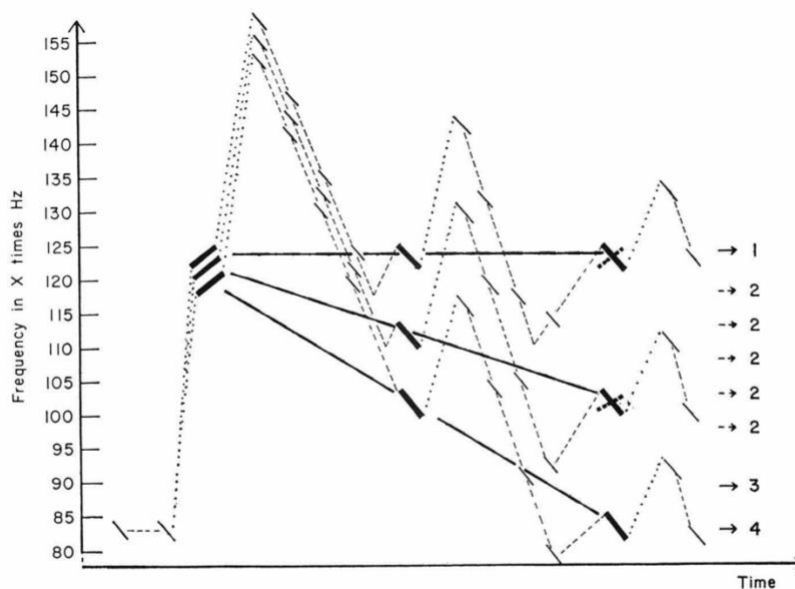


Figura 15. Modelo de  $f_0$  para frases declarativas em dinamarquês  
(fonte: Thorsen 1978: 174)

A *declination* é mais acentuada em frases declarativas (assinaladas com 4) e ausente nas interrogativas neutras (assinaladas com 1). As frases assinaladas com 2 e 3, interrogativas

de inversão sujeito-verbo ou *wh-*, têm padrões intermédios, ficando, alguns falantes, mais próximos das declarativas.

Relativamente ao *downstep*, Ladd (2008: 74) chama a atenção para o facto de Pierrehumbert (1980) ter avançado com a hipótese de que grande parte ou a totalidade da *declination* poder ser considerado como o resultado de um *downstep* – a redução gradual dos tons. Ladd (2008: 74) ilustra muito bem a diferença daquilo que é uma *declination* gradual e um *downstep*. O painel superior da Figura 16 representa uma *declination* gradual e o painel inferior o *downstep* em pontos específicos no IP.

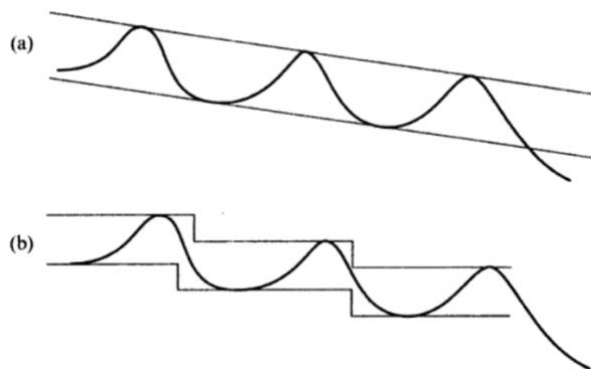


Figura 16. Exemplificação de *declination* e *downstep*  
(fonte: Ladd 2008: 76)

Gussenhoven (2004: 100) demonstra como o *downstep* se configura: um tom H realiza-se num nível de *pitch* mais baixo que o anterior se um L intervir. Cada *downstep* tem um efeito persistente em todo o enunciado, pois, uma vez ocorrido, todos os H seguintes atingirão no máximo o nível do H anterior (Figura 17).

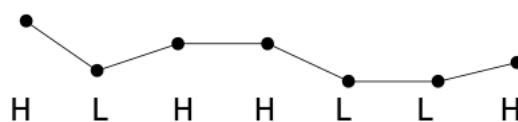


Figura 17. Exemplificação da relação entre os tons H (alto) e L (baixo)  
(fonte: Gussenhoven 2004: 100)

Beckman & Pierrehumbert (1986: 280) alertam para o facto de o *downstep* em inglês ser desencadeado pelos próprios acentos bitonais e não pela configuração HLH, como defendido, anteriormente, por Ladd (1983). Poser (1984: 325) mostra a diferença entre *declination* e um *downstep* fonológico. No painel superior, é visível o *downstep* ao contrário do painel inferior, uma vez que não existe contexto HL (Figura 18).

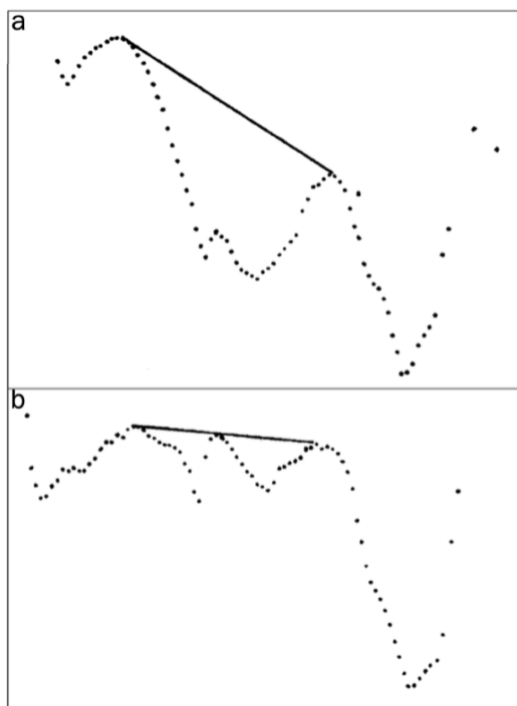


Figura 18. Representação de *downstep* de tipo H...L (painel superior) e *declination* (painel inferior)  
(fonte: Gussenhoven 2004: 101)

A questão da existência de dois tipos de *downstep* levou Winston (1960, *apud* Gussenhoven, 2004) a introduzir os termos *downstep* automático e não-automático. O *downstep* até então distinguia-se entre “*downdrift*”, pela configuração de um *downstep* H...L (como na Figura 18, painel superior), e um *downstep* não-automático indicado como H!H (ou H'H), onde nenhum L intervém no abaixamento do H (como na Figura 19, abaixo).

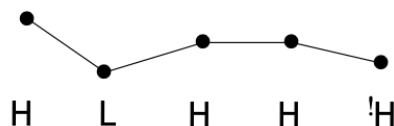


Figura 19. Representação de *downstep* de tipo H!H  
(fonte: Gussenhoven 2004: 101)

Para Pierrehumbert (1980: 74), a diferença entre um *downstep* e um *upstep* é que um H pode ser menor que um L anterior e um L pode ser maior que um H anterior. A autora aponta para que estas regras tonais se apliquem dentro de constituintes. Uma vez que as regras fonológicas se aplicam entre fronteiras fracas e são bloqueadas entre fronteiras fortes, um *upstep* nunca deverá ocorrer entre fronteiras de IP. Uma das principais diferenças entre o *downstep* e o *upstep* é o facto de o primeiro apenas se aplicar em tons bitonais e o último a tons de fronteira (Pierrehumbert 1980: 183-184). O *upstep* é

representado com um ponto de exclamação invertido, por exemplo, ¡H\* (Prieto & Roseano, 2010; Frota, Cruz *et al.*, 2015).

### 3.1.2 O sistema ToBI

O sistema ToBI (para *Tone and Break Incides*) permite transcrever e anotar os padrões de entoação e aspetos da prosódia (Beckman & Ayers-Elam, 1997). Desenhado para projetar a anotação entoacional do *Mainstream American English* (MAE\_ToBI) por Beckman & Hirschberg (1994), foi rapidamente difundido para o desenvolvimento de sistemas de anotação prosódica de várias variedades do inglês (Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel, 2005).

Segundo Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel (2005), o MAE\_ToBI é constituído por seis partes: dois registos fonéticos e quatro registos simbólicos. Dos registos fonéticos fazem parte a onda sonora e a frequência fundamental e dos registos simbólicos fazem parte a fiada *Tones* (tons), a fiada *Words* (palavras), a fiada *Break Indices* (índices de rotura) e a fiada *Misc* (miscelânea). As fiadas estão organizadas de forma hierárquica: fiada de tons → transcrição simbólica do contorno entoacional, segundo modelo AM; fiada das palavras → transcrição ortográfica; fiada dos índices de rotura<sup>23</sup> → transcrição prosódica do fraseamento obtido através de regras morfossintáticas; fiada miscelânea → anotação de todos os eventos discursivos.

A Figura 20, abaixo, representa a anotação do enunciado «*Okay... They have a couple flights*», considerando os critérios de anotação do MAE\_ToBI.

<sup>23</sup> Silverman *et al.* (1992) seguem o modelo de Price *et al.* (1991: 374) onde “0 - boundary within a clitic group, 1 - normal word boundary, 2 - boundary marking a grouping of words generally having only one prominence, 3 - intermediate phrase boundary, 4 - intonational phrase boundary, 5 - boundary marking a grouping of intonational phrases, and 6 - sentence boundary”. No modelo Silverman *et al.* (1992), os autores fundem os três níveis mais altos (4, 5 e 6) em apenas um, representado por 4. A par, redefinem os níveis 0, 1 e 3 em 0 e 1, em que 0 representa evidência fonética para a cliticização e 1 para a fronteira entre palavras.

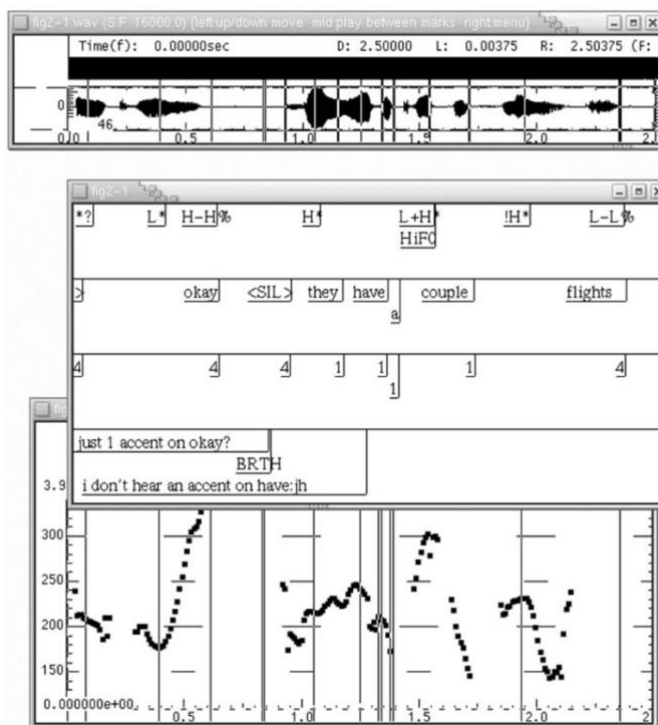


Figura 20. Anotação de um enunciado considerando os critérios de anotação do MAE\_ToBI (fonte: Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel 2005)

Podemos observar as quatro fiadas simbólicas: fiada dos tons (T), onde são anotados os eventos tonais, segundo o modelo AM (Tabela 10, abaixo), a fiada das palavras (W), onde são anotadas as palavras ortográficas, a fiada dos índices de rotura (BI), onde são anotados os níveis de fronteira dos constituintes prosódicos<sup>24</sup>: 0 – clítico, 1 – fronteira de palavra prosódica, 3 – fronteira de *intermediate phrase* e 4 – fronteira de sintagma entoacional, e a fiada de miscelânea (Misc), onde são incluídos eventos como tosse, disfluência, hesitações, etc., ou outras informações.

Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel (2005) ilustram, na Tabela 10 que a seguir se reproduz, os acentos tonais, acentos frasais e tons de fronteira que fazem parte do sistema MAE\_ToBI, largamente baseado no modelo AM.

<sup>24</sup> Note-se que as autoras apontam apenas 4 níveis (0, 1, 3 e 4), sendo que o nível 2 marca uma fronteira percebida como 1, com um evento tonal não expectável ou alongamento, adequado para um nível de rotura 3 ou 4 sem acento frasal ou tom de fronteira (Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel (2005: 23). As autoras notam ainda dois diacríticos “-“ e “p” para incerteza (exemplo, “4-“ determina uma fronteira entre os nível 3 e 4) e hesitação (por exemplo, “1p” para “cut-off”, 2p e 3p para “prolongamento”), respetivamente.

Tabela 10. Anotações MAE\_ToBI para os eventos tonais  
(adaptado de Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel 2005)

## Tons básicos

<b>Acentos frasais</b>	H- (!H-), L- (localizados em todo o BI 3 ou acima)
<b>Acentos de fronteira</b>	H%, L% (obrigatório em todo o BI 4)  %H (marginal, no início de alguns sintagmas entoacionais)
<b>Acentos tonais</b>	L*, H* (!H*), L+H* (L+!H*), L*+H (L*+!H), H+!H*
<b>Outras etiquetas</b>	
<b>Downstep</b>	ex. !H*, L+!H*, !H- (! marca o início de um <i>pitch</i> comprimido)
<b>Incerteza</b>	*?, -?, %? (quanto à ocorrência); X*?, X-?, X%? (quanto ao tipo de tom)
<b>Eventos fonéticos transcritos em rotulagem cuidadosa:</b>	
	< (pico atrasado); HiFo ( $f_0$ máximo associado a um H de um tom dentro de um <i>intermediate phrase</i> )
<b>Restart</b>	%r (fiada Misc)

As autoras notam a importância de o sistema ser “alimentado” e ajustado, como é o caso de falantes expostos a diferentes códigos (contacto linguístico), onde um mesmo valor fonético para uma mesma categoria fonológica pode representar diferentes contrastes (Beckman, Hirschberg & Shattuck-Hufnagel, 2005: 43). Muitos outros sistemas ToBI foram sendo desenhados para outras línguas, que foram alimentando a etiquetagem que foi apontada primeiramente no MAE\_ToBI. Salientamos, aqui, aqueles cujas línguas estão próximas do mirandês: *Sp\_ToBI labeling scheme* (Aguilar, de-la-Mota & Prieto, 2009), *P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody* (Frota, Oliveira *et al.*, 2015) e o *Astur\_ToBI* (Muñiz Cachón & Roseano, 2022)

### 3.2 A GRAMÁTICA ENTOACIONAL DO CASTELHANO, PORTUGUÊS EUROPEU, GALEGO E ASTURO-LEONÊS

Importa, neste subcapítulo, fazer uma descrição sobre as características fonético-fonológicas das línguas maioritárias próximas ao mirandês, que são aquelas que os falantes de *Tierra de Miranda* também têm contacto (Martins, 1994: 117-118).

Tanto o castelhano, como o português europeu, galego e asturo-leonês provêm do mesmo superstrato: o latim. Todas as línguas apresentam bastantes diferenças e semelhanças que importam aqui descrever, considerando o sistema entoacional e a estrutura prosódica. O castelhano, o português europeu e o galego apresentam evidências para os mesmos

constituintes fonológicos, a saber, palavra prosódica, sintagma fonológico e sintagma entoacional, embora o castelhano apresente, ainda, evidências para o *intermediate phrase* e o português europeu para o *prosodic word group* (Sosa, 1999; Frota, 2000; Fernández Rei, 2002; Vigário, 2010). A par, algumas variedades do português europeu apresentam evidências fonéticas para a existência de domínios compostos no nível de IP (Ladd, 2008; Barros & Frota, 2015; Frota & Prieto, 2015a).

Com o intuito de estabelecer comparações entre e dentro das línguas românicas, o projeto *Interactive Atlas of Romance Intonation* foi desenvolvido com o propósito de descrever a variação das línguas românicas. É composto por um sistema de análise prosódica, que faz uso de uma metodologia comum, que permite desenhar o panorama da prosódia e entoação. A análise tem como base o modelo AM e o sistema de anotação ToBI, que foi desenvolvido para inúmeras línguas românicas<sup>25</sup>.

Para o castelhano, Estebas & Prieto (2008) traçam um inventário dos acentos tonais e tons de fronteira com base no modelo AM, com recuso ao Sp\_ToBI, e mostram a representação esquemática da representação fonética. Do inventário constam dois acentos monotonais (L\* e H\*), cinco acentos bitonais (L+H\*, L+<sub>i</sub>H\*, L+>H\*, L\*+H e H+L\*), três tons de fronteira monotonais (L%, M%, e H%) e quatro tons de fronteira bitonais (HH%, LH%, HL% e LM%). Para os tons de fronteira, Estebas & Prieto (2010) apontam para que os mesmos tons possam ocorrer no final do sintagma entoacional (anotados com “%”) e no final do *intermediate phrase* (anotados com “-”). As autoras notam, ainda, que os acentos pré-nucleares podem apresentar três configurações: L+>H\*, L\*+H (e H\* nas declarativas óbvias) e os acentos nucleares quatro configurações: L\*, L+H\*, L+<sub>i</sub>H\*, <sub>i</sub>H\* e H+L\*.

Para o português europeu, Frota, Cruz *et al.*, (2015: 278) apresentam o léxico entoacional e notam dois acentos monotonais (L\* e H\*)<sup>26</sup>, três acentos bitonais (H+L\*, H\*+L e L\*+H), três tons de fronteira monotonais (L%, <sub>i</sub>H% e H%) e dois tons de fronteira bitonais (LH% e HL%). Ao contrário do castelhano, só as fronteiras de IP são marcadas entoacionalmente. É possível observar, ainda, que H\* e L\*+H ocorrem em posição pré-nuclear e que em posição nuclear existem cinco acentos tonais (L\*, H\*, L\*+H, H+L\* e H\*+L).

<sup>25</sup> Para o catalão (Cat\_ToBI) Aguilar, de-la-Mota & Prieto (coords) (2009-2011), para o castelhano (Sp\_ToBI) Aguilar, de-la-Mota & Prieto (coords) (2009), para o Italiano Grice, D’Imperio, Savino & Avesani (2005), para o Grego (GRToBI) Arvaniti & Baltazani (2000), para o português (P\_ToBI) Frota, Oliveira *et al.* (2015), por exemplo.

<sup>26</sup> Frota, Cruz *et al.* (2015) notam que nos vocativos se assume que o tom baixo funcione como um prefixo opcional e que (L+)H\* seja a realização fonológica.

Com um modelo de análise de base mais fonética, é possível traçar um panorama ainda que bastante tímido da entoação do galego, a partir dos dados de Fernández Rei & Escourido (2008), Fernández Rei (2016) e Rodríguez Vázquez (2019). As autoras descrevem a existência de um acento monotonal ( $L^*$ ), dois bitonais ( $H+L^*$  e  $L^*+H$ ) e dois tons de fronteira monotonais ( $L\%$  e  $H\%$ ). A par do português europeu, o galego parece apenas marcar entoacionalmente a fronteira do sintagma entoacional, diferentemente do castelhano. Em posição nuclear, o galego possui três acentos tonais: um monotonal ( $L^*$ ) e dois bitonais ( $L^*+H$  e  $H+L^*$ ). E, pelo menos, um acento pré-nuclear ( $H^*$ ).

Para o asturo-leonês, Alvarellos *et al.* (2011) descrevem os padrões entoacionais das declarativas e interrogativas a partir dos dados do AMPER, apesar de os autores fazerem referência à análise fonológica, e notam a presença de um acento monotonal ( $H^*$ ), três acentos bitonais ( $L+>H^*$ ,  $L+>!H^*$  e  $H+L^*$ ) e um tom de fronteira monotonal ( $L\%$ ) e um tom de fronteira bitonal ( $HL\%$ ).  $H^*$  e  $H+L^*$  são acentos nucleares e  $L+>H^*$ ,  $L+>!H^*$  e  $H^*$  são acentos pré-nucleares (Alvarellos *et al.*, 2011: 117). Num estudo recente, e com base na metodologia adotada no projeto *Interactive Atlas of Romance Intonation*, Muñiz Cachón & Roseano (2022) fazem uma primeira análise fonológica dos dados obtidos da *Discourse Completion Task* (veja-se a discussão sobre a metodologia da *Discourse Completion Task* ver Capítulo 4) e notam dois acentos monotonais ( $L^*$  e  $H^*$ ), quatro acentos bitonais ( $L^*+H$ ,  $L+H^*$ ,  $L+<H^*$  e  $H+L^*$ ), um tom de fronteira monotonal ( $L\%$ ) e dois tons de fronteira bitonais ( $HL\%$  e  $\%LH$ ). Ao contrário do galego e do português europeu, e em linha com o castelhano, o asturo-leonês apresenta dois tons de fronteira no nível abaixo de IP, no *intermediate phrase*, assinalado com “-” ( $L-$  e  $H!H-$ ). Note-se, ainda, para a marcação da fronteira esquerda do IP ( $\%LH$ ) nos enunciados vocativos. Em posição nuclear, o asturo-leonês apresenta três acentos tonais ( $L^*$ ,  $L+H^*$  e  $H^*+L$ ) e cinco acentos pré-nucleares ( $L^*$ ,  $L^*+H$ ,  $L+<H^*$ ,  $L+H^*$  e  $H^*$ ).

Descritas as configurações dos acentos tonais e tons de fronteira, importa traçar um panorama da entoação a noroeste, considerando as principais diferenças e semelhanças. Considerando aspetos da variação prosódica e entoacional entre línguas e dentro de línguas, que, tradicionalmente, têm dado origem a estudo tipológicos (Jun 2005a, 2014; Gussenhoven, 2001, 2015), descrevemos os padrões de fraseamento e proeminência e a variação dos contornos nucleares, a configuração, complexidade e tipos de acento, assim como a configuração dos tipos de núcleos.

Considerando o acento lexical, todas as línguas apresentam o mesmo padrão: o acento recai nas três últimas sílabas da palavra, formando assim palavras agudas (ou oxítonas),

graves (ou paroxítonas) e esdrúxulas (ou proparoxítonas). O português europeu, por exemplo, apresenta preferência por palavras agudas, quando comparadas com as esdrúxulas. Outra semelhança prende-se com o facto de o castelhano e o português europeu apresentarem proeminência à direita, ou seja, o *locus* localiza-se no nó mais à direita dos constituintes. O acento nuclear, normalmente, ocorre na fronteira mais à direita do sintagma entoacional, em castelhano, português europeu, galego e asturo-leonês (Fernández Rei, 1997: 253; Fernández Rei & Escourido, 2008: 163; Alvarellos *et al.*, 2011; Muñiz Cachón, 2013: 17; Frota & Prieto, 2015b). Uma das grandes diferenças apontadas que permite distinguir o castelhano do português europeu é a densidade tonal. Hellmuth (2007) propõe que essa diferença seja explicada pela variação na seleção dos constituintes como domínio da atribuição tonal. Em castelhano, o domínio do acento tonal é a palavra prosódica, onde cada palavra tende a receber acento tonal, e no português europeu esse domínio é o sintagma entoacional, que tem uma distribuição esparsa (Frota, Cruz *et al.*, 2015: 243; Hualde & Prieto, 2015: 389). Nenhum dos estudos para o galego e para o asturo-leonês mostram, inequivocamente, os padrões de distribuição tonal, apesar de os dados de Muñiz Cachón & Roseano (2022) mostrarem uma tendência para que o *locus* da atribuição tonal seja a palavra prosódica.

Achamos importante comparar o inventário dos núcleos e dos tons de fronteira encontrados nas quatro línguas. A primeira evidência é que as línguas têm acentos tonais e tons de fronteira, apesar de algumas, como o castelhano e o asturo-leonês, apresentarem acentos no nível do *intermediate phrase* e o asturo-leonês apresentar evidências para uma fronteira esquerda de IP nos vocativos. As Tabelas 11 e 12 que abaixo desenhámos mostram o inventário dos acentos tonais e tons de fronteira.

**Tabela 11. Inventário dos acentos tonais em português (europeu), castelhano, galego e asturo-leonês**

(elaboração própria a partir de Frota, Cruz *et al.*, 2015; Hualde & Prieto, 2015; Fernández Rei, 1997; Fernández Rei & Escourido, 2008)

Línguas	Tipo de acento nuclear						
	H*	L*	H+L*	H*+L	L+H*	L*+H	L+¡H*
Português europeu							
Castelhano							
Galego							
Asturo-leonês							

Legenda: preto: metodologia DCT; cinzento-escuro: metodologia DCT e AMPER; cinza-claro: metodologia AMPER

Tabela 12. Inventário dos tons de fronteira em português (europeu), castelhano, galego e asturo-leonês

(elaboração própria a partir de Frota, Cruz *et al.*, 2015; Hualde & Prieto, 2015; Fernández Rei, 1997; Fernández Rei & Escourido, 2008)

Línguas	Tipo de tom de fronteira					
	L%	H%	!H%	LH%	HL%	L!H%
Português europeu	■					□
Castelhano	■					
Galego	■	□	□			
Asturo-leonês	■	□			■	□

Legenda: preto: metodologia DCT; cinzento-escuro: metodologia DCT e AMPER; cinza-claro: metodologia AMPER

Podemos verificar que existem dois acentos nucleares que são comuns a todas as línguas: L\* e H+L\*. As línguas exibem diferenças tendo em conta o número de acentos nucleares: o português europeu e o castelhano possuem cinco acentos, o asturo-leonês três acentos nucleares e o galego dois acentos nucleares. De notar que os dados destas línguas apresentam duas metodologias diferentes. Apenas o castelhano apresenta três níveis de tons com contraste fonológico: L, H e ¡H, ao passo que as restantes línguas apenas apresentam dois níveis: L e H.

Considerando os tons de fronteira, estes variam entre seis em castelhano e dois em galego e asturo-leonês. Só o galego apresenta fronteiras simples, ao passo que as restantes apresentam fronteiras complexas no domínio de IP. De notar que, em asturo-leonês, apenas as declarativas óbvias apresentam uma fronteira complexa (HL%). Considerando os níveis das fronteiras, apenas o castelhano e o português europeu apresentam três níveis: L, H e ¡H e as restantes dois níveis: L e H.

Conjugando os acentos nucleares com os tons de fronteira, obtemos as configurações dos contornos nucleares nas quatro línguas. Como apontam Frota & Prieto (2015b), existe alguma variação nos contornos nucleares dos principais tipos de enunciados, dentro e entre línguas, mas algumas línguas são mais coesas, como o sardo, e outras que mostram bastante variação, com o italiano.

### 3.2.1 O léxico entoacional do castelhano

Segundo Estebas & Prieto (2010) e Hualde & Prieto (2015), os padrões  $L^* L\%$  e  $L+H^* L\%$  são recorrentes nos dialetos do castelhano<sup>27</sup>, ao contrário de outros padrões que mostram maior variabilidade interna. A configuração típica das interrogativas neutras é  $L^* HH\%$  e estas são aquelas que maior variação mostram. As interrogativas *wh*-apresentam duas configurações: um padrão ascendente ( $L^* HH\%$ ), como nas interrogativas neutras, e um padrão descendente ( $L^* L\%$  ou  $H+L^* L\%$ ). As perguntas *eco* mostram duas possibilidades em castelhano:  $L+_jH^* L\%$  ou  $L+_jH^* HH\%$  e  $L+H^* LH\%$  (embora os dois últimos com uma nuance antiexpectativa). A presença do *upstep* ( $L+_jH^*$ ) é comum em algumas variedades do castelhano. Por fim, os vocativos apresentam pouca variabilidade, tal como em outras variedades do castelhano e em outras línguas. A Tabela 13, abaixo, sintetiza todos os contornos nucleares.

**Tabela 13. Tabela 3.4. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Castelhanao (elaboração própria a partir de Estebas & Prieto 2010 e Hualde & Prieto 2015)**

Tipo frásico	Acento pré-nuclear	Acento nuclear
<b>Declarativas</b>		
Neutra	$L+>H^*$	$L^* L\%$
Enumeração		$L+H^* H-$ $L+H^* HH-$
Focalizada		$L+H^* L\%$ $L^* HL\%$
Focalização contrastiva	$L+>H^*$	$L^* HL\%$
Óbvia		$L+H^* LM\%^{28}/L!H\%$
Dubitativa		$L+H^* M\%$
Exclamativa		$L+_jH^* L\%$
<b>Interrogativas</b>		
Neutra	$L^*+H$	$L^* HH\%$
Disjunção	$L+H^* H-$	$L^* L\%$
Coordenação	$L+H^* HH-$	$L^* L\%$
Confirmatória	$L^*+H$	$H+L^* L\%$ $L^* H\%$
Imperativa	$L+>H^*$	$H+L^* L\%$
<i>Wh</i> - neutra	$H^*$	$L^* L\%$ $L^* HH\%$
<i>Wh</i> - não-neutra	$L+>H^*$	$H+L^* L\%$

<sup>27</sup> Os dialetos do castelhano que Estebas & Prieto (2010) e Hualde & Prieto (2015) descrevem são os falados em Madrid, na Cantábria, nas Canárias, na cidade do México, na República Dominicana, em Porto Rico, na Venezuela, em Quito, em Santiago do Chile e em Buenos Aires

<sup>28</sup> Importa, aqui, assinalar que a fronteira  $LM\%$ , anteriormente proposta em Prieto & Roseano (2010) foi reanalisada como  $L!H\%$  em Hualde & Prieto (2015).

Eco neutra absoluta	L+>H*	L+;H* L%
Eco parcial	L+>H*	(L+);H* L%
Eco não-neutra anti expectativa	H*	L+H* LH% L+H* HH%
Imperativas		
Ordem		L+H* M%
Pedido		L* HL%
Chamamentos		
Neutro		L+H* M%
Insistente		L+H* HL%

### 3.2.2 O léxico entoacional do português europeu

Para o português europeu, valemo-nos dos dados apresentados em Frota (2014) e Frota, Cruz *et al.* (2015) para sumariar os contornos em português europeu. Segundo Frota, Cruz *et al.* (2015: 241), os acentos nucleares bitonais (H+L\* e L\*+H) prevalecem em português europeu padrão e que se conjugam com fronteiras simples (L, ;H ou H) ou complexas (LH ou HL). H+L\* é o acento mais comum, encontrado nas declarativas, interrogativas *wh-*, interrogativas neutras e tópicos finais. Ao contrário da variedade padrão do português europeu, a variedade de Braga e do Alentejo (Ale) mostram preferência pelo padrão L\* e a variedade do Algarve (Alg) partilha a preferência com a variedade padrão, relativamente às declarativas neutras. O acento H\*+L é próprio da variedade padrão europeia do português (SEP) não tendo sido encontrado em outras variedades do português e H+L\* HL% é próprio da variedade do Ale (interrogativas sim/não focalizadas). Considerando as interrogativas, existe uma variabilidade neste tipo frásico. Os dados apresentados em Cruz *et al.* (2017) mostram que Braga (Bra), Lisboa e Évora (Eva) apresentam um contorno bastante semelhante: descendente-ascendente. Por outro lado, Porto (Por), Castro Verde (Ale) e Albufeira (Alg) apresentem um movimento ascendente e Castelo Branco (CtB; beira interior) apresenta dois movimentos em diferentes modalidades: na leitura o movimento é ascendente-descendente e na DCT o movimento é semelhante ao encontrado em Braga, Lisboa e Évora (Cruz, 2013; Cruz *et al.* 2017). Dentro da metodologia do AMPER, para Coimbra, Moutinho & Vaz (2008), Moutinho & Fernández Rei (2009) e Moutinho, Coimbra & Vaz (2011) os movimentos são mais consistentes: ascendente-descendente para todas as regiões analisadas (Braga, Prado, Alfândega da Fé, Trinta, Aradas, Beira Litoral, Beira Interior e Algarve), movimentos também encontrados em Cruz *et al.* (2017: 93) como alternativos no Porto e em Albufeira. O português europeu padrão exhibe diferentes contornos para os chamamentos e os chamamentos insistentes - (L+)H\* ;H% e (L+)H\* L% - ao passo que a variedade do

Algarve apenas utiliza o primeiro para ambos os tipos frásicos. Consolidámos todos os contornos na Tabela 14, abaixo.

**Tabela 14. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Português (elaboração própria a partir de Frota, Cruz *et al.*, 2015 e Cruz *et al.*, 2017)**

Tipo frásico	Acento pré-nuclear	Acento nuclear
<b>Declarativas</b>		
Neutra	(H)	H+L* L%
Enumeração		L*+H H%
Focalizada	(H)	H*+L L% (final) H*+L ... !H+L* L% (não-final)
Focalização contrastiva	H*	H*+L L%
<b>Interrogativas</b>		
Neutra <sup>29</sup>	(H)	H+L* LH% (SEP, Bra, Eva) L*+H H% (Por, Alg) L* H% (Ale) L+H* L% (CtB) H*+L L% (CtB)
Confirmatória		L*+H H%
Wh- neutra	(H)	H+L* L%
Eco neutra absoluta		L* LH%
Eco não-neutra antiexpetativa	(H)	L*+H HL% (final) L*+H LH% (não-final)
<b>Imperativas</b>		
Ordem	(H)	H*+L L% H*+L (L*) L% L*+H (L*) L%
Pedido	H* %H	L* L%
<b>Chamamentos</b>		
Neutro		(L+)H* !H%
Insistente		(L+)H* L%

### 3.2.3 O léxico entoacional do galego

A partir dos dados descritos por Fernández Rei, Escourido & Castro (2007), Fernández Rei & Escourido (2008), Escourido, Fernández Rei, González & Regueira (2008) e Rodríguez Vázquez (2019), é possível traçar algumas considerações, apesar de nem todos os tipos frásicos estarem analisados e a metodologia não ser a mesma. Os dados mostram-

<sup>29</sup> Assumimos, aqui, a etiquetagem adotada em Cruz *et al.* 2017: Bra (Braga), Por (Porto), CtB (Castelo Branco), SEP (Lisboa), Eva (Évora), Ale (Castro Verde) e Alg (Albufeira). De notar que em Braga e Évora o acento nuclear apresenta a configuração (H+)L\* uma vez que a sílaba pré-acentuada pode já apresentar um tom baixo.

nos a prevalência de dois acentos tonais ( $L^*$  e  $H+L^*$ ) acompanhados, quase sempre, por uma fronteira simples ( $L\%$ ).  $H+L^*$  é o padrão mais comum, que vem na linha do que vem sendo descrito como um acento-padrão nas línguas (românicas e não só). O acento  $H+L^*$  é encontrado nas declarativas neutras, interrogativas neutras, *wh*- não neutras, eco neutras e eco não-neutras antiexpetativas. As interrogativas, a par do que fomos vendo no castelhano e português, são as que apresentam alguma variabilidade. Foram encontrados dois padrões: um ascendente ( $L+H^* L\%$ ) e um descendente, encontrado por Fernández Rei (1997), e confirmado o contorno em Fernández Rei & Escourido (2008) e Fernández Rei (2016), com uma configuração  $H+L^* L\%$ , o que o torna o contorno padrão. O contorno  $L^* L\%$  é próprio das *wh*- neutras e das imperativas. Abaixo, na Tabela 15, agrupámos todos os dados encontrados nos vários estudos.

**Tabela 15. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Galego**  
(elaboração própria a partir de Fernández Rei 1997, Fernández Rei & Escourido 2008 e Fernández Rei 2016)

Tipo frásico	Acento pré-nuclear	Acento nuclear
Declarativas		
Neutra	H	$H+L^* L\%$
Enumeração		$L^*+H H\%$ (sem pausa) $H+L^* L\%$ (com pausa)
Interrogativas		
Neutra		$H+L^* L\%$ (CGP - galego <i>stadard</i> ; CMP - Costa da Morte) $L+H^* L\%$ (RBP - Rías Baixas)
Imperativa		$L^* L\%$
<i>Wh</i> - neutra		$L^* L\%$
<i>Wh</i> - não-neutra		$H+L^* L\%$
Eco neutra parcial		$H+L^* L\%$
Eco não-neutra anti expetativa		$H+L^* L\%$

### 3.2.4 O léxico entoacional do asturo-leonês

Por último, condensámos na tabela abaixo (Tabela 16) os dados encontrados por Alvarellós *et al.* (2011) e Muñiz Cachón & Roseano (2022). A par do galego, o asturo-leonês mostra uma preferência pelo padrão  $H+L^*$  para expressar os tipos frásicos e para fronteiras de tipo simples. A par do castelhano, o asturo-leonês apresenta o mesmo contorno para veicular uma declarativa focalizada, com um tom baixo ( $L^*$ ) e uma fronteira ascendente complexa ( $HL\%$ ). As interrogativas assemelham-se ao encontrado para o galego padrão, um contorno descendente  $H+L^* L\%$ , assim como as imperativas e

os chamamentos. O contorno L+H\* L% veicula ao mesmo tempo um pedido e o contorno nuclear da enumeração. Veja-se que os pré-núcleos da enumeração apenas se distinguem da fronteira: H<sub>i</sub>H- no nível de PhP e L% no nível de IP. A Tabela 16 resume o léxico entoacional do asturo-leonês.

**Tabela 16. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em Asturo-leonês (elaboração própria a partir de Alvarellós *et al.* 2011, Fernández Planas *et al.* 2020 e Muñiz Cachón & Roseano 2022)**

Tipo frásico	Acento pré-nuclear	Acento nuclear
Declarativas		
Neutra	L+<H*	H+L* L%
Enumeração	L+H*	L+H* L%
Focalização contrastiva	L*	L* HL%
Interrogativas		
Neutra	L*+H	H+L* L% jH* L%
Imperativas		
Ordem	L+H* L* L+<H*	H+L* L%
Pedido	L+H*	L+H* L%
Chamamentos		
Neutro		H+L* L%
Insistente		H+L* L- H+L* L% <sup>30</sup>

### 3.3 O LÉXICO ENTOACIONAL A NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

Descritas as particularidades de cada uma das línguas, importa, agora, fazer uma descrição do inventário entoacional a partir da comparação dos dados em conjunto. A Tabela 17, abaixo, ilustra o inventário entoacional do castelhano, português europeu, galego e asturo-leonês.

<sup>30</sup> A transcrição prosódica do segundo chamamento em asturiano é [%LH] H+L\* L-[%LH] H+L\* L%. O segundo IP coincide com a partícula *ho*. Muñiz Cachón (2016) estudou amplamente as características gramaticais da partícula em asturiano a partir de dados fonéticos. Para a autora, a partícula é uma interjeição de caráter vocativo para manifestar a sua força ilocutória. É sintaticamente extrapredicativa, mas nem sempre forma um IP independente.

Tabela 17. Inventário dos acentos pré-nucleares e nucleares em castelhano, em português europeu, em galego e em asturo-leonês (elaboração própria a partir de Estebas & Prieto, 2010; Hualde & Prieto, 2015; Frota, Cruz *et al.*, 2015; Cruz *et al.*, 2017; Fernández Rei, 1997; Fernández Rei & Escourido, 2008; Fernández Rei, 2016; Alvarellos *et al.*, 2011; Fernández Planas *et al.*, 2020; Muñiz Cachón & Roseano, 2022)

CONTORNO NUCLEAR	CASTELHANO	PORTUGUÊS EUROPEU	GALEGO	ASTURO-LEONÊS
L* L%	<i>Declarativa neutra</i> <i>Interrogativa disjuntiva</i> <i>Interrogativa coordenada</i> <i>Wh- neutra</i>	<i>Pedido</i>	<i>Imperativa</i> <i>Wh- neutra</i>	
L* LH%		<i>Eco neutra absoluta</i>		
L* H%	<i>Interrogativa confirmatória</i>	<i>Interrogativa neutra (Ale)</i>		
L* HH%	<i>Interrogativa neutra</i> <i>Wh- neutra</i>			
L* HL%	<i>Declarativa focalizada</i> <i>Focalização contrastiva</i> <i>Pedido</i>			<i>Focalização contrastiva</i>
(L+)H* !H%		<i>Chamamento</i>		
(L+)H* L%		<i>Chamamento insistente</i>		<i>Interrogativa neutra</i>
(L+)!H* L%	<i>Eco parcial</i>			
L*+H H%		<i>Interrogativa confirmatória</i> <i>Interrogativa neutra (Por e Alg)</i>		
L+H* HH%	<i>Eco não-neutra anti expectativa</i>			
L+H* M%	<i>Ordem</i> <i>Chamamento</i> <i>Declarativa dubitativa</i>			
L*+H HL%		<i>Eco não-neutra antiexpectativa</i>		
L+H* HL%	<i>Chamamento insistente</i>			
L+H* L%	<i>Declarativa focalizada</i>	<i>Declarativa neutra (CtB)</i>	<i>Interrogativa neutra</i>	<i>Pedido</i>
L+ <sub>j</sub> H* L%	<i>Exclamativa</i> <i>Eco neutra absoluta</i>			
L+H* LM%	<i>Declarativa óbvia</i>			

L+H* LH%	<i>Eco não-neutra anti expectativa</i>			
H* L%				<i>Interrogativa neutra</i>
H+L* L%	<i>Interrogativa confirmatória</i> <i>Imperativa</i> <i>Wh- não-neutra</i>	<i>Declarativa neutra</i> <i>Wh- neutra</i>	<i>Declarativa neutra</i> <i>Interrogativa neutra</i> <i>Wh- não-neutra</i> <i>Eco neutra parcial</i> <i>Eco não-neutra anti antiexpectativa</i>	<i>Declarativa neutra</i> <i>Interrogativa neutra</i> <i>Ordem</i> <i>Chamamento</i> <i>Chamamento insistente</i>
H*+L L%		<i>Declarativa focalizada</i> <i>Focalização contrastiva</i> <i>Ordem</i> <i>Interrogativa neutra (CtB)</i>		
H+L* LH%		<i>Interrogativa neutra (SEP, Bra e Eva)</i>		

As línguas têm mostrado bastante coesão nas frases declarativas, mas bastante variação nas interrogativas neutras. Segundo Frota & Prieto (2015b), as declarativas apresentam três configurações:  $H+L^* L\%$ ,  $L^* L\%$  e  $L+H^* L\%$ , onde os dois primeiros são os dominantes e o último coocorre em algumas variedades com  $L^* L\%$ . Os dados agrupados mostram uma área geoprosódica central com um padrão  $L^* L\%$  e duas áreas descontínuas com um padrão  $H+L^* L\%$  a Oeste (Portugal) e a Este (Itália e Balcãs). Apesar de Hualde & Prieto (2015) apontarem um padrão  $L^* L\%$  para o asturo-leonês e para o galego, Alvarellos *et al.* (2011) mostram, para o asturo-leonês, um padrão bem diferente. Os autores encontram um padrão descendente final para o acento nuclear, acompanhado com uma fronteira baixa, resultando numa análise fonológica de  $H+L^* L\%$ . A par, também o galego apresenta a mesma configuração final. Apesar de a metodologia de análise não ser a mesma, o padrão encontrado por Fernández Rei & Escourido (2008) mostra que no pico associado no último sintagma ocorre uma descida gradual de  $f_0$  na sílaba tónica, o que nos leva a considerar um padrão mais  $H+L^* L\%$  ao contrário daquele apontado por Hualde & Prieto (2015).

As interrogativas são o tipo frásico que maior variação apresenta. Frota & Prieto (2015b) agrupam as interrogativas do espaço românico em dois grupos: um que apresenta um padrão ascendente com um tom de fronteira alto e um que apresenta um padrão descendente com um tom de fronteira baixo. Dentro dos padrões ascendentes existem dois tipos: aqueles que apresentem uma subida total ( $\nearrow$ ) e os que apresentam uma descida acompanhada por uma subida ( $\searrow\nearrow$ ). As variedades do castelhano apresentam um contorno  $L^* H\%$  mais difundido, embora a variedade da Cantábria apresente um contorno  $L+H^* HL\%$ . O português europeu padrão (SEP) apresenta um contorno descendente-ascendente  $H+L^* LH\%$ , embora algumas variedades do português apresentem um contorno ascendente  $L^*+H H\%$  (Porto e Algarve). A par, o movimento  $L^* H\%$  é encontrado também no Alentejo, assim como no castelhano. Para o galego, Fernández Rei (1997) nota que as interrogativas apresentam um movimento semelhante às declarativas, apresentando uma diferença no nível de  $f_0$ : as declarativas iniciam com um pico mais baixo na primeira sílaba tónica e as interrogativas iniciam-se com um pico mais alto na primeira sílaba tónica, o que desencadeia uma descida mais acentuada. Fernández Rei & Escourido (2008) e Fernández Rei (2016) apontam para dois tipos de contornos em galego: um tipo descendente  $H+L^* L\%$  (galego padrão e variedade da Costa da Morte) e um tipo ascendente-descendente  $L+H^* L\%$  (variedade das Rias Baixas). Para o asturo-leonês, Alvarellos *et al.* (2011) notam a existência de variação dentro do asturo-leonês, pois apresenta dois tipos de acentos nucleares:  $H+L^*$  nas variedades do galego-asturo-leonês e na variedade central (Uviéu) e um acento monotonal  $H^*$  próprio do asturo-leonês-ocidental, central (Mieres) e oriental. Os acentos nucleares são acompanhados por

um tom de fronteira baixo (L%) no galego-asturo-leonês, ocidental, central (Uviéu e Mieres) e um tom descendente (HL%) na variedade oriental, conforme Tabela 17.

Recentemente, Fernández Planas *et al.* (2020) notam que, contrariamente ao que apontou Pidal (1906)<sup>31</sup>, os padrões descendentes das interrogativas em Palência (¡H\* L%), região do antigo reino de Leão, estão mais próximos dos padrões descendentes de Uviéu (¡H\* L%) do que dos padrões de Leão, que possuem um padrão descendente (¡H\* L) e outro ascendente (¡H\* LH%). Este último está, assim, mais próximo da entoação ascendente de Madrid e de Barcelona (L\* H%).

Na esteira de alguns estudos anteriores, Fernández Rei (2019c) estuda os padrões das interrogativas com base nos dados do galego, português, castelhano norte e ocidental e asturo-leonês. A autora estabelece três configurações nucleares:

- (i) padrões ascendentes (Oliveira, castelhano de Madrid, Salamanca, *fala valverdeira*, Extremadura, Cantábria, Andaluzia acidental)
- (ii) padrões descendentes (galego padrão, galego na fronteira com as Astúrias, asturo-leonês e Don Benito [Badajoz, Extremadura])
  - (a) descendente-ascendente (português europeu padrão)
  - (b) ascendente-descendente (galego das Rías Baixas, Cantábria rural, Alburquerque [Badajoz, Extremadura], *fala lagarteira y mañega*, Palência, outras variedades do português e português de Oliveira)

A partir destes dados, a autora desenha três áreas geoprosódicas a ocidente da Península: uma que engloba a maior parte do galego e do asturo-leonês (ii), uma que agrupa o castelhano cantábrico e ocidental com o português não padrão (2b), uma área restrita à zona de Lisboa (2a) e uma última área que se estende pelo nordeste, centro e sul peninsular, com um movimento ascendente (i), conforme Figura 21, abaixo (retirada de Fernández Rei, 2019c: 41).

---

<sup>31</sup> Pidal (1906: 130) aponta para o desaparecimento do leonês em terras de Palencia, Valladolid, Cáceres e Badajoz por influência do castelhano. Efetivamente, os padrões das interrogativas de Leão estão mais próximas dos de Madrid que dos de Uviéu. Isso mostra que a variedade de Palencia é mais conservadora, uma vez que ainda subsistem rasgos do leonês.

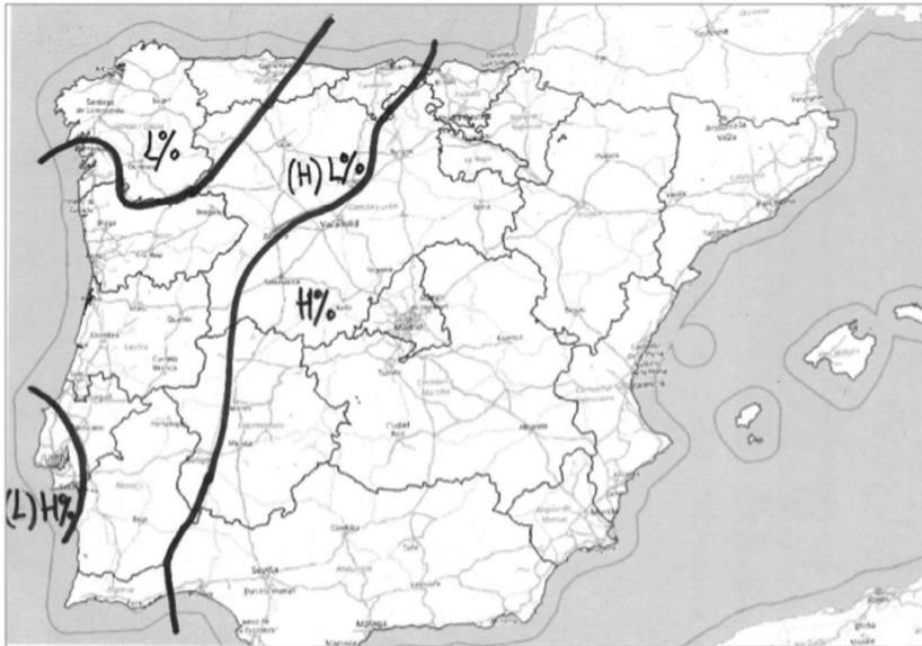


Figura 21. Áreas geoprosódicas a ocidente da Península Ibérica  
(fonte: Fernández Rei 2019c)

Os dados do galego, castelhano e português europeu mostram que as interrogativas *wh*-podem ter duas configurações em castelhano:  $L^* HH\%$  e  $L^* L\%$  ou  $H+L^* L\%$ . Os dois últimos podem ser encontrados em galego e português europeu padrão, respetivamente. Os dados mostram que este tipo de interrogativas (que têm uma marca sintática – pronome interrogativo) não necessitam de ser marcadas entoacionalmente, tendo, muitas vezes, um contorno entoacional próximo das declarativas.

As frases imperativas são caracterizadas por marcas morfossintáticas como a deslocação de elementos da frase ou o modo imperativo do verbo (veja-se a discussão da estrutura sintática das imperativas subsecção §4.1.2.2). Os pedidos e as ordens têm diferentes comportamentos nas quatro línguas. Neste quadro, apenas podemos analisar o castelhano, português europeu e asturo-leonês.

(i) Ordem			(ii) Pedido		
castelhano	português	asturo-leonês	castelhano	português	asturo-leonês
$L+H^* M\%$	$H^*+L L\%$	$H+L^* L\%$	$L^* HL\%$	$L^* L\%$	$L+H^* L\%$

De notar que as línguas usam diferentes formas de marcar as imperativas: em castelhano a ordem é marcada com  $L+H^* M\%$  (entoação própria do chamamento e das declarativas dubitativas) e o pedido com o padrão  $L^* HL\%$ , próprio da declarativa focalizada e da focalização contrastiva. Em português europeu, a estratégia é usar o padrão não-neutro ( $H^*+L L\%$ ) para marcar a ordem e um padrão  $L^* L\%$  para marcar um pedido. Em asturo-

leonês a estratégia é utilizar o padrão L+H\* L% para marcar um pedido e o padrão H+L\* L% próprio das declarativas e interrogativas neutras e dos chamamentos.

Por fim, olhando para os chamamentos, apenas podemos fazer considerações sobre o castelhano, o português e o asturo-leonês, pois só estas línguas apresentam estudos.

(i) Chamamento			(ii) Chamamento insistente		
Castelhano	Português	Asturo-leonês	Castelhano	Português	Asturo-leonês
L+H* M%	(L+)H* !H%	H+L* L%	L+H* HL%	(L+)H* L%	H+L* L%

Considerando os padrões acima, é possível observar dois tipos de movimentos: um que inclui o castelhano e o português europeu, pois apresentam um contorno contínuo alto nos chamamentos: L+H\* ou (L+)H\*, seguindo de uma fronteira não baixa (M% ou !H%) e um outro movimento descendente, típico das declarativas neutras, no asturo-leonês, (H+L\*) com uma fronteira baixa (L%). O mesmo contorno é usado para marcar os chamamentos insistentes. Por outro lado, o castelhano e o português usam o mesmo movimento ascendente (L+H\* ou (L+)H\*) e um movimento descendente final (HL% e L%). Podemos verificar, também, que em castelhano e em português são as fronteiras que determinam a diferenças entre os tipos frásicos.

Como descrito inicialmente, o nosso objetivo não seria fazer uma descrição exaustiva das línguas que têm contacto com o mirandês, senão uma comparação das diferenças e semelhanças entre si. Com a descrição acima, é possível elaborar algumas considerações sobre as línguas em causa. As quatro línguas apresentadas têm evidências para a existência de acentos tonais e tons de fronteira ao nível do IP

Em relação aos contornos nucleares, o mesmo contorno pode ser usado para diferentes tipos frásicos e foi possível observar três níveis de tons para marcar diferentes tipos frásicos: L, ;H e H. Como Frota & Prieto (2015b: 398-409) notam, as declarativas neutras mostram uma grande coesão em termos românicos, apresentando dois tipos de contornos nucleares (L\* L% e H+L\* L%), assim como os chamamentos (L+H\*<sup>32</sup> M/;H% e L+H\* HL/L%). Podemos, agora, acrescentar aos dados anteriormente analisados que, ao contrário do padrão encontrado para os chamamentos, em asturo-leonês o comportamento é diferente, apresentando um movimento descendente em ambos os chamamentos acompanhados por uma fronteira baixa. As interrogativas são o padrão que mais variação apresenta em termos de espaço românico.

<sup>32</sup> Anotamos L+H embora, para o português europeu, o morfema L não seja obrigatório.

### 3.4 ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE A ANÁLISE ENTOACIONAL DO MIRANDÊS

Embora sejam bastantes os estudos sobre o mirandês, estes têm privilegiado o estudo do léxico (Alves, 1997; Martins, 2006; Ferreira *et al.* 2014; Ferreira *et al.* 2016). Trabalhos recentes têm vindo a promover o estudo de outras componentes da gramática: a morfologia, a fonética e a fonologia e a prosódia, a título de exemplo. Bautista (2013) estuda o processo de formação de palavras, assim como uma descrição dos processos de derivação e conclui que existem alguns casos obsoletos, como o uso do sufixo *-ine* (“-inho”), que resultou de uma importação do português para o mirandês. A par, o autor nota que, apesar da implementação da Lei 7/99 (Capítulo 2), a língua atravessa sérios problemas, como por exemplo, a perda de falantes e uso institucional. Santos, Martins & Pereira (2019) concluem num estudo sobre os processos derivacionais na formação de nomes eventivos e de qualidade na escrita de tipo académico que os operadores sufixais *-mient(o)/-ment(o)* e *-(i/e/a)dade* são os mais produtivos em mirandês.

Relativamente à fonética e fonologia do mirandês, Vasconcellos (1900) apresenta uma primeira visão panorâmica sobre a língua, nomeadamente, sobre a fonologia. Relativamente ao estudo da prosódia, Vasconcellos (1900: 206, 210) já aponta algumas reflexões sobre a natureza de alguns fenómenos “quer dentro da mesma palavra, quer de uma palavra para outra (phonetica syntactica)”: a natureza átona de certos monossílabos (*me*), fenómenos como a crase (*yá alhá staba = já 'lha staba*) e síncope de V2 em encontros vocálicos V1V2 (*mie 'miga = mie amiga*), processo pouco frequente nas línguas (Casali, 1997). Carvalho (1958) faz uma descrição exaustiva do inventário fonológico segmental do mirandês e propõe que as consoantes fonológicas sejam /p, b, f, m, t, d, tz, s, z, ʃ, z̃, n, l, r, ʁ, k, g, tʃ, ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/ e as vogais fonológicas sejam /i, e, ε, u, o, ɔ, a/.

Recentemente, estudos sobre a variação prosódica do mirandês têm sido levados a cabo pelo grupo de investigação do projeto AMPER-MIR (Bautista & Moutinho, coord.), tendo por base uma análise entoacional de enunciados declarativos e interrogativos. Moutinho & Bautista (2017) num estudo preliminar sobre a entoação das interrogativas sim-não nas regiões de Paradela, San Pedro de la Silba e Sendim concluem que o movimento de *f0* de Paradela e San Pedro de la Silba estão mais próximos do que o movimento da variedade de Sendim. A par, os autores notam que o movimento de *f0* encontrado em Paradela e San Pedro de la Silba se aproxima daquele que encontraram em Vinhais. Este movimento ascendente nas interrogativas terminadas em palavras oxítonas é aquele que se encontra nas variedades do português estudadas dentro do projeto AMPER. Os autores notam que não é possível extrair resultados mais sólidos, uma vez que é necessário um estudo mais profundo sobre outros padrões acentuais.

Fernández Rei (2019c) acrescenta que o movimento ascendente nas oxítonas pode ser o resultado de um truncamento do tom nuclear.

Como referido acima, os estudos sobre entoação apenas têm sido trabalhados pelo grupo de investigação do projeto AMPER-MIR o que nos leva a considerar um último estudo levado a cabo por Bautista & Moutinho (2019). Os autores analisam as interrogativas, considerando, agora, os três tipos de acento lexical: oxítono, paroxítono e proparoxítono. Os dados confirmam as primeiras análises de Moutinho & Bautista (2017) relativamente aos enunciados terminados com palavras oxítonas e vêm mostrar que, ao contrário de um movimento ascendente, os enunciados com palavras paroxítonas e proparoxítonas evidenciavam um movimento de  $f_0$  ascendente-descendente. De notar que a variedade de Sendim tem um comportamento diferente, uma vez que  $f_0$  continua a apresentar um movimento ascendente na paroxítonas e só apresenta um movimento ascendente-descendente nas proparoxítonas. Os autores deixam já a descoberto que os movimentos de  $f_0$  nas regiões de Paradela e San Pedro de la Silba parecem ser influenciados pelo português, uma vez que é o movimento encontrado nas variedades do português (Moutinho, Coimbra & Vaz, 2011). A Tabela 18 concentra a informação que acabámos de descrever.

**Tabela 18. Inventário dos movimentos nucleares em mirandês  
(elaboração própria a partir de Bautista & Moutinho 2019)**

Tipo frásico	Tipo de movimento	
Declarativas	Neutra	descendente
	Interrogativas	ascendente-descendente

Torna-se, assim, clara a necessidade de concretizar um estudo sobre que tipo de morfemas entoacionais estão na base do léxico entoacional do mirandês de forma a enquadrar o mirandês, por um lado, nas línguas a nordeste (e o impacto que estas têm) e, por outro, nas línguas românicas.

### 3.5 CONTACTO LINGUÍSTICO

A presente secção ocupa-se do contacto linguístico. Na subsecção §3.5.1, faz-se uma introdução geral sobre a temática, apresentando-se alguns conceitos-chave/terminologia que servirão para discutir os dados do Capítulo 5 no Capítulo 6. A subsecção §3.5.2

aborda a mudança no nível fonológico induzida pelo contacto linguístico e a subsecção §3.5.3 resume os vários estudos sobre transferência e convergência no nível entoacional.

### 3.5.1 Terminologia na investigação em contacto linguístico

Para compreendermos os mecanismos que estão na base das diferenças e semelhanças encontradas em ambas as línguas, recorreremos à investigação do contacto linguístico. Nesta subsecção, descrevemos a terminologia dos fenómenos subjacentes das características transferidas entre línguas em contacto e que servirão para interpretar os resultados da análise entoacional do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro no Capítulo 6.

Os estudos linguísticos, sobretudo até ao início do século XX, tinham como principal interesse (i) a classificação das línguas com vista a estabelecer modelos genealógicos e (ii) a análise da mudança linguística por métodos comparativos. Daí, surgem divergências quanto ao papel dos elementos provenientes de diferentes línguas de origem, os quais poderiam complexificar as decisões classificatórias. Evidência disso é a nota que Thomason & Kaufman (1988) fazem no início do seu trabalho quando citam Müller (1871) “es gibt keine Mischsprache” ‘não existem línguas mistas’ e Schuchardt (1884) “es gibt keine völlig ungemischte Sprache” ‘não existe língua que não seja mista’. No entanto, uma das suposições centrais para Thomason & Kaufman (1988: 3) é que muito provavelmente tenha havido uma interferência estrangeira na gramática e no léxico na história da maioria das línguas. A par, para Hickey (2010: 2) são muitos os cenários sobre a natureza do contacto e os possíveis efeitos. Para Merlan (2009), todas as línguas são resultado de contacto linguístico e as componentes da gramática (o léxico, por exemplo) são herdeiras de várias línguas. Então, podemos considerar aquilo que Kloss (1978: 1) nota quando refere “que o contacto linguístico é tão antigo como o facto de haver múltiplas línguas, ou seja, [...] desde que a torre de Babel foi construída”<sup>33</sup>.

É comumente aceite a ideia de que o contacto linguístico é um fenómeno social e linguístico e que as línguas (ou dialetos) se influenciam entre si em situação de contacto, levando a uma transferência de características linguísticas das línguas envolvidas (Siemund, 2008; Ihemere, 2013). As situações de contacto diferem em termos de intensidade com que as línguas interagem, do tipo de contacto e qual o resultado que daí advém. Estas são algumas questões que têm trazido à luz vários modelos de análise. Muitos foram os trabalhos levados a cabo com o propósito de identificar - teórica e metodologicamente - os mecanismos envolvidos no contacto linguístico. Como apontado

<sup>33</sup> Tradução nossa do original “*daß Sprachkontakte so alt sind, wie es mehrere Sprachen gibt, die von benachbarten Völkern gesprochen warden, mit anderen Worten, wenn Sie so wollen, seit dem Turmbau zu Babel*” Kloss (1978: 1).

por Matras (2013: 66), o trabalho de Weinreich (1953) é pioneiro nos estudos sobre contacto linguístico ao descrever que as mudanças linguísticas podem ser resultado do bilinguismo e o indivíduo bilingue é o *locus* das influências linguísticas, ou seja, um fator “externo” ao sistema linguístico.

Desde os primeiros trabalhos de investigação em contacto linguístico de Weinreich (1953) e Haugen (1953), diferentes abordagens têm sido levadas a cabo. Importa salientar que Thomason & Kaufman (1988) lançam as bases para a investigação dos vários cenários sobre a natureza do contacto e os possíveis efeitos (Hickey, 2013: 1).

Merlan (2009: 23) chama a atenção para o facto de que as definições desses cenários apenas apontem o contacto linguístico direto, ou não-mediado, que considera a existência de mais do que uma língua na mente do falante ou da comunidade, esquecendo a importância do contacto mediado, por exemplo, pela comunicação social, como a televisão, a rádio ou os jornais. Também as instituições de ensino favorecem este contacto mediado, quando os programas curriculares são lecionados em línguas dominantes como o inglês ou o espanhol. Estas línguas exercem poder sobre as restantes (ainda que não minoritárias), surgindo, por vezes, empréstimos “ad-hoc” (Merlan, 2009: 24). Esta influência pode dar-se também pelo prestígio, relações comerciais, políticas, culturais. Bloomfield (1933) já tinha introduzido esta ideia de empréstimos “íntimos” e “culturais”, ou seja, os empréstimos “íntimos” são aqueles que são determinados pela contiguidade geográfica e os “culturais” pelo contacto à distância, através do intercâmbio (Bloomfield, 1933: 444-445, 461).

Considerando a vasta terminologia nos estudos em contacto linguístico, Hickey (2010: 18-20) chama a atenção para o facto de muitas vezes os termos não serem usados com os mesmos significados por todos os autores. O autor nota cinco termos: *borrowing*, *transfer*, *imposition*, *metatypy* e *convergence*. Para Hickey (2010), o termo *borrowing* refere-se aos itens ou estruturas que são copiados da língua X para a língua Y, mas sem que os falantes da língua Y passem para a língua X. O autor nota que o empréstimo é característico do contacto “cultural” (empréstimos do inglês, por exemplo) e que se limitam a palavras e frases. O termo *transfer* designa a transferência de características que os falantes fazem da sua língua (X) para a língua Y. Quando uma característica está presente em ambas as línguas, a transferência é impercetível, mais quando não partilham a mesma característica estamos perante uma inovação. *Imposition* ocorre num cenário com duas comunidades: uma minoria com estatuto elevado e uma maioria com estatuto baixo. A comunidade que pertence à maioria adquire a língua da minoria, acabando por abandonar a sua língua materna. No processo de *metatypy*, Ross (2003: 183) descreve

duas ou mais línguas em contacto tornam-se estruturalmente semelhantes. Os estudos sobre contacto linguístico mostram que uma língua se adapta morfossintaticamente às construções de outra, sem que esta última sofra qualquer alteração. A *convergence* define que duas línguas convirjam no mesmo resultado se uma característica estiver presente em ambas as línguas em contacto.

A par, Schmid (2011: 20) identifica quatro processos em que o léxico de uma língua pode ser influenciado: *borrowing*, *restructuring*, *convergence* e *switching*. Importa, aqui, então, explorar cada um destes processos em particular. Para Schmid (2011: 20), o termo *borrowing* pode ser definido como o uso de características da L2 enquanto se fala a L1 e são integrados morfológica e fonologicamente no sistema da L1 (Schmid & Köpke 2009: 213). A autora define este processo como sendo o tipo mais evidente de influência interlinguística, uma vez que toda a forma lexical é integrada pelo falante e em muitos casos existe um item equivalente na L1, mas o falante já não o consegue reproduzir ou compreender. A *restructuring* ocorre quando as características em L1 e L2 são semelhantes: as características da L1 são reanalisadas de acordo com a característica correspondente na L2, ou seja, a característica continua a fazer parte da L1, mas o significado é alterado. A autora afirma, ainda, que não é necessariamente obrigatório a integração de novos itens no sistema da L1, mas apenas uma mudança em função do significado na L2, ou seja, o significado de algumas palavras é alargado (extensão semântica) e noutras estreitado (Schmid, 2011: 27). Por *convergence*, a autora nota a fusão de características da L1 e da L2 para criar uma única forma diferente das originais da L1 e da L2. Schmid (2011: 35) define que *switching* é a mudança de itens ou estruturas da L1 para aquelas presentes na L2. Essa troca afeta vários campos lexicais, enquanto no caso do *borrowing*, da *restructuring* e da *convergence* apenas um item lexical é afetado.

Recuperando as definições acima descritas, um dos resultados comuns do contacto linguístico é o *borrowing* (empréstimo), onde ocorre transferência de itens lexicais (palavras ou frases) e propriedades gramaticais (empréstimos de padrões fonológicos, morfológicos ou sintáticos) de uma língua para a outra (Thomason & Kaufman, 1988). É importante, neste momento, distinguir o que são empréstimos de *code-switching*, quando a forma original das palavras é preservada. Park (2006) e Poplack & Meechan (1998) consideram que a integração de palavras ou algumas frases na língua de destino é tida como empréstimo, ou seja, a integração de formas de uma língua para a outra não é temporária. Por outro lado, o uso de dois ou mais códigos linguísticos no mesmo discurso é considerado como *code-switching*. A par destes, os empréstimos lexicais que vêm preencher uma lacuna no sistema são denominados de *empréstimos culturais*, pois

representam objetos ou conceitos novos na cultura da língua de destino (Myers-Scotton, 2006: 212).

Para Thomason & Kaufman (1988: 37), numa situação de empréstimo, “*the first foreign elements to enter the borrowing language are words*”, mas apontam, também, que o empréstimo lexical pode ocorrer sem que exista um bilinguismo generalizado, embora um empréstimo estrutural extensivo requeira que o bilinguismo seja extensivo, considerando a intensidade do contacto. A par, os autores notam, ainda, que “[if] *there is strong long-term cultural pressure from source-language speakers on the borrowing language speaker group*”, então os empréstimos lexicais e estruturais (como os itens fonológicos, morfológicos ou sintáticos) podem ocorrer (Thomason & Kaufman, 1988: 37; Merlan, 2009: 23).

Thomason (2001: 69) introduz uma escala de empréstimos (Tabela 20), onde nota que o vocabulário mais especializado é aquele que é mais afetado, pois nomes e verbos são facilmente inseridos em estruturas já existentes. Nas componentes fonológica e sintática, por exemplo, a posição do acento ou a ordem de palavras são as características mais suscetíveis de empréstimos, ao passo que a morfologia flexional é mais difícil de incorporar.

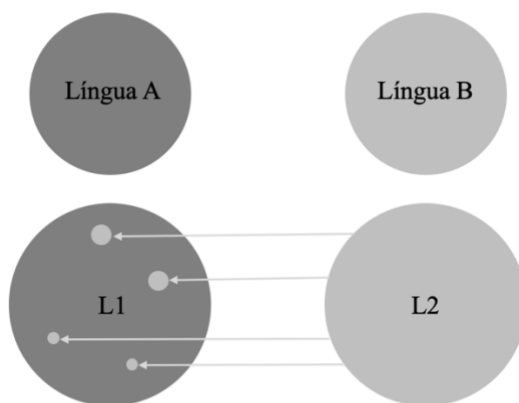
**Tabela 19. Escala de empréstimos lexicais mais afetados pelo contacto linguístico  
(adaptado de Thomason, 2001)**

Escala de empréstimo	Componente lexical	Componentes estruturais
Contacto casual	Apenas palavras lexicais (na maioria nomes, mas alguns verbos, adjetivos e advérbios) de vocabulário não-básico	Componente não afetada
Contacto um pouco mais intenso	Palavras funcionais (conjunções e partículas adverbiais), palavras lexicais, vocabulário não-básico	Apenas alguns empréstimos estruturais, sem maiores alterações nos tipos de estrutura; recursos fonológicos: aparecimento de novos fonemas com novos fones; características sintáticas: incorporação de novas funções restritas e nova ordem de palavras
Contacto bastante intenso	Empréstimo de mais palavras funcionais; palavras básicas que estão presentes em todas as línguas, incluindo itens de classes fechadas, como pronomes e adjetivos; afixos derivados	Empréstimo de características estruturais mais significativas, sem alteração de mudanças tipológicas; recursos fonológicos: realização fonética de fonemas nativos, perda de alguns fonemas nativos não presentes na língua de origem, adição de novos fonemas, alterações nas características prosódicas (como o acento), perda ou adição de regras nas restrições silábicas, assim como, novas regras morfofonémicas; características sintáticas: recurso a ordem de palavras (substituição de SOV por SVO, por exemplo) e alteração nas estruturas coordenadas e subordinadas; recursos morfológicos: empréstimo de afixos e categorias flexionais, especialmente nas palavras que encaixam tipologicamente em padrões já existentes.
Contacto intensivo	Empréstimo extensivo em todas as categorias lexicais	Empréstimos estruturais, ainda que alterem a tipologia da língua; recursos fonológicos: perda ou adição de categorias fonéticas/fonológicas em palavras nativas e em todos os tipos de regras morfofonémicas; características sintáticas: mudanças radicais na ordem de palavras, estruturas relativas, negação, coordenação, subordinação, comparação e quantificação; componente morfológica: bastantes alterações estruturais, como a substituição da flexão pela morfologia aglutinativa ou vice-versa, perda ou adição de categorias morfológicas que não coincidem com a língua de origem, e a perda de padrões de concordância.

De acordo com Appel & Muysken (1987: 154-158) existem cinco cenários através dos quais os empréstimos podem ocorrer:

- a) por via da convergência
- b) por influência cultural e empréstimo lexical
- c) por aquisição de uma segunda língua
- d) por relexificação, ou seja, o processo de substituição de léxico de uma língua pelo de outra, sem que haja alterações na estrutura gramatical
- e) por imitação de padrões de prestígio.

Schmid (2011: 26) enaltece o facto de a L1 enriquecer em termos semânticos, pois os itens disponíveis para tradução têm um significado diferente. O processo de empréstimo pode ocorrer no seguinte cenário (Figura 22):



**Figura 22. Representação esquemática de empréstimos entre a L1 e a L2**  
(adaptado de Schmid, 2011: 27)

Ao contrário do empréstimo, no processo de “restruturação” nenhum elemento é integrado no sistema. Aquilo que acontece é que, no sistema já existente, os elementos ganham um novo valor (Schmid, 2011: 27). Este processo é evidente no léxico dos bilingues, uma vez que ocorre uma extensão ou redução do escopo dos itens lexicais (Figura 23).

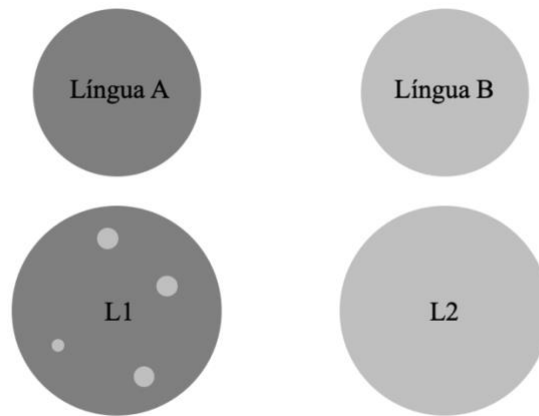


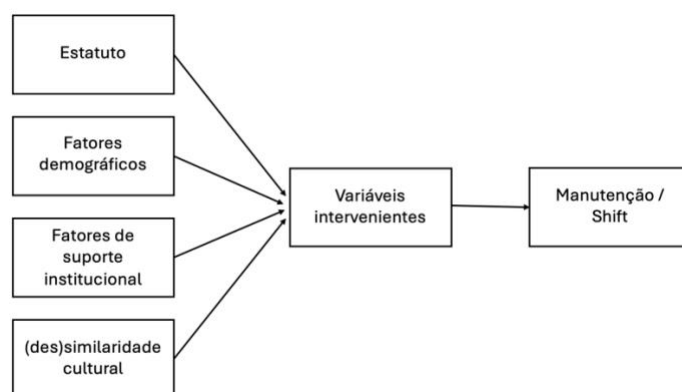
Figura 23. Representação esquemática da reestruturação entre a L1 e a L2  
(adaptado de Schmid 2011: 27)

Schmid (2011: 27) exemplifica que “*the verb to run can be used in collocations such as to run short of something or to run for office, but such constructions cannot be used in, for example, German or Spanish*”, embora os bilingues usem, frequentemente, construções como *\*ich renne kurz an Briefpapier* e *\*correr para gobernador*.

Appel & Muysken (1987: 154) notam que quando várias línguas são faladas num espaço geográfico, principalmente pelas mesmas pessoas, elas tendem a **convergir**. Segundo Winford (2003: 63), a convergência ocorre quando as diferenças gramaticais de duas línguas se reduzem ou eliminam, ou porque uma adota características de uma outra ou ambas entram numa espécie de “compromisso” que reduza as estruturas em conflito. De acordo com Appel & Muysken (1987: 154), essa convergência é mais sensível no nível fonético, pois os sistemas vão tornar-se cada vez mais semelhantes, sem clara influência numa ou outra direção. Um exemplo disso é a convergência dialetal entre o castelhano e o quéchua, na realização da palatal, no Equador. Matras (2009: 243-265) mostra, com diversos exemplos, que a convergência também se dá nos níveis lexical, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Höder (2014: 41) define, por oposição a convergência, o conceito de divergência. Para o autor, convergência e divergência são tipos de mudança linguística diacrónica relacional (por oposição à estabilidade diacrónica) em que duas ou mais línguas se tornam semelhantes ou diferentes, respetivamente, em termos estruturais. O autor chama a atenção para o facto de a convergência e divergência não afetarem todas as línguas, mas podem ser a causa de novas variedades.

Um outro conceito implicado no contacto linguístico é o *language-shift*. Este processo, social, ocorre quando uma comunidade de fala substituiu totalmente a sua língua (L1) por uma língua de outra comunidade (L2). O *language-shift* tem como finalidade a composição e ambição da comunidade. A L1 é substituída pela L2 pela comunidade, que, geralmente, identifica a L1 como uma evolução natural para a L2. Enquanto a comunidade é bilingue, esta mudança é apenas parcial, ao passo que quando a mudança ocorre na totalidade, ela é total, levando à extinção da L1 (Batalha, 1991: 19; Barreña *et al.*, 2007: 133; Wendel & Heinrich, 2012: 163). Appel & Muysken (1987: 32) chamam a atenção para o facto de a mudança não proporcionar a extinção da língua minorizada. Prova disso é a comunidade guzarate que passou a usar o inglês como língua maioritária, mas o guzarate (língua falada no oeste da Índia) não se extinguiu. Os autores apontam para a *neutralidade* do termo “shift”, uma vez que a mudança se pode dar no caminho inverso. A comunidade de falantes do Quebeque compreendeu a importância da língua minoritária e ocorreu um processo inverso de mudança do inglês para o francês, quando o inglês já se tinha difundido. Claramente que a manutenção de uma língua é, geralmente, defendida pela camada mais jovem, membros ativos de organizações culturais e políticas. Os autores apontam uma série de fatores que estão por detrás da manutenção de uma língua: o estatuto (quer económico, linguístico, social, histórico, etc.), os fatores demográficos, os fatores de suporte institucional, os fatores de média, os serviços governamentais, a educação e a (des)similaridade cultural (Figura 24).



**Figura 24. Representação esquemática da mudança de uma L1 e para uma L2 (adaptado de Appel & Muysken 1987: 38)**

Os vários fatores e subfactores apresentados podem correlacionarem-se, ou seja, uma comunidade com um estatuto económico mais baixo, terá, geralmente, um estatuto histórico mais baixo, não terá controlo dos média, assim como terá poucas hipóteses de lutar por um sistema educativo mais inclusivo. Obviamente que os fatores apontados não influenciam a manutenção ou mudança das línguas diretamente, mas são variáveis que

devem ser discutidas. E para isso, os autores colocam em perspetiva que variáveis devem ser consideradas e como podem os fatores sociais influenciar os comportamentais. Por fim, há uma questão bastante relevante sobre se deve ocorrer uma mudança ou uma manutenção da língua.

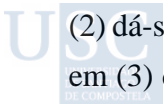
Um outro cenário é a imposição. Se o grupo em que a mudança está a ocorrer pertencer a uma posição mais alta da sociedade, então, ele irá transferir as suas características para os falantes cuja língua está a mudar (van Coetsem, 1988, 2000; Winford, 2003, 2007). Hickey (2010: 19) acrescenta que “[a] *community contains two groups: a minority with high status and a majority with low status. The minority acquire the language of the majority, eventually relinquishing their original native language*”. O autor chama a atenção para o facto de o termo *imposição*, que remonta ao trabalho de Frans van Coetsem, retomado por Donald Winford, ser sinónimo de “transferência”. O autor critica o termo usado por van Coetsem (1988, 2000) pois não permite “transferência” mais intuitiva e impede “imposição” relativamente à sua própria definição (acima). A título de exemplo, Silva-Corvalán (1994) e Fought (2013: 290) notam a influência que o castelhano teve no inglês dos EUA e, posteriormente, o inglês desenvolvido pela comunidade teve influência no castelhano, porque para muitos o inglês tornou-se língua dominante.

Apesar de Appel & Muysken (1987) notarem que a mudança pode não ditar o fim da língua minoritária, Winford (2003: 256) nota que o bilinguismo promove uma mudança da língua ancestral pela maioritária e que possa ocorrer erosão linguística (do inglês *language attrition*), uma vez que, nesse ambiente, os falantes podem ser privados do contacto com uma das línguas (Flores, 2007: 108). Els (1986: 4) estabelece uma taxonomia para os casos típicos de erosão linguística que combina o tipo de língua perdida (L1 ou L2) e o ambiente/meio em que a língua se perde (L1: meio linguístico dominante de L1 e L2: meio linguístico dominante de L2; veja-se Figura 25).

		Língua	
		L1	L2
Meio linguístico	L1	(1)	(3)
	L2	(2)	(4)

Figura 25. Esquema da taxonomia para os casos de erosão linguística (adaptado de Els 1986)

Em (1) dá-se perda de L1 no ambiente de L1 (perda dialetal dentro da comunidade), em (2) dá-se perda de L1 no ambiente de L2 (perda da língua nativa pelo efeito de emigração), em (3) dá-se perda de L2 no ambiente de L1 (os bilingues passam a monolingues) e em



(4) dá-se perda de L2 no ambiente de L2 (perda de segunda língua pelos migrantes idosos). Flores (2007) aponta vários fatores que desencadeiam a erosão linguística, entre os quais, a idade, a influência de L2, o tipo de contacto, literacia e a motivação, atitudes e identidade e nota, ainda, as componentes da gramática que são afetadas, tal como Schmid & Köpke (2007: 5) esquematiza (Figura 26).

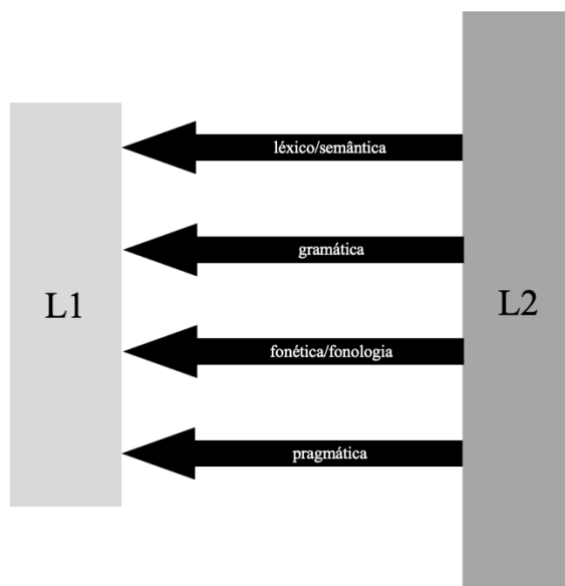
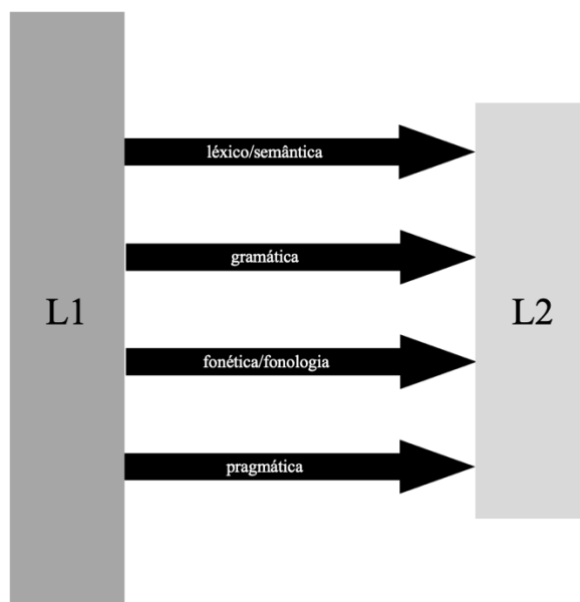


Figura 26. Influência da L2 na L1 por erosão linguística  
(adaptado de Schmid & Kopke 2007: 3)

Um outro cenário possível que conduz à mudança é a **interferência** na L1 decorrente da L2. Para que ocorra interferência, é necessário haver um bilinguismo generalizado na comunidade, caso contrário, não haverá falantes que difundam a L2 na comunidade (Weinreich, 1953: 1; o conceito de interferência foi, também, explorado, como vimos, também em Thomason & Kaufman, 1988: 37). Apesar da grande variabilidade no uso de termos para referir o fenómeno de *influência*, Weinreich (1953) define como **interferência**<sup>34</sup> qualquer caso de transferência. Thomason & Kaufman (1988: 38) notam que um tipo de interferência é a interferência de substrato e definem-na como o tipo de influência linguística que resulta de um processo de aprendizagem imperfeita durante a mudança linguística. Numa situação de interferência de substrato, uma comunidade falha na aprendizagem da L2 e transfere elementos da L1 para a L2. Os erros, como apontam Thomason & Kaufman (1988: 39), cometidos pelos falantes (ou seja, os elementos transferidos da L1 para os membros do grupo em mudança) quando discursam já na L2 são incorporados na L2 se os falantes originais da L2 os “imitarem”. Thomason & Kaufman (1988: 39) avançam que, ao contrário dos empréstimos, a interferência não se

<sup>34</sup> Odlin (2003: 438) nota que o termo *interferência* é sinónimo de *transferência negativa*: “negative transfer, or (to use the term usually found in the book) “interference””.

inicia através do vocabulário, mas sim na fonologia, sintaxe e morfologia, com menos incidência. Essa ideia de que algumas componentes são mais suscetíveis que outras a interferência é abandonada, pois muitas vezes está implicada a ideia de que os elementos transferidos implicam mais a sintaxe e a morfologia do que a fonética e a fonologia (Odlin, 2003: 439; Schmid & Köpke, 2007: 1). Abaixo (Figura 27), representa-se a influência da L1 na L2 em todas as componentes da gramática.



**Figura 27. Influência da L1 na L2 por transferência**  
(adaptado de Schmid & Köpke, 2007: 2)

O termo empréstimo tem sido o termo difundido vastamente pela literatura. Hickey (2010: 20) nota a imprecisão do termo, uma vez que não existe, efetivamente, um empréstimo, mas sim uma cópia, ou seja, os falantes da língua A copiam características encontradas na língua B e integram-nas na sua própria língua (Johanson, 2002, 2010: 653; Pakendorf, 2010: 720). Ross (1996: 182, 2003: 183) cunha o termo “metatypy” quando a mudança envolve tipologia estrutural. Ross (2003: 183) descreve que o processo de “metatypy” acontece quando “[...] *two or more languages are in contact over a lengthy period and become structurally more and more similar [...]*”, ou seja, as construções morfossintáticas de uma das línguas da comunidade bilingue são reestruturadas no modelo da língua dos outros falantes, o que faz com que a língua em mudança se aproxime em termos de significados e construções morfossintáticas da outra língua (Ross, 2007: 118-121). Supõem-se que as línguas se tornem mais semelhantes, convergindo.

Segundo Matras (2009: 222), todos os níveis da estrutura fonológica das línguas podem ser afetados por *replication*<sup>35</sup>: “*the articulation of individual phones or phonemes within words, length and gemination, stress and tone, prosody and intonation*”. Ao contrário da abordagem de Winford (2003: 55-56), que determina que em fonologia os empréstimos constituem-se como uma forma de preenchimento de lacunas estruturais existentes na língua, Matras (2009: 222) procura entender a motivação dos falantes para essa ideia de lacuna estrutural. Considerando esta perspectiva de que uma língua pode importar formas de uma outra língua sem que isso afete a língua de destino, o autor mostra que a importação da palavra *current*, do francês para o inglês, não teve consequências no sistema estrutural do inglês: [ˈkʰʌrənt] mostra a alteração do acento para a posição inicial, a aspiração da consoante inicial e uma alteração na qualidade do /r/, entre outros. Um outro está relacionado com o facto de o empréstimo enriquecer o inventário fonológico da língua de destino, como é o caso da integração em alemão das palavras *baby* e *computer*: apesar de o alemão não possuir [e̞] e [ju], à partida a combinações de sons estão disponíveis em alemão; a palavra *Dschungel* (‘jungle’; port. ‘selva’) contém um fonema /dʒ/ que é marcado em alemão, pelo que os falantes o substituem por [tʃ]. Matras (2009: 222) nota que estes processos ocorrem em comunidades bilingues, pois a L1 goza de algum prestígio e a comunidade esforça-se por integrar estas novas formas, disseminando-as pela comunidade.

Como já notámos acima, a convergência pode ocorrer quando os falantes deixam de separar os dois sistemas e procuram fundi-los num só. Isso pode acontecer quando a comunidade tem relutância ou inabilidade de adquirir o sistema da L2 por completo, o que fará com que as palavras da L2 sejam produzidas com a fonologia da L1. O efeito do substrato pode levar à formação de uma nova variedade, diferente da L2 padrão. Exemplo disso é a produção retroflexa de [t] (do inglês [t]) no inglês do sul da Ásia e a convergência de [u] e [i] (grafados como <ı> e <î>, respetivamente) em [i] no grego falado na Turquia (Matras, 2009: 223).

Numa situação de bilinguismo prolongado e bem estabelecido, os falantes de uma língua minoritária tendem a ajustar o seu inventário para coincidir com o da língua dominante, com a vantagem de não separar os dois sistemas, mas sim num único repositório. Caso disso é a língua Domari (uma língua do povo Dom espalhados pelo Oriente Médio, Norte

<sup>35</sup> A autora usa o termo *replication* como sinónimo de *borrowing* (‘empréstimo’): “***I will use the term replication to capture even more closely the fact that we are dealing not with issues of ownership or even direct imitation or duplication, but rather with the activity of employing an item, in context, in order to achieve a communicative goal. For fear of contributing further to an unnecessary proliferation of terminology, I shall not abandon the term ‘borrowing’, but simply clarify here that I use the term to refer to the replication of a linguistic structure, of any kind, in a new, extended set of contexts, understood to be negotiated in a different ‘language’***” (Matras, 2009: 146; negrito nosso).

da África, Cáucaso e Ásia Central), em que o fonema /p/, como em /pandži/ (port. ‘ele, ela’), sob pressão do sistema arábico, que não possuiu consoante labial surda, está a sofrer uma alteração para uma produção intermédia ou uma alternância entre [p] e [b] (Matras, 2009: 224).

Ao contrário do sistema segmental, onde não existe nenhuma razão para a existência de fonemas mais ou menos afetados em situações de contacto linguístico, a prosódia parece ser mais suscetível ao contacto linguístico (Matras, 2009: 231). Matras (2009: 232) descreve a existência de algumas línguas que partilham características prosódicas com as línguas de contacto, através de empréstimo e convergência amplamente difundidos. Matisoff (2001: 322) aponta para que a difusão generalizada das características prosódicas esteja relacionada com a *perceptual salience* da subida e descida da voz humana, a chamada *basis of articulation*, a configuração dos articuladores na produção de uma língua em particular e para o facto de a primeira característica linguística a ser adquirida pelos bebés serem os padrões entoacionais.

Matras (2009: 233) mostra, assim, que existem dois fatores importantes para a suscetibilidade da prosódia no contacto linguístico: a função da prosódia nas línguas e a separação neurofisiológica da prosódia das outras características da fala. O primeiro fator está relacionado com o facto de a prosódia poder ser usada para “conveying meaning and the fact that it is prototypically a form of expression of emotive modes”, operando no nível do enunciado e não no nível da palavra (focando, aqui, o papel da entoação em específico), permitindo que os falantes “mentally disconnect prosody more easily from the matter or shape of words associated with a particular language, making it prone to change and modification in contact situations”. Matras (2009: 233) nota que a separação da prosódia das outras características da fala, através de estudos neurofisiológicos, é consequência para que a prosódica seja mais difícil de controlar numa situação de contacto linguístico.

### 3.5.2 Mudança no nível fonológico induzida pelo contacto linguístico

Como referido na subsecção anterior, para Matras (2009: 1) as manifestações de contacto linguístico encontram-se numa grande variedade de domínios linguísticos, como a aquisição da linguagem, o processamento e a produção da linguagem, a análise do discurso, as funções sociais da linguagem e a política linguística, a tipologia, a mudança linguística, entre outros.

Segundo Matras (2009: 222), evidências de vários estudos mostram que qualquer nível fonológico pode ser afetado pelo empréstimo: “the articulation of individual phones or phonemes within words, length and gemination, stress and tone, prosody and intonation”.

O autor acrescenta que não parece haver evidências para que alguns fonemas possam ou não ser mais suscetíveis ao empréstimo:

“[s]ince the inventory of consonants in any given phonological system is usually larger than the inventory of vowels, two languages in contact are more likely to differ in their consonant systems than in their vowel systems. Loanwords are therefore more likely to introduce more new consonants than new vowels” (Matras 2009: 232).

A par, Matras (2009: 205) e Matras & Sakel (2007) mostram que alguns componentes fonológicos, como a entoação, parecem ser mais suscetíveis ao empréstimo. Aliás, segundo Matras (2009: 231-233), Mackey (1962) e Burridge (2006: 192), por exemplo, a entoação aparece como a componente mais suscetível ao empréstimo, seguido do acento de palavra e, por fim, da fonologia segmental. Segundo Matras (2009: 233), dois fatores podem explicar o porquê de a prosódia ser mais suscetível: (i) por um lado, a sua função e significado nas línguas, uma vez que é a prosódia (especialmente a entoação) que veicula o significado pragmático e expressa emoções no nível frasal “allows speakers to mentally disconnect prosody more easily from the matter or shape of words associated with a particular language, making it prone to change and modifications in contact situations” e (ii) por outro, a natureza neurofisiológica da prosódia, uma vez que o autor se refere a estudos neurofisiológicos que mostram que a prosódia pode ser separada de outros aspetos da produção da fala, logo, torna a prosódia mais difícil de controlar em situações de empréstimo (Matras 2009: 233). Na verdade, Hirst & Di Cristo (1998: 2) chamam a atenção para o facto de os bebés terem a capacidade de distinguir a prosódia da sua língua materna da de outras línguas logo após o nascimento: “the American infants’ ability to distinguish the Italian and English samples” (Mehler *et al.* 1998: 162).

Relativamente à transferência de substrato, para Odlin (1989: 112) “there is little doubt that native language phonetics and phonology are powerful influences on second language pronunciation”, ou seja, a fonética e a fonologia da L1 têm influência na L2, o que pode provocar frequentes erros de produção na fala da L2 (Odlin 1989: 115) de acordo com a ideia de que a distância tipológica entre as duas línguas pode ter um efeito facilitador ou dificultador na aquisição da L2 (Odlin 1989: 112-128; Winford 2003: 212).

De acordo com a taxonomia de Moulton (1962), recuperado por Odlin (1989: 115-117), os erros de produção cometidos pelos aprendentes de uma L2 podem ser divididos em quatro grupos: (i) erros fonémicos, (ii) erros fonéticos, (iii) erros alofónicos e (iv) erros de distribuição. A par, Odlin (1989: 117-119) salienta que as influências da L1 são

frequentemente evidentes em “suprasegmental contrasts involving stress, tone, rhythm, and other factors” e as influências prosódicas da L1 podem permanecer presentes mesmo após muitos anos de aprendizagem (Cruz-Ferreira 1984: 568-569).

### 3.5.3 Transferência e convergência no nível entoacional

O principal objetivo desta subsecção é mostrar o vasto leque de características entoacionais (e outras prosódicas) que podem ser interpretadas como resultados de empréstimos (*borrowing*), de interferências de substrato (*substratum*), de convergência e de erosão (subsecção 3.5.1 para consulta sobre definição dos termos), assim como alguns estudos sobre a entoação na Aquisição de Língua Segunda.

Importa, antes, ressaltar que os estudos, abaixo, de O’Rourke (2004, 2005), Muntendam (2012), van Rijswijk & Muntendam (2014), Colantoni & Gurlekian (2004), McMahon (2004), Gabriel (2006, 2007), Gabriel *et al.* (2010), Gabriel, Feldhausen & Pešková (2011), Feldhausen *et al.* (2011), Gabriel & Kireva (2012, 2014), Pešková *et al.* (2012), Simonet (2011), Grünke (2021), Roseano, Fernández Plana, *et al.* (2015), Vanrell *et al.* (2020), Sichel-Bazin & Roseano (2013), Prieto *et al.* (2015), Meisenburg (2011), Sichel-Bazin, Buthke & Meisenburg (2015), Kireva (2016) são uma sinopse de alguns estudos sobre os aspetos da entoação resultado do contacto linguístico. Os estudos em causa são interpretados como resultado de empréstimos (*borrowing*), de interferências de substrato (*substratum*), de convergência e/ou de erosão, ou seja, o resultado de mudanças linguísticas induzidas pelo contacto com outras línguas ou variedades.

Por outro lado, Robles-Puente (2014), Mennen (2004) e Pešková (2019, 2020, 2021) representam alguns estudos sobre a entoação na Aquisição de Língua Segunda (SLA), que sugerem, em geral, que os adultos que aprendem uma L2 tendem a transferir algumas das características entoacionais da sua L1 para essa língua.

Segundo O’Rourke (2004, 2005), Muntendam (2012), van Rijswijk & Muntendam (2014), que analisaram a variedade espanhola falada em Cusco, uma cidade Peruana na região do Andes, a entoação do espanhol falado pelos bilingues é influenciada pelo quéchua através de uma convergência prosódica. A variedade do castelhano e a língua quéchua (i) partilham, por um lado, o alinhamento dos picos dos acentos tonais pré-nucleares em frases declarativas (embora pareça haver mais variabilidade em espanhol) o que leva a que o alinhamento do pico inicial seja transferido de quéchua para castelhano e (ii) que, por outro lado, estas línguas em contacto não usam o alinhamento do pico para distinguir enunciados de foco amplo e foco contrastivo (embora possa haver diferenças de alinhamento dentro da sílaba tónica).

Robles-Puente (2014) que analisou a variedade do castelhano mexicano falada por falantes bilíngues (castelhano/inglês) como língua de herança em Los Angeles concluiu que se observa uma perda gradual do espanhol a favor do inglês. O autor descreve que as declarativas realizada por falantes L1 da variedade mexicana do espanhol como falantes L2 inglês mostram acentos pré-nucleares e nucleares semelhantes. Os dados podem ser vistos como um exemplo de erosão linguística, ou seja, como uma perda gradual de características do castelhano como L1 a favor das do inglês). A par, Santiago & Delais-Roussarie (2012, 2015) analisaram os resultados dos falantes da variedade mexicana do castelhano L1 que aprendem francês como L2 (níveis A2 e B1<sup>36</sup>). Os resultados mostram que os falantes de L2 francês parecem incorporar da sua L1 aspetos entoacionais das declarativas sim-não, neste caso, o contorno final descendente, assim como aspetos relacionados com a marcação tonal em palavras prosódicas, em que os falantes não marcam tonalmente esse grupo acentual, quando em francês a margem direita do grupo acentual é marcada por um acento tonal (Delais-Roussarie *et al.* 2015).

Considerando as variedades do castelhano e do italiana faladas em Buenos Aires, a entoação do castelhano é interpretada como (i) um resultado da convergência dos sistemas prosódicos do castelhano e do italiano ou (ii) um resultado da transferência do italiano que ocorreu quando os imigrantes italianos aprenderam o espanhol como L2. O castelhano e as diferentes variedades do italiano partilham (i) o alinhamento precoce do pico nos acentos tonais pré-nucleares (L+H\*), (ii) a realização de acentos tonais nucleares em enunciado declarativos neutros como H+L\*, (iii) o uso de um acento tritonal para marcar a ênfase e o foco contrastivo (L+H\*+L), (iv) a realização de contornos nucleares em interrogativas sim-não (L+;H\* HL%) e (v) a realização de H- e !H- para marcar ips internos em declarativas SVO neutras (Colantoni & Gurlekian, 2004; McMahan, 2004; Gabriel, 2006, 2007; Gabriel *et al.*, 2010; Gabriel, Feldhausen & Pešková, 2011; Feldhausen *et al.*, 2011; Gabriel & Kireva, 2012, 2014; Pešková *et al.*, 2012).

Simonet (2011) analisou o contacto linguístico entre o castelhano e o catalão falados na ilha de Maiorca. O autor considera que a entoação do castelhano de Maiorca é o resultado de uma convergência assimétrica entre o castelhano e o catalão através, por um lado, (i) da transferência de substrato do catalão para o castelhano (nos bilíngues dominantes do catalão) e (ii), por outro, de um empréstimo do catalão ("empréstimo direto") ou (talvez mais provável) da variedade castelhana falada pelos dominantes do catalão ("empréstimo indireto" ou acomodação no contacto dialetal) para o castelhano (nos bilíngues dominantes do espanhol). O autor chega a estas conclusões uma vez que o castelhano e o

<sup>36</sup> Os níveis A2 e B1 correspondem aos níveis desenvolvidos pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

catalão de partilham os contornos finais de enunciado côncavo-descendente em declarativas, ou seja, (H+)L\* L% e contornos descendentes em interrogativas sim-não, ou seja, (j)H+L\* L%. A par, o castelhano de Maiorca (predominantemente falado por pessoas mais velhas e do sexo masculino com dominância do castelhano) e o catalão (falado por pessoas do sexo masculino com dominância do castelhano) partilham os contornos finais de enunciado convexos e descendentes nas declarativas, ou seja, (L+)H\* L%, estando em causa um processo contínuo de convergência assimétrica conduzido por mulheres com predominância do castelhano, transferência maioritariamente unidirecional do catalão para o castelhano. Por fim, o castelhano de Maiorca (predominantemente de homens mais velhos e de predominância castelhana) e o catalão (falado por mulheres mais velhas de predominância catalã) partilham contornos crescentes nas interrogativas sim-não, ou seja, L\* H%, que resulta de empréstimos do castelhano para o catalão.

Se observamos as variedades do castelhano e do catalão faladas em Girona, podemos observar que ambas as variedades partilham numerosas propriedades entoacionais e apresentam poucas diferenças (Grünke 2021). O autor descreve que, embora, os mesmos inventários tonais estejam na base de ambas as variedades e as mesmas combinações de tons sejam utilizadas para marcar tipos de enunciados idênticos, as interrogativas sim-não apresentam movimentos descendentes na variedade do catalão de Girona, ao passo que esse movimento é mais raro no castelhano de Girona. Desta forma, o autor conclui que os sistemas entoacionais do castelhano e do catalão de Girona são o resultado de uma convergência total entre os sistemas entoacionais do castelhano e do catalão.

Considerando, agora, as variedades do catalão e do italiano faladas na Sardenha, os resultados da investigação levados a cabo por Roseano, Fernández Planas *et al.* (2015) e Vanrell *et al.* (2020) consideram que a entoação do catalão falada na Sardenha é o resultado de uma transferência de substrato de uma das variedades do sardo que ocorreu quando falantes L1 de sardo imigraram maciçamente para Alghero (uma cidade italiana da província de Sassari, na região da Sardenha) e aprenderam o catalão como L2 (através de uma transferência imperfeita; subsecção §3.5.1) e de uma convergência subsequente das variedades catalãs faladas por imigrantes e nativos. Já a entoação da variedade italiana da Sardenha é o resultado da transferência de substrato do sardo que ocorreu quando os sardos aprenderam italiano como L2 (transferência imperfeita; subsecção §3.5.1). Os resultados mostram que o catalão de Alghero, o sardo de Logudoro e o italiano usam os mesmos acentos tonais pré-nucleares e configurações nucleares para as declarativas neutras SVO (L+H\* L+H\* H+L\* L% e H\*+L L+H\* H+L\* L%) e partilham as mesmas configurações nucleares em interrogativas sim-não, ou seja, jH+L\* L% e H\*+L L%. Por

outro lado, o catalão de Alghero e o sardo apresentam as mesmas configurações nucleares em enunciados de veiculam ordens, frases contrastivas, frases exclamativas e vocativos.

Relativamente ao contacto entre o catalão do Norte e o francês, Sichel-Bazin & Roseano (2013) e Prieto *et al.* (2015) consideram que a variedade do catalão falada no Norte é considerado como um dialeto de transição para o occitano, uma vez que ambas as variedades partilham (i) o uso do acento inicial de frase (L)Hi, (ii) os acentos pré-nucleares L+H\* e (iii) fazem uso do contorno L+H\* H% em interrogativas sim-não, logo, estamos perante uma interferência entre a prosódia de ambas as línguas.

Para o contacto linguístico entre o occitano e a variedade do francês falada no Sul, Meisenburg (2011) e Sichel-Bazin, Buthke & Meisenburg (2015) notam que a entoação do occitano é o resultado da interferência prosódica do francês e que a entoação do francês do Sul é o resultado da transferência do occitano que ocorre através da aquisição do francês pelos falantes do occitano. Já o francês do Sul apresenta características inovadoras (centros urbanos) e é o resultado de uma convergência gradual com o francês do Norte (variedade padrão). Os autores notam que (i) a unidade prosódica não marcada para a acentuação é o grupo acentual (GA) para ambas as línguas, que contém um acento obrigatório na margem direta; (ii) o occitano e o francês conservador do Sul apresentam a mesma configuração nuclear para as declarativas óbvias (H\*+L L%) e que o francês inovador do Sul (urbano) segue largamente os padrões do francês setentrional (variedade padrão), ou seja, H\* !H%, H\*+L !H%; e que (iii) o occitano e o francês conservador do Sul apresentam menos contornos ascendentes do que o francês inovador do Sul e o francês standard nas interrogativas sim-não (em parte devido à utilização de estruturas sintáticas mais conservadoras que permitem contornos descendentes).

Para as línguas não românicas, Mennen (2004) observa os dados de falantes de holandês que falam grego como L2. Os dados mostram que os falantes de L2 usam características da L1 na produção da L2, como o alinhamento de picos de acentos pré-nucleares. A par, os falantes de L2 alinham os picos muito mais cedo, tanto no holandês de L1 como no grego de L2, do que os falantes nativos de grego de L1 (i.e., transferência de padrões de alinhamento).

Andreeva *et al.* (2017, 2019, 2021) observam a entoação judaico-espanhola falada na Bulgária após a expulsão dos judeus sefarditas de Espanha em 1492. Os autores notam que o judaico-espanhol falado na Bulgária e o búlgaro (falados tanto por monolíngues como por bilingues) apresentam (i) o mesmo inventário de acentos tonais e tons de fronteira, (ii) uma utilização (quase) idêntica deste inventário e (iii) confirmam os

mesmos padrões de acentuação em estruturas comparativas (ou seja, acentuação primária na partícula comparativa em vez do adjetivo ou advérbio).

Por fim, Pešková (2019, 2020, 2021) analisa a aquisição do castelhano como L2 por falantes alemães e checos como L1. A autora conclui que os falantes selecionam características da L1 e incorporam-nas na L2: (i) os acentos pré-nucleares, como por exemplo, L\*+H no elemento interrogativo em interrogativas parciais, (ii) acentos nucleares, como por exemplo, ex. L+H\* em declarativas neutras e interrogativas parciais não neutras e (iii) tons de fronteira (L%) nos vocativos.

Do ponto de vista da raia partilhada por Portugal e Espanha, são escassos os estudos de prosódia no contacto entre o português e o castelhano e a influência que essas duas línguas têm nas variedades raianas. Num estudo recente, Kireva (2016) conclui que a variedade do português falada em Olivença é interpretada como um resultado da convergência entre os sistemas prosódicos do português de Olivença e do castelhano e que a prosódia da atual variedade do castelhano de Olivença é interpretada como o resultado dos processos de transferência de substrato e de convergência. A autora confirma o que Thomason (2001) aponta, quando descreve que tudo pode ser incorporado de uma língua para outra, mostrando que todas as características prosódicas podem ser resultado de uma transferência de substrato (Kireva, 2016: 246).

Considerando o fraseamento prosódico, a autora atesta a existência dos seguintes padrões nas variedades portuguesa e castelhana de Olivença: (SVO)/(SVVO), (S)(VO)/(S)(VVO), (SV)(O)/(SVV)(O), (S)(V)(O)/(S)(VV)(O) e (SV)(VO). A autora nota que as variedades portuguesa e castelhana de Olivença mostram preferência pelos padrões das línguas dominantes: (SVO) e (S)(VO), respetivamente. A autora nota que a influência do castelhano no português de Olivença é de tal forma elevada que levou a uma mudança no tempo na variedade portuguesa de Olivença, pois o sistema mostra uma convergência no padrão de fraseamento do português europeu padrão (SVO) e do castelhano (S)(VO). O padrão (S)(VO) mostra que o mesmo foi adotado por convergência com o castelhano (Kireva, 2016: 215-216).

O inventário entoacional das duas variedades mostra algumas diferenças e faremos um breve levantamento de algumas diferenças em alguns tipos frásicos. A autora nota uma convergência da variedade portuguesa de Olivença com o castelhano no que respeita aos enunciados declarativos: a variedade portuguesa de Olivença apresenta dois tipos de contornos nucleares: H+L\* L%, próprio da variedade do português padrão, e L\* L%, próprio do castelhano. Kireva (2016: 224) aponta para a existência de um acento nuclear H+L\* L% no português de Olivença antes do intensivo contacto com o castelhano, que

levará a alteração no padrão para L\* L%. Assim, a autora considera que H+L\* L% é a configuração subjacente e a configuração L\* L% de superfície. Para as declarativas focalizadas e as exclamativas, a autora anota L+H\* L% e L+;H\* L%, respetivamente. Estas configurações são o resultado de processos de transferência e convergência entre o português e o castelhano no decorrer da formação das variedades em contacto. As configurações das interrogativas neutras para ambas as variedades são L\* !HL%, configuração diferente das línguas maioritárias, e L\* H%, partilhada com o castelhano (Kirena, 2016: 227-228). Para as interrogativas *wh-*, ambas as variedades portuguesa e castelhana de Olivença apresentam uma configuração H+L\* L% e L\* H%, que se traduz em algumas semelhanças com as línguas maioritárias. H+L\* L% é usado nas variedades portuguesa e castelhana de Olivença e na variedade padrão do português e L\* H% apresenta uma certa semelhança com o castelhano por apresentar um padrão ascendente. A manutenção do padrão H+L\* L% enraizou antes do intensivo contacto de 1801 e o padrão L\* H% foi adotado pro convergência com o castelhano (Kireva, 2016: 235).

Kireva (2016: 241) conclui que o português de Olivença pode ser interpretado como resultado de uma convergência com o português (de Olivença) e o castelhano. Esta convergência pode ser entendida como erosão linguística (*language attrition*), uma vez que numerosas características prosódicas do português foram substituídas por características do castelhano no português de Olivença. Para a variedade castelhano de Olivença, a autora aponta para um processo de transferência de substrato, uma vez que os falantes monolíngues de português de Olivença adquiriram o castelhano como L2 e por convergência (através da convergência do castelhano falado pelos bilingues português/castelhano de Olivença e pelos colonizadores castelhanos depois da anexação de Olivença a Espanha em 1801, e por convergência entre o português de Olivença e o castelhano falado pelos bilingues castelhano/português de Olivença).

Num primeiro estágio, os monolíngues de português de Olivença aprendem o castelhano como L2 (as gerações seguintes já são bilingues), o castelhano falado pelos bilingues português/castelhano de Olivença converge com o castelhano falado pelos colonizadores espanhóis chegados em 1801 e o português de Olivença converge com o castelhano falado pelos bilingues castelhano/português de Olivença e, por fim, como o castelhano se tornou uma variedade de prestígio, o português e o castelhano de Olivença apresentam mais similaridades com o castelhano do que com o português.

Em síntese, ao analisarmos os mecanismos de mudança linguística que surgem a partir do contato entre línguas, constatamos que essa mudança pode ir para além da simples incorporação de elementos lexicais ou gramaticais. A mudança linguística através do

contacto envolve também a transferência de características prosódicas, como a entoação e o ritmo. Esses aspetos suprasegmentais, como vimos, podem ser profundamente influenciados pela interação entre falantes de diferentes línguas, levando, por exemplo, a adaptações no léxico entoacional.

Os conceitos abordados ao longo deste subcapítulo, juntamente com as características prosódicas que podem ser transferidas em contextos de contato linguístico, oferecem uma base essencial para a compreensão das gramáticas de línguas em contacto. Ao aplicá-los, é possível identificar não só o impacto do contato na estrutura prosódica de uma língua, mas também compreender como é que os falantes ajustam o sistema fonológico, neste caso, a entoação, quando expostos a mais que uma língua. Esta análise ajuda-nos, assim, a construir um panorama mais detalhado das dinâmicas linguísticas em ambientes multilíngues. No Capítulo 6, recuperamos esses conceitos para desenvolver a nossa análise, explorando-os em profundidade e avaliando as implicações em situações de contato linguístico.

## CAPÍTULO 4 | METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de trabalho adotada na presente investigação. Na secção §4.1, apresentamos as propostas metodológicas para a elaboração do corpus, as tarefas aplicadas nesta investigação, assim como o material analisado no que diz respeito à análise entoacional. A secção §4.2 fornece uma descrição da base de dados dos falantes que participaram nesta investigação, considerando a história, usos, proficiência e atitudes em relação ao mirandês, e cujos dados foram integrados para análise entoacional. Por fim, a secção §4.3 apresenta os critérios e procedimentos de segmentação e análise dos dados.

### 4.1 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DO CORPUS

#### 4.1.1 Enquadramento metodológico: revisão bibliográfica

A metodologia aplicada na presente investigação insere-se no quadro de vários projetos que visam o estudo da entoação nas línguas românicas, como por exemplo, AMPER-POR<sup>37</sup> (Moutinho, coord.), AMPER-MIR<sup>38</sup> (Bautista & Moutinho, coords.), AMPER-Galicia<sup>39</sup> (Fernández Rei, coord.), InAPoP<sup>40</sup> (Frota, coord) e IARI<sup>41</sup> (Prieto, Borràs-Comes & Roseano, coords.). Todos estes projetos têm como denominador comum o estudo da entoação das diferentes línguas do espaço românico. Importa, também, salientar que os projetos desenvolvidos no âmbito do AMPER utilizam uma abordagem metodológica de carácter fonético ao passo que os projetos InAPoP e IARI utilizam uma abordagem metodológica de carácter fonológico.

Nos projetos referidos, e no que diz respeito ao projeto AMPER, os enunciados são extraídos a partir de desenhos apresentados previamente. O projeto AMPER-Galicia acrescenta, ainda, que “[a] utilización de debuxos en fichas de papel, en lugar da lectura de frases escritas débese a un intento de aproximación ao proceso mental xerado polo

<sup>37</sup> Moutinho, L. (coord.) *AMPER-POR, o estudo da Prosódia do Português Europeu e do Português do Brasil*. [https://www.varialing.eu/?page\\_id=254](https://www.varialing.eu/?page_id=254)

<sup>38</sup> Bautista, A., & Moutinho, L. (coord.) *AMPER-MIR. AMPER para a Língua mirandesa*. [https://www.varialing.eu/?page\\_id=260](https://www.varialing.eu/?page_id=260)

<sup>39</sup> Fernández Rei, E. (coord.) *AMPER-Galicia*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.gal/amper/>

<sup>40</sup> Frota, S. (coord.) *InAPoP - Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*. <https://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/>

<sup>41</sup> Prieto, P., Borràs-Comes, J., & Roseano, P. (Coords.) (2010-2014). *Interactive Atlas of Romance Intonation*. Web page: <http://prosodia.upf.edu/iari/>

locutor no acto creador da fala. O proceso de escritura require o emprego dunha zona cerebral distinta que o da oralidade, polo que a utilización dun corpus formado por oracións escritas pode inducir ao informante ao emprego dunha entoación de lectura<sup>42</sup>. O projeto InAPoP, por sua vez, descreve os seus resultados através de três tipos de tarefas: leitura, *Discourse Completion Task* (DCT) e *map task* (Frota, Cruz *et al.*, 2015). Por outro lado, o projeto IARI reporta os seus resultados a partir de três tarefas: DCT, *map task* e entrevista.

Apesar de a tarefa de leitura ser a tarefa mais controlada do ponto de vista do material linguístico a analisar, uma vez que é possível controlar os enunciados em termos de extensão e formato das palavras e frases, privilegiamos as tarefas mais espontâneas, como a DCT, por ser uma tarefa de fala não-lida, e a entrevista. Os dados da primeira tarefa (DCT) constituem o foco da presente investigação.

A *Discourse Completion Task* (DCT) é um método indutivo utilizado na investigação em pragmática<sup>43</sup> e em sociolinguística, embora o material linguístico seja altamente controlado (Blum-Kulka, House, & Kasper 1989; Billmyer & Varghese 2000; Félix-Brasdefer 2010). Trata-se de um método essencialmente indutivo, no qual o investigador apresenta ao informante uma série de situações ou contextos, algumas das quais com recurso a imagens, obtendo-se, desta forma, uma variedade de tipos de frases e significados pragmáticos o mais natural possível. Assim, são incitados atos de fala que se aproximam da fala natural, com o objetivo de obter produções que se situem entre a leitura (fala controlada) e a entrevista (fala espontânea) (Blum-Kulka, 1982). Uma das vantagens da DCT é o facto de esta tarefa permitir ao investigador recolher fala (semi)espontânea, o mais próximo da fala natural, controlando, desta forma, o padrão de acentuação da última palavra do IP (por exemplo, se se trata de uma PW com padrão paroxítono ou proparoxítono para permitir a realização de /θ/) e o tipo frásico (declarativas, interrogativas, ordens, chamamentos, etc.).

A DCT aplicada aos trabalhos sobre a entoação das línguas românicas (Prieto & Roseano, 2010 e Frota & Prieto, 2015a) foi concebida para ser aplicada a falantes nativos (L1) para extrair uma vasta série de contornos entoacionais autênticos. Desta forma, a tarefa inclui descrições de várias situações do quotidiano que visam suscitar vários tipos de frases, como declarativas, interrogativas sim-não, eco, parciais, vocativos, entre outros.

<sup>42</sup> Veja-se a secção “Presentación” do projeto AMPER-Galicia sito em <https://ilg.usc.gal/amper/presentacion.html>

<sup>43</sup> A DCT foi, posteriormente, adaptada e aplicada nos estudos de entoação, como Prieto (2001) e, mais recentemente, Prieto & Roseano (2010) para as diferentes línguas de Espanha e América Latina e Frota & Prieto (2015a) para as restantes línguas românicas: catalão, francês, friuliano, italiano, occitano, português, romeno, o sardo e o castelhano.

São vários os autores que atestam desvantagens e vantagens sobre a aplicação deste tipo de tarefas. Por um lado, Sichel-Bazin & Meisenburg (2015) e Vanrell, Feldhausen & Astruc (2018) notam que por se tratar de uma tarefa em que o falante tem de refletir o contexto que é apresentado pelo investigador, alguns destes falantes tiveram dificuldades em, por um lado, compreender o contexto e aquilo que lhes era pedido e, por outro, produzir o enunciado alvo. Como apontado por Vanrell, Feldhausen & Astruc (2018), Sichel-Bazin & Meisenburg (2015) notam que alguns falantes podem não entender o objetivo da tarefa e podem responder de forma inadequada e, como descrito por Vanrell, Feldhausen & Astruc (2018), alguns dos enunciados construídos para a DCT podem conter um contexto tão longo e específico que os falantes podem não compreender na totalidade o objetivo da tarefa. Por outro, Frota & Prieto (2015b: 392) descrevem que a conceção desta metodologia permite comparações entre línguas: “a common methodology of data collection that enhances the cross-language comparability of the empirical basis used” e Sichel-Bazin & Meisenburg (2015) atestam a viabilidade da DCT uma vez que é possível aplicá-la em contextos sociolinguísticos precários (como o caso dos falantes de occitano), a pessoas mais velhas e iletradas, uma vez que a tarefa é aplicada de forma oral, e pode ser aplicada no ambiente familiar, onde os falantes se sintam à vontade para falar a língua.

Como apontado por Xosé Henrique Costas na sua recente publicação *Presente i futuro de la lhéngua mirandesa* (de 2022), apenas a faixa etária de 60 ou mais anos usa o mirandês, ao passo que o uso do mirandês nas faixas etárias mais jovens é bastante mais baixo (76% contra uma média de 35%). O autor mostra, ainda, que na faixa etária 60 ou mais anos a aquisição do mirandês foi feita de forma implícita, uma vez esta faixa etária não adquiriu o mirandês na escola. Ao contrário desta, “80% dos menores de 18 anos e 52% dos menores de 40 anos estudaram mirandês” (Costas, 2022: 131), ou seja, a aquisição do mirandês foi feita de forma explícita. De salientar, ainda, que a taxa de analfabetismo em Miranda do Douro, segundo os censos de 1981 e 1991, era, respetivamente, 30,8% e 20,6%<sup>44</sup>, o que faz com que apenas 28% da população saiba ler e escrever em mirandês (Costas, 2022: 142).

Desta forma, a aplicação do questionário DCT vai permitir a obtenção de dados espontâneos de fala numa população envelhecida e analfabeta, uma vez que a aplicação do questionário é feita oralmente. Sendo conhecida a fragilidade e a precariedade da língua mirandesa, iremos obter, desta forma, dados espontâneos comparáveis entre

---

<sup>44</sup> Fonte: *Pordata.pt* (dados estatísticos: Taxa de analfabetismo segundo os Censos: total e por sexo; Fontes de Dados: INE - XII, XIII, XIV, XV e XVI Recenseamentos Gerais da População; INE - X, XII, XIII, XIV, XV e XVI Recenseamentos Gerais da População)

falantes mais velhos e analfabetos e variedades, de forma a obter o maior número possível de contextos pragmáticos diferentes. A par, a língua mirandesa é, essencialmente, uma língua falada em contextos mais informais, principalmente em casa. Logo, a aplicação da DCT permitiu obter dados em que os falantes se sentiram mais à vontade. Uma questão relevante é o facto de o ambiente da recolha de dados não ser controlado do ponto de vista logístico: interrupções durante a aplicação do questionário, ruídos externos (uma vez que algumas recolhas foram efetuadas ao ar livre), etc.

Relativamente à construção da DCT, recorreremos aos fundamentos teóricos dos tipos frásicos em termos sintáticos e pragmáticos de forma não exaustiva, uma vez que a presente investigação não se insere na componente sintática e apenas usa a componente teórica na construção dos enunciados elicitados. Convém assinalar que para Vasconcellos (1900: 465), a sintaxe do mirandês “não difere muito da portuguesa”, apesar de Ferreira (2010) notar que a sintaxe do mirandês “apresenta muitas características próprias quer em relação ao português quer em relação ao castelhano, afirmação que contraria reiteradas e habituais afirmações que a esse respeito são feitas, sobretudo no que respeita à sintaxe do português e do mirandês. Essas afirmações, porém, apenas se devem à falta de estudo e de conhecimento da língua mirandesa no domínio da sintaxe”.

#### **4.1.2 A sintaxe e a pragmática dos tipos frásicos: caracterização teórica**

Como nos descreve Brito (2003a), os enunciados estão formatados em diferentes tipos frásicos e podem ter diferentes propriedades sintáticas (como a ordem de palavras), morfossintáticas (como o modo verbal), prosódicas (como a curva de  $f_0$ ) e lexicais (como a presença de palavras que pertencem a determinadas subclasses). A autora acrescenta que o conceito de tipo frásico é obtido pela presença de elementos gramaticais, não havendo isomorfismo entre tipo sintático a que pertence uma frase e ato ilocutório. Desta forma, obtêm-se cinco tipos frásicos: declarativo, imperativo, interrogativo, exclamativo e optativo. Os enunciados com tópicos marcados podem pertencer a vários tipos sintáticos.

##### **4.1.2.1 As frases declarativas**

A configuração das frases declarativas neutras é obtida através da projeção de dois constituintes imediatos: sintagma nominal (SN) e sintagma verbal (SV) (Brito, 2003a). As declarativas podem afirmar ou negar uma realidade e servem para o falante descrever uma situação do mundo, assumindo que essa informação é nova para ele (Raposo, 2013). Por outro lado, as declarativas não-neutras pressupõem um conhecido prévio por parte do locutor e podem desencadear uma reestruturação dos constituintes da frase (Duarte, 1987).

#### 4.1.2.2 As frases imperativas

As frases imperativas são aquelas que expressam um ato ilocutório diretivo. Tipicamente, os enunciados imperativos constituem-se com um verbo no modo imperativo e expressam uma ordem (Matos, 2003b). A Real Academia Española (2010) introduz uma classificação das exclamativas, a saber, interjeições (*¡Oh!*), orações exclamativas (*¡Qué rápido va!*), vocativos (*¡Acérquese, señora!*), entre outros. Os vocativos são elementos que servem para “invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou uma coisa personificada”, segundo a tradição gramatical (Cunha, 1970), e não estão subordinados a nenhum outro elemento da frase. Cunha & Cintra (2000) acrescentam que são elementos que possuem uma entoação exclamativa. Já na perspectiva da gramática generativa, o vocativo ocorre em posição periférica da frase, seja à esquerda (*Tu, empresta-me o livro!*), seja à direita (*Empresta-me o livro, tu!*), segundo Matos (2003b: 457), e estes elementos têm sido considerados, por exemplo, como parantéticas (Astruc, 2003; Dehé & Kavalova, 2007). Segundo o Dicionário Terminológico<sup>45</sup>, o vocativo é definido como uma “[f]unção sintáctica desempenhada por um constituinte que não controla a concordância verbal e que é utilizada em contextos de chamamento ou interpelação do interlocutor. O vocativo ocorre muito frequentemente em frases imperativas, interrogativas e exclamativas”.

#### 4.1.2.3 As frases interrogativas

As interrogativas são as que constituem um ato ilocutório diretivo, onde o locutor pede ao alocutário uma informação que não dispõe. Consoante o escopo ou o foco da interrogação, as interrogativas podem ser de dois tipos: totais (ou chamadas de *sim/não*) e parciais (ou chamadas de *wh-*). Para o inglês, Grabe (1998, 2004) & Grabe & Post (2002) caracterizam as interrogativas em dois tipos: as interrogativas-declarativas, que coincidem, sintaticamente, com as declarativas, e as restantes interrogativas, onde ocorre uma alteração morfossintática (*wh- questions: Where’s the manual?* e as *yes/no questions: May I lean on the railings?*).

##### 4.1.2.3.1 As frases interrogativas totais

As interrogativas totais apresentam, implícita ou explicitamente, duas ou mais opções, por isso são chamadas, também, de *sim-não*. Sintaticamente, são semelhantes às declarativas, distinguindo-se apenas pela entoação (*Amanhã vens cá jantar* vs. *Amanhã vens cá jantar?*). Estas interrogativas exprimem duas opções antagónicas (através dos advérbios *sim* e *não*). Existem, porém, interrogativas totais em que o foco não incide na totalidade do enunciado, mas apenas num constituinte como em *A Inês vai a Lisboa*

<sup>45</sup> Ministério da Educação e Ciência. *Dicionário Terminológico para consulta em Linha*, disponível em <https://dt.dge.mec.pt/>

*AMANHÃ?*, em que o locutor pressupõe que “A Inês vai a Lisboa num determinado espaço de tempo”, confirmando apenas se esse tempo é “amanhã e não outro” (Brito, 2003b: 463; Real Academia Espanhola, 2010).

#### 4.1.2.3.2 *As frases interrogativas parciais*

As interrogativas parciais (ou *wh-*) caracterizam-se pela presença de pronomes interrogativos e solicita na resposta aquilo que se desconhece. É a presença de tais elementos interrogativas que marcam o foco da interrogação. Uma parte do significado das palavras interrogativas corresponde a um elemento desconhecido (*Que vinho trago?*). As interrogativas sem movimento<sup>46</sup> da partícula *wh-* têm duas interpretações: uma interpretação “normal”, como *Queres o quê?*, que pressupõe um pedido de informação e é equivalente a *O que queres?*, e uma interpretação “eco”, em que “o locutor revela estranheza por uma informação veiculada no discurso anterior ou mostra que não apreendeu totalmente essa informação”, como em *Queres O QUÊ?* (Brito, 2003b). A interrogativa normal tem, tipicamente, um padrão descendente e as interrogativas “eco” um padrão ascendente (Frota, Cruz *et al.*, 2015: 264-267). As interrogativas “tag” funcionam como uma forma de retoma ou pedido de confirmação do conteúdo do enunciado (*Vens, não vens?*).

#### 4.1.3 A Discourse Completion Task: mirandês e português

Assim, o questionário DCT para o mirandês foi construído com base na versão proposta por Prieto & Roseano (2010). Foi necessário proceder a uma adaptação do questionário no que diz respeito ao léxico utilizado no quotidiano, foram acrescentadas novas situações, por exemplo nas declarativas neutras com mais do que um IP<sup>47</sup>, e considerámos simplificar os contextos que nos pareceram demasiado longos e complexos, por exemplo:

##### (3.1) Versão DCT para o Castelhanao

[Contexto] Estás con una amiga y le cuentas que María, una amiga común, está embarazada. Ella te pregunta que de quién está embarazada y tú te extrañas mucho de que no lo sepa porque todo el mundo sabe que es de Guillermo, su novio de toda la vida. ¿Qué le dices?

[Resposta expectável:] ¡Sí, mujer, de Guillermo!

<sup>46</sup> Brito (2003: 465-474) descreve que nas “interrogativas parciais o movimento do V para uma posição COMP é obrigatório nos casos em que o morfema Q [*wh-*] é um item isolado: um SN (*que, o que*), um Advérbio (*onde, como, quando*) ou um quantificador (*que, qual, quando*) seguido de um N, isto é, com constituintes interrogativos complexos, o movimento do V para COMP não é motivado”.

<sup>47</sup> As versões completas das DCT para o mirandês e para o português encontram-se nos Apêndice 1 e 2, respetivamente.

(3.2) Versão DCT para o Mirandês

[Contexto] Stás cun ua amiga i falan sobre l filho de la Marie, ua amiga an quemun. La Marie pergunta se l filho ye de l Mário. Tu, admirada cula pergunta, dizes que si, claro que ye de l Mário.

[Resposta expectável:] *Si, claro que ye de l Mário.*

(3.3) Versão DCT para o Português

[Contexto] Estás com uma amiga e falam sobre o filho da Maria, uma amiga em comum. A Maria pergunta se o filho é do Mário. Tu, admirada com pergunta, dizes que sim, claro que é do Mário.

[Resposta expectável:] *Sim, claro que é do Mário.*

Uma vez que o objetivo do questionário é a obtenção de dados o mais espontâneo possível através da apresentação de contextos do quotidiano, os informantes não tiveram acesso aos contextos e as respostas destes não têm de coincidir com a resposta-alvo. A única preocupação do investigador é compreender se a resposta se adequa ao esperado para uma determinada situação pragmática. Por exemplo, para a situação 112e), ou seja, uma declarativa dubitativa, uma resposta como “Acho qu'el nun bai gostar”, ao invés do esperado “El puode nun gostar”, seria validada pelo investigador. Quando a resposta não coincidia com o contexto apresentado, o investigador dispunha de mais uma oportunidade para obtenção da resposta, uma vez que o questionário foi aplicado duas vezes. Abaixo, ilustramos alguns exemplos do questionário para cada tipo frásico.

(3.3) **Declarativas SVO**

Um sintagma entoacional

[Contexto] Preguntórun-te se preferes péra ó lharanja. Tu respundes lharanja.

[Resposta expectável] *Lharanja.*

Enumeração

[Contexto] Diga ls meses de l'anho.

[Resposta expectável] *Janeiro, Fevereiro, Márcio, Abril, Maio, Júnio, Júlio, Agosto, Setembro, Outubro, Nobembre i Dezembro.*

(3.4) **Outras declarativas**

Focalização contrastiva

[Contexto] Bocé entra nua lhoija adonde nunca antrou i pergunta se eilhes ténen lharanjas.

Mas la mulhier que t'atende nun t'antende bien.

A. You quiero un quilo de lharanjas.

B. Lhimonos?

[Resposta expectável] *Nó, you quiero lharanjas!!!*

### (3.5) Interrogativas SVO

Um sintagma entoacional

[Contexto] Entrás ne l café i preguntas se ténen auga.

[Resposta expectável] *Ténen auga?*

### (3.6) Outras interrogativas

Interrogativa imperativa

[Contexto] Stás ne l sofá a ber tribison. Ls tous filhos stan a fazer mui barulho. Pergunta se eilhes se calhan.

[Resposta expectável] *Bós calan-se!?*

Desta forma, obtivemos quatro principais tipos frásicos: declarativas (neutras e não neutras), interrogativas (neutras, não-neutras), interrogativas parciais *wh-* (neutras e não-neutras, interrogativas eco (neutras e não-neutras), imperativas e vocativos. Optámos pela distinção *neutro* de *não neutro* por duas razões: por um lado, os argumentos já apontados na subsecção §4.1.2.1 e, por outro, o facto de podermos estabelecer comparações entre línguas, uma vez que os autores citados em §3.1.2 seguem a distinção *neutral* e *biased statements* proposta por Prieto (2001) e Prieto, Borràs-Comes & Roseano (2010-2014). Na secção seguinte, explicitamos os dados analisados, assim como os informantes que participaram nesta investigação.

## 4.2 BASE DE DADOS DA ANÁLISE ENTOACIONAL

### 4.2.1 Os informantes e o perfil sociolinguístico

Uma vez que um dos principais objetivos da presente investigação consiste em investigar os efeitos do contacto linguístico em mirandês e em português, foi aplicado um questionário sociolinguístico que avaliasse diferentes critérios, como contacto com os meios de comunicação, uso linguístico e atitude e identidade linguísticas, que nos permitisse estabelecer critérios rigorosos para a seleção dos informantes, uma vez que pretendemos dados que nos forneçam resultados o mais fiáveis possível. Abaixo, sumariza-se o questionário sociolinguístico:

#### I - Informação pessoal

##### 1.1 Nome



- 1.2 Data de nascimento
- 1.3 Sexo
- 1.4 Idade
- 1.5 Endereço
- 1.6 Estado civil
- 1.7 Naturalidade
- 1.8 Tempo de permanência em outros locais
- 1.9 Escolaridade
- 1.10 Outros cursos
- 1.11 Naturalidade dos pais e avós
- 1.12 profissão
- 1.13 Onde a exerceu
- 1.14 Outras profissões/ocupações

## **II - Contacto com os meios de comunicação**

- 2.1 Vê televisão?      2.2 Programas preferidos
- 2.3 Ouve rádio?
- 2.4 Lê jornais?      2.5 Que tipo de jornais lê?
- 2.6 Lê revistas?      2.7 Que tipo de revistas lê?

## **III - Uso linguístico**

- 3.1 Que língua(s) fala?      3.2 Com que frequência?
- 3.3 Como aprendeu português?
- 3.4 Como aprendeu mirandês?
- 3.5 Que língua falam/falavam os pais/avós?
- 3.6 Quando pensa, pensa em que língua?
- 3.7 Com que frequência fala cada língua?
- 3.8 Que língua fala em casa/com os amigos?
- 3.9 Acha que os falantes são bilingues?

## **IV - Atitude e identidade linguísticas**

- 4.1 Quando lhe perguntam que língua fala, o que responde?
- 4.2 Em Tierra de Miranda, que língua fala? E fora?
- 4.3 Acha que o mirandês deveria ser uma disciplina obrigatória no ensino?
- 4.4 Para além de língua mirandesa, por que outro nome é conhecida?
- 4.5 Para além de língua portuguesa, por que outro nome é conhecida?

A aplicação do questionário permitiu-nos, antecipadamente, obter o perfil sociolinguístico de cada informante. Para a inclusão dos informantes na análise de dados, decidimos incluir apenas os informantes que:

- (i) às questões 1.5, 1.7 e 1.11 tenham respondido **qualquer uma das localidades que façam parte do território de *Tierra de Miranda***
- (ii) à questão 3.1 tenha respondido **mirandês** como primeira referência à pergunta “Que língua(s) fala?”
- (iii) à questão 3.2 tenha respondido “**sempre**” ou “**a maioria das vezes**” à pergunta “Com que frequência?”
- (iv) à questão 3.5 tenha respondido **mirandês** como primeira referência à pergunta “Que língua falam/falavam os pais/avós?”
- (v) à questão 4.1 tenha respondido **mirandês** como primeira referência à pergunta “Quando lhe perguntam que língua fala, o que responde?”
- (vi) à questão 4.2 tenha respondido **mirandês** como primeira referência à pergunta “Em *Tierra de Miranda*, que língua fala?”

O questionário foi aplicado a todos os participantes e demorou cerca de 15 minutos a ser preenchido. A versão completa consta no Apêndice 3. Este foi aplicado a nove informantes: cinco falantes de mirandês como língua materna (L1M) e quatro falantes de português como língua materna (L1P).

A Tabela 20 resume a informação relativa aos informantes tendo em conta: o sexo, a faixa etária, média de idades, o local onde nasceram e o local de residência.

**Tabela 20. Informação relativa aos informantes falantes de mirandês e falantes de português**

Língua materna	Sexo	Faixa etária	$M_{idade}$	Local de nascimento	Local de residência
Mirandês	Feminino	61-78	66,7 anos	<i>Tierra de Miranda</i>	<i>Tierra de Miranda</i>
Português	Feminino	43-48	45,5 anos	<i>Tierra de Miranda</i>	<i>Tierra de Miranda</i>
Português	Feminino	63-68	65,5 anos	<i>Tierra de Miranda</i>	<i>Tierra de Miranda</i>

**Legenda:**  $M_{idade}$  - média de idades

As diferenças entre os falantes de mirandês e português podem ser explicadas pelo facto de, hoje em dia, não existirem falantes de mirandês monolíngues abaixo dos 60 anos, sendo que a média de idade, nos nossos dados, é de quase 68 anos. Os informantes falantes de português como língua materna foram classificados em duas faixas etárias: 20-50 e 60+, ou seja, com idades compreendidas entre os vinte e os cinquenta anos e idade igual ou superior a sessenta anos.

Relativamente ao local de nascimento e local de residência, todos os informantes são nascidos e sempre viveram na área geográfica que corresponde a *Tierra de Miranda*. Os informantes falantes da variedade do português falada em Miranda do Douro têm residência na sede de concelho, ou seja, Miranda do Douro. As informantes falantes de mirandês têm residência em Cércio, Custantin, Cicuiro e Bal de Mira.

Considerando, agora, os grupos III e IV do questionário, uso linguístico e atitude e identidade linguísticas, respetivamente, a Figura 4.1 ilustra as respostas às questões: Q3.1, “Que língua(s) fala?”, Q3.2 “Com que frequência?”, Q3.3 “Como aprendeu português?”, Q3.4 “Como aprendeu mirandês?”, Q3.5 “Quando pensa, pensa em que língua?”, Q3.6 “Que língua falam/falavam os pais/avós?”, Q4.1 “Quando lhe perguntam que língua fala, o que responde?” e Q4.2 “Em *Tierra de Miranda*, que língua fala?”. Os resultados mostram que todos os falantes L1M responderam “mirandês” e todos os falantes L1P responderam “português”. Para as respostas à questão 3.2, e como se tratava de uma questão aberta a várias respostas, atestamos “todos os dias” e “sempre”, que nos parecem sinónimos, mas, mesmo assim, contabilizamos separadamente. Os resultados mostram que todos os falantes L1M responderam “todos os dias” e “sempre” e todos os falantes L1P responderam “sempre”. Relativamente à questão 3.4, todos os falantes L1M responderam “na escola”, ao passo que os falantes L1P responderam “em casa” e “na escola”. Em sentido inverso, os falantes L1M responderam “casa” à pergunta 3.4 e os falantes L1P não responderam, uma vez que não têm conhecimentos suficientes de mirandês. Para a questão 3.5, os falantes L1M responderam sempre “mirandês” e os falantes L1P responderam maioritariamente “português”, apesar de um informante ter respondido “mirandês”. A questão 3.6 segue a tendência das anteriores, uma vez que os falantes L1M responderam “mirandês” e os falantes L1P responderam “português”.

Relativamente à atitude e identidade linguísticas, os resultados mostram que os falantes L1M responderam “mirandês” e os falantes L1P responderam “português”. Por fim, à questão 4.2, os falantes L1M responderam “mirandês” e os falantes L1P responderam, maioritariamente, “português”. Os resultados do questionário sociolinguístico são apresentados no Gráfico 2, abaixo.

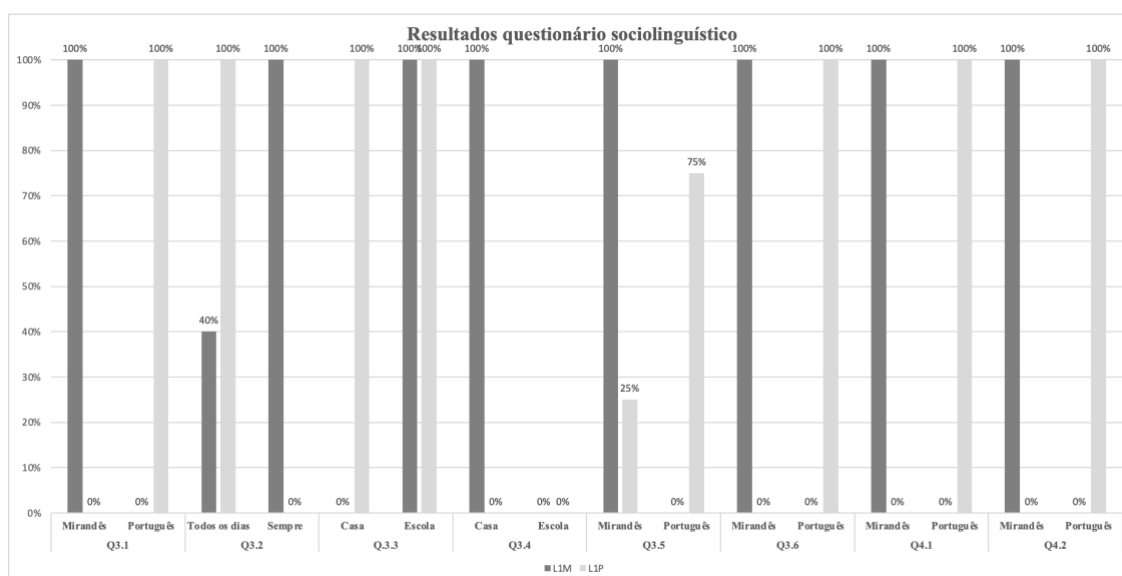


Gráfico 2. Resultados do questionário sociolinguístico

Estes resultados foram cruciais para podermos definir os falantes que melhor representam ambas as línguas para podermos avançar com a recolha de dados e o trabalho de campo.

Reportamos, ainda, alguns dados do parâmetro **Atitude e Identidade Linguísticas**. Todos os falantes de mirandês acham que o mirandês deveria ser uma língua de ensino obrigatória, ao passo que os falantes de português acham que o mirandês deveria ser uma língua opcional. Foi pedido, igualmente, que nos informassem por que outro nome são conhecidos o português e o mirandês. Para o mirandês, obtivemos os seguintes resultados: *palhantres, palhantro mirandês, são martineiro*. Para o português obtivemos (falar) *fidalgo*, (fala) *fidalga*, (língua) *fidalga*, (falar) *grave*, português.

Importa, ainda, salientar que apesar de a recolha de dados ter sido efetuada em dois momentos diferentes, a obtenção de informantes disponíveis para a realização da tarefa revelou-se um desafio considerável. Numa primeira fase, foi bastante difícil colocar em prática a recolha de dados, pois, como previsto, esta seria realizada durante o ano de 2020. Durante este ano, várias cercas sanitárias foram impostas no concelho de Miranda do Douro. A par, foi-nos negada a recolha de dados durante o ano de 2020 até início de 2021. Numa segunda fase, muitos dos falantes que foram contactados para colaborarem na tarefa mostraram-se indisponíveis para a realização da tarefa. Como se trata de uma investigação que requer a registo de voz e a assinatura de um consentimento para o estudo e divulgação de resultados<sup>48</sup>, muitos dos informantes recusaram-se a realizar a tarefa ou no fim da mesma não assinaram o consentimento, o que invalidou a análise dos dados.

<sup>48</sup> A versão do consentimento informado está disponível no Apêndice 4.

Como tal, conseguimos obter esse consentimento por parte de nove informantes cujo dados foram integrados para análise entoacional.

A par, é de elevada importância reportar os dados relativos à emigração no concelho de Miranda do Douro. A partir dos dados compilados pelo Observatório da Emigração, podemos observar na Tabela 21, abaixo, que, desde os anos 60, Portugal sofreu uma queda populacional perdendo, em 1960, 935.521 habitantes, em 1970, 1.284.269 habitantes e quase 2.000.000 de habitantes nos anos de 1980 e 1990.

**Tabela 21. Estimativas do número total de emigrantes portugueses, 1960-2020**  
(fonte: Observatório da emigração)

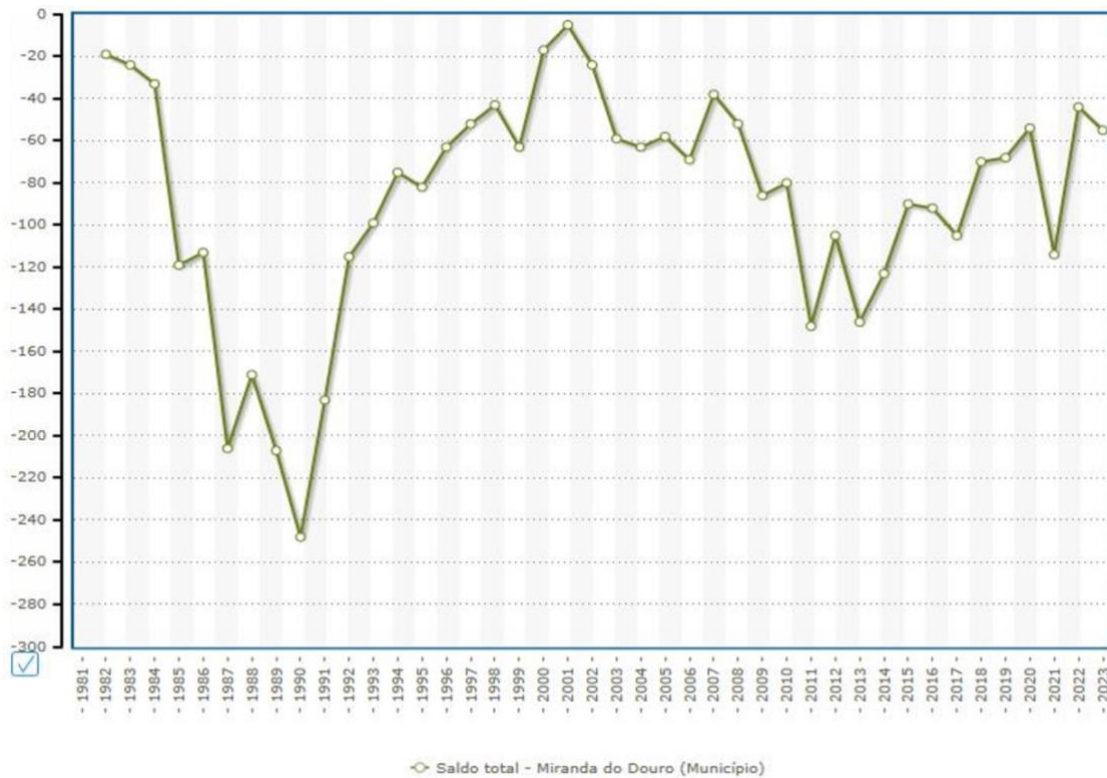
Anos <sup>49</sup>	Fonte <sup>50</sup>				
	Banco Mundial [A]	Nações Unidas [B]			
		Total	Europa	América	Outros
2020	..	2 081 419	1 451 252	579 178	50 989
2019	..	2 631 559	1 493 128	1 051 484	86 947
2017	2 289 642	2 266 735	1 502 151	358 564	234 078
2015	..	1 971 655	1 382 204	541 673	47 778
2013	2 028 597	..	..	..	..
2010	2 229 620	1 927 397	1 336 076	536 732	54 589
2005	..	1 743 009	1 100 126	582 163	60 720
2000	1 337 442	1 993 793	1 297 016	643 308	53 469
1995	..	1 920 865	1 184 057	684 194	52 614
1990	1 780 764	1 871 869	1 089 715	728 841	53 313
1980	1 872 021	..	..	..	..
1970	1 284 269	..	..	..	..
1960	935 521	..	..	..	..

No concelho de Miranda do Douro, apenas conseguimos encontrar dados a partir dos anos de 1980. Podemos observar, no Gráfico 3, que o saldo total em Miranda do Douro é negativo, sendo que o saldo total corresponde à maior e menor diferença entre o número

<sup>49</sup> Os dados na presente tabela representam os nascidos em Portugal a residir no estrangeiro ou, quando não disponível informação sobre naturalidade, pessoas com nacionalidade portuguesa a residir no estrangeiro. 2. Problemas de fiabilidade com os dados do Banco Mundial sobre o número de emigrantes portugueses a residir em França e no Reino Unido em 2000, o que afeta o valor total (valor provável corrigido da ordem de 1,800,000). 3. Estimativas de 2020 das Nações Unidas revêm os dados de 1990 a 2015. Optou-se por manter os dados referentes a 2017 e 2019 que se encontram nas estimativas de anteriores (The 2017 Revision e The 2019 Revision).

<sup>50</sup> Quadro elaborado pelo Observatório da Emigração, valores de: [A] Banco Mundial, Bilateral Migration Matrix 2013, Bilateral Migration Matrix 2010, Bilateral Migration Database 1960-2000; [B] United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, International Migration, International Migrant Stock (The 2017 Revision para os dados de 2017, The 2019 Revision para os dados de 2019 e The 2020 revision para os restantes dados), International Migrant Stock by Destination and Origin: Table 1 Total migrant stock at mid-year by origin and by major area, region, country or area of destination, 1990-2020.

de nascimentos e de mortes (saldo natural) e entre o número de imigrantes e de emigrantes (saldo migratório).



**Gráfico 3. Saldo populacional anual em Miranda do Douro: saldo migratório de Miranda do Douro (fonte: INE<sup>51</sup>)**

Alguns dos informantes que se dispuseram a participar na investigação, emigraram e viveram fora de Portugal alguns anos e alguns viveram noutros concelhos que não aqueles do distrito de Bragança. Por isso mesmo, foi decidido não incluir esses dados na análise sob pena de enviesar os resultados.

#### 4.2.2 A base de dados

Nesta subsecção, é apresentada a base de dados no que diz respeito aos dados da entoação. Para a análise da entoação, os dados recolhidos tanto para o mirandês como para a variedade do português falada em Miranda do Douro consistem apenas na tarefa (semi)espontânea, ou seja, os dados que advêm da tarefa DCT (secção §4.1).

O número total de enunciados corresponde a 35 situações obtidas através da aplicação do questionário DCT.

<sup>51</sup> Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente | Estatísticas de Nados-Vivos | Estatísticas de Óbitos

Fonte: PORDATA

Última atualização: 2024-06-19

Os valores apresentados foram atualizados de acordo com a versão 2024 da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS).

O número total de enunciados recolhidos é de 35 para o mirandês e para a variedade do português falada em Miranda do Douro. A tarefa foi aplicada duas vezes e, teoricamente, cada informante produziu um total de 70 enunciados: 24 declarativas, 38 interrogativas, 4 imperativas e 4 vocativos. Relativamente ao número de enunciados que fazem parte da análise entoacional, foram analisados 442 enunciados, correspondendo a 252 enunciados para o mirandês e 190 para a variedade do português falada em Miranda do Douro. A diferença entre o número de produções esperadas e o número efetivo de enunciados analisados prende-se com as questões levantadas na secção §4.1, neste capítulo: (i) a maioria das recolhas foi efetuada em ambiente externo e sempre que nos dados se verificasse bastante ruído, como, o canto dos pássaros e o abrir de uma porta por um familiar do informante (secção §4.3), os dados foram excluídos; (ii) sempre que os informantes produzissem um enunciado que não correspondia ao pedido no contexto (subsecção §4.1.1), os dados foram excluídos.

Desta forma, a Tabela 22, abaixo, mostra o número de enunciados analisados.

**Tabela 22. Lista exaustiva dos enunciados relativos à análise da gramática entoacional do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro**

Tipo frásico		Situações	Nº de Enunciados
Declarativas		111a), 111b), 111c), 111d), 111e), 111f) 112a), 112b), 112c), 112d), 112e), 112f)	143
Interrogativas	totais	211a), 211b), 211c), 211d), 211e) 212a), 212b), 212c), 212d), 212e)	136
	parciais	221a), 221b) 222a), 222b), 222c)	70
	eco	231a), 231b), 231c) 232a)	41
Imperativas	ordem	311a)	15
	pedido	321b)	19
Vocativos		411a), 421a)	18

### 4.3 RECOLHA DE DADOS

Para a presente investigação, foram recolhidos dados nas seguintes aldeias: Cércio (Cérceno em mirandês) e Vale de Mira (Bal de Mira em mirandês), que são descritos no Capítulo 5 como variedade central, Cicouro (Cicuiro em mirandês) e Constantim (Custantin em mirandês), descritos como variedade raiana. Para a variedade do português falada em Miranda do Douro, foram recolhidos dados na cidade de Miranda do Douro.

Tanto para o mirandês como para a variedade do português falada em Miranda do Douro, foram recolhidos dados de informantes do sexo feminino, por permitirem, tipicamente,

uma melhor captação de  $f_0$  e proporcionarem uma melhor análise entoacional. Os dados foram recolhidos *in loco* em casa dos informantes ou num espaço ao ar livre.

Os dados foram registados com um gravador Victure digital voice recorder 8GB V6 HD Recorder Sound high-quality em formato .wav com um microfone externo com uma frequência de amostragem de 22050 Hz em formato mono. Como mencionado, a grande maioria das recolhas não foi realizada num espaço fechado e controlado em termos de ruído. Para tal, e sempre que necessário, utilizou-se o programa *Audacity* versão 2.3.3 para reduzir o impacto do ruído nos dados, sem comprometer a análise dos mesmos.

As Figuras 28 e 29, abaixo, ilustram um extrato de uma recolha de dados efetuada em Constantim onde se pode verificar bastante ruído, neste caso, o canto dos pássaros e o abrir de uma porta por um familiar do informante, respetivamente.

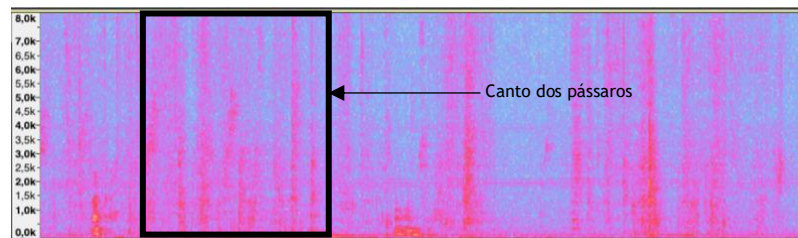


Figura 28. Excerto do início da aplicação do questionário DCT: ruído do canto de pássaros

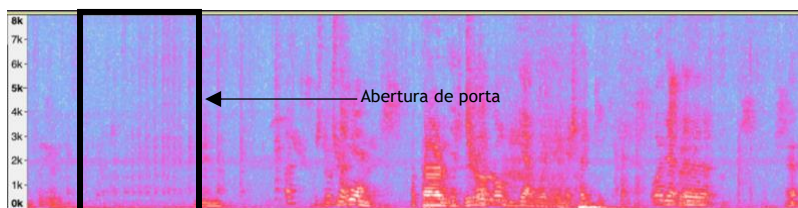


Figura 29. Excerto do desenrolar da aplicação do questionário DCT: ruído de abertura de porta

#### 4.4 CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS DE SEGMENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos ficheiros em bruto, todos os enunciados analisados foram etiquetados manualmente com um código correspondente à região da recolha de dados, com as iniciais de cada informante, a tarefa correspondente (DCT) a etiqueta (situação; ver Tabela 4.3) correspondente a cada tipo frásico, bem como ao número da produção, por exemplo, Crc\_FM\_DCT\_111a\_R2.

Depois de etiquetados todos os enunciados, estes foram segmentados de forma semi-automática no programa *Praat* (Boersma & Weenink, 2015) através de um script (Arantes, 2018), obtendo-se, desta forma, um ficheiro áudio por enunciado.

A Figura 30, abaixo, exemplifica a segmentação do ficheiro em bruto, antes da aplicação do script *slicer* no *Praat* para a obtenção de um ficheiro por cada tipo frásico.

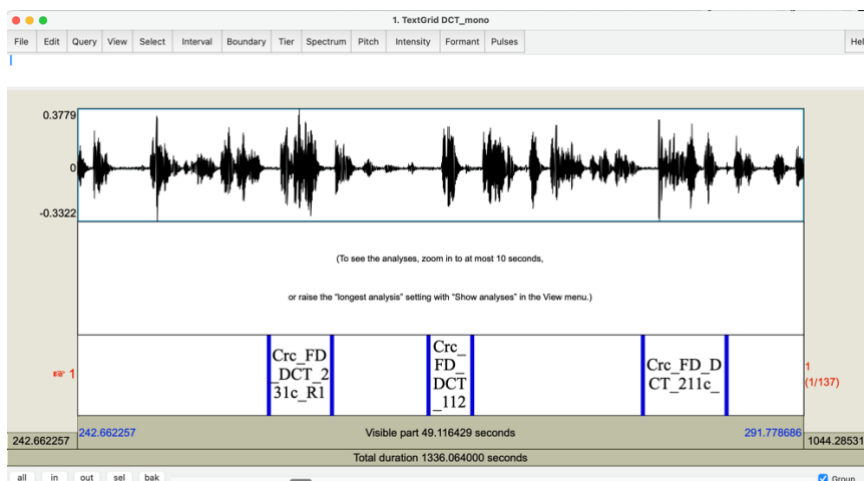


Figura 30. Exemplo de segmentação de dados da tarefa DCT em Praat: etiqueta correspondente à região (Crc: Cérceno), iniciais da informante (FD), tipo de situação (DCT\_231c) e número da produção (R1)

Relativamente aos critérios de anotação, para cada ficheiro áudio foram criadas três fiadas de anotação: (i) uma fiada tonal, onde foram registados todos os eventos tonais, (ii) uma fiada ortográfica, onde foi feita a anotação palavra por palavra e (iii) uma fiada ToBI para anotação do fraseamento, conforme Figura 31.

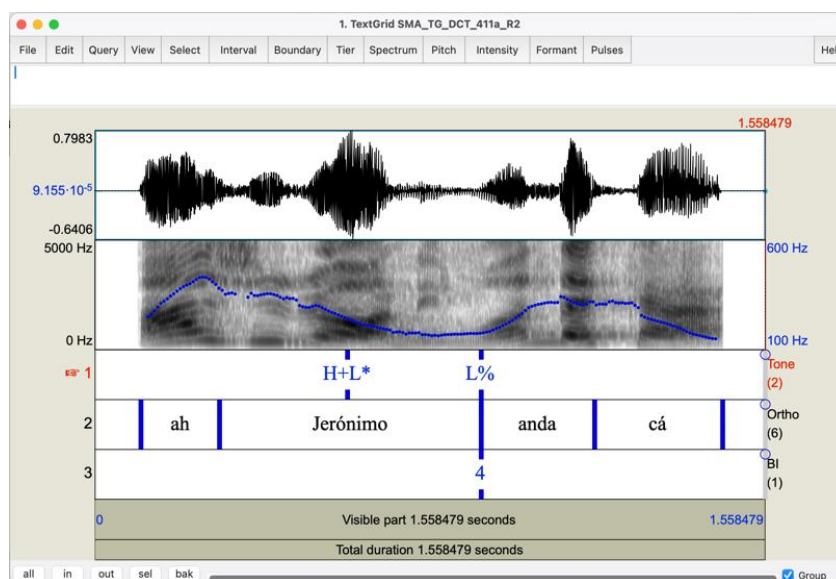


Figura 31. Exemplo da análise entoacional: fiadas de anotação tonal, ortográfica e prosódica em Praat do enunciado Ah Jerónimo, anda cá, relativamente à informante: TG, falante de português; tipo de situação (DCT\_411a) e número da produção (R2)

Todos os eventos pré-nucleares<sup>52</sup>, os acentos nucleares<sup>53</sup> e os tons de fronteira<sup>54</sup> que ocorreram em cada enunciado foram anotados usando os acentos nucleares e os tons de fronteira já propostos pelo Portuguese ToBI (P\_ToBI) dentro do quadro da fonologia prosódica e do modelo Métrico Autossegmental da Fonologia Entoacional (Beckman & Pierrehumbert, 1986; Nespor & Vogel, 1986; Ladd, 2008; Frota, Oliveira, *et. al.*, 2015).

A Figura 21, abaixo, exemplifica a análise entoacional de um exemplo da região de Cérceno *Tendes sumo?* (sílabas tónicas sublinhadas): podemos observar um acento pré-nuclear ascendente L\*+H associado à primeira sílaba ( $\sigma$ ) *-ten-* da primeira palavra prosódica (PW) *tendes*. Na posição nuclear, podemos constatar um acento nuclear de tipo L\* (baixo) associado à primeira sílaba *-su-* da última PW do IP *sumo* e uma fronteira ascendente-descendente HL% associada à sílaba pós-tónica *-mo-* da última PW. Desta forma, obtemos uma configuração nuclear L\* HL%.

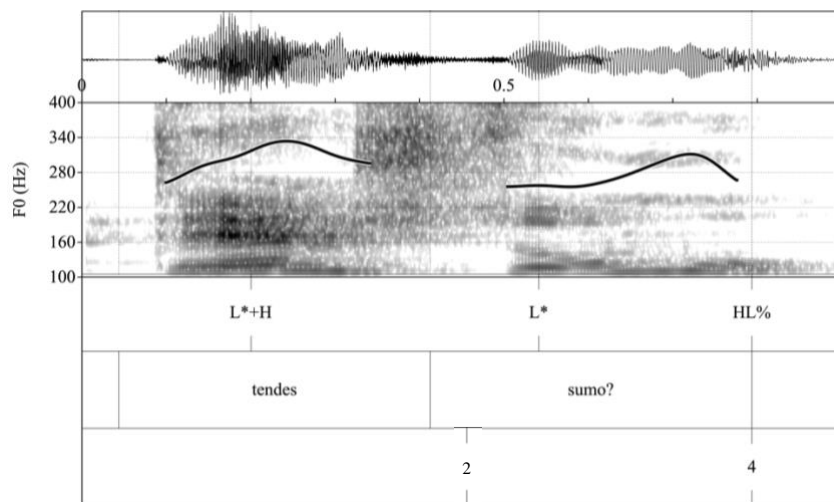


Figura 32. Exemplo final da análise entoacional de um enunciado interrogativo

Relativamente aos níveis de fronteira dos constituintes prosódicos (*break indices*), obtidos através do mapeamento morfossintático e fonológico, optámos por seguir a proposta do Portuguese ToBI, que propõe a existência de cinco níveis, sendo que apenas nos iremos referir a quatro deles: 0 (clítico fonológico), 1 (palavra prosódica), 3 (sintagma fonológico) e 4 (sintagma entoacional).

Todas as figuras que constam no capítulo 5, a seguir, foram geradas e obtidas através de dois scripts: um script desenvolvido por Pauline Welby em 2003, por Wendy Elvira-García em 2022 ou Wendy Elvira-García e Paolo Roseano em 2014. Todas as figuras

<sup>52</sup> Por acentos pré-nucleares entenda-se todos aqueles, associados às sílabas tónicas, que precedem o acento nuclear (capítulo 3; secção §3.2)

<sup>53</sup> Os acentos nucleares são todos aqueles que se associam sílaba tónica da PW mais à direita de IP, dentro do domínio de IP (capítulo 3; secção §3.2).

<sup>54</sup> Os tons de fronteira são todos os tons associados à fronteira direita de IP (capítulo 3; secção §3.2).

contêm uma onda sonora no topo, um espectrograma, o *pitch* (ou  $f_0$ ) e o conteúdo das camadas da TextGrid associado ao ficheiro de som, neste caso, uma fiada Tom, Ortográfica e ToBI.

A par da análise dos acentos tonais, observámos, sempre que considerámos pertinente (vejam-se subcapítulos 5.1.1.2, 5.1.5.1 e 5.1.8), a realização fonética de  $f_0$  dos anunciados. Assim, foram anotados, manualmente, num ficheiro excel os valores de  $f_0$  (expressos em Hz) para o pico (valor máximo de  $f_0$ ) e para o vale (valor mínimo de  $f_0$ ) de cada IP a partir da observação do pitch no Praat, conforme Figura 33. No fim, e considerando esses valores, foi calculada a gama de variação (GV), subtraindo o valor mais alto do pico ao valor mais baixo do vale dentro de IP:

$$GV \rightarrow [f_0^{\max} - f_0^{\min}]_{IP}$$

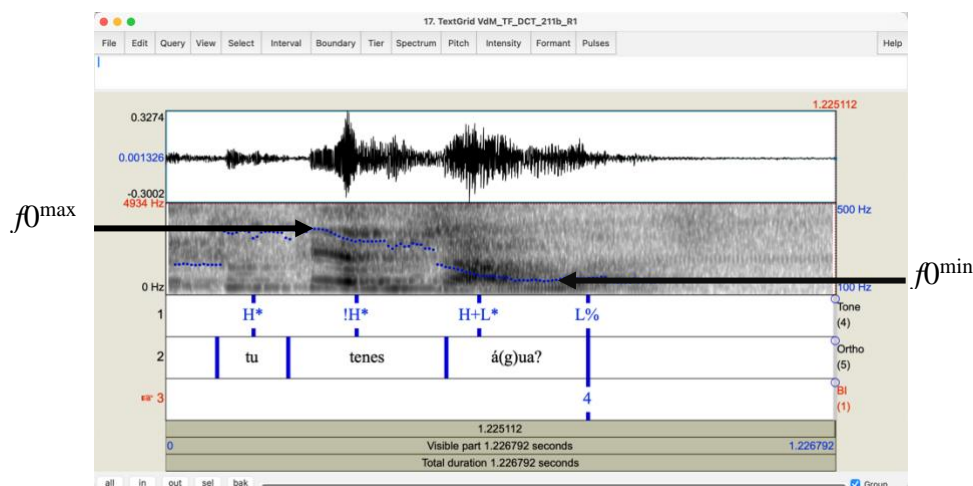


Figura 33. Exemplo da análise da gama de variação em Praat do enunciado *tu tendes água?* relativamente à informante: TF, falante de mirandês; tipo de situação (DCT\_211b) e número da produção (R1)

## **CAPÍTULO 5 | PADRÕES DE ENTOAÇÃO EM MIRANDÊS E EM PORTUGUÊS**

A análise dos dados que descrevemos abaixo é proveniente da tarefa DCT, como descrito no Capítulo 4, que continha diferentes tipos frásicos (12 enunciados declarativos, 19 enunciados interrogativos, 2 enunciados imperativos e 9 vocativos) e de significados pragmáticos diferentes (16 enunciados neutros e 15 enunciados não-neutros).

### **5.1 ANÁLISE ENTOACIONAL**

#### **5.1.1 Declarativas e interrogativas**

Na presente subsecção serão apresentados os dados relativos às declarativas e interrogativas neutras. Nas primeiras subsecções (§5.1.1.1 e §5.1.1.2), serão apresentadas as declarativas e interrogativas neutras das situações 111a), 111b), 211a) e 211b) em conjunto por se tratar de estruturas SVO. Na subsecção seguinte (§5.1.2.1), os dados correspondem às análises das situações 111c) e 111d) por conterem, pelo menos, duas estruturas sintaticamente complexas. Por fim (§5.1.3.1), os dados das situações 111e) e 111f) serão, também, apresentados em conjunto por se tratar de estruturas de enumeração. A análise da entoação que a seguir descrevemos engloba a análise dos acentos pré-nucleares, assim como as configurações nucleares.

##### **5.1.1.1 Realizações tonais de declarativas**

Relativamente ao acento IP-inicial pré-nuclear, os acentos L\*+H e H\* foram encontrados nas variedades em análise: L\*+H nas variedades central e raiana do mirandês e L\*+H e H\* na variedade do português falada em Miranda do Douro. O acento L\*+H é realizado foneticamente com um tom baixo associado à sílaba tónica, seguido de uma subida na sílaba pós-tónica, ao passo que o acento H\* é realizado com um tom alto, associado à sílaba tónica (Ladd, 2008). Na verdade, na maioria das línguas românicas, como por exemplo na variedade portuguesa do Brasil, no catalão, no espanhol e no friulano, o acento ascendente LH (seja ele L\*+H ou H\*) é o mais comum em posição pré-nuclear (Frota & Prieto, 2015b).

As Figuras 34 e 35 evidenciam declarativas SVO em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro, respetivamente, em que o acento pré-nuclear é realizado como L\*+H associado à primeira palavra prosódica do IP.

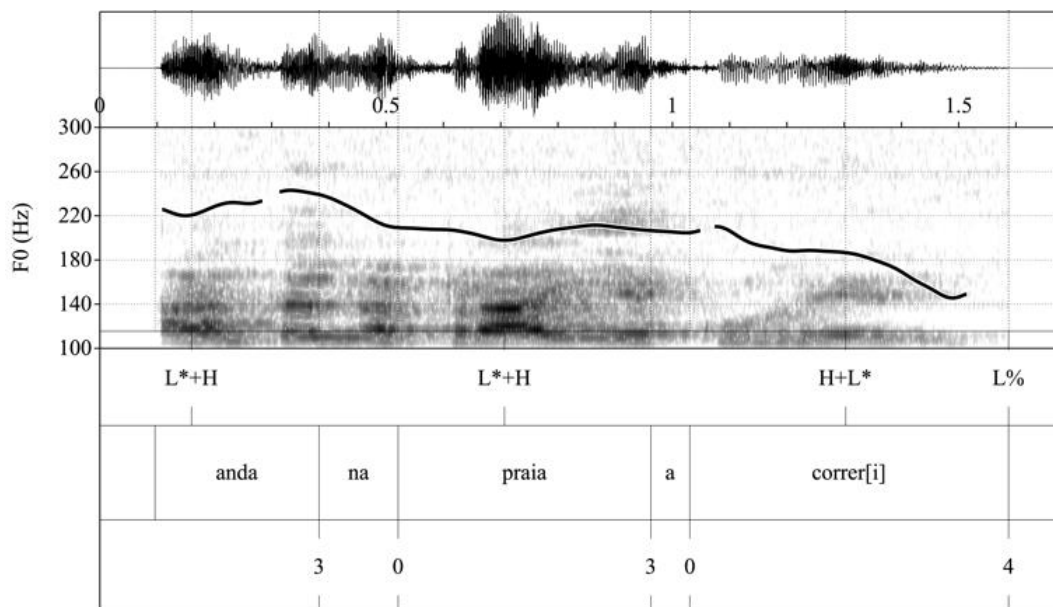


Figura 34. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo Anda na praia a correr<sup>55</sup>

<sup>55</sup> Na produção do enunciado, observamos que a informante insere, no final do enunciado, a vogal epentética [i] (pronunciada como [ku'vɛri]) para poder acomodar o contorno ao nível segmental (veja-se, por exemplo, o trabalho de Frota *et al.*, 2016) para as variedades do português. Em relação ao estatuto fonológico desta vogal epentética, Veloso (2008) descreve que o português tende a aplicar a restrição prosódica AVOIDCODA para eliminar as consoantes em posição de Coda. Num estudo recente, Granja (2023) atesta a inserção da vogal [i] nos dialetos transmontanos, como em *comer*, [ku'mɛrj], e em *calor*, [kɐ'lorj], apesar de não mencionar os contextos prosódicos dessa inserção. Por seu turno, Frota *et al.* (2016) notam que a vogal que emerge na fronteira direita de IP é [i] quando está em causa a inserção de um segmento vocálico na fiada segmental para associação tonal, considerando a variedade padrão do PE. Na mesma esteira, Cruz (2013) atesta que a paragoge nas variedades centro-meridionais emerge como [i] ou [ɨ] na fronteira direita de IP. A par destas variedades, Candeias (2007: 143) descreve, para a variedade da Beira Interior, que “[r]elativamente ao contexto mais específico de /VOGAL + S/ em final de unidade acentual, é particularmente expressiva a frequência com que ocorrem os timbres perceptíveis paragógicos [i] ou [ɨ], fenómeno que, de um modo alargado às estruturas /+L./ e /+R./, pode figurar como um caracterizador da variedade linguística em uso admitido pelo corpus - amostra obtida. Perante esta configuração, dois aspectos são imediatamente suscitados. Em primeiro lugar, no campo da estrutura silábica, os timbres perceptíveis vocálicos que se anexam a /S/ (e, com contornos idênticos, a /L/ e a /R/), formam, com ele, uma unidade silábica; em segundo lugar, no âmbito da sua função como novo centro de sílaba, provocam a deslocação da unidade consonântica de uma posição final para uma posição inicial de sílaba em estado intervocálico”. Ora, parece-nos evidente que a imersão de /i/ no contexto que descrevemos na Figura 35 prende-se com o facto de esta vogal ser considerada por Mateus & Andrade (2000) como uma vogal não especificada no nível lexical, logo, bastante produtiva em português.

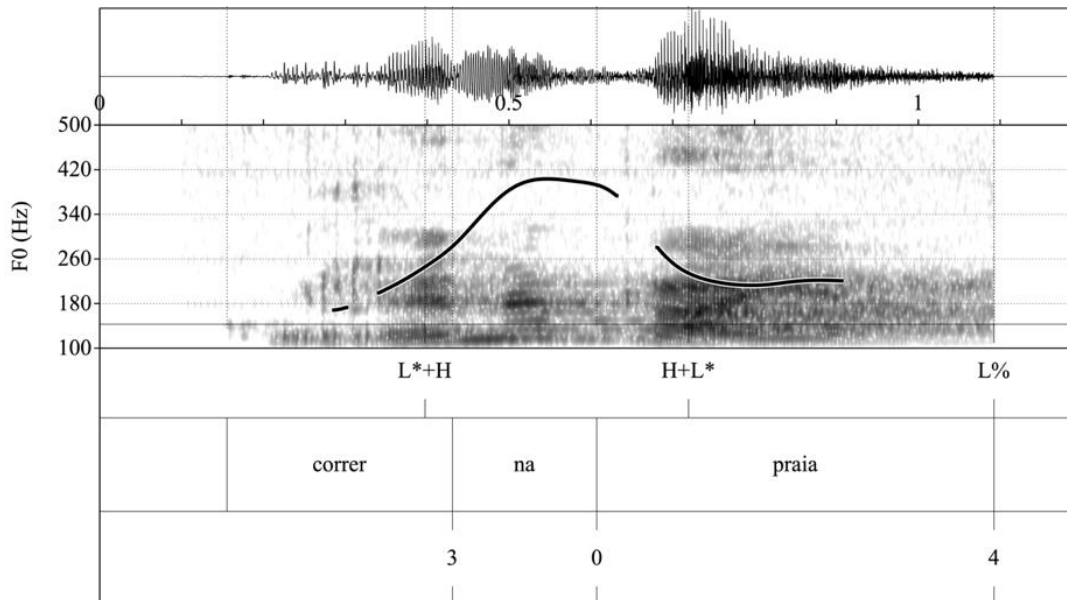


Figura 35. Português (FD): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo *Correr na praia*

Considerando, agora, os acentos tonais nucleares (Tabela 23, abaixo), os dados obtidos revelam que as declarativas neutras do tipo SVO são produzidas, maioritariamente, com um tom nuclear descendente do tipo H+L\* (71% e 100% para as variedades central e raiana do mirandês, respetivamente; Figura 36 e Figura 38). Na variedade central do mirandês, encontramos, ainda, um acento nuclear L\* L% (correspondente a 29% dos dados; Figura 37). Note-se que as informantes falantes de português com idades entre os vinte e os cinquenta anos (primeira faixa etária) produzem, maioritariamente, um tom nuclear descendente (Figura 39), ao passo que as informantes de português com idades superior a 60 anos (segunda faixa etária) produzem, maioritariamente, um tom nuclear baixo (L\*; Figura 40). Apenas a variedade raiana do mirandês apresenta uma estabilidade na configuração do acento nuclear (H+L\* L%), tal como descrito para a variedade central do asturo-leonês (Muñiz Cachón & Roseano, 2022).

Tabela 23. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português com respetivas percentagens dos enunciados declarativos

	Mirandês		Português		
	Central	Raiano	Ambas as faixas etárias	20-50	60+
L* L%	29%	0%	25%	11%	67%
H+L* L%	71%	100%	75%	89%	33%

Como podemos observar na Tabela 23, todas as fronteiras do IP são marcadas com um tom baixo de tipo L%, apesar de o tipo de tom nuclear ser descendente ou baixo. As

configurações dos acentos tonais nucleares H+L\* L% e L\* L% são considerados como os acentos tonais nucleares mais coesos nas línguas românicas (Frota & Prieto 2015b).

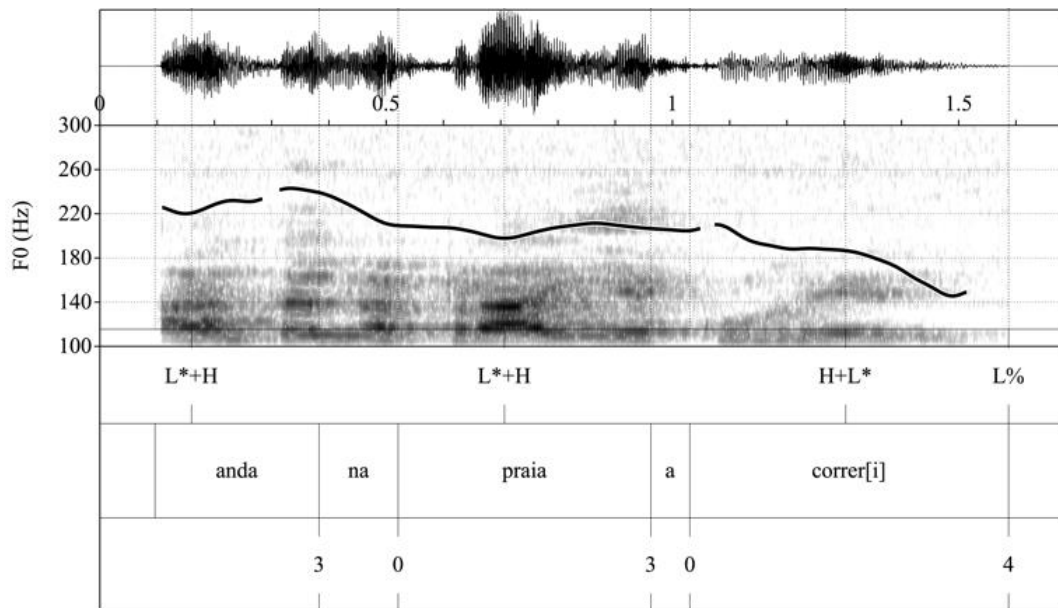


Figura 36. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo Anda na praia a correr

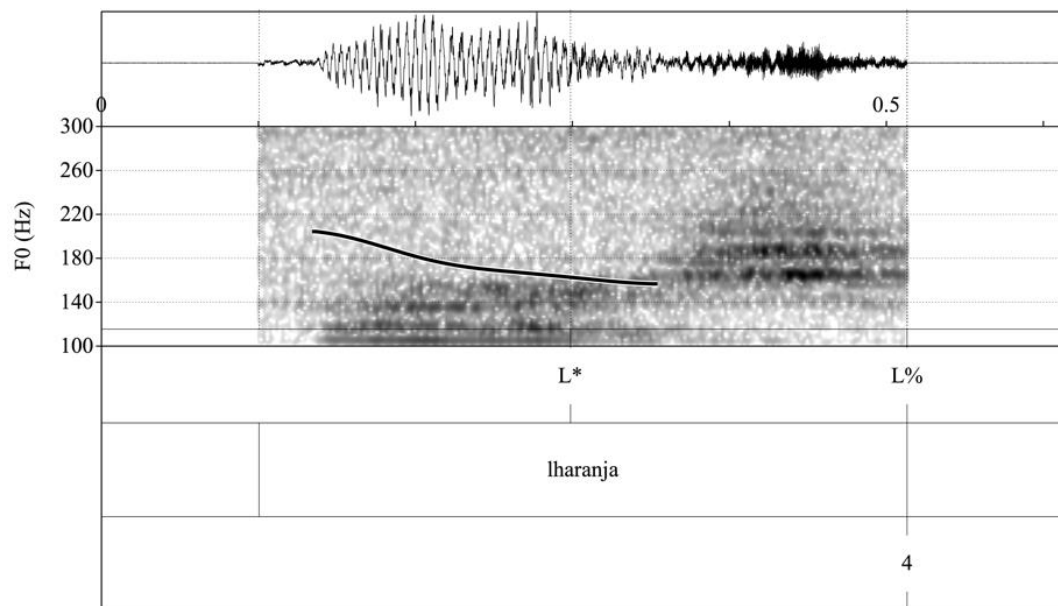


Figura 37. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo lharanja

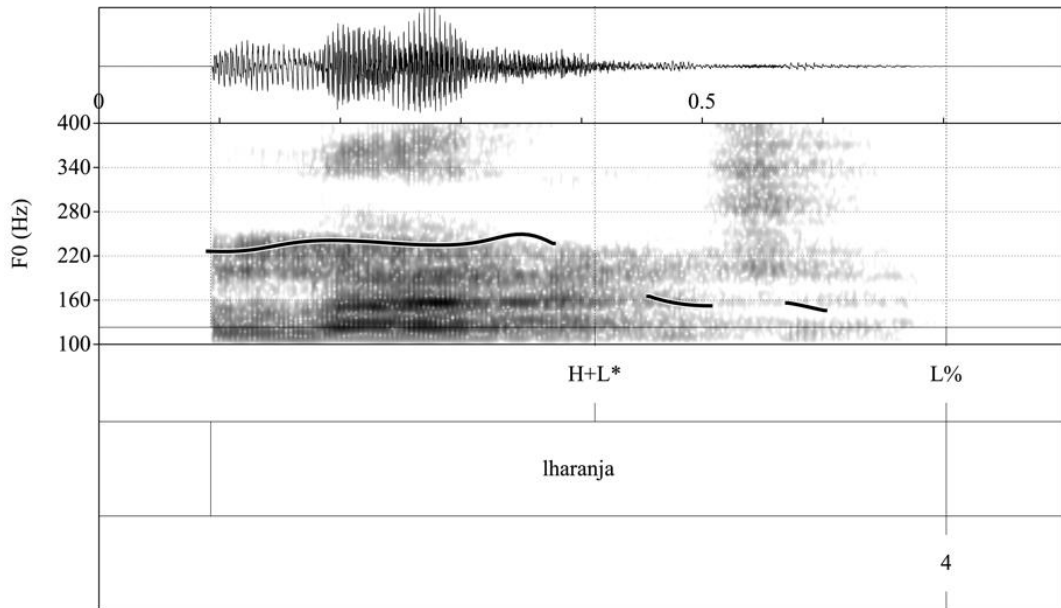


Figura 38. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo *lharanja*

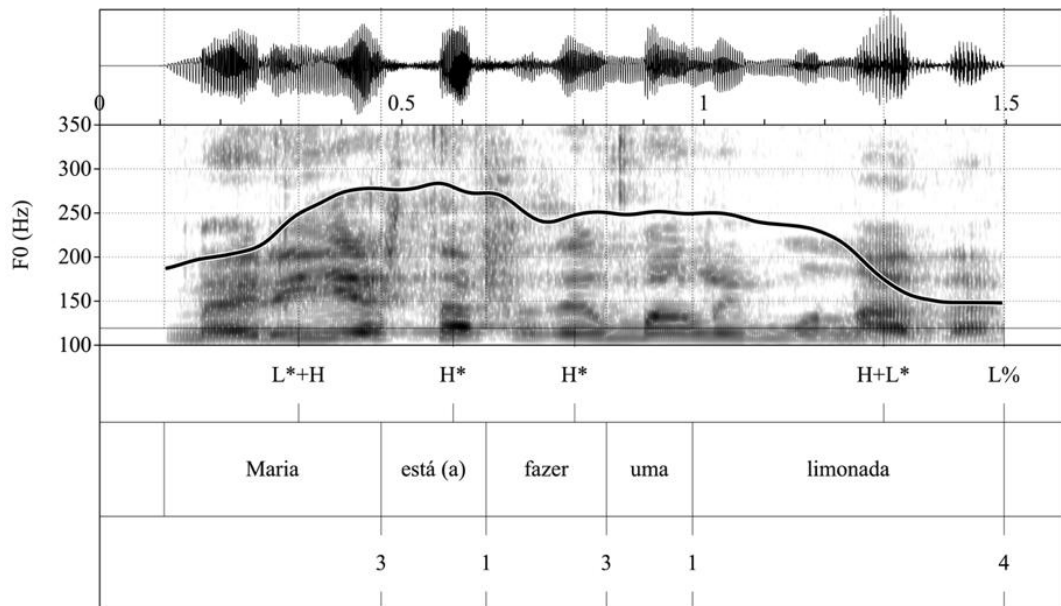


Figura 39. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo *Maria está (a) fazer uma limonada*

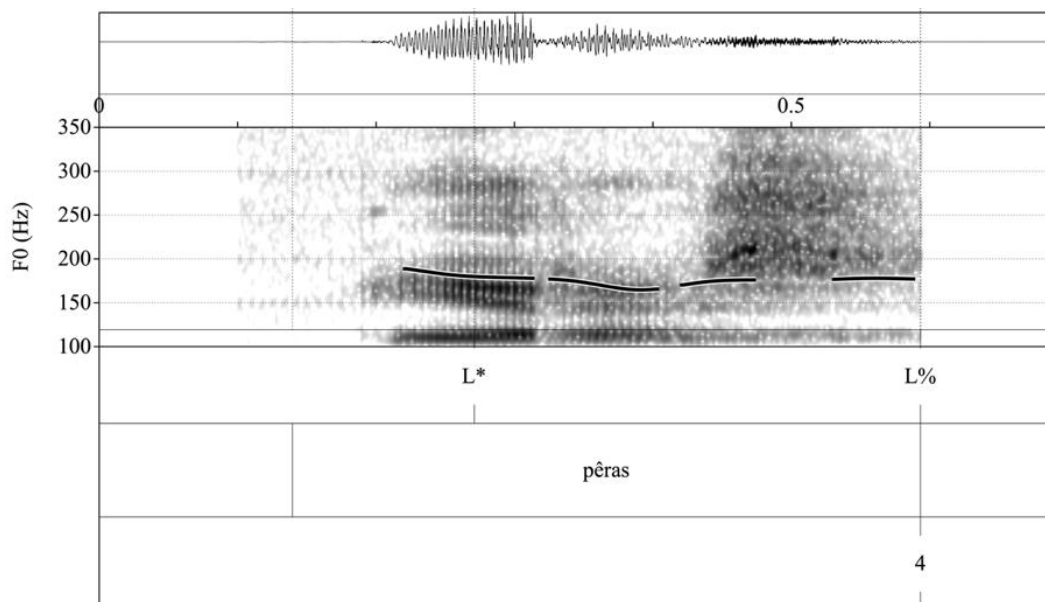


Figura 40. Português (60+; FM): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo pêras

#### 5.1.1.2 Realizações tonais de interrogativas

Relativamente ao acento IP-inicial pré-nuclear, apenas o acento  $L^*+H$  foi encontrado nas variedades em análise. Foneticamente, o acento  $L^*+H$  é realizado com um tom baixo associado à sílaba tónica, seguido de uma subida na sílaba pós-tónica (Ladd, 2008).

Se observarmos os acentos pré-nucleares, foram encontrados dois tipos de acentos IP-inicial:  $H^*$  e  $L^*+H$ . A variedade central evidencia duas configurações IP-inicial: um tom alto ( $H^*$ ) associado à sílaba tónica e um tom ascendente ( $L^*+H$ ) alinhado com a sílaba tónica. Na variedade raiana e na variedade do português falada em Mirando do Douro o tom IP-inicial  $L^*+H$  é o mais comum (Figuras 41, 42 e 43).

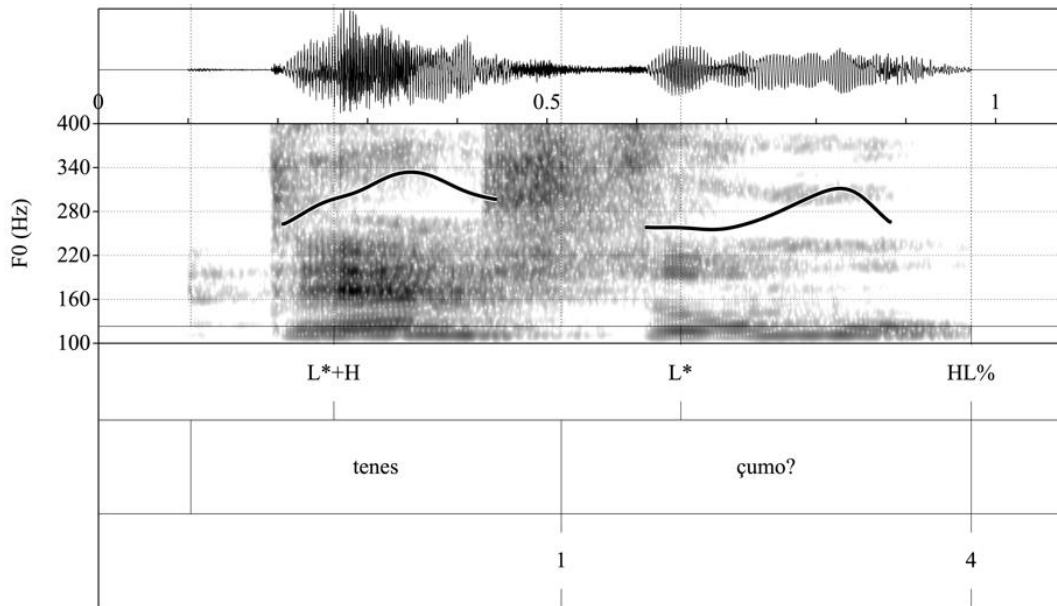


Figura 41. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo *Tenes çumo?*

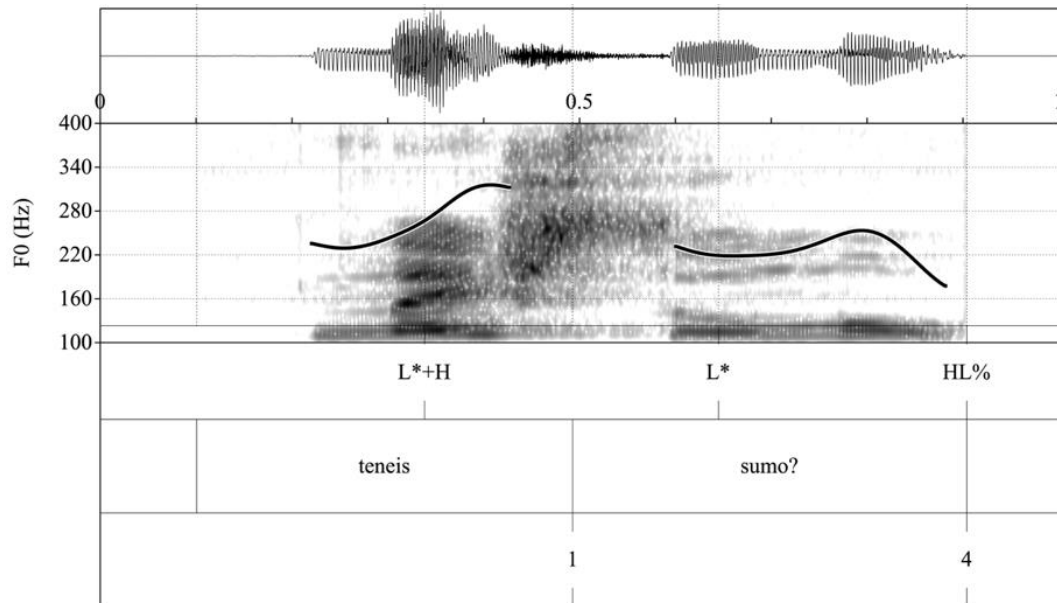


Figura 42. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo *Teneis sumo?*

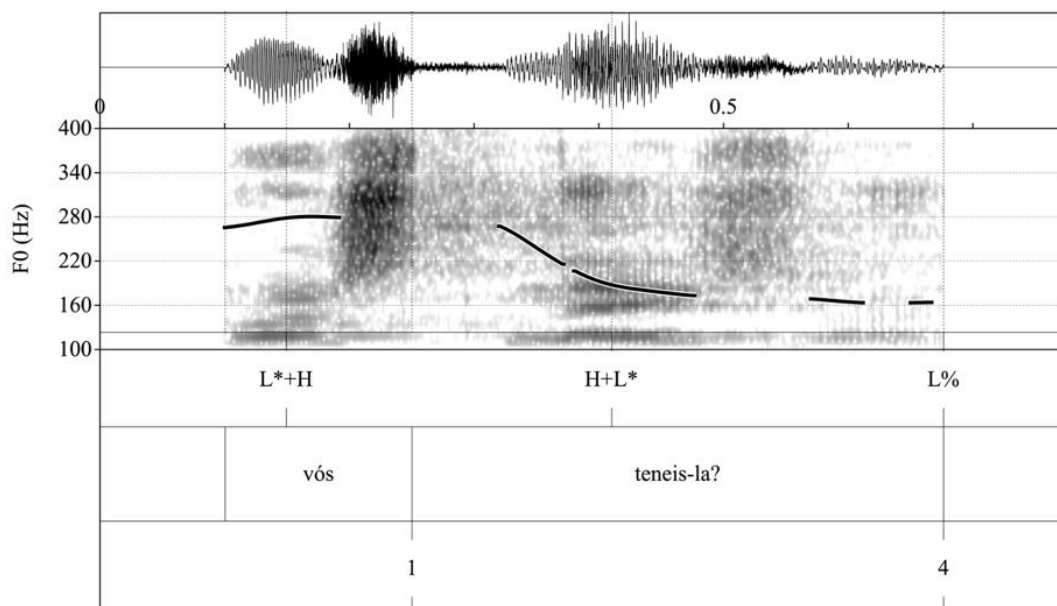


Figura 43. Português (60+; GL): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo Vós teneis-la?

Relativamente aos acentos nucleares, as interrogativas neutras de tipo sim-não mostram, a seu turno, mais variação no contorno nuclear. Como evidenciado na Tabela 24, abaixo, quatro tipos de eventos tonais nucleares foram encontrados: H+L\* L%, H\* L%, L\*+H L% e L\* HL%, ou seja, duas configurações descendentes e duas configurações ascendente-descendente.

Tabela 24. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos sim-não neutras

	Mirandês		Português		
	Central	Raiano	Ambas as faixas etárias	20-50	60+
H+L* L%	56%		33%	14%	100%
H* L%	33%				
L*+H L%	11%		22%	29%	
L* HL%		100%	44%	57%	

A variedade central evidencia uma preferência por configurações descendentes: um tom nuclear descendente (H+L\*) ou um tom alto (H\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), ao passo que a variedade raiana, mais uma vez, mostra uma maior coesão apresentando um movimento ascendente-descendente: um tom nuclear baixo (L\*), seguido de uma fronteira descendente (HL%). Esta última configuração ascendente-descendente é, também, atestada na variedade central, apesar de o alinhamento ser diferente: na

variedade central o tom nuclear é ascendente ( $L^*+H$ ), uma vez que a subida se verifica ainda na sílaba tónica, e a fronteira baixa ( $L\%$ ) e na variedade raiana o tom associado à sílaba tónica é baixo ( $L^*$ ), seguido de uma fronteira descendente ( $HL\%$ ).

Relativamente à variedade do português falada em Miranda do Douro, a segunda faixa etária evidencia uma configuração tonal mais coesa, uma vez que o acento nuclear descendente é único: um tom nuclear descendente ( $H+L^*$ ), seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ). Por outro lado, a segunda faixa etária evidencia uma maior variação na configuração do acento nuclear: há uma preferência pela configuração ascendente-descendente ( $L^* HL\%$  e  $L+H^* L\%$ ), quer a sílaba tónica seja baixa ou ascendente ( $L^*$  ou  $L^*+H$ , respetivamente), seguido de uma fronteira descendente ( $HL\%$ ) ou baixa ( $L\%$ ). Apesar destas configurações, também foi encontrada a configuração  $H+L^* L\%$ , tal como na segunda faixa etária e em mirandês.

Como podemos observar, o movimento nuclear descendente  $H+L^* L\%$  é utilizado para veicular dois tipos pragmáticos diferentes (declarativas e interrogativas) na variedade central do mirandês e na segunda faixa etária do português. Com o objetivo de compreendermos de que forma é que os falantes fazem a distinção de dois significados pragmáticos através da mesma categoria entoacional, procedemos à análise da gama de variação (*pitch range*).

O papel do *pitch range* na definição de contrastes categóricos é controversa. Apesar de Bolinger (1989) atribuir uma função paralinguística ao *pitch range*, os trabalhos dentro do quadro do modelo AM questionam essa função. Exemplo disso é o que Ladd (2008) aponta:

“By proposing a **category of pitch range effects** that is intermediate between clearly intrinsic and clearly extrinsic, and by proposing a metrical representation of such pitch range relations, I am proposing that it is theoretically coherent to recognise **the existence of factors that are linguistic** but nevertheless *orthogonal to the tonal string*, including downstep, upstep at phrase boundaries, and the *Anna/Manny* relations.” (Ladd, 2008: 308; negrito nosso)

Vários estudos mostram a importância do *pitch range* para estabelecer categorias contrastivas: (i) Ladd & Morton (1997) sugerem que o acento enfático em inglês britânico pode ser categoricamente interpretado, mas não percebido, através do *pitch range*; (ii) Hirschberg & Ward (1992: 251) assumem que o que o *pitch range* tem um papel crucial

na interpretação de L\*+H L H% como incredulidade vs. incerteza; (iii) Vanrell (2006: 4) descreve que a distinção entre interrogativas sim-não e interrogativas parciais se faz através do *pitch range* na variedade do catalão de Maiorca; (iv) Savino & Grice (2007: 1039-1040) notam que a identificação entre dois significados pragmáticos diferentes na variedade italiana de Bari se faz através do *pitch range*; (v) Congosto Martín, Díaz Gómez, Lucio-Villegas & González Rodríguez (2010) atestam a importância do *pitch range* na distinção entre enunciados interrogativos e declarativos na variedade castelhana de Don Benito e na variedade asturiana de Mieres; (vi) Vanrell *et al.* (2013) demonstram a importância do *pitch range* para distinguir declarativas contrastivas e não contrastivas em italiano; e (vii) Cruz & Frota (2012: 206) mostram que a distinção entre as interrogativas sim-não neutras e não-neutras na variedade algarvia do PE reside no *pitch range*, uma vez que, nesta variedade, é mais amplo.

Assim, procedemos à anotação de  $f_0$  (em Hz) do pico e do vale de cada enunciado declarativo e interrogativo. Posteriormente, procedeu-se ao cálculo da gama de variação (GV) que corresponde à diferença entre o pico e o vale, conforme descrito em 4.4 e exposto na Tabela 25.

Tabela 25. Relação dos valores de pitch range ( $f_0$ ) mínimo (min) e máximo (max) das estruturas declarativas e interrogativas sim-não neutras.

	Mirandês						Português					
	Central			Raiano			20-50			60+		
	$f_0$ min	$f_0$ max	GV	$f_0$ min	$f_0$ max	GV	$f_0$ min	$f_0$ max	GV	$f_0$ min	$f_0$ max	GV
Declarativas	164,23	256,23	92	146,15	249,1	102,95	165,28	268,31	103,03	167,97	221,3	53,3
Interrogativas	146,8	366,84	220,17	217,7	353,9	136,2	178,26	352,23	173,96	165,15	273,7	108,45
Diferença percentual:			128,17 Hz (81,12%)	Diferença percentual:		33,25 Hz (27,8%)	Diferença percentual:		70,93 Hz (51,21%)	Diferença percentual:		55,45 Hz (68,19%)

Todos os valores estão expressos em Hertz (Hz)

Assim, e considerando a diferença percentual<sup>56</sup> dos valores da gama de variação, podemos observar que a diferença da GV nas declarativas e das interrogativas é mais elevada na variedade central (128,17 Hz, que corresponde a uma diferença de 81,12%) e na segunda faixa etária da variedade do português (55,45 Hz, que corresponde a uma diferença de 68,19%), comparadas com a variedade raiana (33,25 Hz, que corresponde a uma diferença de 27,8%) e a primeira faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro (70,93 Hz, que corresponde a uma diferença de 51,21%). É precisamente na variedade central e na segunda faixa etária da variedade do português que os falantes fazem uso da mesma categoria entoacional para veicular diferenças pragmáticas (entre declarativas e interrogativas). Parece-nos, assim, que os falantes fazem uso da GV para distinguir, em termos pragmáticos, declarativas de interrogativas. Inversamente, os falantes da variedade raiana e da primeira faixa etária da variedade do português não fazem uso do *pitch range*, uma vez que veiculam essa diferença através da configuração tonal, conforme é possível observar na Tabela 25, acima.

### 5.1.1.3 Densidade tonal

A densidade tonal é um parâmetro dentro do quadro da fonologia entoacional uma vez que permite a comparação entre sistemas fonológicos de línguas diferentes, mas também subsistemas dentro de uma mesma língua. Gussenhoven (2004) introduz a noção de densidade tonal baseando-se no rácio entre o número de tons e o número dos potenciais candidatos a unidades tonais. Uma língua pode ser definida com uma alta ou baixa densidade tonal considerando o número de tons por potenciais unidades tonais. A distinção entre línguas que apresentam um elevado número de eventos tonais daquelas que se caracterizam pela escassez de eventos tonais pode ser explicada, segundo Ladd (2008) e Hellmuth (2007), pela seleção dos diferentes constituintes prosódicos como domínio da atribuição dos eventos tonais. Nas línguas românicas, foram atestados três domínios para a atribuição dos eventos tonais, ou seja, o nível da palavra fonológica, o nível da frase acentual e o nível do sintagma entoacional (Frota & Prieto, 2015a). A variedade brasileira do português, assim como algumas variedades do português europeu, o catalão, as variedades aranesa e cisalpina do occitano, o castelhano, o sardo e o friuliano

---

<sup>56</sup> “Quando se dispõe de dados relativos a dois momentos, é possível calcular a amplitude da variação que ocorre ao longo desse período. O resultado é expresso em percentagem (com os valores absolutos, falar-se-ia apenas de uma diferença) e designado por taxa de variação ou, ainda, variação em percentagem” (Eurostat, 2018). O cálculo da diferença percentual permite comparar a média de dois valores percentuais através da diferença absoluta de dois valores  $|A - B|$ , a média desses dois valores  $(A + B) / 2$ , dividindo a diferença pela média  $|A - B| / ((A + B) / 2)$ , expressando esse resultado multiplicando por 100.

$$\% \text{ diferença} = 100 * \frac{|A - B|}{\frac{(A + B)}{2}}$$

apresentam uma alta densidade tonal, uma vez que a cada PW é atribuído um acento tonal, considerando estruturas declarativas e interrogativas (Frota, Cruz *et al.*, 2015; Prieto *et al.* 2015; Hualde & Prieto, 2015; Vanrell *et al.* 2015; Roseano *et al.* 2015). Relativamente ao francês e às restantes variedades do occitano, o domínio da atribuição tonal é a frase acentual (Delais-Roussarie *et al.* 2015; Sichel-Bazin, Meisenburg & Prieto, 2015). Inversamente, a variedade padrão do português europeu é a variedade que apresenta a menor densidade tonal, sendo o sintagma entoacional o domínio para a atribuição tonal (Frota, Cruz *et al.*, 2015).

Seguindo a tradição para as línguas românicas, calculámos o número de eventos tonais dentro do domínio de IP. Excluimos a primeira e a última PW do domínio de IP, uma vez que as fronteiras esquerda e direita são, obrigatoriamente, marcadas com um evento tonal. A Tabela 26, abaixo, reflete a percentagem de eventos tonais por PW dentro de IP para as estruturas declarativas. Excluimos as interrogativas, uma vez que todos os exemplos apenas contêm duas PW.

Assim como já descrito para a maioria das línguas românicas (Frota & Prieto, 2015a), o domínio para a atribuição de eventos tonais em mirandês é o domínio da PW, uma vez que, segundo os resultados, aproximadamente 90% das PW são marcadas com um acento tonal. No português, a variedade *standard* europeia apresenta uma baixa frequência de eventos tonais por PW (entre 17% e 27%) ao contrário dos 60% a 80% na variedade brasileira.

Tabela 26. Densidade tonal (PA/PW) em mirandês e português

	Mirandês		Português	
	Central	Raiano	20-50	60+
Declarativas	89%	88%	65%	70%

Os dados que obtivemos para o mirandês, revelam que, assim como a grande maioria das línguas românicas, praticamente todas as PW são marcadas com acento tonal com uma percentagem que ronda os 90%, conforme reportado por Frota & Prieto (2015a) para as línguas românicas<sup>57</sup>. Relativamente à variedade do português falada em Miranda do Douro, os nossos dados confirmam, também, uma grande densidade tonal, uma vez que entre 65% e 70% das PW são marcadas com acento tonal. Os dados do português estão em linha com aqueles encontrados para as variedades ditas não padrão do PE: a variedade setentrional do português conta com uma densidade tonal de 74% (Vigário & Frota, 2003)

<sup>57</sup> Exclui-se desta equação a variedade europeia (falada em Lisboa) do português, uma vez que é a única variedade que se comporta de forma diferentes das demais.

e as variedades centro-meridionais do Alentejo e Algarve contam com uma densidade tonal de 100% e 87%, respetivamente (Cruz, 2013).

### 5.1.2 Realizações tonais de estruturas sintaticamente complexas

Segundo Matos (2003a: 551-553), os processos de coordenação e subordinação partilham a propriedade de formar uma estrutura complexa. Segundo a autora, o que distingue esses dois processos sintáticos é o facto de que a subordinação opera em unidades frásicas (5.1) e a coordenação opera em todas as categorias sintáticas: grupos preposicionais (5.2a) ou em grupos nominais (5.2b).

(5.1) Ele só confessou *que gostava de cozinhar* à Maria.

(5.2a) Podes levar a criança tanto *ao restaurante* como *ao cinema*.

(5.2b) *O Pedro e a Ana* vieram visitar-nos.

A par, nas estruturas subordinadas, a frase subordinada desempenha sempre um papel sintático na oração subordinante. Pelo contrário, nas frases coordenadas, ambos os termos coordenados desempenham a mesma função sintática (5.3).

(5.3) Ele disse que tinha comprado o jornal e que a Maria o tinha lido.

Deste modo, podemos concluir que a distinção entre as coordenadas e as subordinadas são, do ponto de vista sintático, de tipo formal.

Uma vez que estas estruturas são complexas, e devido à sua extensão, torna-se crucial pontuá-las, do ponto de vista ortográfico, uma vez que é nessa interseção que a entoação desempenha um papel fundamental (Brown, 2014: 115-116). Desta forma, as conjunções subordinativas, tal como *porque* ou *que*, e as coordenativas, tal como *e*, vão funcionar como delimitadores de fronteiras entoacionais. Tal como descrito em Falé (2020), as frases coordenadas de tipo declarativo apresentam uma estrutura entoacional semelhante às declarativas simples, embora a primeira estrutura coordenada termine com um aumento dos valores de  $f_0$  no final da última vogal tónica até à rutura prosódica. A autora define que esta estrutura entoacional é própria das coordenadas, pois é a pista necessária para que o ouvinte saiba que a frase tem continuação. Relativamente às subordinadas, Falé (2020) atesta dois tipos de estruturas: (i) se a frase complexa apresenta o mesmo tamanho que uma frase declarativa simples, o movimento entoacional é semelhante às anteriormente descritas; (ii) se a frase complexa é de maior extensão que uma frase simples, do ponto de vista do fraseamento, os falantes podem dividir as unidades de entoação através de pausas, como já descrito em Barros (2014: 65) em que “[a] inserção

de pausa é uma estratégia genericamente utilizada para marcar a fronteira de IP” em estruturas parentéticas e topicalizadas.

#### 5.1.2.1 Estruturas declarativas coordenadas e subordinadas

Os trabalhos que se debruçam sobre estruturas sintáticas declarativas não-padrão são escassos. Importa, em todo o caso, realçar os trabalhos de Frota (1994), Vigário (1996, 1998), Fernandes (2007a, b) que tratam estruturas não-padrão do português no quadro da fonologia prosódica.

O trabalho de Frota (1994) mostra que as estruturas declarativas onde existem constituintes deslocados, como em *[Palavras]φ [duras]φ [a velhota]φ [lhe disse]φ*, e constituintes quantitativos, como em *[As alunas]φ [todas]φ [ofereceram-lhe rosas]φ*, apresentam um contorno entoacional diferente daquelas em que estas estruturas não ocorrem. A autora aponta para o facto de, em PE, a diferença entre estruturas não-padrão e estruturas padrão estar na presença de um maior número de eventos tonais, uma vez que em declarativas padrão apenas as fronteiras inicial e final são marcadas entoacionalmente e nas declarativas não-padrão (com constituintes deslocados e quantitativos) poderem ocorrer eventos tonais associados à palavra prosódica ou à cabeça do sintagma fonológico dentro de IP.

Por sua vez, Vigário (1996, 1998) discorre sobre o impacto que os elementos de negação têm nos processos de marcação prosódica: (i) uma marcação prosodicamente neutra, onde as estruturas negativas não apresentam diferenças relativamente às estruturas que não possuem elementos de negação, se o elemento ocorrer à esquerda do constituinte que modifica, ou (ii) uma proeminência do elemento de negação, onde *não* é sistematicamente cabeça do seu próprio sintagma fonológico e *lhe* está associado um acento  $L^*+H$ . Já se o elemento de negação ocorrer à direita do constituinte que modifica, pode haver alteração na marcação prosódica. Em “As garotas apenas, *mas não outras pessoas*, emprestaram filmes às amigas”, é possível encontrar um tom de fronteira e uma pausa após o elemento de negação: *As garotas apenas<sub>L\*+H H%</sub> // emprestaram filmes às amigas<sub>H+L\* L%</sub>*”.

Por sua vez, Fernandes (2007a, b) analisa estruturas de tipo VS, VOS e AdvVS em PE e conclui que, ao contrário das declarativas neutras, estas estruturas têm mais eventos tonais associados às palavras prosódicas das cabeças dos sintagmas fonológicos.

Considerando os dados obtidos na presente investigação, em todas as estruturas e em ambas as variedades do mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro, as conjunções (coordenativa ou subordinativa) desencadearam IPs independentes. Podemos atestar, ainda, que, em nenhum caso, as conjunções subordinativas *porque* e *que*



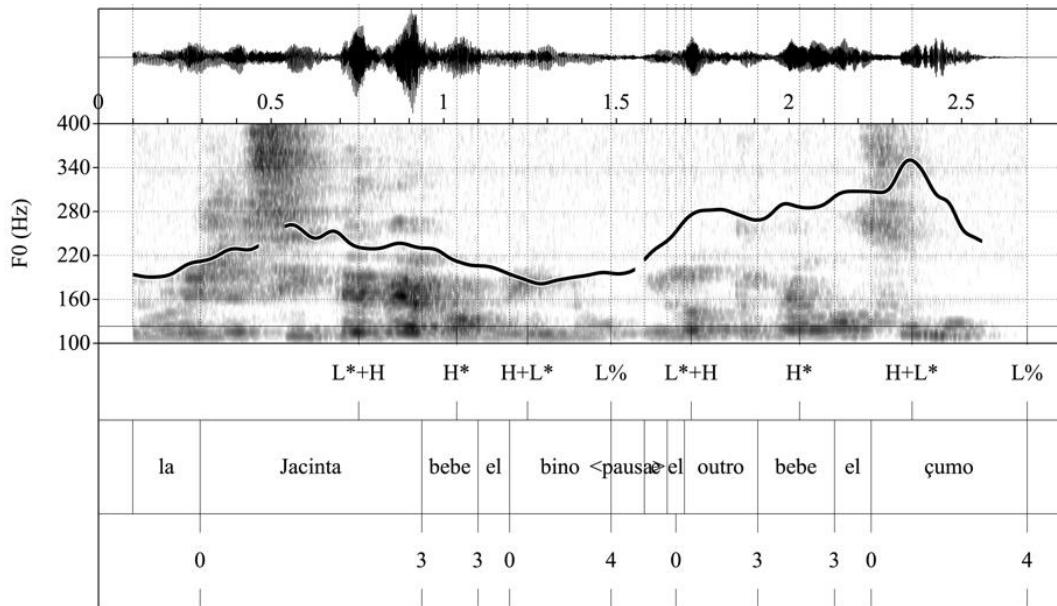


Figura 44. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo *La Jacinta bebe el bino i el outro bebe el çumo*

Se observarmos as subordinadas, ao primeiro IP está associado um tom alto  $H^*$ , ao passo que o segundo IP é marcado entoacionalmente com um tom ascendente  $L^*+H$ . Ao primeiro elemento está associada uma fronteira alta ( $H\%$ ), ao passo que ao segundo elemento está associada uma fronteira baixa ( $L\%$ ). Desta forma, obtemos, para o primeiro IP, uma configuração nuclear  $H^* H\%$  e a configuração  $L^*+H L\%$  para o segundo IP, conforme exemplo 5.6 e Figura 5.45.

(5.6) (Stá fazer refresco)<sub>IP</sub> (porque fai mui calor)<sub>IP</sub>  
 $H^* H\%$   $L^*+H L\%$

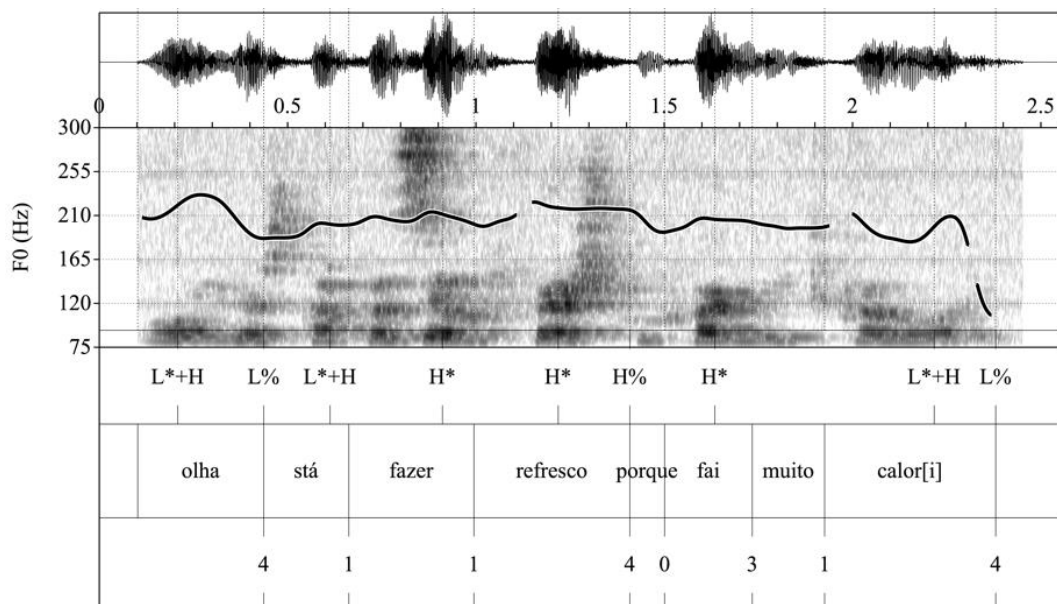


Figura 45. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo *Olha, stá fazer refresco porque fai muito calor[i]*

Na variedade raiana do mirandês, apenas obtivemos dados de estruturas coordenadas. Também nesta variedade a conjunção *e* desencadeou um IP independente fazendo com que, à fronteira direita do primeiro IP, esteja associado um tom nuclear L\*+H, seguido de uma fronteira H%, configurando, assim, um acento nuclear L\*+H H%, seguido de uma pausa, e um tom nuclear H+L\*, seguido de uma fronteira L%, configurando, assim, um acento nuclear H+L\* L%, associado à fronteira direita do segundo IP, conforme exemplo 5.7, abaixo e Figura 46.

(5.7) (Eilha stá beber un copo de vino)<sub>IP</sub> <pausa> (i el stá beber ãa cerbeija)<sub>IP</sub>  
 L\*+H H% H+L\* L%

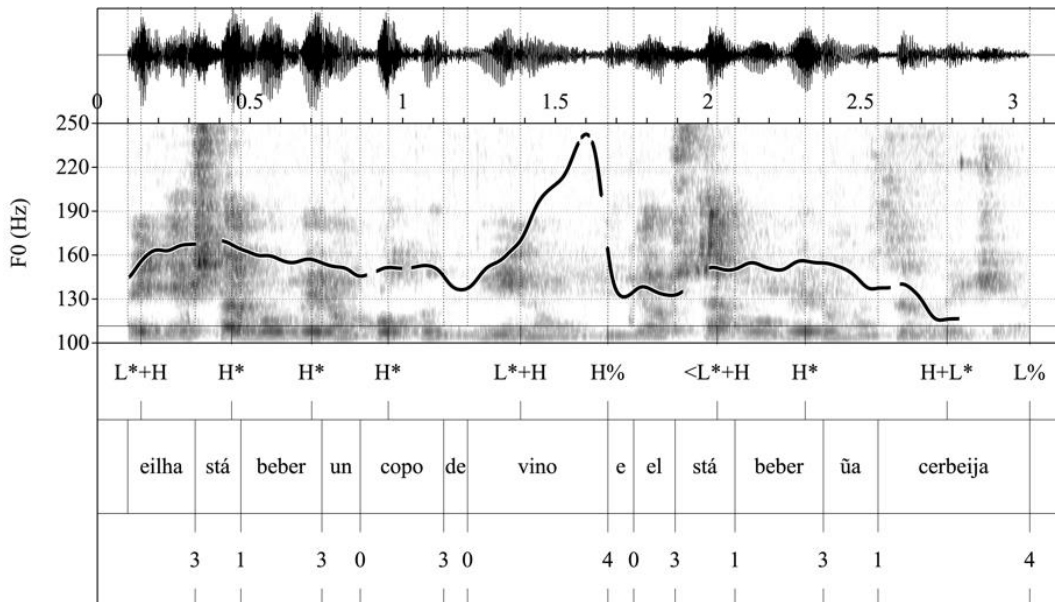


Figura 46. Mirandês (raiano; CP): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo Eilha stá beber un copo de vino i el stá beber ãa cerbeija

Para a variedade do português falada em Miranda do Douro, duas configurações tonais foram encontradas em ambos os IPs: um tom L\*+H, seguido de uma fronteira H%, configurando, assim, um acento nuclear L\*+H H% e um tom H+L\*, seguido de uma fronteira L%, configurando, assim, um acento nuclear H+L\* L%. Se observarmos a conjugação de ambos os acentos nucleares na variedade do português falada em Miranda do Douro, podemos encontrar duas tipologias entoacionais associadas às estruturas coordenadas: (i) se o acento nuclear L\*+H H% estiver associado à fronteira direita do primeiro IP, a fronteira do segundo IP será entoacionalmente marcada por L+H\* L% ou H+L\* L% (Figuras 47 e 48); (ii) se o acento tonal H+L\* L% estiver associado à fronteira direita de primeiro IP, a fronteira do segundo IP é obrigatoriamente marcada por H+L\* L% (Figura 49).

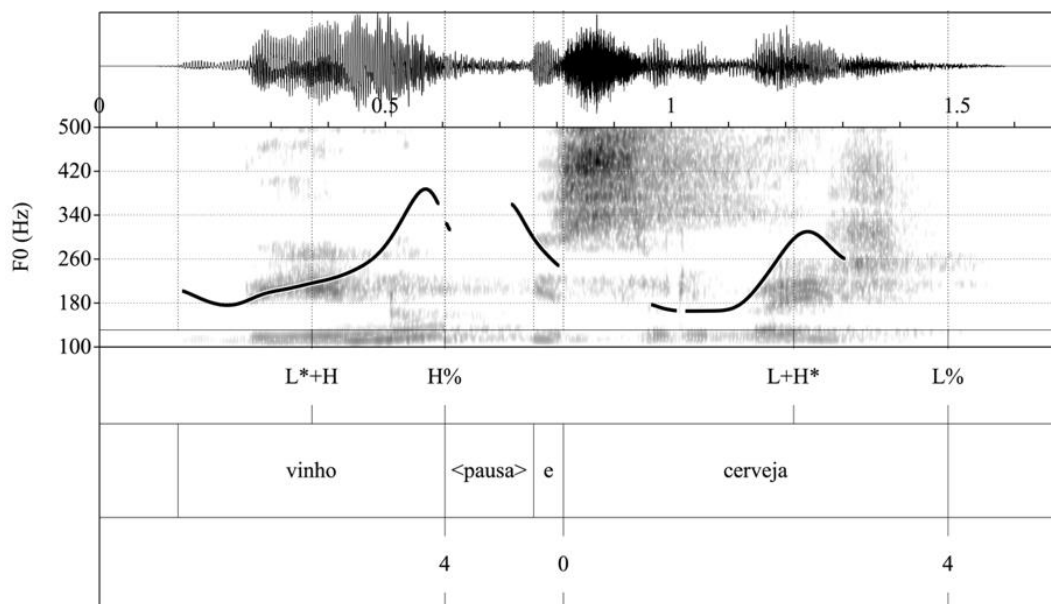


Figura 47. Português (20-50; FD): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo vinho e cerveja

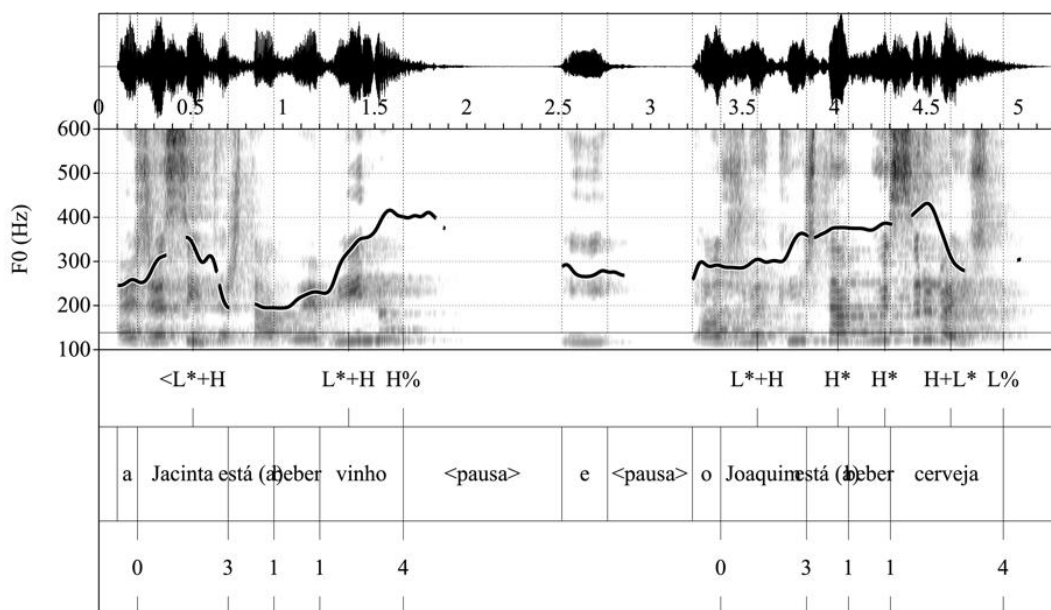


Figura 48. Português (20-50; FD): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo A Jacinta está a beber vinho e o Joaquim está a beber cerveja

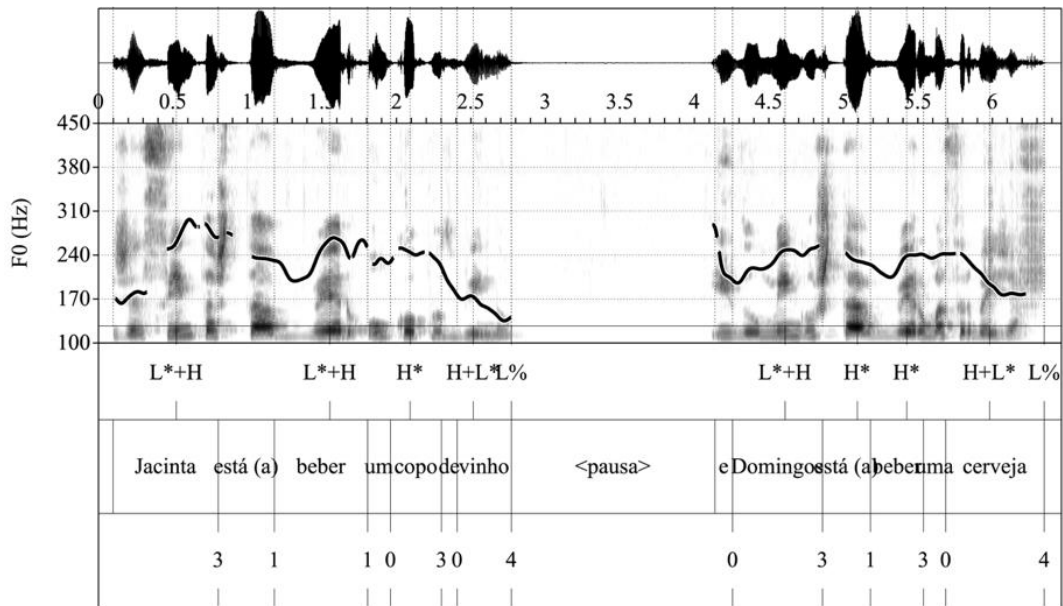


Figura 49. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (A) *Jacinta está a beber um copo de vinho* e (o) *Domingos está a beber cerveja*

Relativamente às estruturas subordinadas, também nesta variedade a conjunção *que* não desencadeia uma pausa precedente. Podemos observar um acento tonal  $L^*+H$   $H\%$  associado à fronteira direita do primeiro IP e um acento tonal  $H+L^*$   $L\%$  associado à fronteira direita do segundo IP (Figura 50).

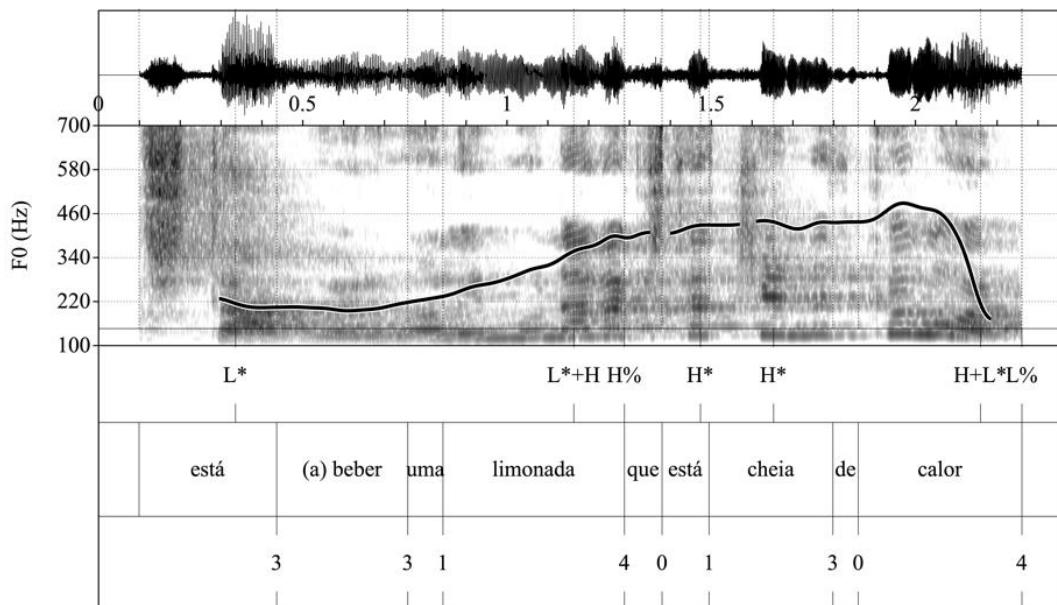


Figura 50. Português (20-50; FD): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo *Está a beber uma limonada que está cheia de calor*

### 5.1.3 Enumeração

#### 5.1.3.1 Estruturas declarativas

Os enunciados que a seguir descrevemos referem-se às estruturas 111e e 111f. Para o mirandês (central e raiano) e para a variedade do português falada em Miranda do Douro, as Figuras 51, 52, 53, 54 e 55 evidenciam os movimentos típicos do enunciado 111e, tal como *Janeiro, Fevereiro, Márcio, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro (e) Dezembro* e *Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro (e) Dezembro*, respetivamente. As Figuras 56, 57, 58 e 59 evidenciam os movimentos dos enunciados 111f, tal como *Manga, ananás, maçana i bananas* e *Manga, ananás, maçã e bananas*, respetivamente.

Estas estruturas são chamadas de enumerações uma vez que cada unidade fonológica, neste caso, a PW, compõe, por si só, um elemento entoacional autónomo. O padrão entoacional de cada elemento prosódico não cabeça de IP tende a ser semelhante entre si. No caso de ambas as variedades do mirandês, cada palavra prosódica evidencia um movimento ascendente, neste caso, L\*+H, estando um acento alto (H) associado à fronteira, configurando, assim, um acento nuclear L\*+H H%. Por último, ao último elemento do enunciado está associado um tom IP-inicial L\*+H e um acento nuclear H+L\* L%, uma vez que a conjunção *e* não desencadeia reestruturação, conforme Figuras 51 e 52.

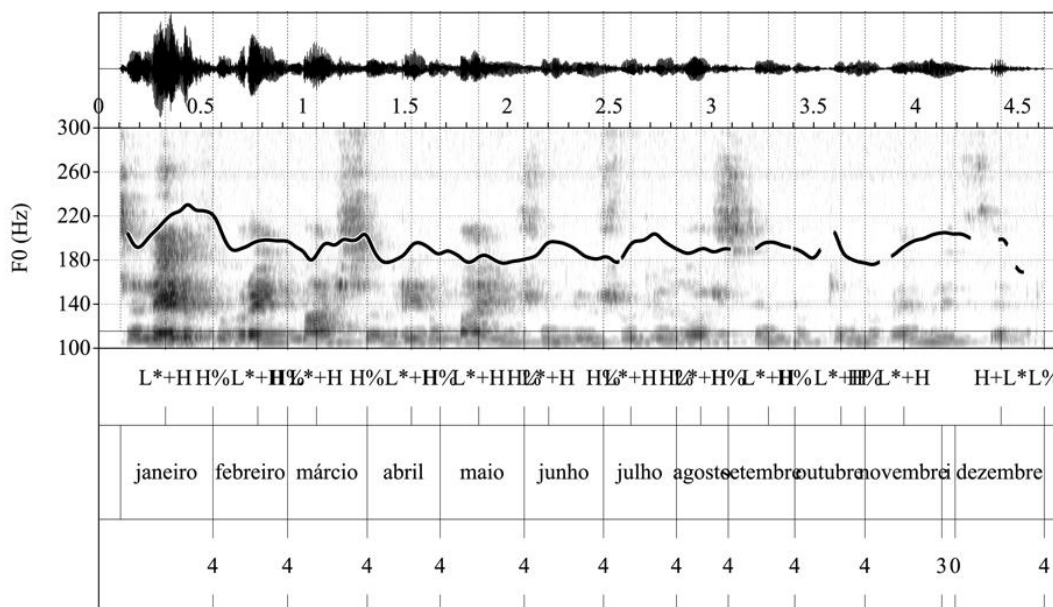


Figura 51. Mirandês (central; FA): onda sonora, espectrograma e contorno de *f*0 de um enunciado declarativo (enumeração) *Janeiro, febreiro, márcio, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembre i dezembre*

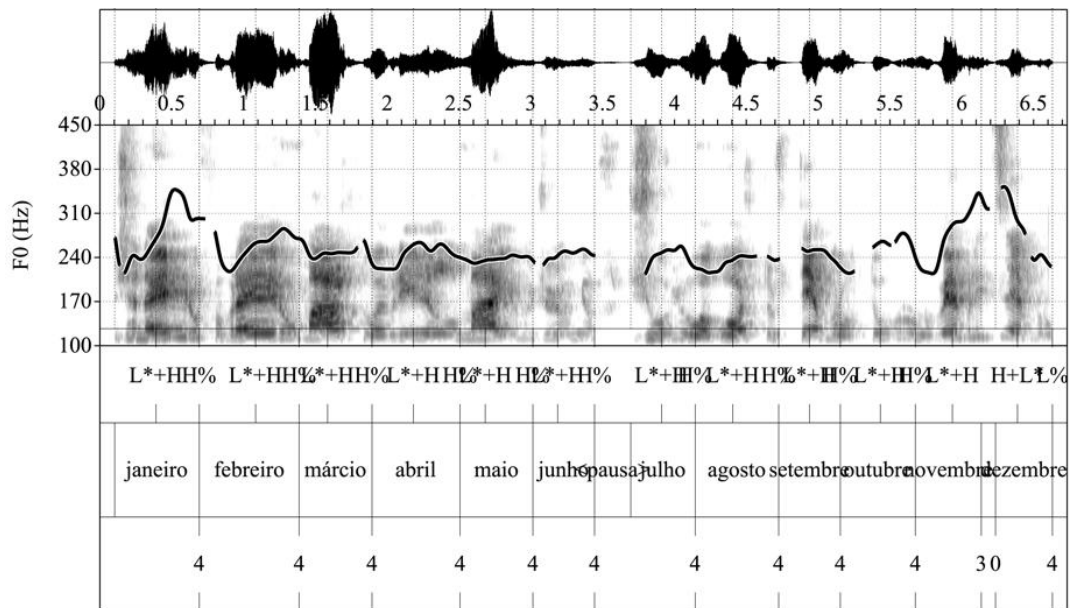


Figura 52. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (enumeração) *Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro*

Por sua vez, as informantes da primeira faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro evidenciaram, desde o primeiro IP do enunciado, um movimento ascendente associado à sílaba tónica ( $L^*+H^{58}$ ) e uma fronteira  $H\%$ . Foi também encontrado um tom nuclear descendente  $H+L^* L\%$  sempre que a este esteja associada uma pausa que o precede. No último IP, foi apenas encontrado um movimento descendente desde a sílaba tónica da última PW até à fronteira, configurando, assim, um movimento  $H+L^* L\%$ .

<sup>58</sup> Todas as informantes falantes de português na variedade de Miranda do Douro apresentaram um tom ascendente ( $L^*+H$ ) associado à sílaba tónica. A par disso, encontramos também, em menor número, um tom  $L^*$ , em que o tom  $H$  pode não realizar-se (Figura 54).

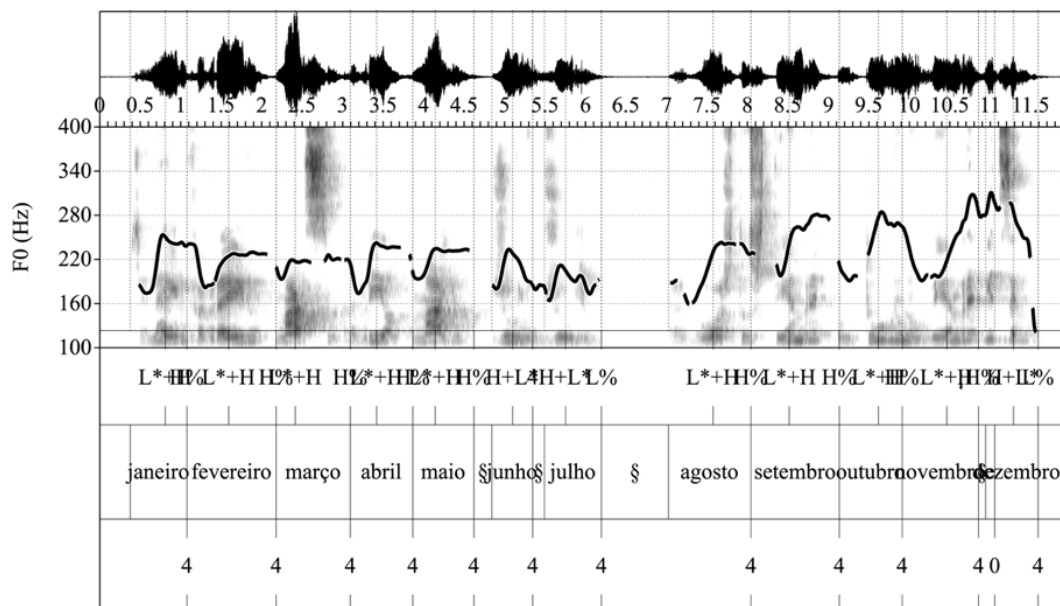


Figura 53. Português (20-50; FD): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (enumeração) *Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro*

Por uma questão de visualização, o símbolo § representa, aqui, a pausa.

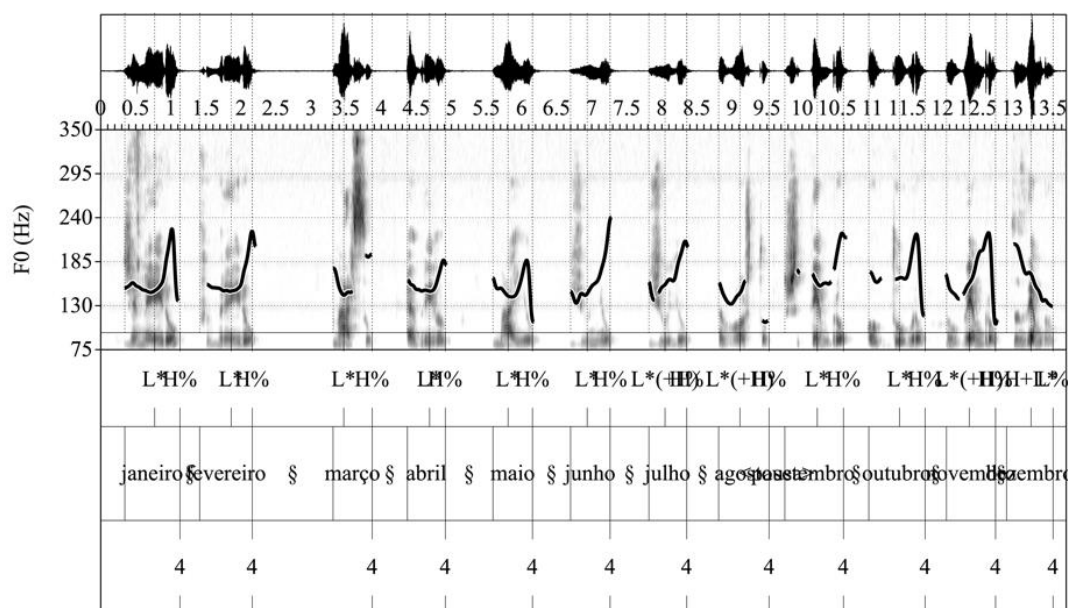
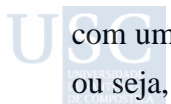


Figura 54. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (enumeração) *Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro*

Por uma questão de visualização, o símbolo § representa, aqui, a pausa.

Os dados da segunda faixa etária, mostram uma configuração mais complexa. Por um lado, o movimento do IP-inicial apresenta sempre uma configuração ascendente, ou seja,  $L^*+H H\%$  e, por outro, os movimentos seguintes (ou seja, IP-não-inicial) configuram-se com um tom alto associado à sílaba tónica e um movimento descendente até à fronteira, ou seja,  $H^* L\%$ . Observámos, também, que sempre que o movimento  $H+L^* L\%$  emerge



há sempre uma pausa que o precede e que o movimento L\*+H H% que emerge (não IP-inicial) parece-nos estar associado, neste caso, a uma reestruturação do discurso, uma vez que podemos observar hesitação na produção do alvo *setembro*, com o alongamento da consoante [s]. Por fim, associado ao último IP (IP-final) está um tom nuclear descendente H+L\*, seguindo de uma fronteira L%.

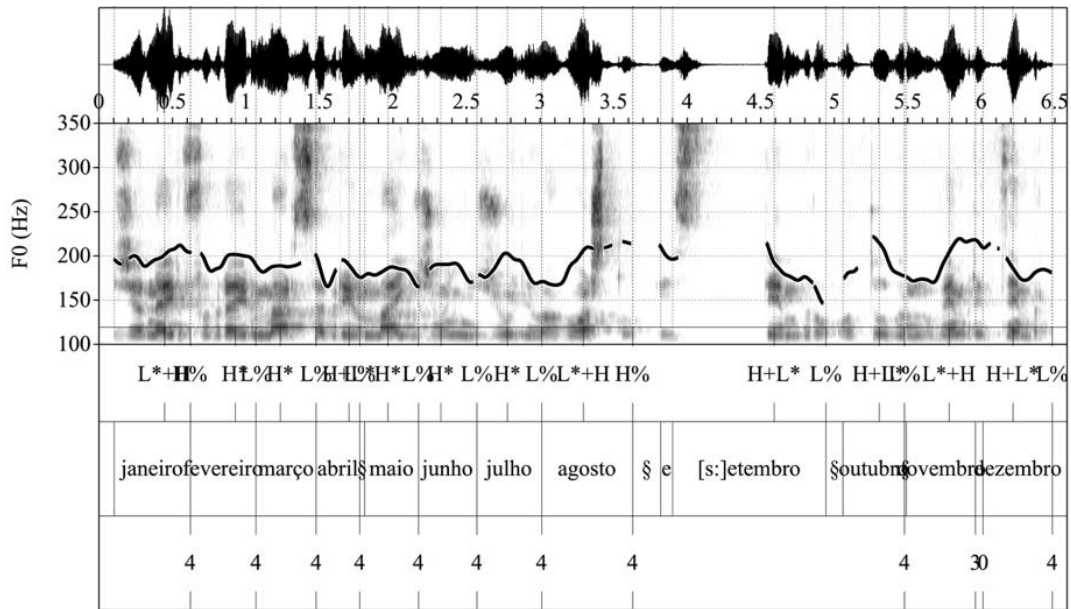


Figura 55. Português (60+; FM): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) *Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro*

Por uma questão de visualização, o símbolo § representa, aqui, a pausa.

A Tabela 27, abaixo, resume as configurações que atrás se descreveram para ambas as variedades do mirandês, assim como para a variedade do português falada em Miranda do Douro.

Tabela 27. Relação das configurações nucleares das enumerações em mirandês e em português

		Configuração padrão	Configurações opcionais
Mirandês	Central	L*+H H% ... L*+H H+L* L%	
	Raiano	L*+H H% ... L*+H H+L* L%	
Português	20-45	L*+H H% ... L*+H H+L* L%	H+L* L% <pausa>... L*+H H+L* L%
	60+	L*+H H% ... L*+H H+L* L%	... (H* L%) ...

Observemos, agora, os enunciados referentes às estruturas 111f. Ao contrário do enunciado 111e, em que se pedia para enumerar os meses do ano, nas estruturas 111f apenas era pedido aos falantes para fazerem uma lista de frutas que mais apreciam. Por isso mesmo, nenhum dos enunciados produzidos será igual a qualquer outro.

Os dados da variedade central mostram que todas as palavras prosódicas formam por si só um único IP. Os IP iniciais evidenciaram, na totalidade, movimentos ascendentes, neste caso, um tom ascendente L\*+H ou um tom baixo L\*, seguido de uma fronteira H%. O IP final evidencia um movimento descendente, seguido de uma fronteira baixa, configurando, assim, um acento nuclear H+L\* L%.

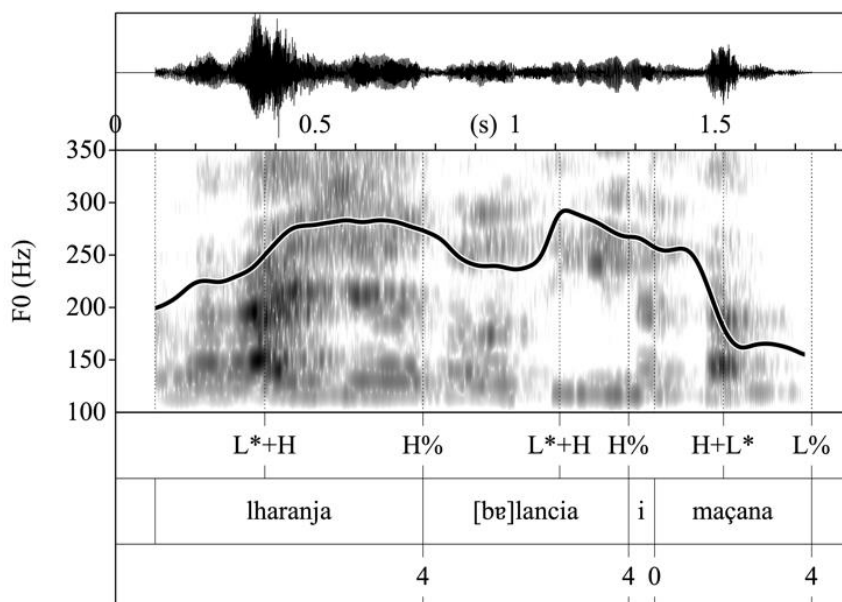


Figura 56. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (enumeração) *lharanja, melancia i maçana*

Relativamente à variedade raiana, os movimentos dos IP-não-final são semelhantes àqueles encontrados na variedade central, embora o movimento do IP-final apresente uma configuração diferente. Nesta variedade, o movimento do IP-final é baixo, estando um tom baixo (L\*) associado à sílaba tónica, seguido de uma fronteira baixa (L%).

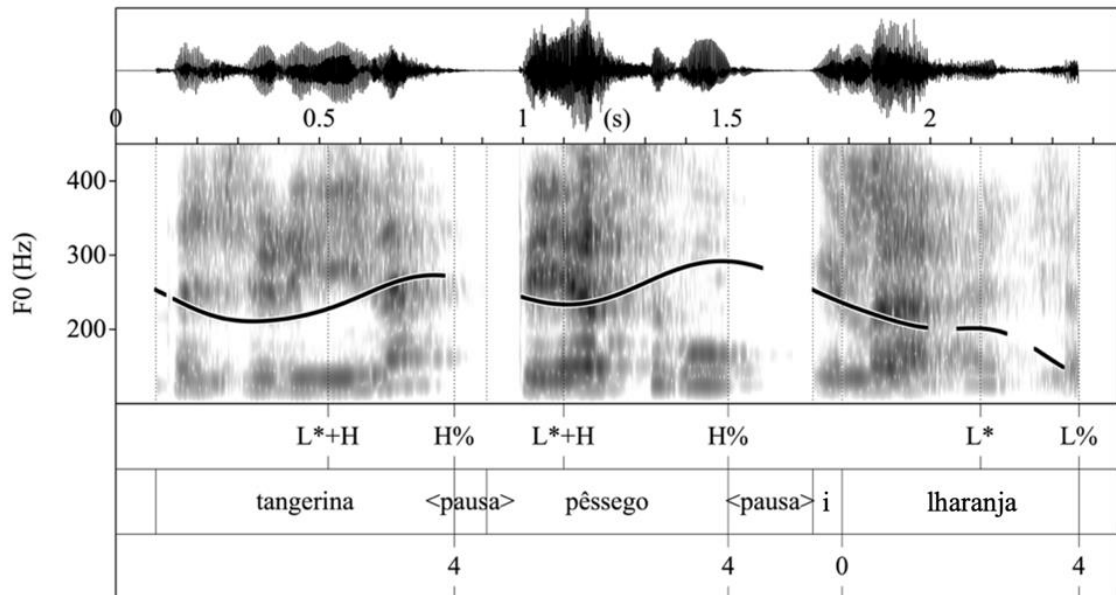


Figura 57. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (enumeração) *tangerina, pêsego i laranja*

Na variedade do português falada em Miranda do Douro, os dados da primeira faixa etária são, também, consistentes, uma vez que aos IP-não-final estão associados movimentos ascendentes ( $L^*+H^{59}$ ), seguidos de uma fronteira alta ( $H\%$ ). O IP-final apresenta um movimento descendente ( $H+L^*$ ), seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ).

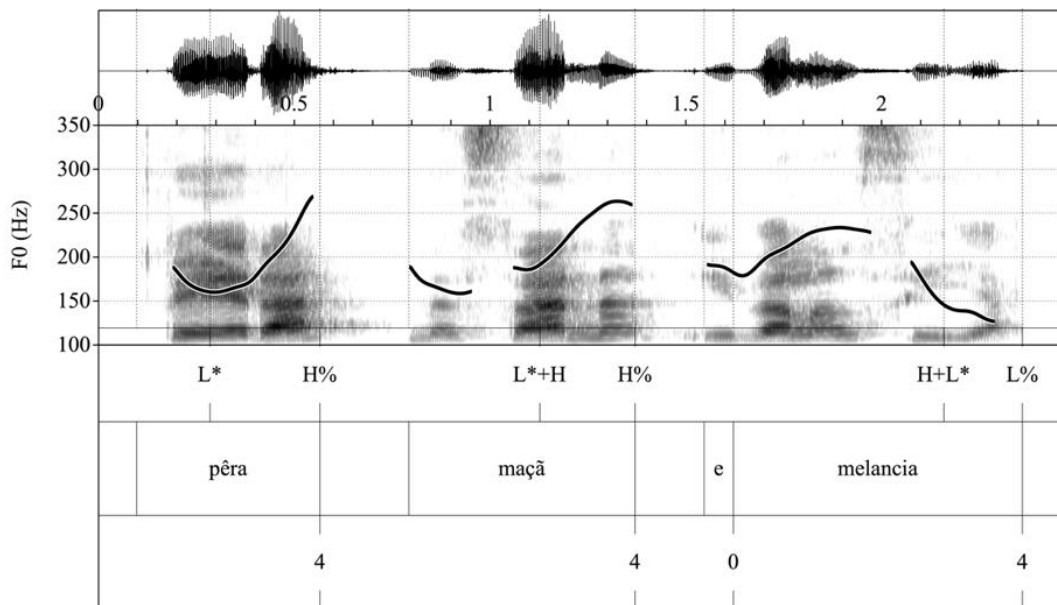


Figura 58. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (enumeração) *pêra, maçã e melancia*

Relativamente à segunda faixa etária, os movimentos IP-não-final são diferentes daqueles encontrados na primeira faixa etária: um tom alto ( $H^*$ ) associado à sílaba tónica, seguido

<sup>59</sup> Ressalva-se para o facto de o tom alto (H), poder não realizar-se.

de uma fronteira alta. Esta configuração parece-nos estar associada ao facto de que, na primeira faixa etária, estar associada uma pausa entre os IP-não-finais e na segunda faixa etária não existir pausa entre os IP-não-finais. O IP-não-final que antecede o IP-final apresenta, também, um tom alto (H\*), seguido de uma fronteira baixa (L%). Por fim, o IP-final caracteriza-se por um movimento descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%).

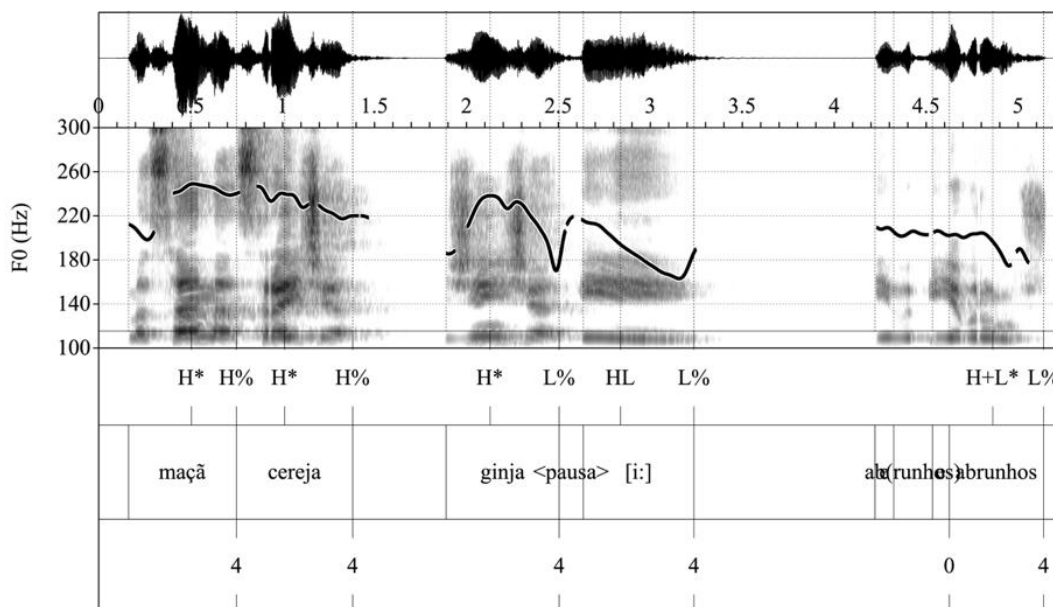


Figura 59. Português (60+; FM): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado declarativo (enumeração) *maçã, cereja, ginja e abrunhos*

A Tabela 28, abaixo, resume as configurações que vimos de descrever para ambas as variedades do mirandês, assim como para a variedade do português falada em Miranda do Douro.

Tabela 28. Relação das configurações nucleares das enumerações II em mirandês e em português

		Configuração tonal	Observações
Mirandês	Central	L*+H H% ... H+L* L%	Em ambas as variedades, observa-se uma pausa entre os elementos enumerados.
	Raiano	L*+H H% ... L* L%	
Português	20-45	L*+H H% ... H+L* L%	
	60+	H* H% ... H+L* L%	

### 5.1.3.2 Estruturas interrogativas

Descrevemos, abaixo, os dados relativos às interrogativas, neste caso, os enunciados 211c, 211d e 211e. Fazem parte desta análise os enunciados em que era pedido aos informantes três situações diferentes, como exemplo abaixo:

(5.8) Quieres maçana ó tangerina? [211c]

(5.9) Quier lharanjas, maçanas, péras ó bananas? [211d]

(5.10) Quier lharanjas, maçanas, péras i bananas? [211e]

Se considerarmos os acentos pré-nucleares, podemos observar que em ambas as variedades do mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro, os acentos realizam-se com um tom alto (H\*), associado à sílaba tónica.

Os resultados das estruturas 211c (exemplo 5.8, acima) mostram-nos dois cenários na variedade central: (i) ou os dois termos em coordenação, neste caso, *maçana* e *tangerina* são agrupados no mesmo IP, formando, cada um deles, um PhP (Figura 60) ou (ii) cada um dos termos são restruturados, formando, por si só, um IP (Figura 61).

(5.11) Quereis maçanas ó tangerinas?

a)                   )PhP           )IP

b)                   )IP            )IP

Em termos entoacionais, em 5.11a, a *maçana* está associado um tom alto (H\*) e, em 5.11b, está, também, associado um tom alto (H\*), embora seja seguido de uma fronteira direita *downstep* (!H%), seguido de uma pausa. Em ambos os casos, ao segundo termo da coordenação está associado um tom baixo (L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim, um acento nuclear L\* L%.

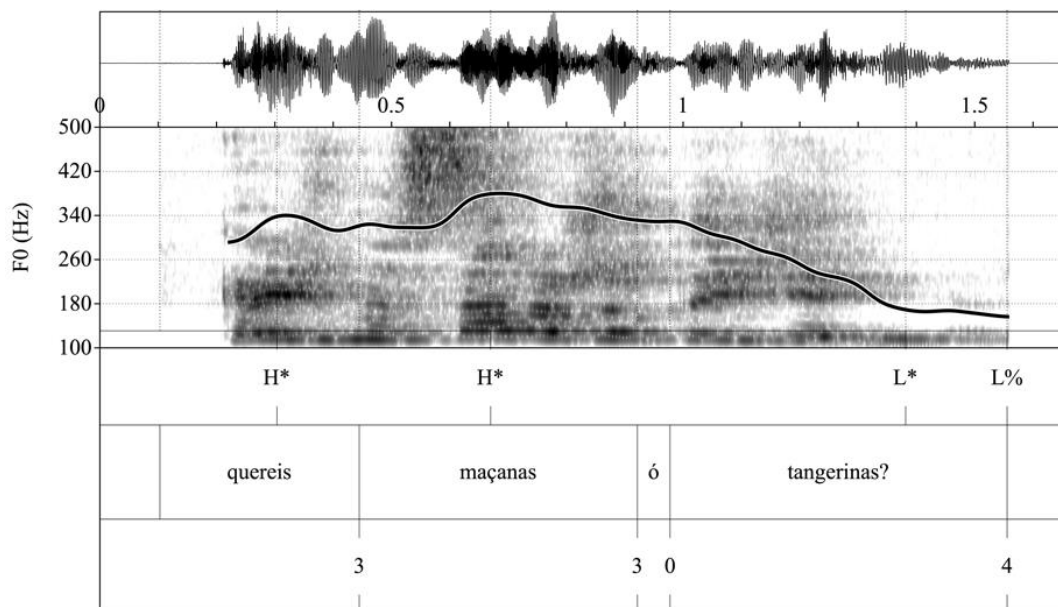


Figura 60. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de *f*0 de um enunciado interrogativo (enumeração) *Quereis maçanas ó tangerinas?*

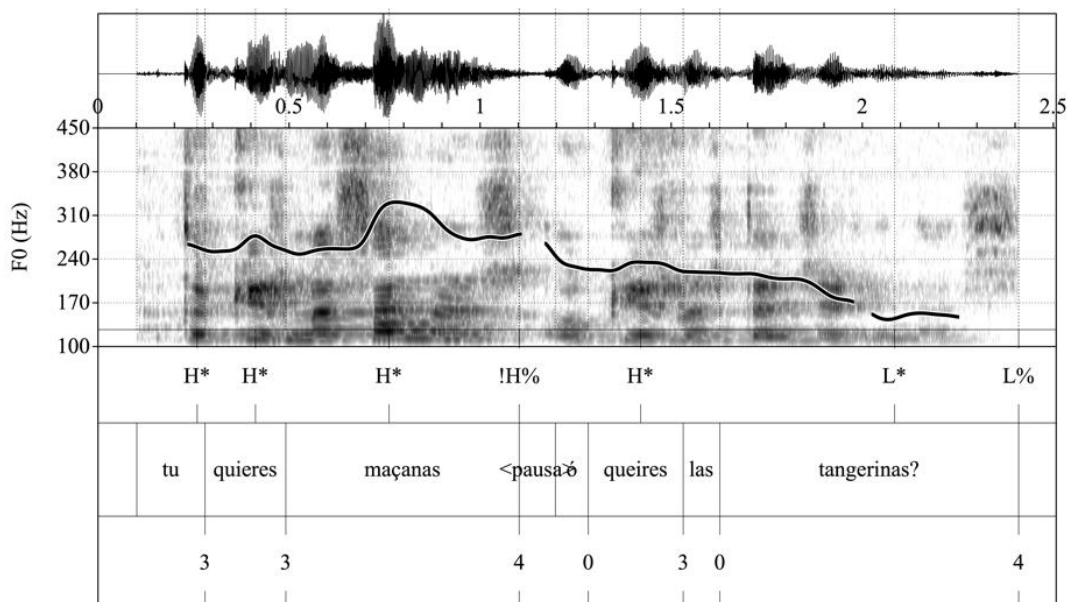


Figura 61. Mirandês (central; FA): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (enumeração) Tu quieres maçanas ó quieres las tangerinas?

Na variedade raiana e na variedade do português falada em Miranda do Douro, e ao contrário da variedade central, o primeiro termo coordenado é sempre um IP, ou seja, ao primeiro elemento está associado um tom ascendente ( $L^*+H$ ), seguido de uma fronteira alta ( $H\%$ ). Ao segundo termo da coordenação está associado um tom descendente ( $H+L^*$ ), seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ), configurando, assim, um acento nuclear  $H+L^* L\%$  (Figuras 62 e 63).

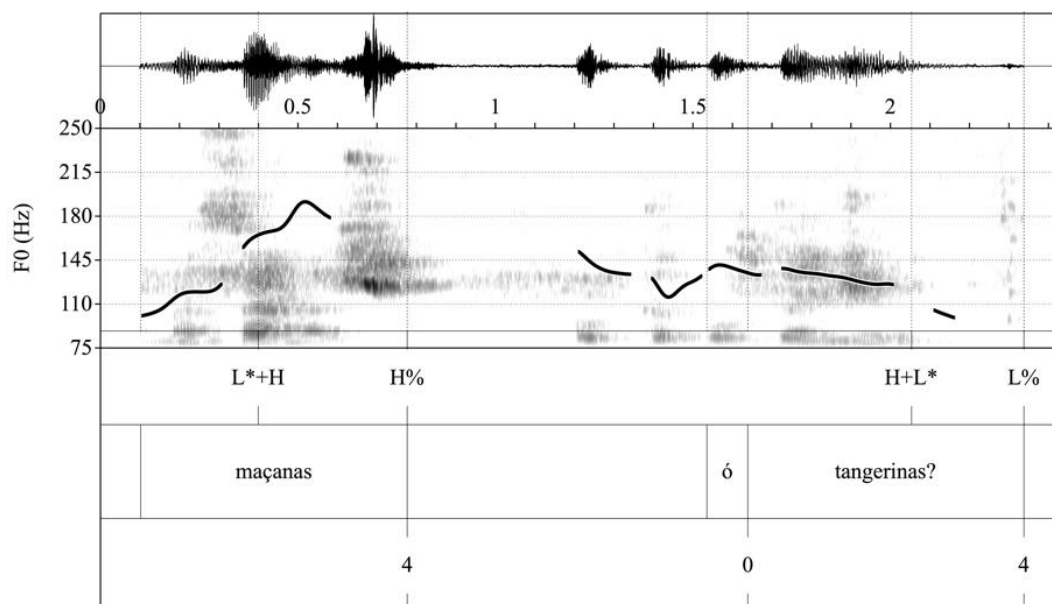


Figura 62. Mirandês (raiano; CP): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (enumeração) Maçanas ó tangerinas?

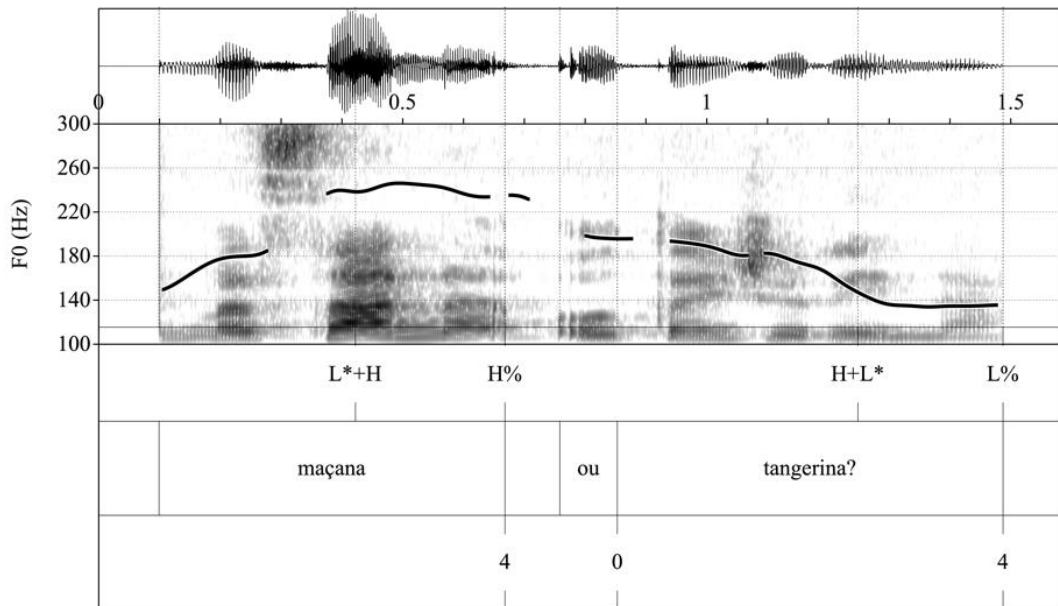


Figura 63. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (enumeração) *Maçana ou tangerina?*

Considerando os resultados das estruturas 211d (exemplo 5.9, acima), encontramos os seguintes cenários que esquematizamos abaixo (5.12):

(5.12) Quier lharanjas, maçanas, péras ó bananas?

- a)                    )PhP        )PhP    )IP        )IP  
 b)                    )IP         )IP        )IP        )IP

Na variedade central, todos os elementos anteriores à conjunção disjuntiva <ou> são agrupados em PhP diferentes, sendo que o termo imediatamente anterior à conjunção desencadeia fraseamento prosódico, formando por si só um IP (5.12a). Na variedade raiana e na variedade do português falada em Miranda do Douro, cada termo da enumeração desencadeia fraseamento prosódico no nível IP (5.12b).

Desta forma, os dados da variedade central mostram que os primeiros termos enumerados têm um tom alto *downstep* (!H\*) associado aos primeiros elementos, um tom descendente (!H+L\*) associado ao elemento anterior à cabeça de IP, ao passo que ao elemento cabeça de IP, neste caso, *bananas*, está associado um tom ascendente (L\*+H), seguido de uma fronteira alta (H%), configurando, assim, um acento nuclear L\*+H H% (Figura 64).

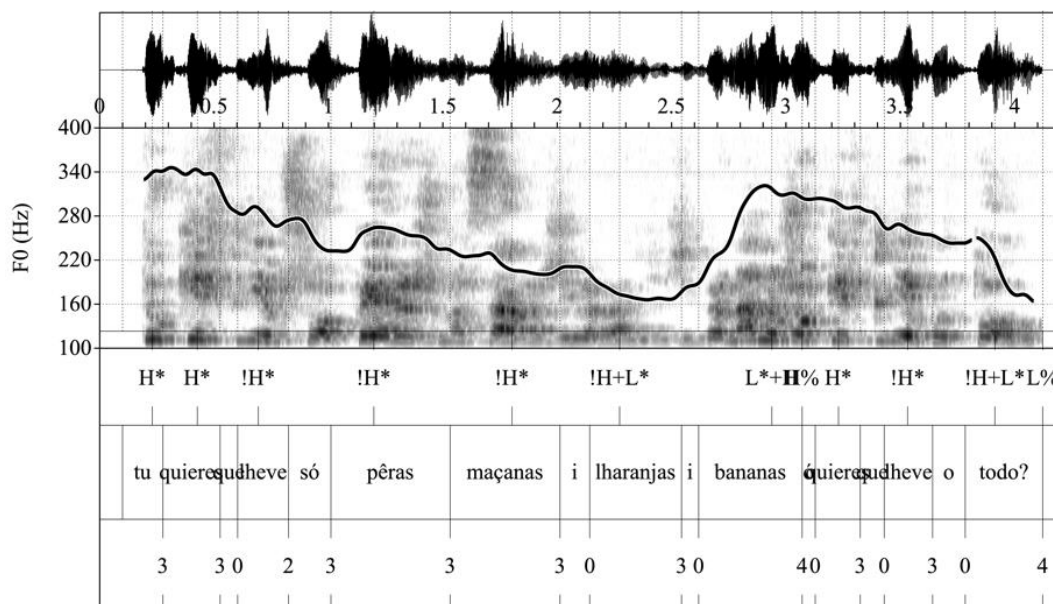


Figura 64. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de *f*0 de um enunciado interrogativo (enumeração) [...] só pêras, maçanas, i lharanjas i bananas ó quieres que heve todo?

Na variedade raiana, o mesmo contorno ascendente foi encontrado para os primeiros termos em enumeração, ou seja, L\*+H H%, e ao termo cabeça de IP (*bananas*) está associado um tom descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim, um acento nuclear H+L\* L% (Figura 65).

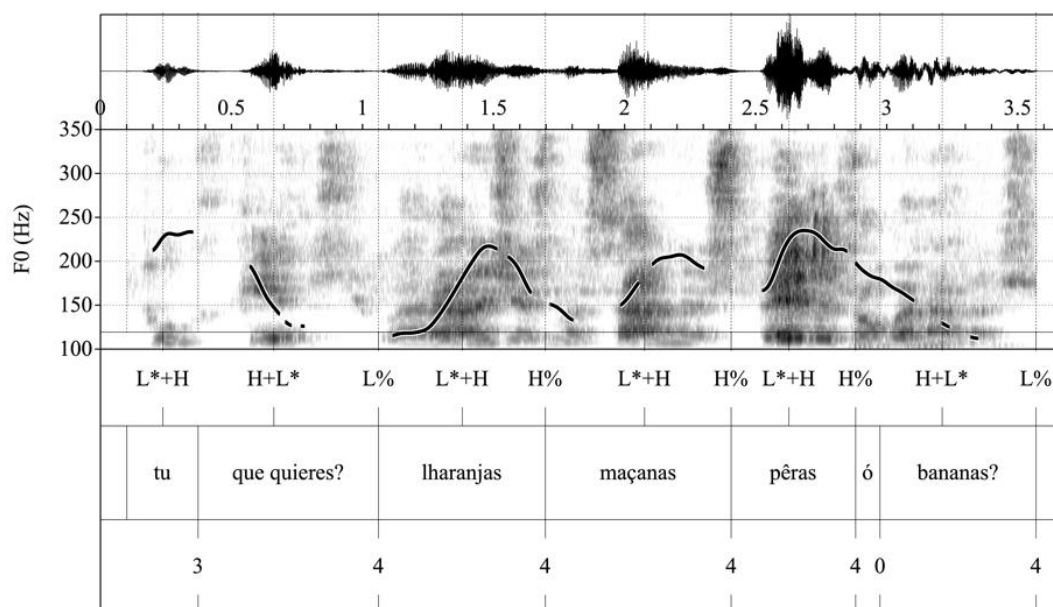


Figura 65. Mirandês (raiano; CP): onda sonora, espectrograma e contorno de *f*0 de um enunciado interrogativo (enumeração) (tu que quieres?) lharanjas, maçanas, pêras ó bananas?

Na variedade do português falada em Miranda do Douro, em ambas as faixas etárias, aos primeiros termos da enumeração está associado um tom ascendente (L+H\*), seguido de

uma fronteira alta (H%). Ao termo cabeça de IP (*bananas*) está associado um acento descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim, um acento nuclear H+L\* L% (Figura 66).

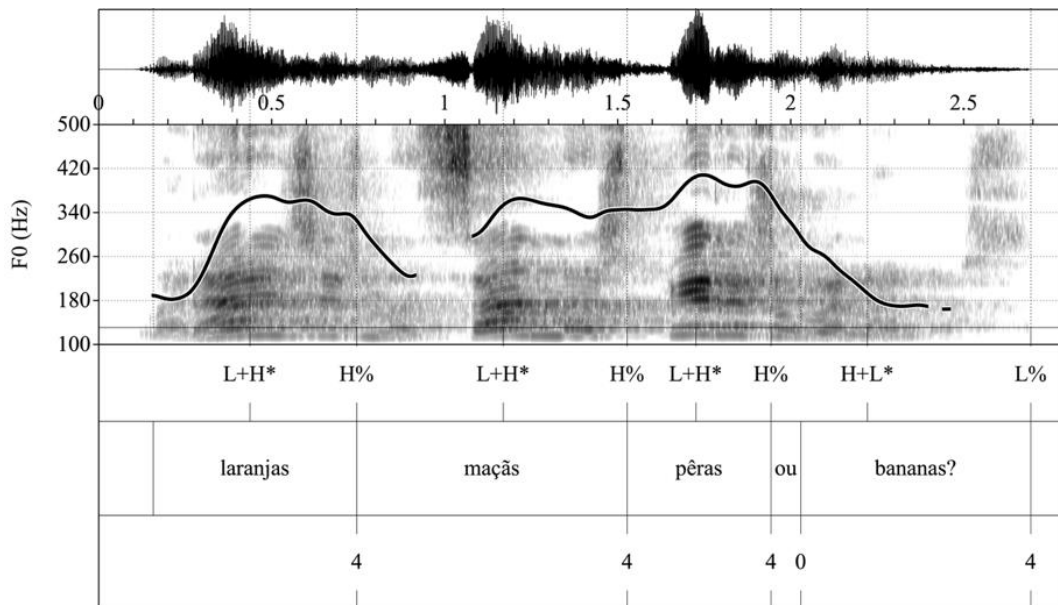


Figura 66. Português (20-50; FD): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (enumeração) *laranjas, maçãs, pêras ou bananas?*

Relativamente aos dados do enunciado 211e (exemplo 5.10, acima), não obtivemos resultados para a variedade central<sup>60</sup>. Considerando, assim, os resultados, apenas encontrámos o cenário que esquematizamos abaixo (5.13), em que todos os termos da enumeração formam, por si só, um IP:

(5.13) Quier lharanjas, maçanas, pêras i bananas?  
 )IP )IP )IP )IP

Na variedade raiana, os dados mostram-nos não haver diferença, em termos de  $f_0$ , entre enumerações com a conjunção copulativa e a disjuntiva, pois a configuração de  $f_0$  é semelhante, ou seja, aos primeiros termos da enumeração está associado um tom L\*+H, seguido de uma fronteira alta (H%) e ao termo cabeça de IP está associado um tom descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim, um acento nuclear H+L\* L% (Figura 67).

<sup>60</sup> Na verdade, em todos os dados que conseguimos recolher a conjunção copulativa < e > foi sempre substituída pela conjunção disjuntiva < ou >. Por isso mesmo, optámos por eliminar todos os dados em que a conjunção copulativa não emergiu.

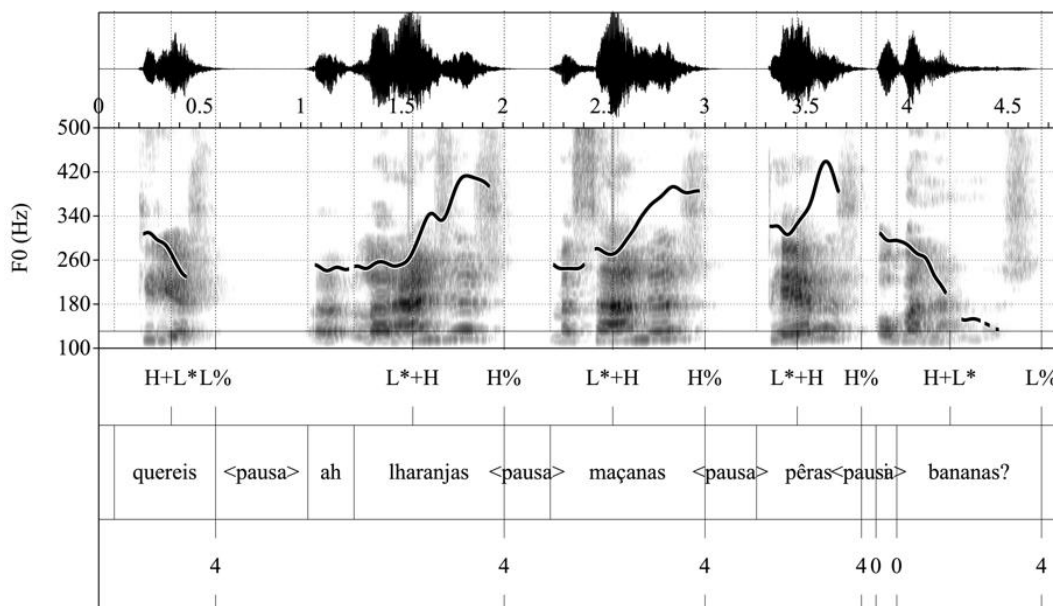


Figura 67. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (enumeração) *Quereis lharanjas, maçanas, pêras e bananas?*

Por outro lado, na variedade do português falada em Miranda do Douro, aos primeiros termos da enumeração está associado um tom ascendente (L+H\*), embora o tom baixo possa ser opcional, seguido de uma fronteira alta (H%) e ao termo cabeça de IP está associado um tom baixo (L\*) à sílaba tónica *-na-*, seguido de uma fronteira complexa descendente (HL%), associado à sílaba pós-tónica *-na-*, configurando, assim, um acento nuclear L\* HL% (Figura 68).

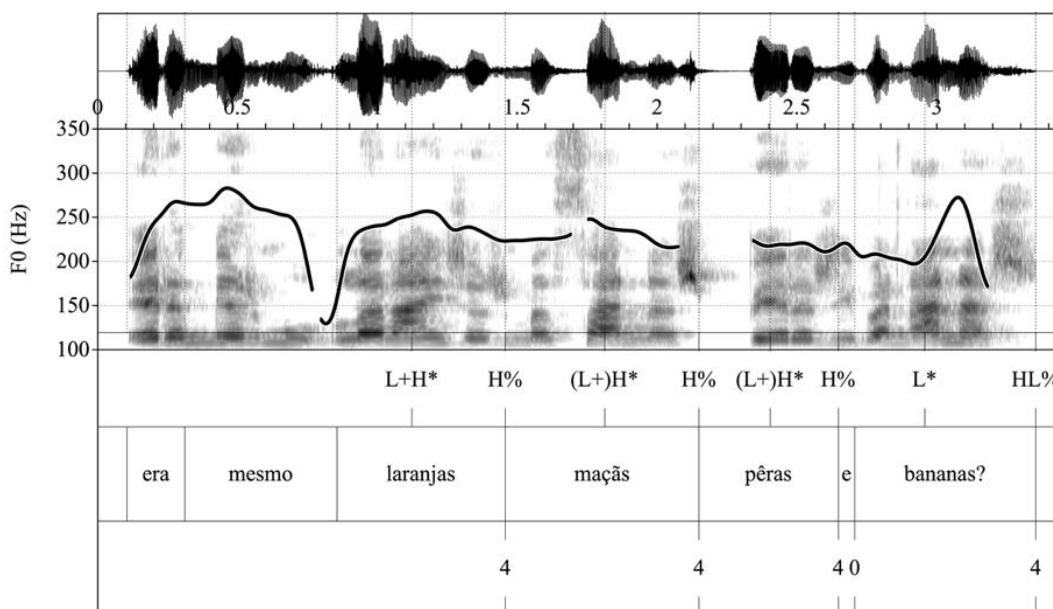


Figura 68. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (enumeração) *laranjas, maçãs, pêras e bananas?*

A Tabela 29, abaixo, descreve as configurações que vimos de apresentar para ambas as variedades do mirandês, assim como para a variedade do português falada em Miranda do Douro.

**Tabela 29. Relação das configurações nucleares das enumerações interrogativas em mirandês e em português**

		[PW (ou/ó) PW] <sub>IP</sub>	[PW... (ou/ó) PW] <sub>IP</sub>	[PW... (e/i) PW] <sub>IP</sub>
Mirandês	Central	H* L* L% H* !H% L* L%	H* !H* ... L*+H H%	
	Raiano	L*+H H% H+L* L%	L*+H H% ... H+L* L%	L*+H H%... H+L* L%
Português	20-45	L*+H H% H+L* L%	L*+H H% ... H+L* L%	L*+H H%... L* HL%
	60+	L*+H H% H+L* L%	L*+H H% ... H+L* L%	L*+H H%... L* HL%

### 5.1.4 Declarativas e interrogativas não-neutras

Nesta subsecção, são apresentados os dados relativos às declarativas e interrogativas não-neutras. Numa primeira subsecção, serão apresentadas as declarativas pela seguinte ordem: enunciados contrastivos (112a e 112b), exclamação (112c), as declarativas categóricas (112d), as declarativas dubitativas (112e) e as declarativas óbvias (112f). Na subsecção seguinte, os dados correspondem às análises das interrogativas pela seguinte ordem: as interrogativas confirmatórias (212a e 212b) e as interrogativas imperativas (212c, 212d e 212e).

#### 5.1.4.1 Declarativas não-neutras

Segundo Büring (2012: 103), o termo foco é utilizado para descrever os efeitos da prosódia no significado pragmático. A proeminência de um elemento enfatiza o significado desse elemento marcado. Considerando as estruturas abaixo, é assumido que *João* está focalizado em (5.14b), mas não em (5.14a) e (5.14c). Do mesmo modo, é assumido que *livro* está focalizado em (5.14c), mas não em (5.14a) ou (5.14b).

- (5.14) a) O João comprou um livro na livraria.  
 b) O JOÃO comprou um livro na livraria.  
 c) O João comprou um LIVRO na livraria

Numa configuração não marcada (ou neutra/*broad focus*), a estrutura prosódica codifica os constituintes prosódicos, a estrutura métrica e a localização dos eventos tonais (como em 5.14a; Ladd, 2008). Se a estrutura prosódica não corresponde a essa configuração neutra, isso deve-se ao facto de existir uma marcação adicional relacionada com o significado, a focalização ou a estrutura de informação, seja ela semântica ou pragmática, tal como o foco, tópico, pedidos, exclamação, etc. (Büring, 2012: 103). Essa marcação

adicional (ou não-neutra/*narrow focus*) vai, então, desencadear uma estrutura prosódica diferente daquela não marcada (Ladd, 1980: 77).

Do ponto de vista funcional, o foco refere-se a uma proeminência motivada por uma situação específica do discurso. Por exemplo, em *In the TALL building* pode ser uma resposta à pergunta *Is that where you work?* Aqui, segundo Gussenhoven (2004: 86), o constituinte em foco é *tall*, ou seja, o conceito de edifício depreendido do contexto. Por outro lado, o autor acrescenta que em *TALL BUILDing*, como resposta a “*Where would you hide if you had to? in a situation where the addressee had more options for a hide-out besides buildings, the focus constituent is the tall building*” (Gussenhoven, 2004: 86). O autor recupera Ladd (1980: 75) que se refere a esta variação como a diferença entre *foco amplo (broad focus)*, isto é, ‘*normal stress*’ *can signal multiple foci*, de foco estreito (ou *narrow focus*) ‘*contrastive stress*’ *narrows the possible range of foci to a particular constituent or small set of constituents*.

Abaixo, extraímos alguns exemplos de diferentes tipos de foco (em maiúscula). Em (5.15), a focalização contrastiva (ou *narrow focus*) refere-se a uma estrutura que expressa a rejeição direta de uma alternativa (ou seja, “É B, e não A”) (Gussenhoven, 2008: 91). Em (5.16), as exclamações servem sobretudo para exprimir os sentimentos do próprio orador (Bolinger, 1989: 248). A DCT inclui, ainda, as estruturas em (5.17), (5.18) e (5.19). Estas últimas suscitavam certos tipos de frases que exprimem uma posição e uma atitude dos falantes em relação às crenças, que podem exprimir dúvida, obviedade ou qualquer outro tipo de preceito epistémico (Prieto *et. al*, 2015; Roseano, Vanrell & Prieto, 2015).

(5.15) **Focalização contrastiva**

a) Bocé entra nua lhoija adonde nunca antrou i pregunta se eilhes ténen lharanjas. Mas la mulhier que t'atende nun t'antende bien.

A. You quiero un quilo de lharanjas.

B. Lhimones?

Nó, you quiero LHARANJAS!!!

b) Ancuntreste ua amiga na rue i preguntas se la Marie i l Joan tenien casa. Eilha admirada cula pregunta diç qu'eilhes se diborciórun. Eilha ansiste qu'eilhes se casórun. Tu repetes, dues bezes, anrabiada, qu'eilhes se diborciórun.

DIBORCIÓRUN-SE!!!

(5.16) **Exclamação**

b) Entrás nua panadarie i cheira mui bien l pan. L que diries?

Qu'oulor buono la PAN!

(5.17) **Declarativa categórica**

c) Stás a falar cula Rita sobre la cena donte. Stás cun dúbedas se la Marie chegou depois de bós. Dizes que nó, qu'eilha yá alhá staba.

Nó, eilha yá alhá STABA.

(5.18) **Declarativa dubitativa**

d) Un amigo sou piede-le para mercar un persente para alguen que nun bos conhece mui bien i ten miedo de nun fazer la scolha cierta.

Diga-le que talbéç el puoda nun gustar de l que bos bai mercar.

El puode nun GUSTAR.

(5.19) **Declarativa óbvia**

e) Stás cun ua amiga i falan sobre l filho de la Marie, ua amiga an quemun. La Marie pergunta se l filho ye de l Mário. Tu, admirada cula pergunta, dizes que si, claro que ye de l Mário.

Si, claro que ye de l MÁRIO.

Do ponto de vista tipológico, as línguas usam várias estratégias de foco que tem sido explorado em diferentes domínios da gramática: na sintaxe, na semântica ou na fonologia. O foco em termos fonológicos é um fator determinante para a localização dos acentos nucleares e pré-nucleares (Selkirk, 1984). Várias estratégias (lista não exaustiva) são possíveis para a marcação de foco nas línguas, como a alteração no fraseamento, como no coreano (Jun, 2005b), através de marcação entoacional, como no grego ou o asturo-leonês (Arvaniti, Ladd & Mennen, 2006; Muñoz Cachón & Roseano, 2022) ou a marcação da fronteira esquerda do elemento focalizado como em francês e em occitano (Delais-Roussarie *et al.*, 2015; Sichel-Bazin *et al.*, 2015).

Note-se que o elemento em foco é chamado de domínio do foco. O núcleo é a última palavra fonológica dentro do domínio de foco e o acento nuclear marca o fim desse domínio. A par, é de elevada importância a distinção entre foco final ou tardio (5.20a) e foco não-final (5.20b).

(5.20) Contexto: Stás cun ua amiga i falan sobre l filho de la Marie, ua amiga an quemun. La Marie pergunta se l filho ye de l Mário.

Tu, admirada cula pergunta, dizes que si, claro que ye de l Mário.

- a) *Si, claro que ye de l MÁRIO.* (foco final ou tardio ou *late focus*)
- b) *Si, CLARO que ye de l Mário.* (foco não-final ou *early focus*)

Nas línguas românicas, configurações diferentes são usadas para marcação de estruturas não-neutras: enunciados contrastivos, exclamativos, categóricos, dubitativos e óbvios. Frota & Prieto (2015b) agrupam os padrões de marcação nas línguas românicas aí estudadas:  $H^*+L L\%$ ,  $L^* L\%$ ,  $L^*+H L\%$  e  $L+H^* L\%$ . As autoras notam, ainda, que os acentos nucleares de declarativas não-neutras apresentam o mesmo movimento descendente nas declarativas neutras (com alinhamentos diferentes, como o português europeu, algumas variedades do catalão, o sardo, algumas variedades do italiano e o romeno). Desta forma, as autoras resumem que as declarativas não-neutras são descritas como apresentando, entre elas, um tom alto ( $H^*$ ) associado à PW nuclear, embora a este esteja, fonologicamente, associado uma subida ( $L+H^*$ ) ou uma descida ( $H^*+L$ ). Muñiz Cachón & Roseano (2022: 213), por seu turno, notam que as declarativas óbvias apresentam um movimento ascendente-descendente, ou seja, um tom baixo associado à sílaba tónica ( $L^*$ ), seguido de uma fronteira descendente ( $HL\%$ ).

Posto isto, em ambas as variedades do mirandês, assim como na variedade do português falada em Miranda do Douro, o tom  $H^*$  é o tom associado à palavra fonológica do núcleo do domínio do foco, quando este coincide com a cabeça de IP. Em todos os exemplos de ambas as línguas, o tom  $H^*$  é o tom nuclear.

Na variedade central, o acento nuclear de foco tardio mais utilizado nos enunciados contrastivos e na exclamação é o tom ascendente ( $L+H^*$ ), seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ), conforme Figura 69 (representado por 4lf). O acento  $H^*+L$  parece ser uma opção, mas em menor número (33%), conforme Figura 70. Relativamente ao foco não-final, a configuração nuclear assemelha-se àquela do foco tardio, mas a fronteira é de tipo *downstep* ( $!H\%$ ), configurando, assim, um acento nuclear  $L+H^* !H\%$  (Figura 69, representado por 4ef).

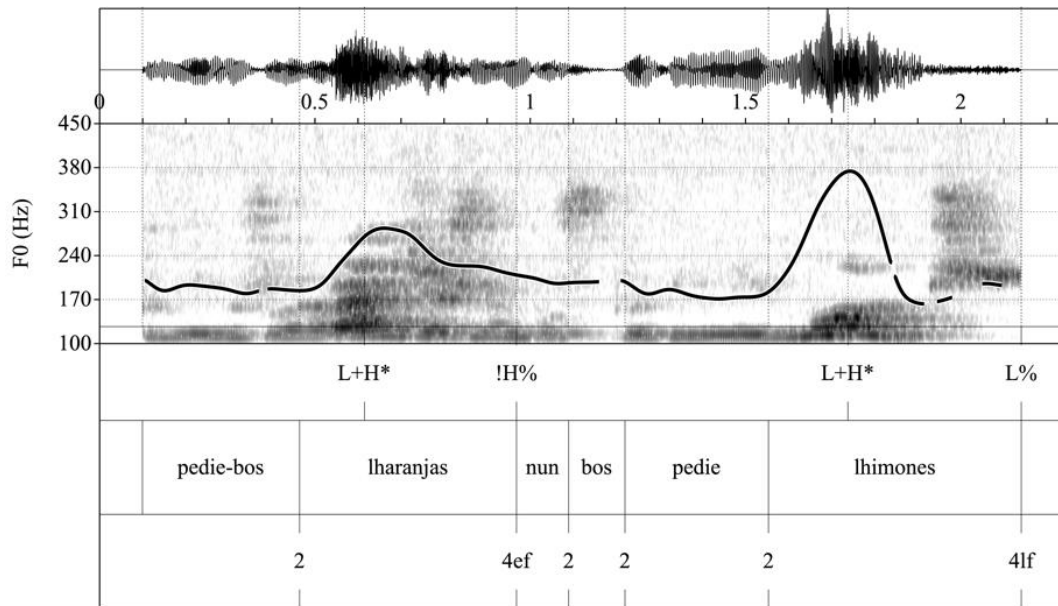


Figura 69. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (focalização contrastiva) *Pedie-bos lharanjas, nun bos pedie lhimones*

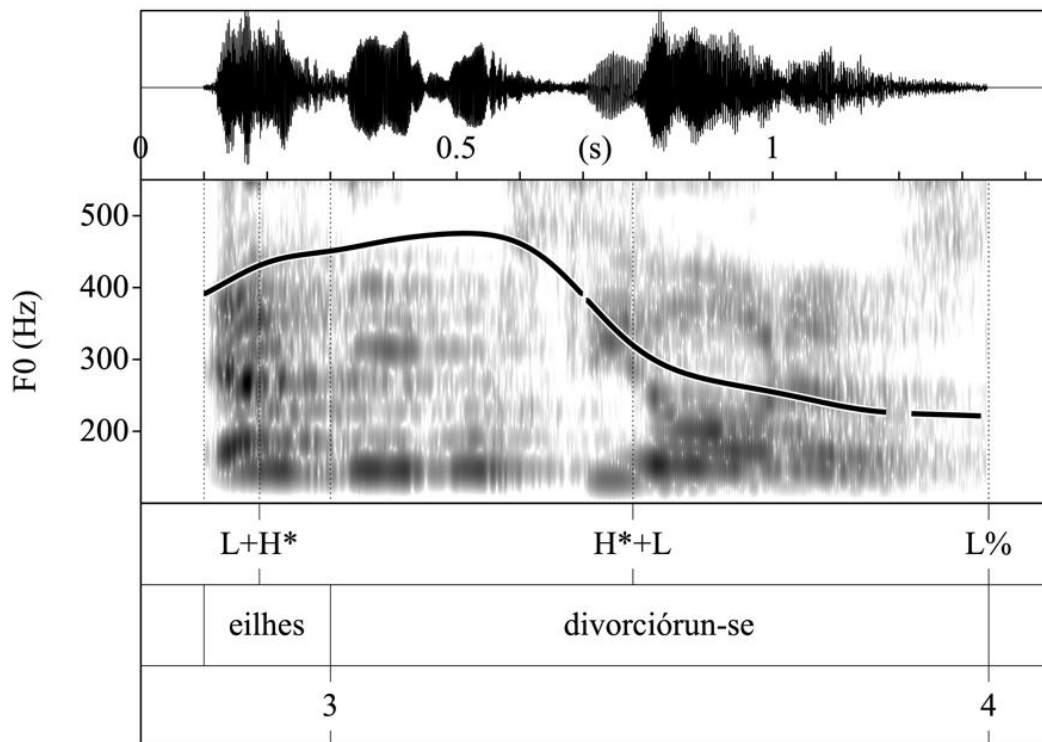


Figura 70. Mirandês (central; LN): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (focalização contrastiva) *Eilhes divorciórun-se*

Na variedade raiana, mais próxima do castelhano, o movimento ascendente (L+H\*) seguido de uma fronteira baixa (L%) foi o único movimento que encontramos para os enunciados contrastivos e exclamativos para o foco tardio (Figura 71, representado por

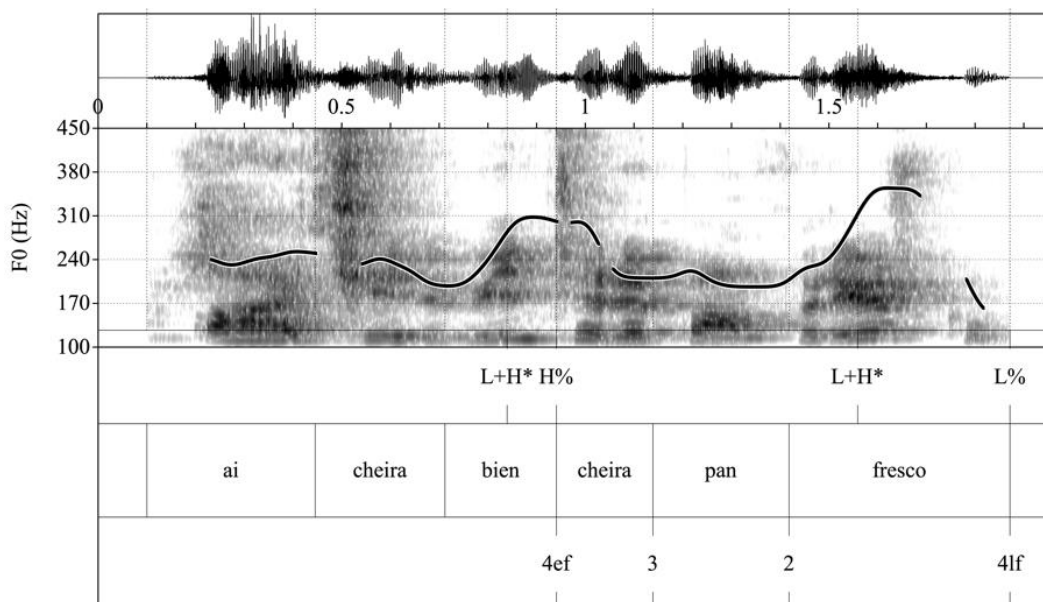


Figura 71. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (exclamação) *Cheira bien; cheira pan fresco*

Ainda na variedade raiana, a par do movimento L+H\* L%, nas declarativas óbvias é possível encontrar um movimento nuclear ascendente (L+H\*), seguido de uma fronteira suspensa *downstep* (!H). Relativamente ao foco não-final, a configuração nuclear assemelha-se àquela do foco tardio, mas a fronteira é alta, configurando, assim, um acento nuclear L+H\* H% (Figura 71, representado por 4ef).

Convém, aqui, chamar a atenção para o facto de o mirandês ser um enclave dentro dos domínios linguísticos português e castelhano e ambas as línguas diferem na marcação tonal deste tipo pragmático: (i) em português europeu, a marcação tonal do foco tem uma configuração H\*+L e (ii) em castelhano a marcação tonal de foco tem uma configuração L+H\* (Frota, Cruz *et al.*, 2015; Estebas-Vilaplana & Prieto, 2010).

tom Na variedade do português falada em Miranda do Douro, os dados corroboram a literatura, uma vez que o movimento descendente é o mais utilizado nos enunciados contrastivos, nos enunciados exclamativos, nas declarativas categóricas e óbvias em ambas as faixas etárias. O tom H\* é o associado do domínio do foco tardio e uma fronteira baixa (L%) associado à margem direita do domínio do foco, quando este coincide com a cabeça de IP (Figura 72, representado por 4lf). Apenas para as declarativas óbvias foi encontrado o movimento ascendente L+H\* !H%. (Figura 73)

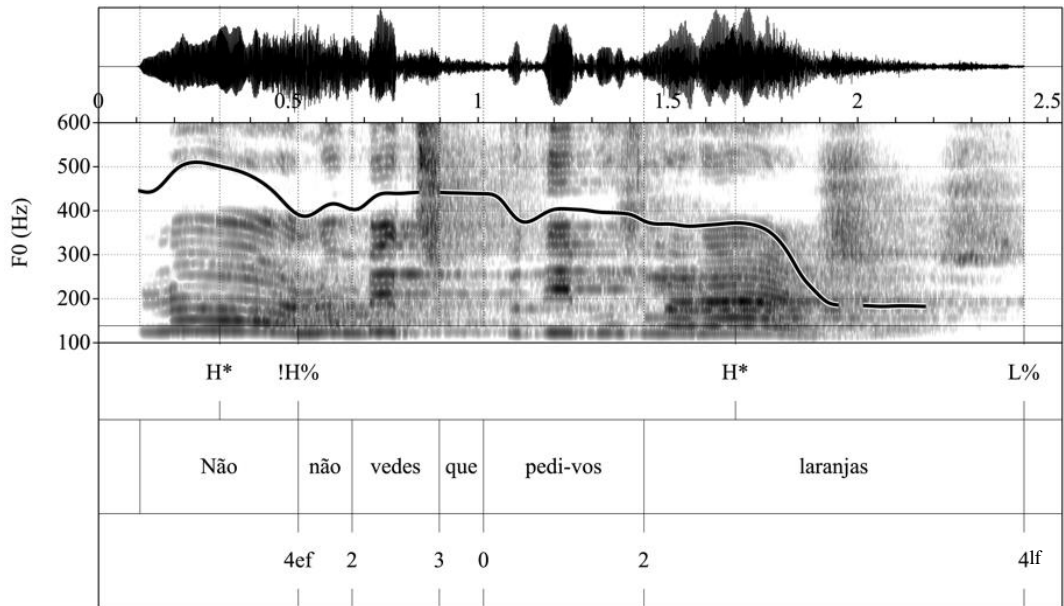


Figura 72. Português (20-50; FD): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (focalização contrastiva) Não vedes que pedi-vos laranjas

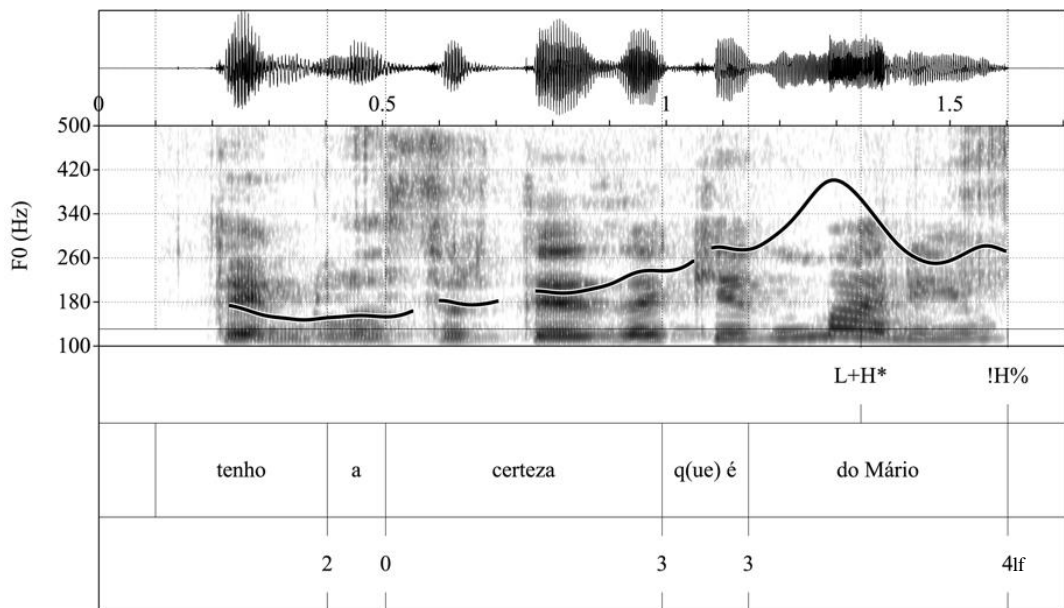


Figura 73. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado declarativo (óbvia) Tenho a certeza que é do Mário

A tabela 30, abaixo, ilustra, de forma sucinta, a análise que acabámos de descrever.

**Tabela 30. Relação dos acentos nucleares em Mirandês e em Português com respetivas percentagens dos enunciados declarativos não-neutros**

Variedade	Faixa etária	Tipo de contorno	Contexto de foco	Percentagem (%)	Enunciado
Central		L+H* L%	Tardio	67%	Enunciados contrastivos / exclamação
		H*+L L%	Tardio	33%	Enunciados contrastivos / exclamação
		L+H* !H%	Não-final	100%	Enunciados contrastivos
Raiana		L+H* L%	Tardio	60%	Enunciados contrastivos / exclamação
		L+H* !H%	Tardio	40%	Declarativas óbvias
		L+H* H%/!H%	Não-final	100%	Exclamação / declarativas óbvias
Português	20-50	H* L%	Tardio	82%	Enunciados contrastivos / exclamação / declarativas categóricas / declarativas óbvias
		L+H* !H%	Tardio	18%	Declarativas óbvias
		H* !H%	Não-final	100%	Exclamação
	60+	H* L%	Tardio	100%	Enunciados contrastivos / exclamação / declarativas categóricas / declarativas óbvias
		L+H* H%	Não-final	100%	Enunciados contrastivos

#### 5.1.4.2 Interrogativas não-neutras

Relativamente às interrogativas, nesta subsecção serão tratadas as interrogativas confirmatórias (212a e 212b) e as interrogativas imperativas (212c, 212d e 212e). Parece-nos crucial distinguir as interrogativas em 5.1.1 das que aqui se descrevem. As interrogativas sim-não suscitam uma resposta de tipo *sim* ou *não*, relativamente a uma informação que é dada pela primeira vez (também chamadas de *information-seeking*), ou seja, a informação é totalmente nova e não é recuperável através do contexto. Por outro lado, as *confirmation-seeking* são interrogativas em que o informante considera que a informação já foi codificada no passado (Bolinger, 1978; Grice & Savino, 2003). Relativamente às interrogativas imperativas (ou *rising imperatives*), Rudin (2018) estabelece uma diferença epistemológica entre as imperativas descendentes (§5.1.7) e as imperativas ascendentes, uma vez que estas últimas “sound much more tentative/suggestiony” (Rudin, 2018: 101). Partindo do exemplo (5.21), o autor descreve que em (5.21a) o falante B parece dar instruções ao falante A para escrever uma carta de

agradecimento à avó, enquanto em (5.21b) o enunciado de B parece bastante semelhante a um enunciado de *You could write her a thank-you note*.

(5.21) A: I really like this present grandma gave me.

a. B: Write her a thank-you note. / Calhai-bos.

b. B: Write her a thank-you note? / Bós calhai-bos!?

(*Podieis calhar-bos*)

Abaixo, apresentamos dois exemplos, com os devidos contextos, de interrogativas contrastivas e imperativas, respetivamente:

(5.22) Contexto: Sabes qu'alhá fura stá mui friu. Entra alguien agasalhado i perguntas se essa pessoa ten friu.

Alvo: *Tenes friu?*

(5.23) Contexto: Stás ne l sofá a ber tribison. Ls tous filhos stan a fazer mui barulho. Pergunta se eilhes se calhan.

Alvo: *Bós calan-se!?*

Nas línguas românicas, existem diferentes estratégias para marcar a diferenciação entre as *confirmation-seeking*: (i) se, por um lado, o sardo, o português e o italiano não marcam essa diferenciação pragmática a nível entoacional, (ii) o castelhano, o catalão, o ocitano e o friuliano fazem essa distinção (Frota & Prieto, 2015b).

Os dados da variedade central do mirandês mostram que existe uma preferência pelo contorno descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%) nas interrogativas confirmatórias (Figura 74). Relativamente às interrogativas exclamativas, existe uma preferência pelo contorno ascendente L+H\*, seguido de uma fronteira baixa (L%) (Figura 75).

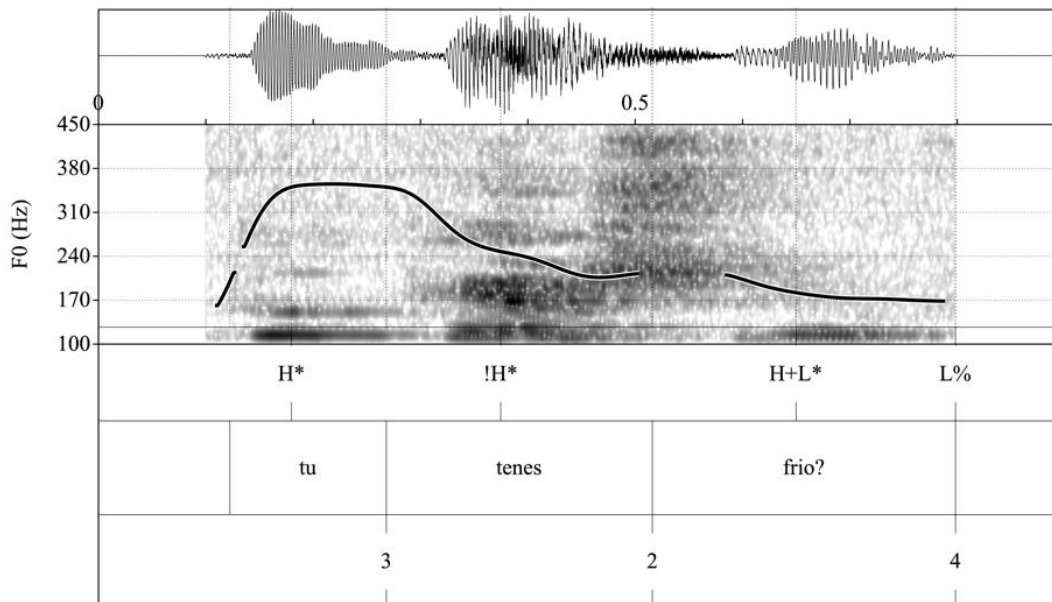


Figura 74. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (confirmatório) *Tu tenes frio?*

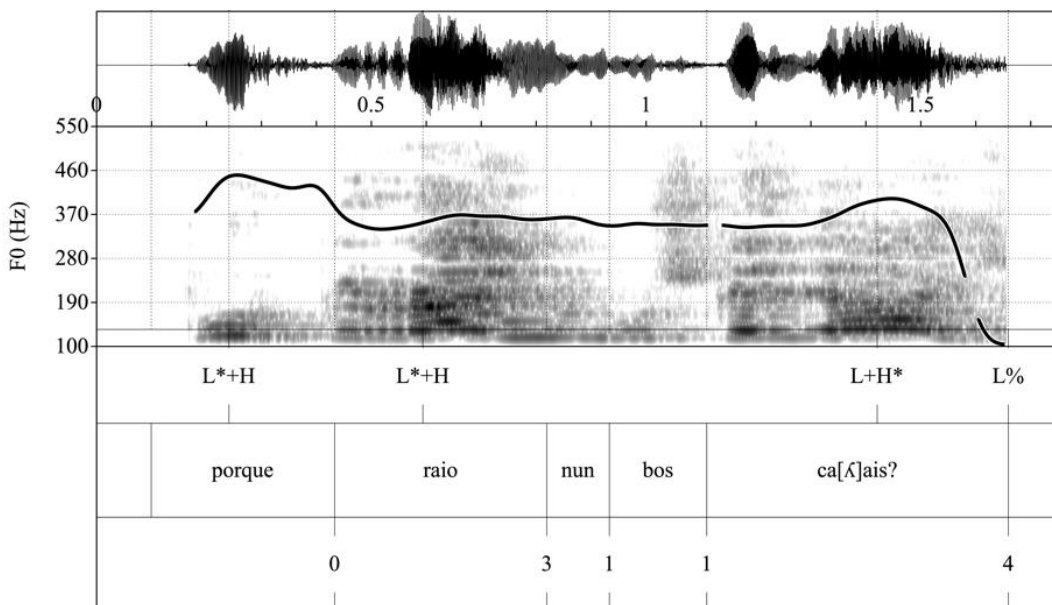


Figura 75. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (imperativo) *Por que raio nun bos calais?*

A Tabela 31 resume os movimentos encontrados para as interrogativas confirmatórias, assim como para as interrogativas imperativas na variedade central do mirandês.

Tabela 31. Relação dos acentos nucleares na variedade central do Mirandês com respectivas percentagens dos enunciados interrogativos confirmatórios e imperativos

Movimento	Percentagem (%)	Enunciado
H+L* L%	66%	Interrogativas confirmatórias
L+H* L%	33%	Interrogativas confirmatórias
L+H* L%	80%	Interrogativas imperativas
H* L%	20%	Interrogativas imperativas

Na variedade raiana, o contorno ascendente-descendente é a estratégia utilizada para marcação das interrogativas confirmatórias: um tom ascendente L\*+H associado à sílaba tónica da última PW e um tom de fronteira baixo (L%), conforme Figura 76.

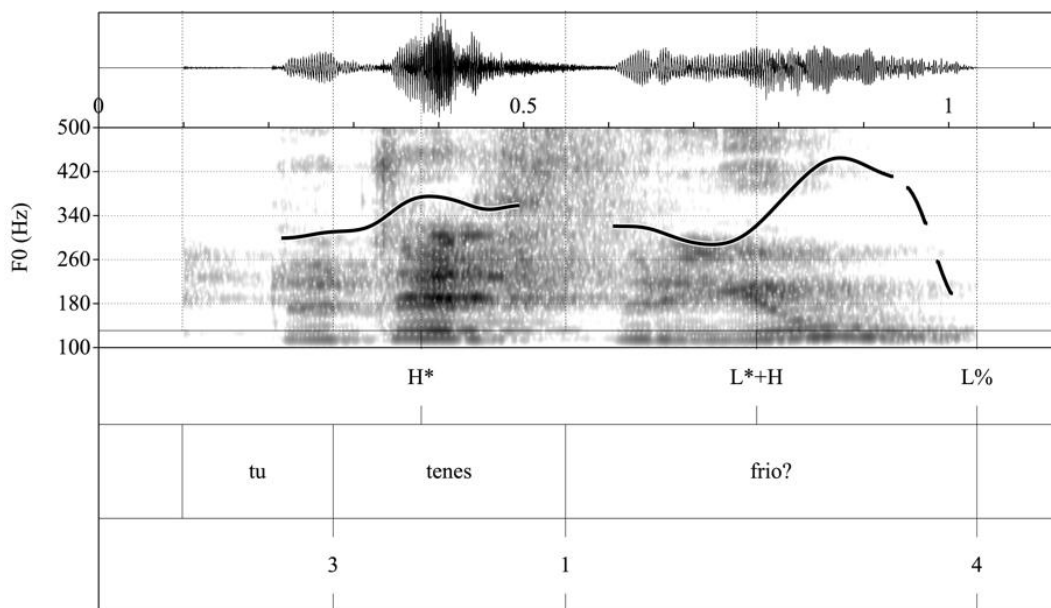


Figura 76. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (confirmatório) *Tu tenes frio?*

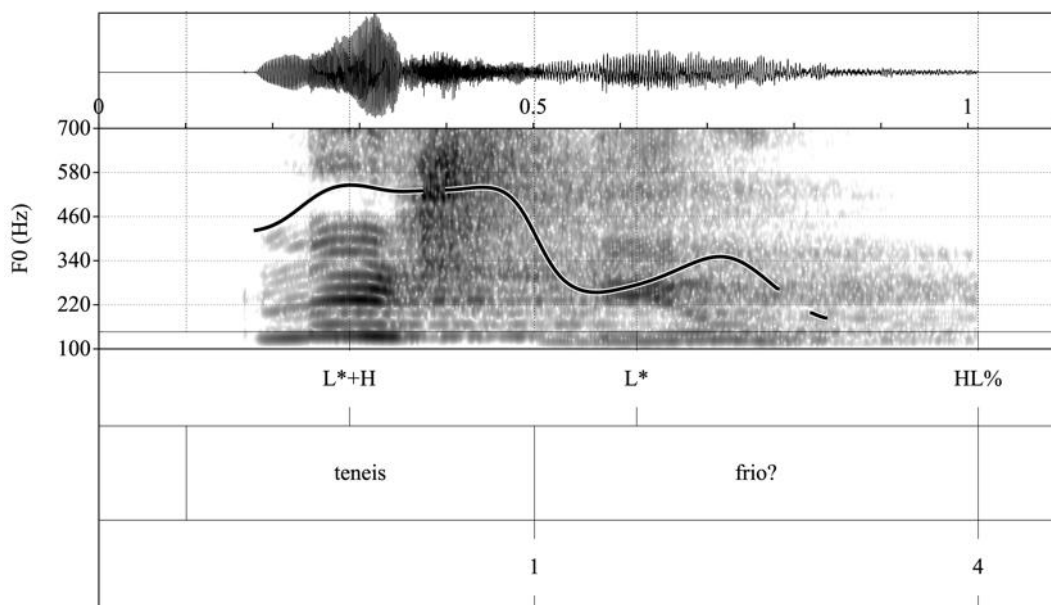
Relativamente às interrogativas imperativas, tanto o movimento ascendente-descendente (L\*+H L%), como o movimento descendente (H\* L%) foram encontrados para veicular este tipo frásico.

A Tabela 32 resume os movimentos encontrados para as interrogativas confirmatórias, assim como para as interrogativas imperativas na variedade raiana do mirandês.

**Tabela 32. Relação dos acentos nucleares na variedade raiana do Mirandês com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos confirmatórios e imperativos**

Movimento	Percentagem (%)	Enunciado
L*+H L%	100%	Interrogativas confirmatórias
L*+H L%	50%	Interrogativas imperativas
H* L%	50%	Interrogativas imperativas

Ao contrário do mirandês, em que os dados nos parecem ser mais robustos na seleção do movimento para veicular a informação pretendida, a primeira faixa etária da variedade do português em Miranda do Douro mostra alguma variação no alinhamento entre faixas etárias, apesar de o movimento circunflexo ser o movimento preferível. Para as interrogativas confirmatórias, o movimento ascendente-descendente também é o mais utilizado, apesar de apresentar diferentes alinhamentos: um tom baixo L\* associado à sílaba tónica e uma fronteira descendente HL% (80%) e um tom ascendente L\*+H associado à sílaba tónica e uma fronteira baixa L% a (20%). Apesar de dois alinhamentos diferentes, há claramente uma preferência pelo alinhamento em que a sílaba tónica está associada a um tom baixo (L\*) e a pós-tónica a um movimento descendente (HL%), configurando, assim, um acento nuclear L\* HL% (Figura 77).



**Figura 77. Português (20-50; FD): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (confirmatório) *Teneis frio?***

Considerando as interrogativas imperativas, há uma maior variação na seleção do movimento neste tipo frásico, apesar da preferência pelo movimento ascendente-descendente: L\*+H L% (40%), L+H\* L% (20%) e L\* HL% (40%).

Na segunda faixa etária, os dados mostram a existência de dois movimentos para as interrogativas confirmatórias: um movimento descendente (H\* L%) e um movimento ascendente-descendente (L+H\* L%). Por outro lado, o contorno dominante nas interrogativas exclamativas apresenta uma configuração com um acento tonal alto H\*, seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim, um acento nuclear H\* L% (Figura 78).

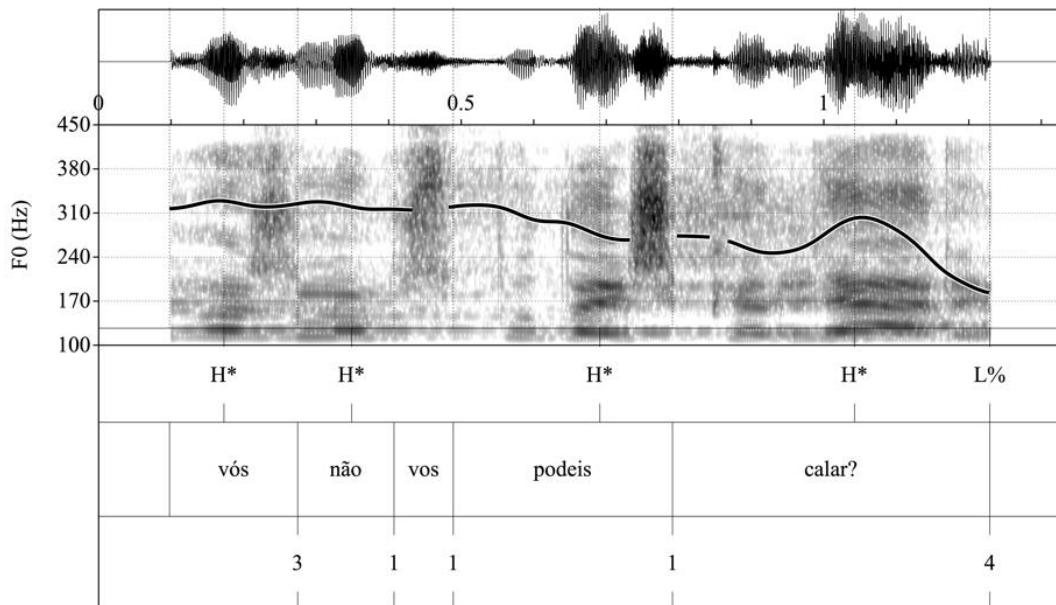


Figura 78. Português (60+; FM): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (imperativo) Vós não vos podeis calar?

A Tabela 33, abaixo, resume os movimentos entoacionais das interrogativas confirmatórias e imperativas.

**Tabela 33. Relação dos acentos nucleares em Português com respectivas percentagens dos enunciados interrogativos confirmatórios e imperativos**

Faixa etária	Movimento	Percentagem (%)	Enunciado
20-45	L* HL%	80%	Interrogativas confirmatórias
	L*+H L%	20%	
	L*+H L%	40%	Interrogativas imperativas
	L+H* L%	20%	
	L* HL%	40%	
60+	H* L%	50%	Interrogativas confirmatórias
	L+H* L%	50%	
	(L+)H* L%	100%	Interrogativas imperativas

Comparando os dados entre as duas línguas, algumas diferenças merecem ser assinaladas: (i) na variedade central do mirandês, a distinção entre os dois tipos frásicos é obtida através do movimento, ou seja, o movimento descendente para as interrogativas confirmatórias e o movimento ascendente-descendente para as interrogativas imperativas; (ii) na variedade raiana do mirandês, a distinção entre os dois tipos frásicos não se realiza através de  $f_0$ , uma vez que ambos os tipos frásicos apresentam o mesmo movimento e o mesmo alinhamento; (iii) na primeira faixa etária do português falado em Miranda do Douro, a distinção entre os dois tipos frásicos deve-se ao alinhamento, uma vez que ambos os tipos frásicos apresentam o mesmo movimento ascendente-descendente; (iv) finalmente, na segunda faixa etária do português falado em Miranda do Douro, a distinção entre os dois tipos frásicos também não se realiza através de  $f_0$ , apesar de existir alguma variação entre o movimento descendente e ascendente-descendente nas interrogativas confirmatórias.

### 5.1.5 Interrogativas parciais

Nesta subsecção serão apresentados os dados relativos às interrogativas chamadas de parciais (ou *wh- questions* em inglês). As interrogativas parciais são estruturas que albergam elementos interrogativos, como *que*, *quem*, *quando*, etc., e que ocupam posições não canónicas (na periferia esquerda) na frase, que marcam, precisamente, o foco da interrogação (Brito, 2003b). A autora descreve que a anteposição do constituinte interrogativo se deve ao movimento-Q:

(5.18) Onde foste?

(5.19) Quando é o jantar?

(5.20) Quem é que te disse isso?

Como é possível observar nos exemplos 5.18, 5.19 e 5.20, acima, os constituintes interrogativos ocupam a posição de início de interrogativa, embora a não realização anteposta do constituinte interrogativo seja possível em PE, como por exemplo, *Foste onde? O jantar é quando?* Em PE, os complementadores e os morfemas interrogativos não coocorrem, como é possível atestar pela agramaticalidade de *\*Quem que comeu?* Apesar disso, existindo essa possibilidade noutras línguas, os morfemas podem mover-se para uma posição à esquerda reservada aos complementadores, sujeita a condições (Brito, 2003b). Desta forma, a frase interrogativa é descrita pela categoria funcional Sintagma Complementador (SCOMP) e que o seu núcleo, COMP (ou C) seja caracterizado pelos traços [+INT; +Q]<sup>61</sup>.

Numa primeira subsecção, serão apresentadas as interrogativas parciais neutras das situações 221a) e 221b), como no exemplo 5.21 *a* e *b*. Na subsecção seguinte, os dados correspondem às análises das situações não-neutras, seja, as situações 222a), 222b) e 222c), como no exemplo 5.22 *a*, *b* e *c*.

#### 5.1.5.1 Interrogativas parciais neutras

Como já comumente descrito nas línguas românicas, as interrogativas parciais (5.21) evidenciam um contorno descendente, pelo menos em PE, castelhano, italiano, catalão e francês (Frota & Prieto, 2015b).

(5.21) a) Contexto: Pergunta que horas são.

*Que horas são?*

b) Contexto: A tua filha diz que esta noite vai sair com as amigas. Você fica preocupado e quer saber tudo. Pergunta onde é que ela vai e como é que ela vem.

*Onde vais e como vens?*

Os nossos dados mostram que, relativamente aos acentos pré-nucleares, o tom H\* é o acento associado à sílaba tónica da PW anterior à PW cabeça de IP. Apenas na variedade do português falada em Miranda do Douro, encontrámos mais que duas PW por IP. Os

<sup>61</sup> A autora adapta os traços [+INT] de [+Question] e [+Q] de [+WH], ou seja, refere-se a [+INT] para o traço interrogativo e [+Q] para construções que contêm morfemas Q.

dados mostram que o acento pré-nuclear do primeiro IP é ascendente ( $L^*+H$ ), ao passo que os acentos pré-nucleares do segundo IP são altos ( $H^*$ ).

Os dados dos acentos nucleares para ambas as línguas aqui analisadas mostram que para este tipo de interrogativas (situações 221a) o movimento descendente é preferencial: um tom descendente ( $H+L^*$ ), seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ), configurando, assim, um acento nuclear  $H+L^* L\%$  (Figura 79 e Figura 80).

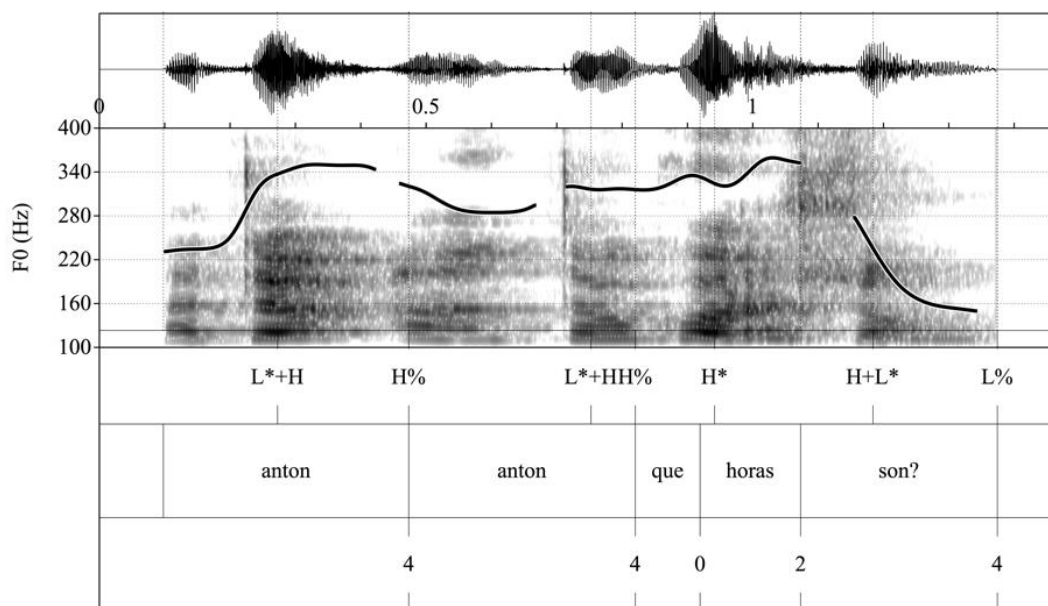


Figura 79. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (parcial neutro) [Anton,] que horas son?

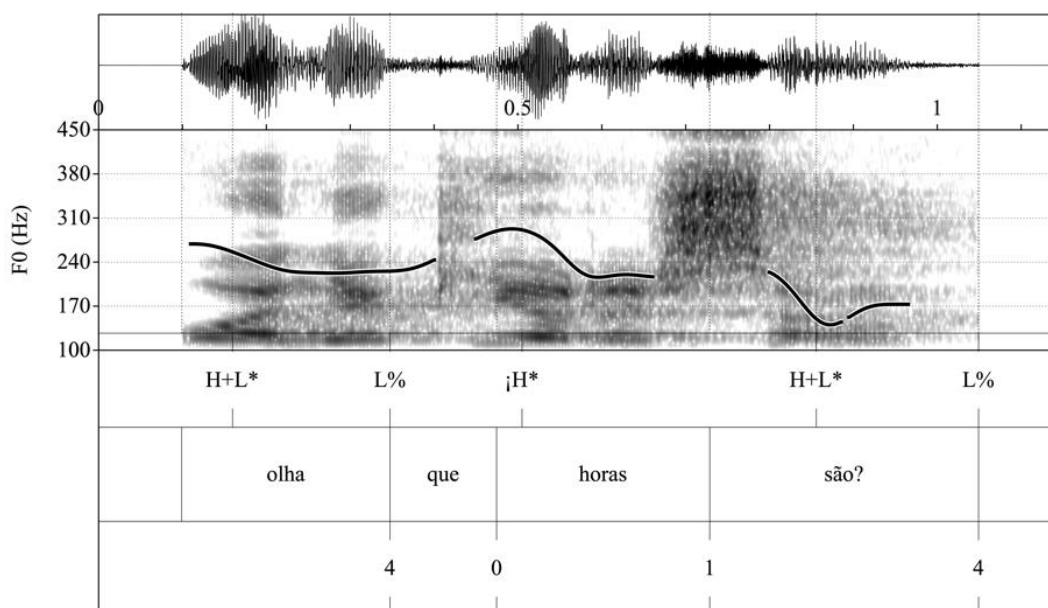


Figura 80. Português (60+; FM): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (parcial neutro) [Olha,] que horas são?

Tal como para as interrogativas sim-não, as interrogativas parciais também fazem uso do mesmo movimento descendente para veicular diferentes significados pragmáticos. Assim, procedemos à análise do *pitch range* das interrogativas parciais e comparámo-los com as declarativas e interrogativas sim-não (Tabela 34).

**Tabela 34. Relação dos valores de pitch range ( $f_0$ ) mínimo (min) e máximo (max) das estruturas declarativas, interrogativas sim-não neutras e interrogativas parciais em mirandês e em português.**

Todos os valores estão expressos em Hertz (Hz).

	Mirandês						Português					
	Central			Raiano			20-50			60+		
	$f_0$ min	$f_0$ max	GV	$f_0$ min	$f_0$ max	GV	$f_0$ min	$f_0$ max	GV	$f_0$ min	$f_0$ max	GV
Declarativas	164,23	256,23	92	146,15	249,1	102,95	165,28	268,31	103,03	167,97	221,3	53,3
Interrogativas sim-não	146,8	366,84	220,17	217,7	353,9	136,2	178,26	352,23	173,96	165,15	273,7	108,45
Interrogativas parciais	166,39	318,96	152,57	166,08	395,28	229,2	165,92	346,97	181,05	161,96	283,2	121,24

Como é possível observar na Tabela 34, a GV das interrogativas parciais e das interrogativas sim-não é mais elevada que a das declarativas. Deste modo, a distinção entre declarativas e interrogativas sim-não é obtida através da gama de variação de  $f_0$ , uma vez que esta é mais elevada nas interrogativas sim-não, e que a distinção entre as interrogativas sim-não e as interrogativas parciais é obtida através da estrutura sintática.

Para as interrogativas parciais coordenadas (221b), não obtivemos dados para a variedade raiana do mirandês. Apenas obtivemos dados para a variedade central do mirandês e para a variedade do português falada em Miranda do Douro. Na variedade central, o primeiro IP da coordenação apresenta um tom L\*, seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim um acento nuclear L\* L%. Por outro lado, o segundo IP apresenta

um tom descendente (!H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim um acento nuclear !H+L\* L% (exemplo em 5.23a e Figura 81).

(5.23) a) I para adonde ides? I que ides a fazer[i]?

L\* L% !H+L\* L%

b) Adonde ye que tu bás? E cun quien bás a benir[i]?

L\*+H H% H+L\* L%

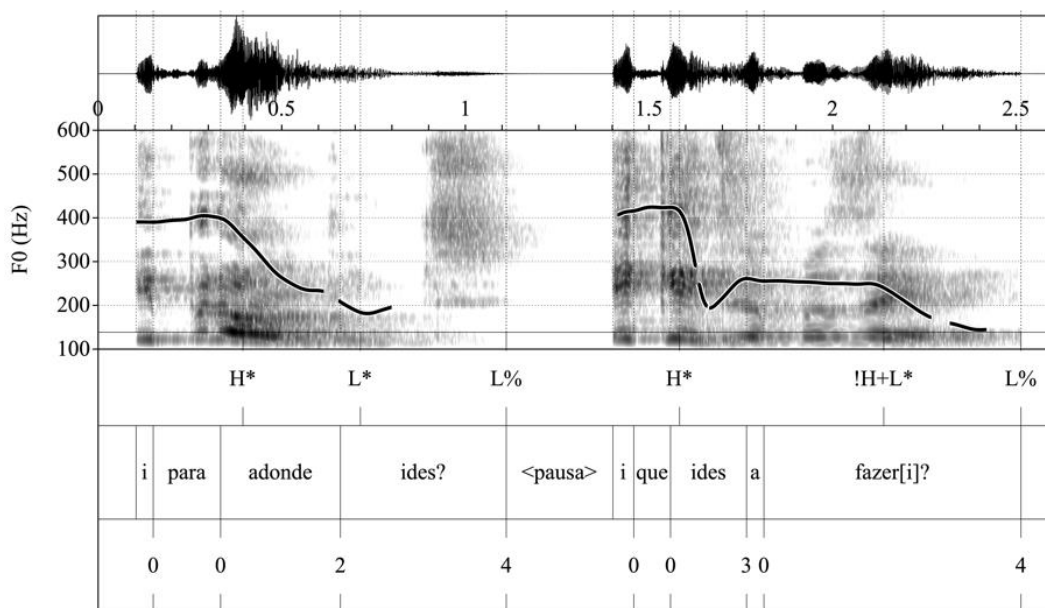


Figura 81. Mirandês (central; LN): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de dois enunciados interrogativos (parcial neutro) *I para adonde ides? I que ides a fazer?*

Na variedade do português falada em Miranda do Douro, o primeiro IP da coordenação apresenta um movimento ascendente (L\*+H), seguido de uma fronteira alta (H%), configurando, assim, um acento nuclear L\*+H H%. O segundo IP da coordenação apresenta um movimento descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), configurando, assim, um acento nuclear H+L\* L% (exemplo 5.23b e Figura 82).

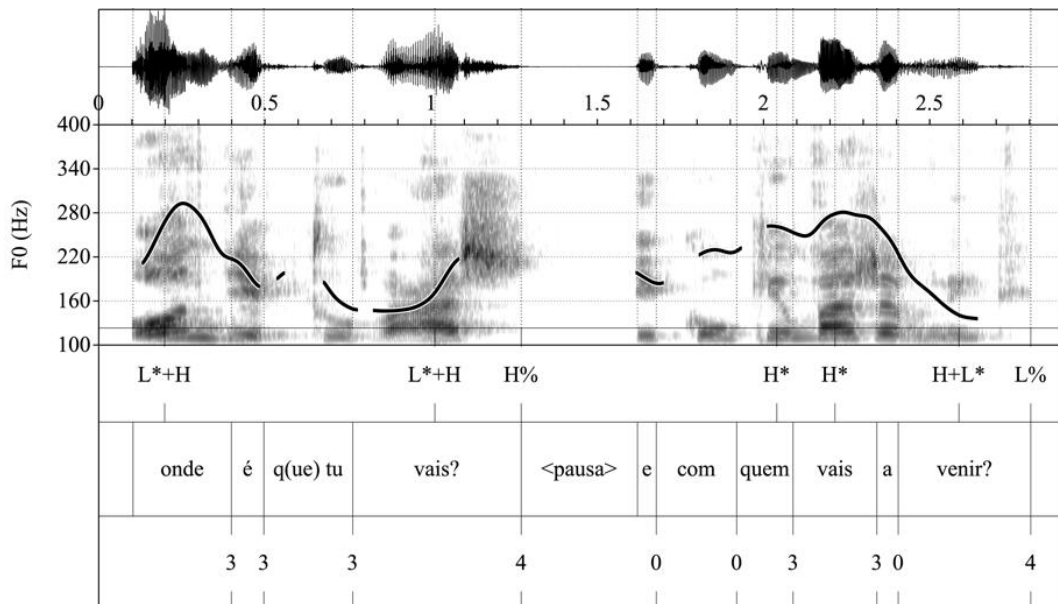


Figura 82. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de dois enunciados interrogativos (parcial neutro) *Onde é que tu vais? E com quem vais a venir?*

### 5.1.5.2 Interrogativas parciais não-neutras

Relativamente às interrogativas parciais não neutras, os dados que a seguir se descrevem provêm das situações 222a), 222b) e 222c), como nos exemplos 5.22 a, b e c.

(5.22) a) Contexto: Pediste ao teu irmão que te arranjasse o carro. Já passou algum tempo. Pergunta quando é que ele o fará.

*Quando o farás?*

b) Convidaste uns amigos para jantar. Eles, à última da hora, telefonaram e dizem que não vêm. Tu, com pena, perguntas porque é que não vêm.

*Porque (é que) não vêm?*

c) Perguntaste há dois meses ao teu primo se ele pintava a casa da tua amiga. Ele ainda não te respondeu. Pergunta-lhe quando é que ele pintará a casa da tua amiga.

*Quando pintarás a casa da minha amiga?*

Observando os acentos pré-nucleares, dois tipos de movimentos foram atestados: um movimento ascendente (L\*+H) e um movimento alto (H\*). Na variedade central e na variedade do português falada em Miranda do Douro, foi atestada a configuração L\*+H H\* e na variedade raiana do mirandês a configuração H\* H\*.

Como já referido na subsecção §5.1.5.1, e confirmado com os dados que descrevemos, as interrogativas com movimento-Q apresentam um acento nuclear descendente. Quando analisados os dados das interrogativas parciais não neutras, ou seja, quando no discurso

existe algo surpreendente (como em 5.22 *a, b e c*), é encontrada a mesma estratégia. Na maioria dos dados abaixo analisados, nas variedades central e raiana do mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro, o acento nuclear descendente é o mais utilizado, apesar de podermos, ainda assim, atestar movimentos análogos a este, mas com alinhamento diferente ( $H^*+L L\%$ ), como é o caso da variedade raiana do mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro.

Na variedade central do mirandês, 88% dos enunciados apresentam um movimento descendente, próprio das interrogativas parciais, ou seja, um tom descendente ( $H+L^*$ ), associado à sílaba tónica da PW cabeça de IP, seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ), configurando, assim, um acento nuclear  $H+L^* L\%$  (Figura 83). A par, na variedade raiana do mirandês, 66% dos enunciados apresentam o mesmo acento nuclear descendente (Figura 84). Na variedade do português falada em Miranda do Douro, a primeira faixa etária também apresenta uma preferência (63% dos casos) por este mesmo acento nuclear (Figura 85) e a segunda faixa etária evidencia uma estabilidade na seleção do acento nuclear descendente (100% dos casos). Ainda pudemos constatar que na variedade raiana e na primeira faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro, um contorno ascendente-descendente ( $L+H^* L\%$ ) também foi utilizado com estratégia. Parece-nos importante assinalar que, quando os falantes não selecionam a estratégia dita canónica ( $H+L^* L\%$ ), fazem sempre uso do tom alto, ou seja, para marcar este tipo de enunciados, sejam eles  $H^*(+L)$  ou  $L+H^*$ .

A Tabela 35, abaixo, resume os acentos nuclear nas duas variedades do Mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro.

**Tabela 35. Relação dos acentos nucleares em Mirandês e em Português com respetivas percentagens dos enunciados interrogativos parciais não-neutros**

Variedade	Faixa etária	Tipo de contorno	Percentagem (%)
Central		$H+L^* L\%$	88%
		$L+H^* L\%$	12%
Raiana		$H+L^* L\%$	66%
		$H^*+L L\%$	17%
		$L+H^* L\%$	17%
Português	20-50	$H+L^* L\%$	63%
		$H^*+L L\%$	12%

		L+H* L%	25%
	60+	H+L* L%	100%

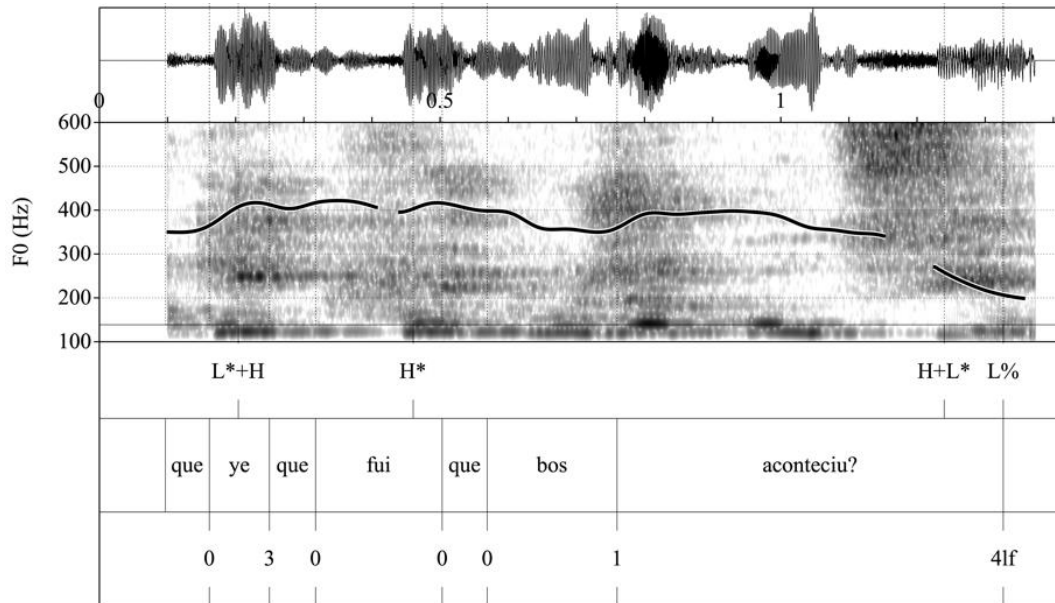


Figura 83. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativos (parcial não-neutro) *Que ye que fui que bos aconteciu?*

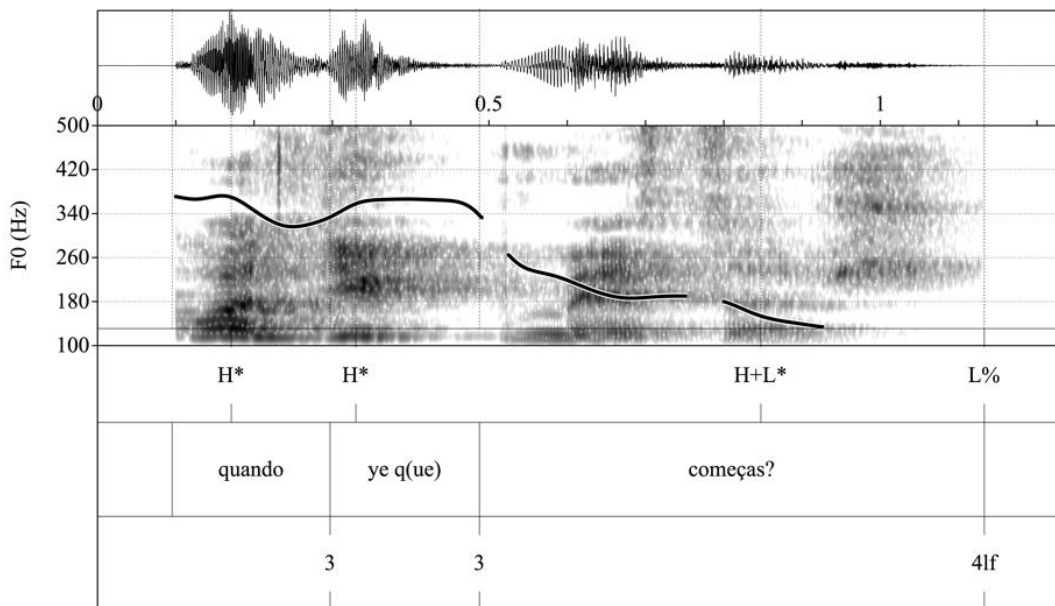


Figura 84. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativos (parcial não-neutro) *Quando ye que começas?*

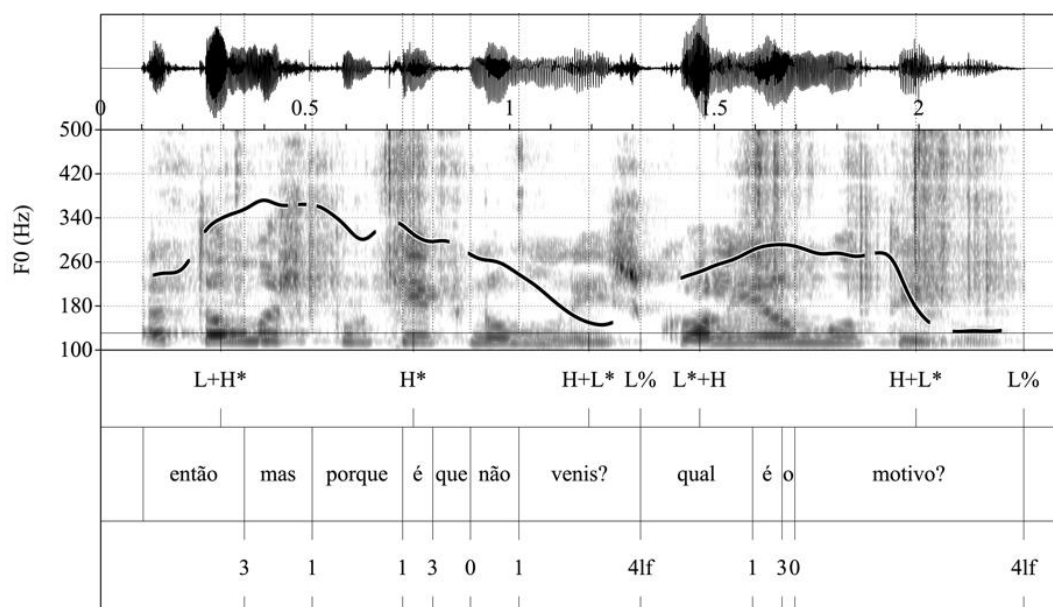


Figura 85. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (parcial não-neutro) *Então, mas porque é que não venis?* [Qual é o motivo?]

### 5.1.6 Interrogativas eco

As interrogativas eco são, de certa forma, repetições. Em termos semânticos, há uma repetição da pergunta, independentemente do contexto pragmático do enunciado (Blakemore, 1994; Noh 1998), como exemplificado abaixo:

(5.24) Preguntas las horas, mas nun percebiste bien la repuosta.  
 Achas que ye ua. Cunfirma se ye ua.  
*Ye ãa hora?*

Como podemos confirmar em 5.24, a pergunta vai recuperar a resposta que foi dada. Estas estruturas podem ser utilizadas não apenas quando o falante não ouviu ou não compreendeu a resposta, mas também quando quer mostrar a sua incredulidade em relação ao que acabou de ouvir (como 5.25). A esta última, consideramos estar perante uma interrogativa eco não neutra (subsecção §5.1.6.2).

(5.25) La tue prima, la Rita, stá a pensar ir morar para Spanha.  
 Naide staba a cuntar cun essa ambora. Quedas mui spantado i  
 preguntas, sin acradito nisso, se eilha stá a dezir que bai morar  
 para Spanha.  
*(Stás a dezir que) bás morar para SPANHA!?*

Relativamente à configuração entoacional deste tipo frásico, os falantes em PE utilizam o mesmo contorno ascendente das interrogativas sim-não, ou seja,  $L^*+HH\%$  ou  $L^*LH\%$ . Contrariamente às interrogativas eco neutras, as não neutras da variedade padrão (Lisboa)

distinguem-se das neutras na configuração da fronteira, uma vez que o tom nuclear é ascendente, mas a fronteira direita tem uma configuração HL% se o foco for tardio e uma fronteira LH% se o foco for não final (Frota, 2002). No Algarve, Cruz (2013) e Frota, Cruz *et al.*, (2015) descrevem um contorno nuclear descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira complexa HL%. As variedades do Porto e do Algarve utilizam a mesma configuração tonal que as interrogativas sim-não, ou seja, L\*+H H%. Nas variedades do castelhano, Hualde & Prieto (2015) descrevem uma configuração nuclear circunflexa com um tom alto *upstep* (L+;H\* L%).

### 5.1.6.1 Interrogativas eco neutras

Descrevemos, aqui, os dados relativos às interrogativas eco neutras das variedades do mirandês, assim como da variedade do português falada em Miranda do Douro. Relativamente às situações 231a e 231b (exemplificados em 5.24), ambas as variedades do mirandês, assim como na primeira faixa etária do português evidenciam um movimento ascendente L\*+H, seguido de uma fronteira baixa (L%), conforme ilustrado na Figura 86.

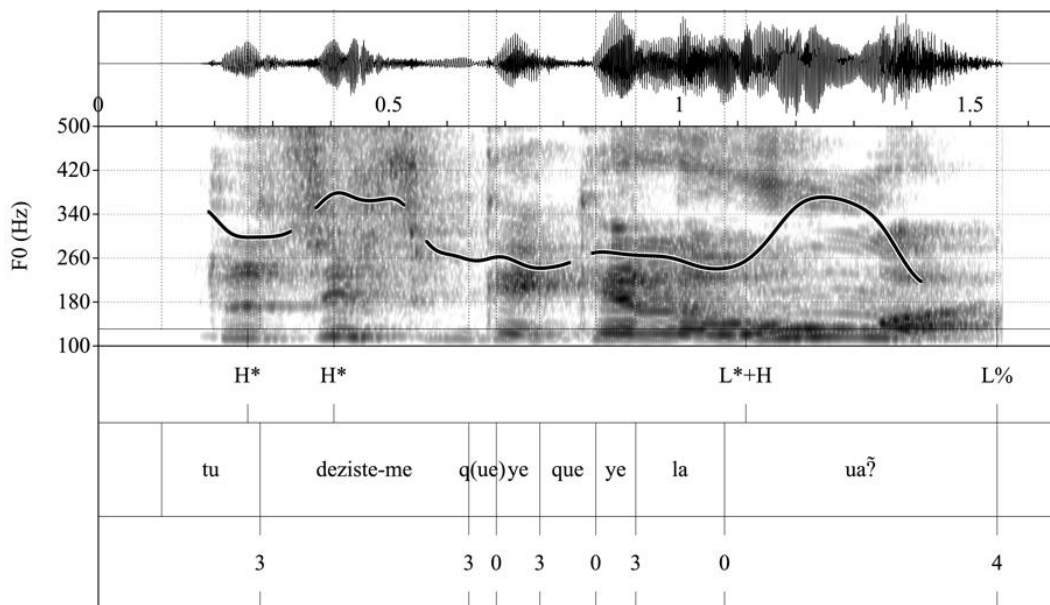


Figura 86. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (eco neutro) *Tu deziste-me [que ye] que ye la ũa?*

Por sua vez, os dados da segunda faixa etária da variedade do português mostram um contorno descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), ilustrado na Figura 87.

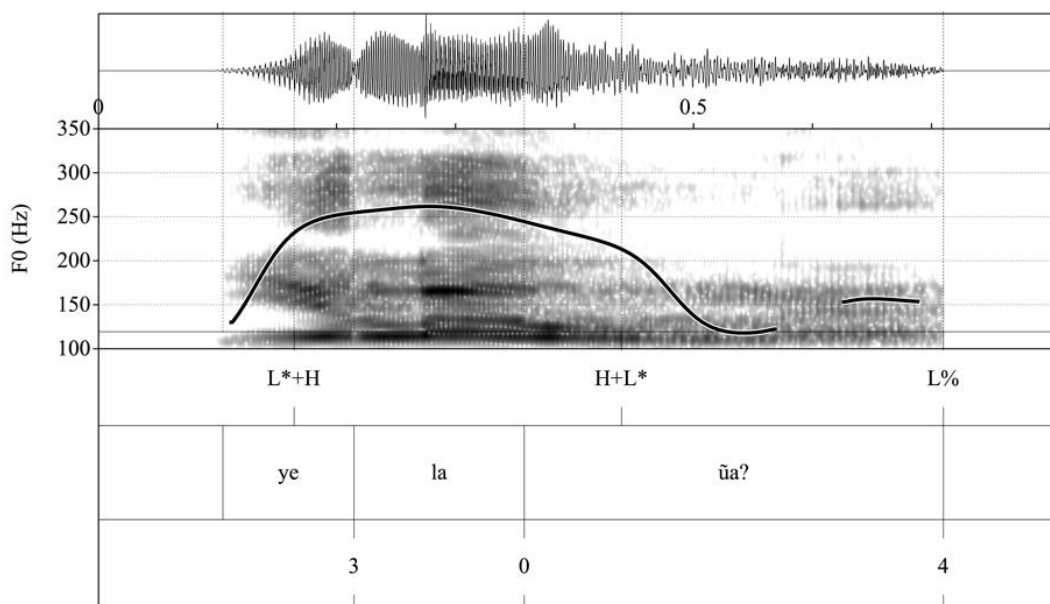


Figura 87. Português (60+; FM): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (eco neutro) *Ye la ũa?*

Para o contexto 231c (em que duas interrogativas eco estão conectadas através da disjunção *ou*), ambas as variedades do mirandês, assim como em ambas as faixas etárias do português falado em Miranda do Douro evidenciaram um movimento ascendente ( $L^*+H$ ), seguido de uma fronteira alta ( $H\%$  ou  $!H\%$  na variedade central) associado ao primeiro IP e um movimento descendente ( $H+L^*$ ), seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ), associado à fronteira direita do segundo IP (exemplo 5.22 e Figura 88).

(5.22) Para adonde bou ó adonde bengo?

$L^*+H$  (!) $H\%$   $H+L^*$   $L\%$

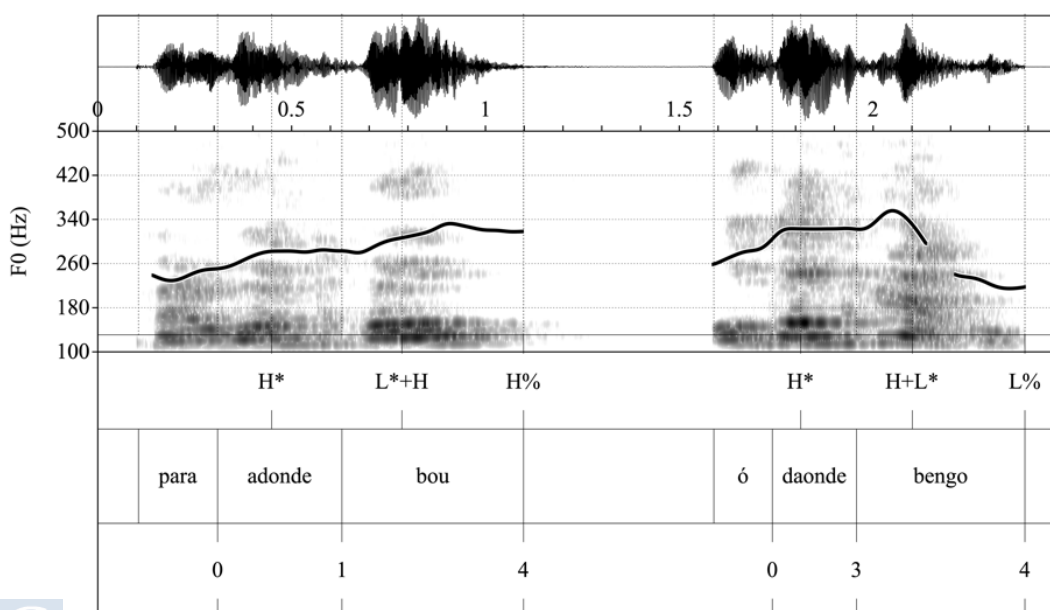


Figura 88. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado interrogativo (eco neutro) *para adonde bou ó daonde bengo?*

A Tabela 36 resume os movimentos que vimos de descrever para as interrogativas eco simples [...PW]<sub>IP</sub> e complexas [...PW]<sub>IP</sub> [ou ... PW]<sub>IP</sub>.

Tabela 36. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português dos enunciados interrogativos eco neutros

Variedade	Faixa etária	[...PW] <sub>IP</sub>	[...PW] <sub>IP</sub> [ou ... PW] <sub>IP</sub>
Central		L*+H L%	L*+H !H% H+L* L%
Raiana		L*+H L%	L*+H H% H+L* L%
Português	20-50	L*+H L%	L*+H H% H+L* L%
	60+	H+L* L%	L*+H H% H+L* L%

### 5.1.6.2 Interrogativas eco não-neutras

Considerando, agora, as interrogativas eco não neutras (exemplificados em 5.25), os dados que obtivemos mostram-nos que existe uma diferença na configuração do contorno nuclear entre as duas línguas. No mirandês (em ambas as variedades), o tom nuclear mantém a configuração das interrogativas eco neutras, ou seja, ascendente (L\*+H), embora a fronteira tenha uma configuração descendente complexa (HL%), conforme representado nas Figuras 89 e 90.

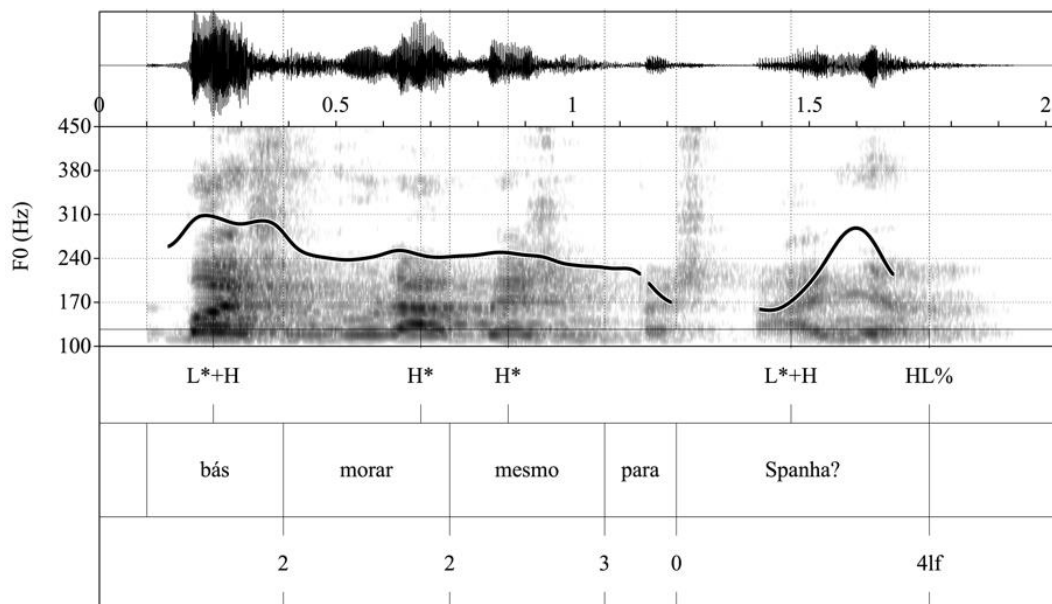


Figura 89. Mirandês (central; LN): onda sonora, espectrograma e contorno de f0 de um enunciado interrogativo (eco não-neutro) *Bás morar mesmo para Spanha?*

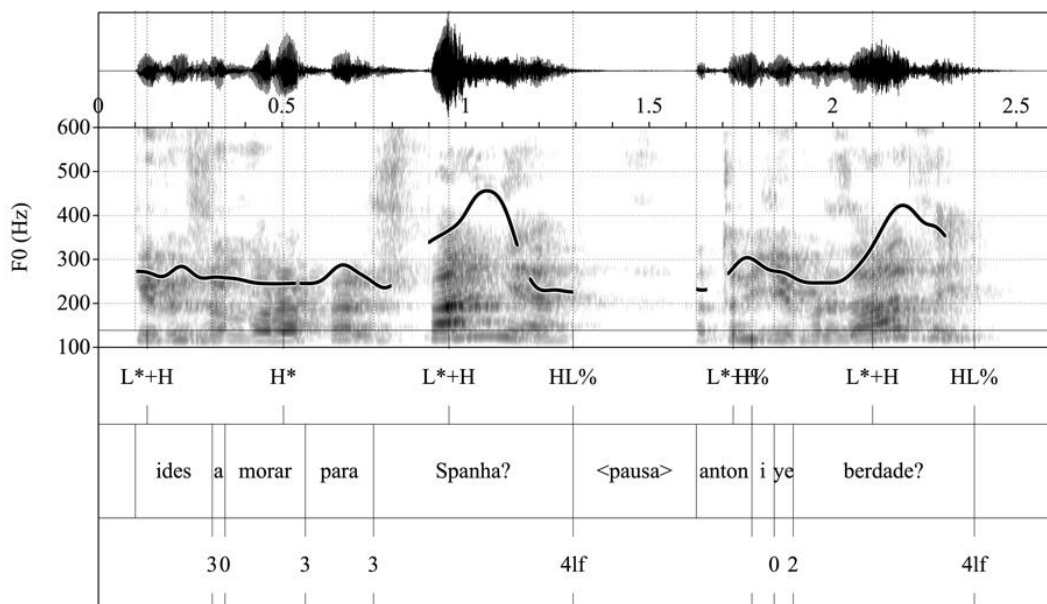


Figura 90. Mirandês (raiano; LR): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de dois enunciados interrogativos (eco não-neutro) *Ides a morar para Spanha? Anton i ye berdade?*

Na variedade do português falada em Miranda do Douro<sup>62</sup>, a configuração do contorno nuclear é a seguinte: um acento tonal baixo associado à sílaba tónica ( $L^*$ ), seguido de uma fronteira complexa descendente ( $HL\%$ ), conforme Figura 91.

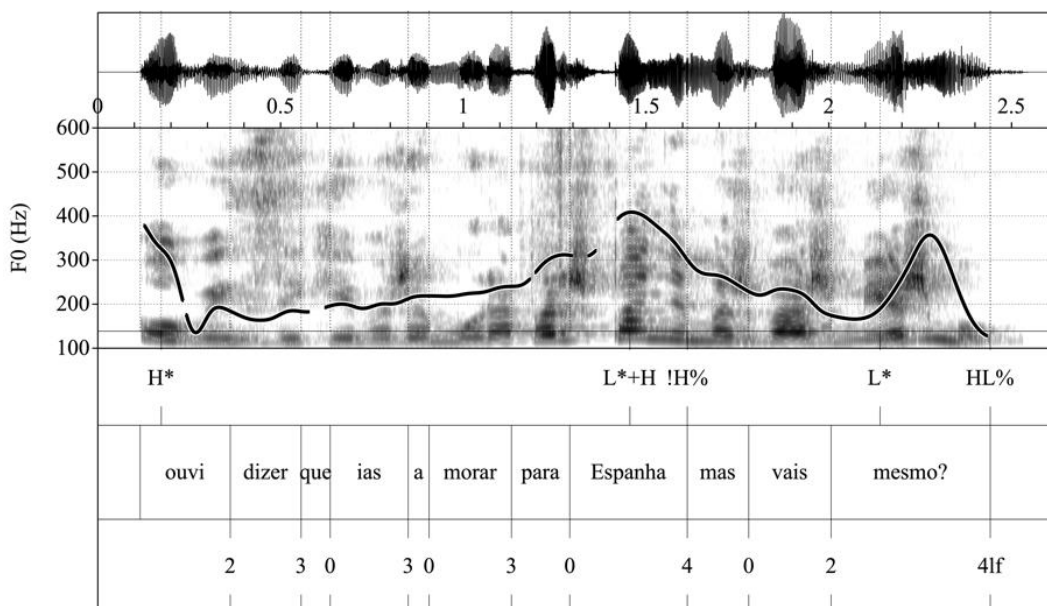


Figura 91. Português (20-50; TG): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de dois enunciados interrogativos (eco não-neutro) *Ouvi dizer que ias a morar para Espanha. Mas vais mesmo?*

A Tabela 37 resume os movimentos que vimos de descrever para as interrogativas eco não neutras.

<sup>62</sup> Não obtivemos dados para a situação 232a na segunda faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro.

**Tabela 37. Relação dos acentos nucleares em mirandês e em português dos enunciados interrogativos eco não neutros**

Variedade	Faixa etária	Contorno
Central		L*+H HL%
Raiana		L*+H HL%
Português	20-50	L* HL%
	60+	

Os dados que aqui acabámos de descrever, assim como aqueles descritos na subsecção §5.1.6.1, mostram que o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro têm uma preferência por movimentos circunflexos para atestar este contexto pragmático. Nas interrogativas eco neutras o acento tonal é complexo (L\*+H) e a fronteira é simples (L%) ao passo que nas interrogativas eco não neutras em mirandês a complexidade reside na fronteira. Este movimento circunflexo é o mesmo encontrado nas variedades do castelhano (Hualde & Prieto, 2015).

### 5.1.7 Estruturas imperativas

As frases imperativas, do ponto de vista pragmático, são todas as frases que expressam um ato ilocutório diretivo, ou seja, o falante faz uso deste tipo de estruturas para obter um resultado num futuro imediato (Matos, 2003b). Se, por um lado, as imperativas expressam uma ordem, ou outro, as imperativas possuem traços formais com diversos valores: pedido, conselho, instrução. Para Matos (2003b), a distinção entre valor pragmático e características formais permite distinguir diferentes valores (5.26):

(5.26) Diz tudo o que sabes sobre o assunto!

a) Situação: interrogatório policial

Diz tudo o que sabes sobre o assunto!

b) A: Acabei de ler um livro sobre a vida nos outros planetas.

B: Estou curiosa. Diz tudo o que sabes sobre o assunto!

Consoante a situação em que se insira a frase no exemplo 5.26 *Diz tudo o que sabes sobre o assunto!*, esta pode ser interpretada como uma ordem (exemplo 5.26a) ou como um pedido (exemplo 5.26b).

No que diz respeito à entoação das línguas românicas, Frota & Prieto (2015b) notam que a prosódia tem um papel importante na distinção entre ordens e pedidos: (i) através do

contorno nuclear (no português, em variedades do castelhano e do italiano, em catalão, no sardo, no friulano e no romeno); (ii) através do alongamento ou da amplitude do tom (como em occitano) ou (iii) através de ambos (como em português, no catalão, no castelhano, no italiano e no romeno). A configuração nuclear mais comum nas estruturas que veiculam uma ordem é aquela encontrada nas declarativas neutras (*broad focus*) ou focalizadas (*narrow focus*). Convém assinalar que o asturo-leonês faz também uso da mesma configuração nuclear encontrada nas declarativas (Muñiz Cachón & Roseano, 2022). A exceção encontra-se no francês, no occitano e no romeno que fazem uso de um padrão H\* L%, que não é encontrado nas declarativas nestas mesmas línguas.

Relativamente aos pedidos, as línguas românicas manifestam-se através de movimentos entoacionais diferentes daqueles encontrados nas declarativas: (i) um acento nuclear baixo L\*, seguido de uma fronteira baixa (L%) ou descendente (HL%); ou (ii) um tom alto, seja ele H\* ou L+H\*, seguido de uma fronteira baixa (L%). Frota & Prieto (2015b) chamam a atenção para o facto de o tom L\* ser o tom próprio das línguas ibéricas, ao passo que H\* L% foi encontrado no francês. Acrescentamos a esta última o asturo-leonês que faz uso do tom H\* (neste caso, ascendente L+H\*), seguido de uma fronteira baixa, L% (Muñiz Cachón & Roseano, 2022).

Considerando, agora, os dados encontrados em mirandês e em português, existe uma homogeneidade na seleção dos contornos nucleares tanto nos enunciados que expressam valor de ordem como naqueles que expressam valor de pedido.

Em ambas as variedades do mirandês (central e raiana) e na variedade do português falada em Miranda do Douro, as estruturas que expressam valor de ordem apresentam um contorno nuclear idêntico àquele encontrado nas declarativas focalizadas (foco final): um movimento descendente, sendo que o tom alto está associado à sílaba tónica (H\*+L), seguido de uma fronteira baixa (L%), conforme Figuras 92 e 93, para a variedade central e raiana do mirandês, respetivamente. Os nossos dados confirmam o movimento nuclear que Frota & Prieto (2015b) descrevem para as línguas românicas (à exceção do francês, do occitano e do romeno).

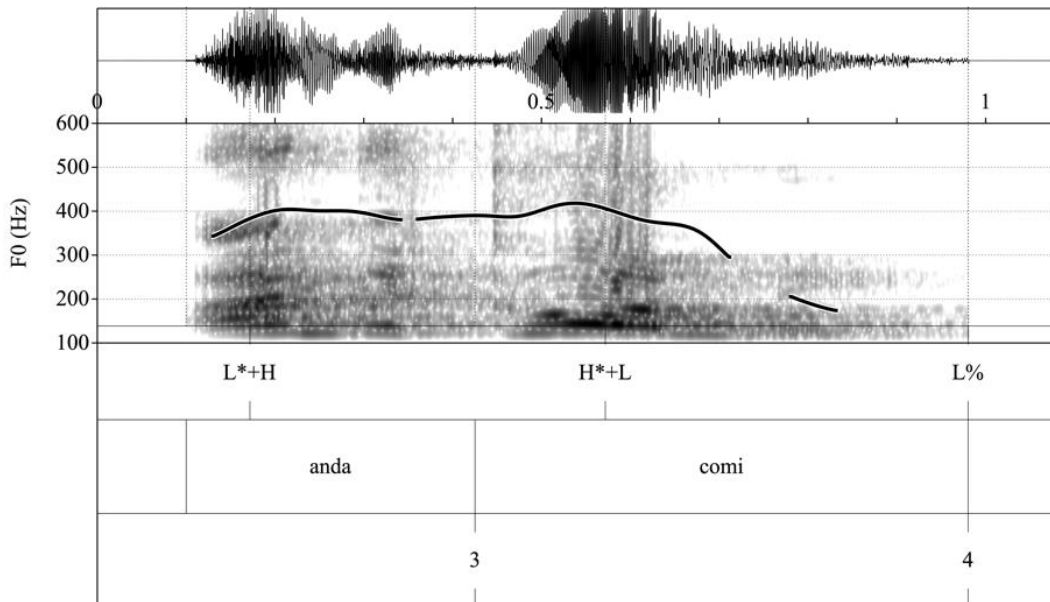


Figura 92. Mirandês (central; LN): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado imperativo (ordem) Anda, comi!

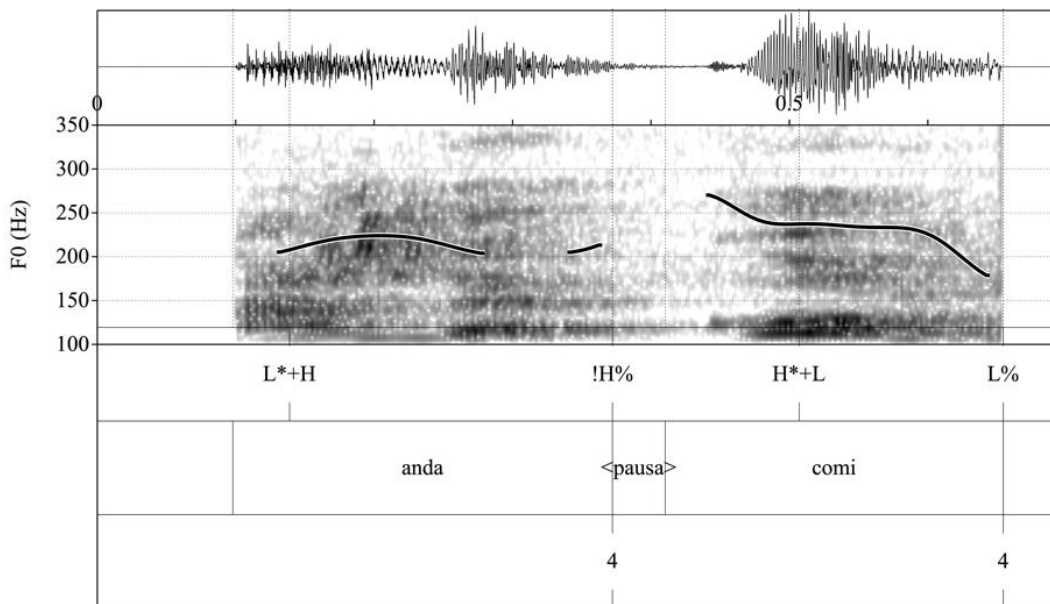


Figura 93. Mirandês (raiano; CP): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de dois enunciados imperativos (ordem) Anda. Comi!

Relativamente às estruturas que expressam valor de pedido, os dados em ambas as variedades do mirandês e em português fazem uso de um tom baixo, associado à sílaba tónica ( $L^*$ ), seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ). De assinalar que, em ambas as línguas, foi anotado um tom ascendente  $L+H$  associado à PW imediatamente anterior à PW cabeça de IP, conforme Figura 94.

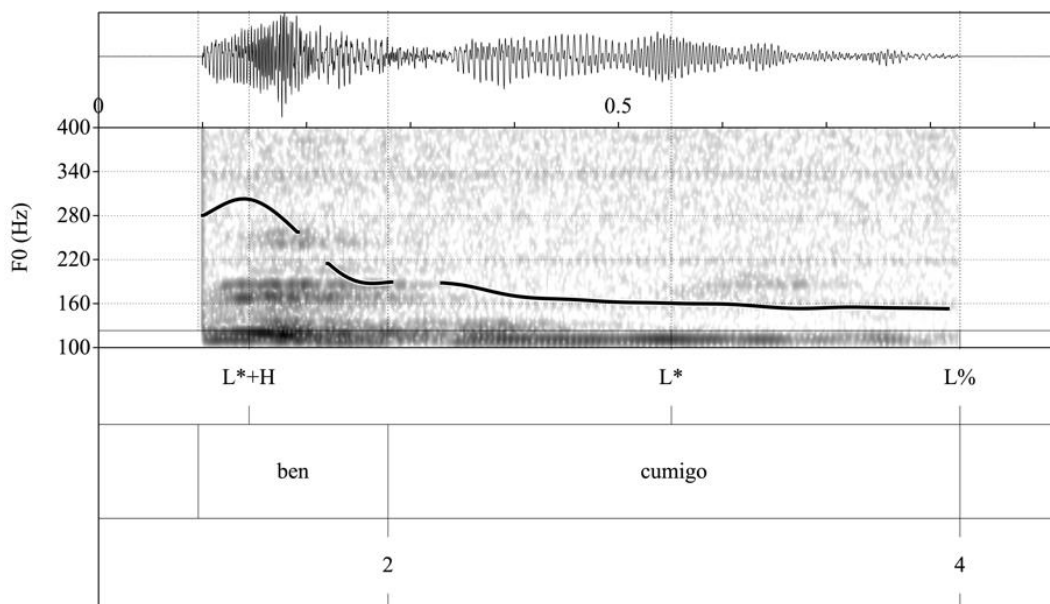


Figura 94. Mirandês (central; TF): onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado imperativo (pedido) *Ben cumigo!*

### 5.1.8 Vocativos

A entoação dos chamamentos tem sido largamente estudada nas línguas em termos da sua configuração tonal. Veja-se, por exemplo, Pierrehumbert (1980) e Gussenhoven (2004) para o inglês, Gussenhoven (2005) para o holandês, Arvaniti & Baltazani (2005) para o grego, Borràs-Comes, Sichel-Bazin & Prieto (2015) para o catalão, Frota, Cruz *et al.* (2015) para o português, Bibiri & Mocanu (2022) para o Romeno e Muñiz Cachón & Roseano (2022) para o asturo-leonês. Como descrito por Frota & Prieto (2015b) para as línguas românicas, foram atestadas três estratégias para marcação dos chamamentos: (i) um *downstep* associado à sílaba pós-tónica (!H%); (ii) um *downstep* associado à última sílaba pós-tónica (H!H%); e (iii), no caso único do francês, em que o tom *downstep* ocorre já na sílaba tónica (H+!H\* !H%). Como podemos verificar acima, em todas as línguas românicas, a configuração nuclear apresenta sempre um tom alto associado à sílaba tónica, seguido de um tom *downstep*, permanecendo o tom suspenso até à fronteira de IP. Inversamente, no segundo chamamento (ou chamamento insistente), o tom nuclear H\* ou L+H\* é seguido de uma fronteira baixa (L%) ou descendente (HL%).

Apesar de a fronteira *downstep* (!H%) representar frequentemente o primeiro chamamento e a fronteira baixa (L%) representar o segundo chamamento, estes podem expressar os chamamentos de forma inversa: fronteira baixa para o primeiro chamamento e !H% para o chamamento insistente. Estes dados são confirmados por Hualde & Prieto (2015) para o castelhano e Borràs-Comes, Sichel-Bazin & Prieto (2015) para o catalão. Em castelhano, o contorno nuclear L+H\* !H é usado para o primeiro chamamento (contorno dominante), embora L+H\* !H possa também ser usado para o segundo

chamamento, a par com L+H\* HL% (Hualde & Prieto, 2015). Inversamente, no catalão, o contorno nuclear L+H\* HL% é o contorno dominante, a par de L+H\* !H%. Este último é o contorno dominante no segundo chamamento (Borràs-Comes, Sichel-Bazin & Prieto, 2015). Bibiri & Mocanu (2022) descrevem que no romeno o contorno pode apresentar diferentes movimentos se o vocativo ocupar diferentes posições na frase, realizando-se como L+H\* L% e H+L\* L%.

Contrariamente ao descrito para as línguas românicas por Frota & Prieto (2015b), o asturo-leonês apresenta um movimento descendente associado à sílaba tónica (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%). A par, os autores notam, ainda, a presença de uma subida inicial, associada às primeiras sílabas, anotada como %LH (Muñiz Cachón & Roseano, 2022). A par, a partícula *ho* foi também atestada no final do segundo chamamento que, segundo os autores, tem uma função atenuativa. A propósito da partícula *ho* em asturo-leonês, Muñiz Cachón (2016) descreve que *ho* está gramaticalizada na língua asturo-leonesa. A autora conclui que *ho* tem, prosodicamente, uma função discursiva manifestando força ilocutória.

Relativamente aos dados do mirandês, ambas as variedades selecionam configurações diferentes para expressar tanto o primeiro chamamento, como o segundo. Na variedade central, os dados mostram que os falantes usam o mesmo contorno das declarativas neutras para veicular o primeiro chamamento, ou seja, um tom nuclear descendente (H+L\*), seguido de uma fronteira baixa (L%), conforme Figura 95 (esquerda).

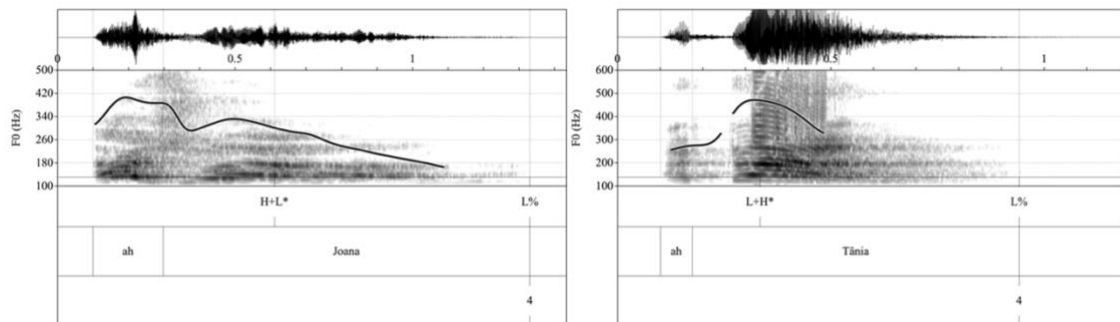


Figura 95. Mirandês (central; TF). Imagem esquerda: onda sonora, espectrograma e contorno de *f*<sub>0</sub> de um enunciado vocativo (primeiro chamamento) *Ah, Joana*; Imagem direita: onda sonora, espectrograma e contorno de *f*<sub>0</sub> de um enunciado vocativo (segundo chamamento) *Ah, Tânia*

Uma vez que os falantes fazem uso do mesmo movimento que as declarativas para veicular significados pragmáticos diferentes, procedemos, desta forma, ao cálculo da GV do *pitch range* e à medição da vogal tónica mais à direita do IP das declarativas neutras e do primeiro chamamento. Podemos observar na Tabela 38 que a gama de variação no primeiro chamamento é mais elevada: 134,68 Hz contra os 92 Hz nas declarativas.

Também o cálculo da duração média da vogal tónica da PW mais à direita dentro de IP nos mostra que os falantes alongam a vogal tónica nos chamamentos a par do uso do *pitch range*: as declarativas apresentam, em média, uma duração de 0,102 milissegundos (m/s) ao passo que o primeiro chamamento apresenta, em média, uma duração de 0,567 m/s.

**Tabela 38.** Relação dos valores de pitch range ( $f_0$ ) mínimo (min) e máximo (max), gama de variação (GV) e média das sílabas tónicas das estruturas declarativas e vocativos (primeiro chamamento) da variedade central do mirandês.

Todos os valores estão expressos em Hertz (Hz)

	$f_0$ min	$f_0$ max	GV	Média ( $\sigma^*$ )
Declarativas	166,23	256,23	92	0,102
Vocativo	199,38	334,05	134,68	0,567

Assim, parece-nos plausível que os falantes da variedade central do mirandês fazem uso da mesma configuração daquela encontrada nas declarativas, mas veiculam diferentes significados pragmáticos através da GV e da média da duração da sílaba tónica da PW mais à direita de IP.

Para veicular o segundo chamamento, esta variedade faz uso do movimento ascendente em que a sílaba tónica está associada ao tom alto ( $H^*$ ), seguido de um movimento descendente até à fronteira, configurando, assim, um contorno nuclear  $L+H^* L\%$ . A Figura 95 (à direita) ilustra o contorno do segundo chamamento.

Na variedade raiana, os falantes fazem uso do tom de fronteira *downstep* ( $!H\%$ ) para veicular o primeiro chamamento: um tom nuclear descendente ( $L+H^*$ ), seguido de uma fronteira  $!H\%$ , configurando, assim, um contorno nuclear  $L+H^* !H\%$ , conforme Figura 96 à esquerda. Se observarmos o segundo chamamento, a configuração do tom nuclear é idêntica à do primeiro chamamento, mas, neste caso, a fronteira é complexa ( $HL\%$ ), conforme Figura 96 à direita.

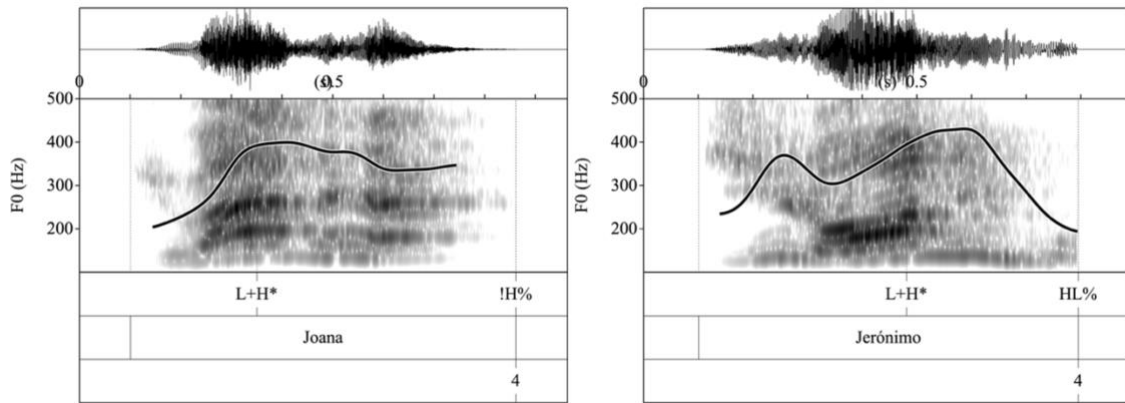


Figura 96. Mirandês (raiano; LR). Imagem esquerda: onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado vocativo (primeiro chamamento) *Joana*; Imagem direita: onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado vocativo (segundo chamamento) *Jerónimo*

Para a variedade do português falada em Miranda do Douro, os falantes da primeira faixa etária fazem uso de um movimento circunflexo para veicular ambos os contextos pragmáticos: um movimento circunflexo  $L+H^* L\%$  e outro descendente  $H+L^* L\%$  para o primeiro chamamento e um contorno  $L+H^* L\%$  para o segundo chamamento. Na segunda faixa etária, o tom alto associado à sílaba nuclear ( $H^*$  ou  $L+H^*$ ) é seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ). A Figura 97, abaixo, sintetiza os padrões entoacionais que acabámos de descrever para a variedade do português.

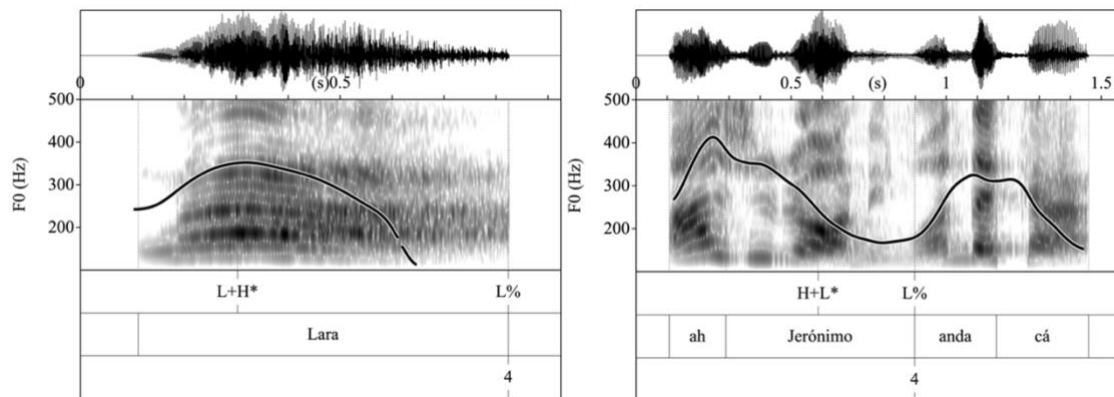


Figura 97. Português (20-50; FD). Imagem esquerda: onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado vocativo (primeiro chamamento) *Lara*; Imagem direita: onda sonora, espectrograma e contorno de  $f_0$  de um enunciado vocativo (segundo chamamento) *Ah, Jerónimo*

Nas configurações descendentes  $H+L^* L\%$  que encontramos tanto na variedade central do mirandês como na variedade do português falada em Miranda do Douro são precedidas de uma partícula interjetiva *ah*. Interjeições como estas são também, atestadas no friuliano, em que os chamamentos insistentes, ou imperativos na nomenclatura utilizada pelos autores, podem ser acompanhados pela partícula *Oh* (Roseano *et al.*, 2015). Em mirandês e na variedade do português falada em Miranda, a interjeição *ah* ocorre em posição (esquerda) inicial de frase.

A Tabela 39, abaixo, sintetiza os contornos entoacionais nas variedades central e raiana do mirandês, assim como na variedade do português falada em Miranda do Douro.

**Tabela 39. Relação dos acentos nucleares em Mirandês e em Português com respetivas percentagens dos vocativos (primeiro e segundo chamamento)**

	Mirandês		Português	
	Central	Raiano	20-50	60+
Primeiro Chamamento	( <i>part</i> ) H+L* L%	L+H* !H%	L+H* L% ( <i>part</i> ) H+L* L%	L+H* L%
Chamamento insistente	L+H* L%	L+H* HL%	L+H* L%	H* L%

Analisados os dados de todos os tipos frásicos do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro, a secção §5.2, a seguir, irá refletir o inventário tonal de ambas as variedades do mirandês, assim como o inventário tonal da variedade do português falada em Miranda do Douro: estatuto fonológico dos acentos pré-nucleares e das configurações nucleares. No capítulo seguinte, iremos descrever as diferenças e similitudes das duas línguas em contacto e que elementos são transferidos de uma língua para a outra.

## **5.2 INVENTÁRIO TONAL DO MIRANDÊS E DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADA EM MIRANDA DO DOURO**

Nesta secção será discutido o estatuto fonológicos dos acentos pré-nucleares, dos acentos nucleares e dos tons de fronteira para o mirandês, assim como para a variedade do português falada em Miranda do Douro encontrados na secção anterior (§5.1). Numa primeira subsecção (§5.2.1), será descrito o estatuto fonológico dos acentos pré-nucleares em ambas as línguas; na subsecção §5.2.2, será descrito o estatuto fonológico dos tons de fronteira; na subsecção §5.2.3, será apresentado o estatuto fonológico dos acentos pré-nucleares; por fim, na subsecção §5.2.4, será apresentado o inventário da conjugação dos acentos nucleares e dos tons de fronteira para ambas as variedades do mirandês, assim como para a variedade do português falada em Miranda do Douro.

### **5.2.1 Representação esquemática dos acentos pré-nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro**

De acordo com os resultados da análise entoacional na secção §5.1, dois tipos de acentos tonais pré-nucleares foram encontrados: um monotonal H\* e um bitonal L+H\* para ambas as variedades do mirandês, assim como para a variedade do português falada em Miranda do Douro (Figuras 98 e 99).

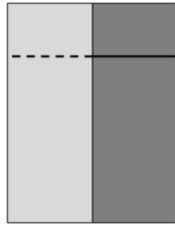


Figura 98. Representação esquemática do acento pré-nuclear H\*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica

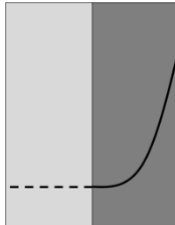
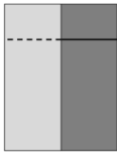
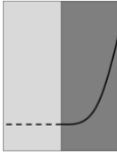


Figura 99. Representação esquemática do acento pré-nuclear L\*+H, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tónica

A Tabela 40 descreve o inventário dos acentos pré-nucleares, assim como a sua implementação fonética.

Tabela 40. Inventário dos acentos pré-nucleares em mirandês e em português

Acento pré-nuclear	Implementação fonética
monotonal	
H*	O acento pré-nuclear H* é foneticamente realizado com um tom alto associado à sílaba tónica que pode ou não se precedido de um vale.
	
bitonal	
L*+H	O acento pré-nuclear L*+H é foneticamente realizado como um vale associado à sílaba tónica, seguido de um movimento ascendente em direção à sílaba pós-tónica
	

O acento tonal H\* é percebido como um tom em que o nível de  $f_0$  da sílaba tónica se mantém alto ou sobe durante boa parte da sílaba tónica. Relativamente à configuração bitonal, no movimento L\*+H o nível de  $f_0$  sílaba tónica mantém-se baixo boa parte da sílaba tónica (L\*), seguido de uma subida (H) ainda nesta.

### 5.2.2 Representação esquemática dos acentos nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro

Os resultados da análise em 5.1 mostram-nos que o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro fazem uso de seis tipos de acentos nucleares:  $H^*$  (Figura 100),  $!H^*$  (Figura 101),  $L+H^*$  (Figura 102),  $L^*$  (Figura 103),  $L^*+H$  (Figura 104),  $!H+L^*$  (Figura 105) e  $H+L^*$  (Figura 106).



Figura 100. Representação esquemática do acento  $H^*$ , assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tônica

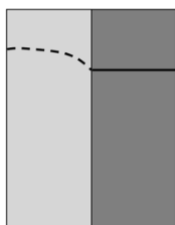


Figura 101. Representação esquemática do acento  $!H^*$ , assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tônica

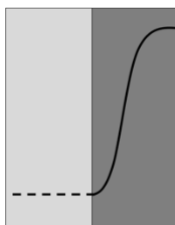


Figura 102. Representação esquemática do acento  $L+H^*$ , assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tônica

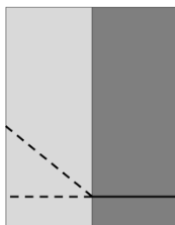


Figura 103. Representação esquemática do acento  $L^*$ , assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tônica

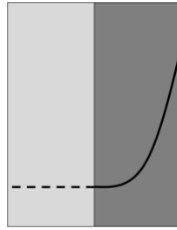


Figura 104. Representação esquemática do acento L\*+H, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tônica

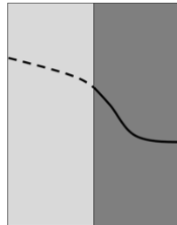


Figura 105. Representação esquemática do acento !H+L\*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tônica

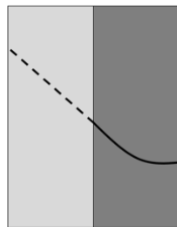

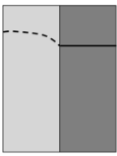
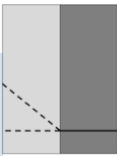
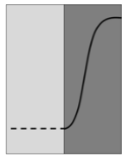
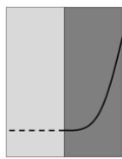
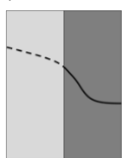
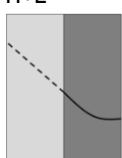


Figura 106. Representação esquemática do acento H+L\*, assumindo o sombreado cinzento-escuro como a sílaba tônica

A Tabela 41 descreve o inventário dos acentos nucleares, assim como a sua implementação fonética.

Tabela 41. Representação esquemática dos acentos nucleares em mirandês e em português

Acento tonal	Implementação fonética
monotonal	
H*	O acento tonal H* é realizado foneticamente como um tom alto.
	
!H*	O acento tonal !H* é realizado foneticamente com uma ligeira descida, tendo em conta o tom H anterior.
	
L*	O tom L* é realizado foneticamente com um tom baixo. É geralmente percecionado como o nível mais baixo do <i>pitch range</i> dos falantes.
	

bitonal	
<p>L+H*</p> 	<p>O acento tonal L+H* é realizado foneticamente com um movimento de subida durante a sílaba tónica. A subida começa imediatamente no início da sílaba tónica, culminado com um tom alto. O pico do movimento é atingido na sílaba tónica.</p>
<p>L*+H</p> 	<p>O acento tonal L*+H é realizado foneticamente com um movimento baixo durante a sílaba tónica, seguido de um movimento alto (H). O pico do movimento é atingido no limiar da sílaba tónica.</p>
<p>!H+L*</p> 	<p>O acento !H+L* é realizado foneticamente com um movimento descendente durante a sílaba tónica, precedido de um movimento alto (H). O início da descida está alinhado com o início da sílaba tónica, culminado com um tom baixo (L), pelo menos, a metade da sílaba tónica.</p>
<p>H+L*</p> 	<p>O acento H+L* é realizado foneticamente com um movimento descendente durante a sílaba tónica. O início da descida está alinhado com o início da sílaba tónica, culminado com um tom baixo (L), pelo menos, a metade da sílaba tónica.</p>

O acento tonal H\* é percecionado como um tom em que o nível de  $f_0$  da sílaba tónica se mantém alto ou sobe durante boa parte da sílaba tónica. Inversamente, para que um tom L\* seja percecionado como baixo, o nível de  $f_0$  da sílaba tónica tem de permanecer baixo ou descer durante boa parte da sílaba tónica. Relativamente às configurações bitonais, o movimento LH está diretamente associado a dois tipos de tons contrastivos. Por um lado, L+H\* é percecionado como um tom L precedente e que o nível de  $f_0$  sobe boa parte da sílaba tónica (H\*). Por outro lado, em L\*+H o nível de  $f_0$  sílaba tónica mantém-se baixo boa parte da sílaba tónica (L\*), seguido de uma subida (H) ainda nesta. A configuração H+L\* é percecionada como um tom em que o nível de  $f_0$  da sílaba tónica é descendente (H) e que, pelo menos, boa parte da sílaba tónica é baixa (L\*). A configuração !H+L\* é percecionada como um tom em que o nível de  $f_0$  da sílaba tónica é descendente (apesar de o nível de  $f_0$  do tom !H estar condicionado pelo tom H precedente) e que, pelo menos, boa parte da sílaba tónica é baixa (L\*). O tom *downstep* !H\* é percecionado com um tom em que o nível de  $f_0$  da sílaba tónica desce ligeiramente se comparado com o tom precedente (H\*... !H\*).

### 5.2.2 Representação esquemática dos tons de fronteira em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro

Se observarmos, agora, os resultados da análise entoacional dos tons de fronteira, podemos observar através dos resultados obtidos em 5.1 que foram encontrados quatro tipos de tons de fronteira em ambas as línguas: L% (Figura 107), !H% (Figura 108), H% (Figura 109) e HL% (Figura 110).

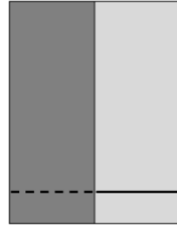


Figura 107. Representação esquemática do tom de fronteira L%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica

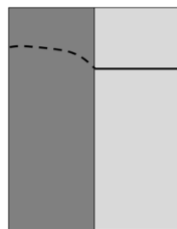


Figura 108. Representação esquemática do tom de fronteira !H%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica



Figura 109. Representação esquemática do tom de fronteira H%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica

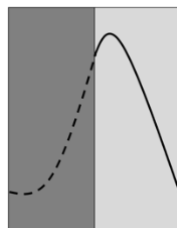


Figura 110. Representação esquemática do tom de fronteira HL%, assumindo o sombreado cinzento-claro como a sílaba pós-tónica

A Tabela 42 descreve o inventário dos tons de fronteira, assim como a sua implementação fonética.

Tabela 42. Representação esquemática dos tons de fronteira em mirandês e em português

Tom de fronteira	Implementação fonética
monotonal	
L%	O tom L% é realizado foneticamente com um tom baixo na sílaba pós-tónica precedente de um tom baixo ou de um tom descendente.
H%	O tom H% é realizado foneticamente com um tom alto na sílaba pós-tónica precedente de um tom alto.
!H%	O tom !H% é realizado foneticamente com um tom ligeiramente suspenso ( <i>downstep</i> ) inferior ao tom alto precedente na sílaba pós-tónica.
bitonal	
HL%	O tom HL% é realizado foneticamente com um tom descendente na sílaba pós-tónica precedente de um tom baixo.

Considerando os tons de fronteira, os dados mostram-nos que ambas as línguas fazem uso dos tons de fronteira monotonais L% e H% e do tom de fronteira bitonal HL%. Relativamente ao tom *downstep* (!H%) apenas a variedade raiana e a variedade do português falada em Miranda do Douro evidenciam o uso deste tom. Na variedade raiana do mirandês, o tom !H% foi utilizado como fronteira não-final em enumerações interrogativas e como fronteira de um foco não-final em enunciados com focalização contrastiva. Em português, !H% foi utilizado como fronteira de foco não-final em estruturas com focalização contrastiva e como fronteira final em declarativas óbvias.

### 5.2.3 Inventário fonológico dos acentos pré-nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro

Ambos os acentos pré-nucleares<sup>63</sup> (L\*+H e H\*) emergem associados à sílaba tónica em diversos tipos frásicos. Considerando a frequência dos acentos pré-nucleares, podemos avançar que há uma preferência pelo tom alto H\* em mirandês, ao passo que na variedade do português falada em Miranda do Douro, ambos os acentos emergem de igual forma.

<sup>63</sup> Ressalvamos para o facto de termos encontrado apenas um caso em que o tom associado ao IP-inicial se realizou como baixo (L\*). Por isso mesmo, não iremos retirar qualquer conclusão relativamente ao estatuto fonológico deste acento pré-nuclear.

A análise na secção §5.1 revela que os acentos pré-nucleares  $H^*$  e  $L^*+H$  estão associados a diferentes tipos frásicos. Se observarmos as frases declarativas e interrogativas (subsecções §5.1.1.1 e §5.1.1.2), o acento ascendente  $L^*+H$  é o acento mais comum em mirandês e os acentos  $L^*+H$  e  $H^*$  são os mais comuns na variedade do português falada em Miranda do Douro. Considerando as estruturas coordenadas, em mirandês e na variedade do português foram encontrados ambos os tons pré-nucleares ( $L^*+H$  e  $H^*$ ) com a seguinte configuração: o primeiro acento pré-nuclear apresenta um movimento  $L^*+H$ , ao passo que os seguintes apresentam um movimento alto ( $H^*$ ) em ambos os IPs, independentemente da fronteira do primeiro IP (5.27).

$$(5.27) \begin{array}{l} L^*+H \ H^* \ (...) \ L\% \ L^*+H \ H^* \ (...) \\ L^*+H \ H^* \ (...) \ H\% \ L^*+H \ H^* \ (...) \end{array}$$

Por outro lado, se considerarmos as subordinadas, parece-nos que o primeiro acento pré-nuclear do segundo IP é condicionado pelo movimento da fronteira de IP imediatamente anterior (5.28).

$$(5.28) \begin{array}{l} L^*+H \ H^* \ (...) \ H\% \ H^* \ (...) \\ L^* \ (...) \ H\% \ H^* \ (...) \end{array}$$

Se observarmos as estruturas de enumeração, podemos observar que, dependendo do tipo de enunciado declarativo ou interrogativo, os acentos pré-nucleares emergem com diferentes configurações: (i) se o enunciado for declarativo, o acento pré-nuclear que emerge é ascendente  $L^*+H$ <sup>64</sup>; (ii) se o enunciado for interrogativo, os acentos pré-nucleares que emergem são altos ( $H^*$ ).

Considerando as interrogativas parciais (subsecção §5.1.5), podemos constatar que nas estruturas ditas neutras, em mirandês, há uma preferência pelo acento pré-nuclear  $H^*$ , ao passo que, em português, ambos os acentos pré-nucleares emergem ( $L^*+H$  ou  $H^*$ ). Nas interrogativas parciais ditas não-neutras, na variedade central do mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro, ambos os acentos pré-nucleares emergem ( $L^*+H$  e  $H^*$ ), mas na variedade raiana do mirandês, apenas o acento pré-nuclear alto ( $H^*$ ) emerge.

<sup>64</sup> Relembramos que, como descrito na subsecção §5.1.3, cada PW da enunciação é por si só um IP

$((PW)_{IP} (PW)_{IP} (...)_{IP} ((PW) (e) (PW))_{IP})_{IP}$

Apenas no último IP do enunciado (U) encontramos mais que uma PW; neste caso, à primeira PW está associado um tom IP-inicial  $L^*+H$  e à segunda um acento nuclear  $H+L^* L\%$ , uma vez que a conjunção *e* não desencadeia a restrição.

Os dados resultados da análise em 5.1 permitem-nos assumir que o tom ascendente  $L^*+H$  é o acento tonal subjacente utilizado para marcar as sílabas tónicas em início de IP em ambas as línguas (5.29).

(5.29) Nível fonológico (ou subjacente)	}	Nível fonético (ou de superfície)
$L^*+H$		$L^*+H$ $H^*$

A nossa proposta sobre a representação fonológica dos acentos pré-nucleares em mirandês e em português é algo provisória, ou seja, à luz do que vimos de descrever, acreditamos que os acentos pré-nucleares  $L^*+H$  e  $H^*$  são implementações fonéticas de uma representação fonológica bitonal  $L^*+H$ . Apesar disso, estamos cientes de que a questão ainda não está resolvida.

Esta observação parece-nos a mais adequada para a variedade do português falada em Miranda do Douro, pois, em todos os casos,  $L^*+H$  é o movimento que emerge. Se olharmos para o mirandês, apenas nas interrogativas parciais o tom  $H^*$  emerge no início de IP. Logo, podemos avançar que o acento pré-nuclear  $H^*$  é uma ocorrência no nível fonético de uma estrutura subjacente  $L^*+H$ . A par, e se observarmos os dados nas estruturas coordenadas e subordinadas (subsecção §5.1.2.1), na variedade do português falada em Miranda do Douro, apesar de a fronteira do primeiro IP ser alta ( $H\%$ ), o acento pré-nuclear do segundo IP é ascendente ( $L^*+H$ ). Apenas na variedade central do mirandês, o tom  $H^*$  emerge no início do segundo IP e, parece-nos, que isso se deve ao facto de a fronteira do IP anterior ser alta (exemplo 5.28, acima).

A par do estatuto fonológico do acento pré-nuclear, parece-nos importante colocar em questão se os acentos pré-nucleares contribuem para a identificação e determinação de tipos frásicos e de significados pragmáticos diferentes. Ora, como acabámos de descrever os falantes de mirandês e os falantes da variedade do português falada em Miranda do Douro não seriam capazes de distinguir os diferentes tipos frásicos através do acento pré-nuclear, uma vez que estes são os mais comuns, por exemplo, em declarativas e interrogativas neutras (subsecções §5.1.1.1 e §5.1.1.2) em início de IP. Se observarmos as interrogativas parciais neutras e não neutras (subsecções §5.1.5.1 e §5.1.5.2), em ambos os casos tanto  $L^*+H$  como  $H^*$  foram usados para marcar tanto as interrogativas parciais neutras como as não-neutras. Logo, podemos avançar que os acentos pré-nucleares não são cruciais para o significado pragmático, uma vez que essa informação é dada através

da realização dos acentos nucleares que compõem o IP e os tons de fronteira direita do IP para as ambas as línguas em análise.

#### **5.2.4 Inventário fonológico das configurações nucleares em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro**

Nesta subsecção, será discutido o inventário das configurações nucleares, tendo em conta a análise dos dados em §5.1 para o mirandês e para a variedade do português falada em Miranda do Douro.

Considerando as declarativas neutras SVO, propomos que a representação fonológica deste tipo frásico seja  $H+L^* L\%$  para o mirandês (5.30) e  $L^* L\%$  para a variedade do português falada em Miranda do Douro (5.31). Em primeiro lugar, os dados analisados em §5.1 mostram-nos que as declarativas neutras em mirandês apresentam uma sequência de cinco tons dentro do domínio de IP: uma sequência inicial  $L H$ , seguida de uma sequência final  $H L$ , onde o tom  $L$  está associado à sílaba tónica, e um tom  $L$  associado à fronteira de IP (Figuras 34, 36 e 38). Esta descida de  $f_0$  final corresponde à representação fonológica de um acento bitonal  $H+L^*$  que se expressa foneticamente através de uma descida ao longo da vogal tónica. Assim, o acento nuclear  $H+L^*$  e a fronteira  $L\%$  constituem o contorno nuclear subjacente das declarativas neutras. Os dados do português mostram-nos que para além da sequência final encontrada em mirandês ( $H L L$ ), a sequência final  $L L$  é igualmente atestada. Esta descida abrupta de  $f_0$  final corresponde à representação fonológica de um acento monotonal  $L^*$  que se expressa foneticamente através de um tom baixo ao longo da vogal tónica. Em segundo lugar, a distinção entre declarativas neutras e não neutras (que se descrevem abaixo) em mirandês obtêm-se através da implementação fonética de  $f_0 - H+L^*$  vs.  $H^*(+L)$  - ao passo que em português essa distinção é feita através de duas categorias fonológicas distintas -  $L^*$  vs.  $H^*$ .

Parece-nos relevante acrescentar que esta nossa análise se prende, ainda, com o facto de que em mirandês foi o acento nuclear mais comum. Logo, sendo o mirandês uma língua da família asturo-leonesa, em asturo-leonês o acento  $H+L^* L\%$  é o acento já reportado por Bautista & Moutinho (2019) e Muñiz Cachón & Roseano (2022). Se observarmos os dados do português, a análise parece-nos menos transparente: os informantes da primeira faixa etária (20-50) mostram uma preferência pelo acento nuclear  $H+L^* L\%$ , ao passo que os informantes da segunda faixa etária (60+) mostram preferência pelo acento nuclear  $L^* L\%$ . Perante estes dados, propomos, por um lado, que, na variedade do português falada em Miranda do Douro, o acento nuclear tenha uma configuração  $L^* L\%$  e que o acento nuclear  $H+L^* L\%$ , também aí encontrado, seja uma representação de superfície de  $L^* L\%$ . Por outro lado, esta proposta prende-se com o facto de que o mesmo acento

nuclear L\* L% ter sido encontrado em outras variedades do português, como Braga, Porto e Castro Verde, contrariamente àquele reportado para a variedade de Lisboa (Vigário & Frota, 2003; Cruz, 2013; Frota, Cruz *et al.* 2015).

Declarativas SVO neutras

(5.30) Mirandês

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
H+L* L%	}	H+L* L%
		L* L%

(5.31) variedade do português falada em Miranda do Douro

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
L* L%	}	L* L%
		H+L* L%

Relativamente às interrogativas neutras SVO, a análise é mais complexa pelas configurações nucleares encontradas para veicular este tipo frásico. Nas variedades do mirandês, foram encontrados três acentos nucleares na variedade central: um ascendente-descendente - L\*+H L% - e dois descendentes - H\* L% e H+L\* L%, sendo que o mais frequente foi H+L\* L% (5.32). Na variedade raiana, foi encontrado o acento ascendente-descendente L\* HL% (5.33). Parece-nos, assim, que o contorno descendente na variedade central e o contorno ascendente-descendente na variedade raiana representam o exemplo básico das interrogativas nestas variedades do mirandês. O movimento descendente na variedade central e o movimento ascendente-descendente na variedade raiana são os movimentos padrão, ou seja, os movimentos não marcados em mirandês.

A questão da configuração das interrogativas sim-não no espaço noroeste peninsular merece a nossa atenção, uma vez que parecem existir algumas similitudes: (i) a preferência por um tom de fronteira baixo (L%) na variedade das Rías Baixas e na variedade central da Galiza, nas Astúrias, em León, Palência, Cantábria, Zamora; (ii) uma preferência por acentos nucleares descendentes na variedade central da Galiza, Astúrias, León, Palência, Cantábria e uma preferência por movimentos circunflexos na variedades das Rías Baixas e em Zamora (Lopez-Bobo & Cuevas-Alonso, 2010; Muñiz Cachón, 2013; Fernández Rei, 2016, 2019a/b; Roseano, 2020; Bargiela, 2022 ). Ora, reportados estes dados, podemos confirmar que (i) apesar de alguma variação na seleção do

movimento descendente na variedade central e pelo movimento circunflexo na variedade raiana, o mirandês enquadra-se nesta área noroeste da península, logo, mais próximo das variedades faladas na Galiza e nas Astúrias; (ii) a par, em ambas as variedades, a fronteira baixa L% é a usada para marcar a fronteira deste tipo frásico, ao contrário dos resultados reportados para as variedades europeias do português e do castelhano (Frota & Prieto, 2015b).

Interrogativas SVO neutras

(5.32) Mirandês central

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
H+L* L%	}	H+L* L%

(5.33) Mirandês raiano

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
L* HL%	}	L* HL%

Na variedade do português falada em Miranda do Douro, foram encontrados os seguintes acentos nucleares: o movimento ascendente-descendente - L\* HL% - na primeira faixa etária e um movimento descendente - H+L\* L% - na segunda faixa etária como os mais comuns.

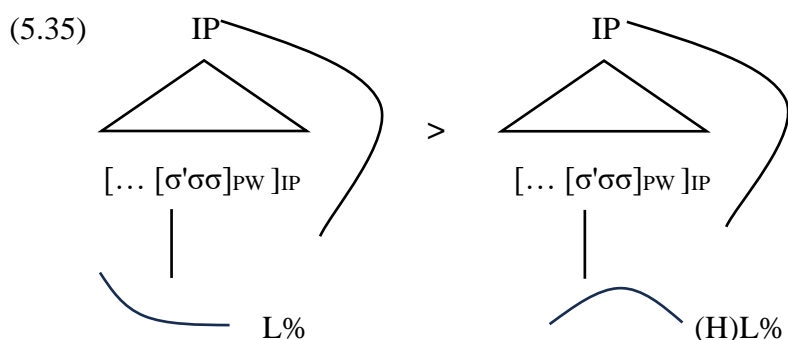
Estes dados levam-nos a explorar a configuração nuclear subjacente na variedade do português falada em Miranda do Douro. Dois tipos de acentos nucleares foram encontrados: um acento nuclear descendente (movimento subjacente na variedade central) que se encontra em competição com o acento circunflexo (movimento subjacente na variedade raiana). Como vimos na subsecção §5.1.1.2, na segunda faixa etária há uma preferência pelo acento nuclear descendente H+L\* L%. Apesar de o acento nuclear L\* HL% ser o mais comum na primeira faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro, H+L\* L% também ocorreu, embora com menos frequência. Estes resultados levam-nos a conjecturar que este acento nuclear está subjacente nesta variedade do português. Parece-nos plausível assumir que o acento nuclear subjacente das interrogativas sim-não nesta variedade do português seja descendente, tal como aquele encontrado na variedade central do mirandês, ou seja, H+L\* L% é o contorno nuclear por defeito e não marcado (5.34), embora estejamos conscientes que o contorno nuclear L\*

HL% (padrão marcado) esteja em competição, que parece estar a levar a uma mudança desta categoria em português, como exemplificado em (5.35).

Interrogativas SVO

(5.34) variedade do português falada em Miranda do Douro

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
H+L* L%	}	H+L* L%
(L* HL%)		(L* HL%)



Comparando as configurações subjacentes das declarativas SVO com as interrogativas SVO, podemos observar que a variedade central do mirandês usa o mesmo acento nuclear para veicular os dois tipos frásicos, ou seja, H+L\* L%. Parece-nos que a distinção entre estes dois tipos frásicos se faz através do uso do *pitch range*, uma vez que o nível da GV nas interrogativas é maior do que aquele encontrado nas declarativas. Logo, parece-nos que o uso desta característica fonética é a pista que permite distinguir declarativas de interrogativas nesta variedade. Já na variedade raiana, diferentes acentos nucleares foram encontrados para veicular categorias fonológicas distintas: H+L\* L% para as declarativas contra L\* HL% para as interrogativas, o que nos permite avançar que a distinção entre declarativas e interrogativas subjaz no nível fonológico. Na variedade do português falada em Miranda do Douro, parece-nos que o acento nuclear subjacente permanece como descendente (H+L\* L%) e que os falantes da segunda faixa etária fazem uso do *pitch range* para desambiguar os tipos frásicos (subsecção §5.1.1.2; Tabela 25). Já os falantes da primeira faixa etária fazem uso do acento nuclear para distinguir os dois tipos frásicos: H+L\* L% para as declarativas (Figura 39) e L\* HL% para as interrogativas (Figura 45).

Considerando as estruturas sintaticamente complexas, onde a coordenação e a subordinação estão envolvidas, diferentes cenários foram encontrados. Para as estruturas coordenadas, ambas as línguas apresentam o mesmo acento nuclear associado ao IP final:

H+L\* L%. Apenas na variedade do português falada em Miranda do Douro, o tipo de acento nuclear associado ao IP final pode ser condicionado pela configuração do acento nuclear associado ao IP não final: se o acento nuclear do primeiro IP for ascendente (L\*+H H%), duas configurações do acento nuclear do IP final são possíveis: L+H\* L% e H+L\* L%. A variedade central faz uso do mesmo acento nuclear em ambos os IPs (H+L\* L%) e a variedade raiana tem preferência por um acento ascendente associado ao primeiro IP (L\*+H H%). Nas subordinadas, a variedade central tem preferência por um acento nuclear H\* L% associado ao primeiro IP e L\*+H L% associado ao segundo IP. Na variedade do português falada em Miranda do Douro, os informantes têm preferência por um acento nuclear ascendente L\*+H H% associado ao primeiro IP e um acento nuclear descendente associado ao segundo IP: H+L\* L%.

Estes resultados permitem-nos retirar algumas considerações relativamente à estrutura subjacente dos enunciados sintaticamente complexos: as coordenadas (5.36) e as subordinadas (5.37). Se considerarmos a configuração do acento nuclear associado ao IP final nas estruturas coordenadas, parece-nos claro que o acento nuclear subjacente em ambas as línguas têm uma configuração descendente: H+L\* L%, ou seja, a categoria fonológica própria das declarativas neutras. O acento L+H\* L% encontrado em estruturas coordenadas nesta variedade do português parece-nos um reflexo do movimento ascendente associado ao primeiro IP, logo, uma representação de superfície do acento nuclear subjacente: H+L\* L%. Relativamente à configuração dos IPs não finais, assumimos a configuração L\*+H H% como a configuração subjacente em mirandês e em português. Nas estruturas subordinadas, assumimos que a configuração dos IPs finais em mirandês e em português seja H+L\* L% (categoria fonológica própria das declarativas neutras, acima descrita). Se atendermos aos acentos nucleares dos IPs não finais, propomos que L\*+H H% seja a categoria fonológica subjacente em mirandês e em português e que a implementação fonética H\* L% em mirandês seja uma representação de superfície de L\*+H H%.

Estruturas declarativas coordenadas

(5.36) Mirandês

Nível fonológico  
(ou subjacente)

Nível fonético  
(ou de superfície)

L*+H H% ... H+L* L%	}	L*+H H% ... H+L* L%
		H+L* L%



Português	
Nível fonológico	Nível fonético
(ou subjacente)	(ou de superfície)
$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$	$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$
	$L+H^* L\%$

Estruturas declarativas subordinadas

(5.37) Mirandês

Português	
Nível fonológico	Nível fonético
(ou subjacente)	(ou de superfície)
$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$	$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$
	$H^* L\%$

Português	
Nível fonológico	Nível fonético
(ou subjacente)	(ou de superfície)
$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$	$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$

Em termos pragmáticos, a proposta que descrevemos acima prende-se com o facto de que a fronteira H% associada aos IPs não finais é uma característica própria das sequências que indicam continuação discursiva. A subida de  $f_0$  associada à fronteira do primeiro IP fornece ao recetor da mensagem a pista necessária de que o discurso não terminou e que existe uma continuidade discursiva. A configuração nuclear descendente associada à fronteira do segundo IP fornece a pista necessária de que, em termos pragmáticos, a mensagem foi totalmente transmitida.

Considerando as estruturas de enumeração, ambas as línguas apresentam a mesma configuração: um movimento nuclear ascendente ( $L^*+H H\%$ ) associado ao primeiro IP e um movimento nuclear descendente ( $H+L^* L\%$ ) associado ao segundo IP. Como acabámos de verificar para as estruturas coordenadas e subordinadas, o movimento ascendente é próprio das sequências que indicam continuação discursiva, logo, a nossa proposta é a de que a representação subjacente associada aos IPs não finais seja  $L^*+H H\%$ . Relativamente aos IPs finais, propomos que a configuração subjacente seja descendente, ou seja,  $H+L^* L\%$  (5.38).

(5.38) Mirandês e Português

Nível fonológico	Nível fonético
(ou subjacente)	(ou de superfície)

$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$	}	$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$
		$H^* H\%$

As interrogativas com estruturas de enumeração disjuntivas e copulativas apresentam alguma estabilidade na seleção dos acentos nucleares: um movimento nuclear ascendente  $L^*+H H\%$  associado ao primeiro IP e um movimento nuclear descendente  $H+L^* L\%$  associado ao segundo IP.

Enumeração (interrogativas)

(5.39) Mirandês

Nível fonológico	Nível fonético
(ou subjacente)	(ou de superfície)

$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$	}	$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$

(5.40) Português

Nível fonológico	Nível fonético
(ou subjacente)	(ou de superfície)

$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$	}	$L^*+H H\% \dots H+L^* L\%$
		$L^* HL\%$

As razões pela quais propomos a configuração subjacente do IP como  $L^*+H H\%$  são as mesmas que vimos de descrever para as estruturas com enumeração declarativas. A questão é mais complexa para a configuração do movimento nuclear do segundo IP. Como vimos acima (5.32, 5.33 e 5.34), a implementação das interrogativas em mirandês oscilam entre o movimento descendente na variedade central, próprio das Astúrias e centro da Galiza, e o movimento ascendente-descendente (ou circunflexo) na variedade raiana, próprio da variedade de Zamora e das Rías Baixas. Ora, os dados dos movimentos em mirandês mostram-nos uma preferência pelo movimento descendente  $H+L^* L\%$  (5.39), ao passo que a variedade do português falada em Miranda do Douro mostra alguma variação na implementação do acento nuclear (5.40). Invocando os argumentos propostos para a configuração subjacente das interrogativas neutras na variedade do português falada em Miranda do Douro, propomos a configuração  $H+L^* L\%$  para o acento nuclear associado à fronteira do IP final.

Considerando as declarativas não neutras (chamadas de *narrow-focus*), podemos observar que o acento H\* está sempre associado à sílaba tónica da PW mais proeminente. Tanto em mirandês como em português, o tom alto H\* é o tom selecionado para marcar tonalmente frases contrastivas, exclamativas, categóricas e obviedades, apesar de, em mirandês, fonologicamente existir um acento baixo (L) associado a H\*, seja ele ascendente L+H\* ou descendente H\*+L (5.41 e 5.42).

Declarativas SVO não-neutras

(5.41) Mirandês

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
(L)H*(L) L%	}	L+H* L%/!H% H*+L L%

(5.42) Português

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
H* L%	}	H* L%

Podemos ainda observar que (i) o acento H\* em mirandês e na variedade do português vai ao encontro das descrições feitas por Frota, Cruz *et. al* (2015) para o português europeu e por Hualde & Prieto (2015) para o castelhano peninsular; (ii) o acento nuclear subjacente na variedade central do mirandês encontra-se em variação, uma vez que ao tom H\* é possível associar-se um tom baixo (L) que antecede ou precede H\*; (iii) na variedade raiana, ao acento H\* associa-se um tom baixo que o antecede (L+H\*), podendo ainda encontrar-se uma fronteira !H% tal como descrito por Hualde & Prieto (2015) para o castelhano peninsular.

Os resultados das interrogativas sim-não confirmatórias revelam que a variedade central usa a mesma marcação entoacional subjacente que as interrogativas sim-não neutras (ou *information-seeking yes/no questions*): H+L\* L% (5.43). Na mesma esteira, a variedade raiana também revela o mesmo movimento nuclear encontrado nas interrogativas sim-não neutras (o movimento subjacente ascendente-descendente), apesar de o alinhamento ser diferente: L\*+H L% (5.44). Se os dados nos parecem claros em relação ao mirandês, o mesmo não se pode dizer para a variedade do português falada em Miranda do Douro. A questão que se coloca é: qual foi/é a configuração nuclear das interrogativas sim-não confirmatórias? A nossa proposta é a de que a forma subjacente das interrogativas sim-

não confirmatórias em português tenha sido descendente (tal como nas interrogativas sim-não neutras) e que esteja em curso uma mudança em direção ao movimento ascendente-descendente tal como as interrogativas sim-não neutras. A primeira faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro faz uso do acento nuclear  $L^* HL\%$  (5.45), também encontrado nas interrogativas sim-não neutras. Estes resultados confirmam o que descrevemos acima para as interrogativas sim-não neutras em português: apesar de a proposta descendente para representar a configuração subjacente destas interrogativas sim-não em português, uma mudança parece estar a ocorrer em direção a um movimento ascendente-descendente (LHL). A segunda faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro mostra alguma hesitação na seleção do movimento: por um lado, um movimento descendente  $H^* L\%$  e um movimento ascendente-descendente  $L+H^* L\%$  (5.45). Apesar das diferenças de implementação fonética, a categoria fonológica  $H^*$  está presente em ambos os casos, seguido de uma fronteira baixa. Se a nossa análise estiver correta, podemos afirmar que em português o acento nuclear das interrogativas sim-não confirmatórias possa ser expresso com o mesmo padrão das interrogativas sim-não neutras. Assim, propomos que o movimento subjacente das interrogativas sim-não confirmatórias seja ascendente-descendente, embora ainda resista alguma variação nas interrogativas sim-não neutras.

Interrogativas SVO não neutras (confirmatórias)

(5.43) Mirandês central

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
$H+L^* L\%$	}	$H+L^* L\%$

(5.44) Mirandês raiano

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
$L^*+H L\%$	}	$L^*+H L\%$

(5.45) Português

Nível fonológico (ou subjacente)	}	Nível fonético (ou de superfície)
L* HL%	}	L* HL%
(L)H* L%		H* L%
		L+H* L%

Considerando os resultados das interrogativas imperativas, podemos observar que em ambas as línguas a categoria fonológica H\* está presente neste tipo frásico. Na variedade central e raiana do mirandês e na segunda faixa etária do português falado em Miranda do Douro, H\* seguido de uma fronteira baixa (L%) parece-nos o movimento subjacente. Por outro lado, na primeira faixa etária da variedade do português falada em Miranda do Douro existe uma preferência pelo movimento ascendente-descendente com diferentes alinhamentos: L\*+H L%, L\* HL% e L+H\* L%. Se compararmos estes dados com as imperativas declarativas, tanto o mirandês como o português usam o mesmo movimento descendente, apesar de fonologicamente a sílaba tónica da PW mais proeminente ser H\*+L. Assim, parece-nos que os acentos nucleares L\*+H L%, L\* HL% e L+H\* L encontrados em português e L+H\* L% encontrado em mirandês sejam, na verdade, representações de superfície da categoria fonológica H\*, seguido de uma fronteira baixa L% (5.46).

Interrogativas SVO não neutras (imperativas)

(5.46) Mirandês e Português

Nível fonológico (ou subjacente)	}	Nível fonético (ou de superfície)
H* L%	}	H* L%

Os resultados das interrogativas parciais neutras confirmam o que tem sido largamente descrito para a maioria das línguas românicas: um pronome interrogativo na margem esquerda do enunciado e um movimento subjacente H+L\* L%, fazendo com que este tipo frásico não necessite de marcação tonal específica (5.47). Para veicular este tipo frásico é conjugada a estrutura sintática com a categoria fonológica descendente própria das declarativas: [Qu- /Onde ... HLL]IP. Se observarmos os dados das interrogativas parciais coordenadas, é usada a mesma categoria fonológica: H+L\* L%, apesar de em mirandês o acento nuclear ser !H+L\* L% nos IPs finais (5.49). Se observarmos os dados dos IPs não finais, um movimento baixo (L\*) com uma fronteira baixa (L%) em mirandês (5.48)

e um movimento ascendente (L\*+H), seguido de uma fronteira alta (H%) em português (5.49). Parece-nos que a seleção de diferentes acentos nucleares em mirandês e em português se prende com o facto de que (i) em português, é selecionado o movimento ascendente, próprio das IPs não finais, evidenciando uma continuação do discurso, ao passo que (ii) em mirandês, é selecionado o movimento também encontrados nas declarativas, uma vez que se trata de interrogativas parciais e que não têm uma marcação tonal específica. Relativamente às interrogativas parciais não neutras (5.47), as línguas em análise fazem uso do mesmo acento nuclear não fazendo distinção pragmática entre interrogativas parciais neutras e não neutras.

Interrogativas parciais neutras e não-neutras

(5.47) Mirandês e Português

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
H+L* L%	}	H+L* L%

Interrogativas parciais coordenadas

(5.48) Mirandês central

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
L* L% H+L* L%	}	L* L% H+L* L%

Interrogativas parciais coordenadas

(5.49) Mirandês raiano

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
L* L% H+L* L%	}	L+ L% !H+L* L%

Interrogativas parciais coordenadas

(5.50) Mirandês central

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
L*+H H% H+L* L%	}	L*+H H% H+L* L%

Os resultados das interrogativas eco nas línguas em análise mostram que, tanto em mirandês como em português, o acento subjacente ascendente-descendente é o usado para marcar entoacionalmente este tipo frásico:  $L^*+H L\%$  (5.51). Em algumas línguas românicas, como o português e o italiano, parece não existir marcação entoacional sistemática para assinalar as diferenças entre as interrogativas sim-não neutras e interrogativas eco, ou seja, é seleccionada a mesma categoria fonológica (Gili Fivela *et al.* 2015: 173; Frota, Cruz *et al.* 2015: 257). Esse parece ser, também, o caso do português, uma vez que o acento nuclear descendente ( $H+L^* L\%$ ) foi encontrado nesta variedade.

Interrogativas eco

(5.51) Mirandês e português

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
$L^*+H L\%$ ( $H+L^* L\%$ )	}	$L^*+H^* L\%$ ( $H+L^* L\%$ ) – opcional

Nas interrogativas eco coordenadas, o acento nuclear subjacente usado nos IPs não finais é  $L^*+H !H\%$ , ao passo que o acento nuclear subjacente usado nos IPs finais é  $H+L^* L\%$  (5.52).

Interrogativas eco coordenadas

(5.52) Mirandês e português

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
$L^*+H H\% H+L^* L\%$	}	$L^*+H (!)H\% H+L^* L\%$

Para os enunciados imperativos aqui analisados, obtivemos dois tipos de configurações entoacionais:  $H^*+L L\%$  para as ordens e  $L^* L\%$  para os pedidos. Parece-nos claro que é através das configurações entoacionais que é possível distinguir os dois tipos de imperativas. Por um lado, configuração nuclear subjacente mais usada nas ordens é a mesma encontrada nas declarativas não neutras, ou seja, o acento  $H^*$ , que fonologicamente tem a configuração  $H^*+L$ , seguido de uma fronteira baixa ( $L\%$ ). A par do mirandês e do português, a mesma configuração descendente foi usada em asturo-leonês, apesar de o alinhamento ser o mesmo das declarativas neutras ( $H+L^* L\%$ ). Inversamente, os pedidos em mirandês e em português usam um tom baixo alinhado com a sílaba tónica, também encontrado em português europeu e em castelhano peninsular,

seguido de uma fronteira baixa (L%). Assim, propomos que o acento nuclear subjacente das ordens seja H\*+L L% (5.53) e dos pedidos L\* L% (5.54).

Ordens

(5.53) Mirandês e português

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
H*+L %	}	H*+L L%

Pedidos

(5.54) Mirandês e português

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
L* %	}	L* L%

Considerando os chamamentos em mirandês e em português, podemos observar que (i) na variedade central do mirandês (5.55 e 5.58), é a configuração do acento nuclear que desambigua se estamos perante um chamamento ou chamamento insistente (H+L\* vs. L+H\*); (ii) na variedade raiana (5.56 e 5.59), é a fronteira direita que desambigua os dois chamamentos (!H% vs. HL%); (iii) em português (5.57 e 5.60), a primeira faixa etária usa o mesmo movimento nuclear para veicular os dois chamamentos (apesar de podermos encontrar o movimento descendente H+L\* L% precedido da interjeição *ah!*) e a segunda faixa etária faz uso de diferentes configurações nucleares para veicular os dois chamamentos (H+L\* vs. H\*).

Primeiro chamamento

(5.55) Mirandês central

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
H+L* L%	}	H+L* L%

(5.56) Mirandês raiano

Nível fonológico (ou subjacente)		Nível fonético (ou de superfície)
L+H* !H%	}	L+H* !H%

(5.57) Português

Nível fonológico  
(ou subjacente)

L+H\* L%  
H+L\* L%

Nível fonético  
(ou de superfície)

} L+H\* L%  
H+L\* L%

Segundo chamamento

(5.58) Mirandês central

Nível fonológico  
(ou subjacente)

L+H\* L%

Nível fonético  
(ou de superfície)

} L+H\* L%

(5.59) Mirandês raiano

Nível fonológico  
(ou subjacente)

L+H\* HL%

Nível fonético  
(ou de superfície)

} L+H\* HL%

(5.60) Português

Nível fonológico  
(ou subjacente)

L+H\* L%  
H\* L%

Nível fonético  
(ou de superfície)

} L+H\* L%  
H\* L%

Para concluir esta subsecção, apresentamos os dados de forma resumida na Tabela 43, abaixo. A tabela resume as configurações nucleares dos IPs dos diferentes tipos frásicos.

Tabela 43. Inventário dos acentos nucleares em mirandês e em português

Tipo frásico		Mirandês	Português
Declarativas neutras	Declarativas SVO (5.1.1.1)	H+L* L% (L* L%)	L* L% H+L* L%
	Coordenadas (5.1.2.1)	H+L* L%...H+L* L% (central) L*+H H%...H+L* L% (raiano)	L*+H H%...L+H* L%/H+L* L% H+L* L%...H+L* L%
	Subordinadas (5.1.2.1)	H* L%...L*+H L% (central)	L*+H H%...H+L* L%
	Enumeração (5.1.3.1)	L*+H H%...H+L* L%	L*+H H%...H+L* L%
	Enumeração disjuntivas (5.1.3.1)	L*+H H%...H+L* L% (central) L*+H H%...L* L% (raiano)	L*+H H%...H+L* L% H* H%...H+L* L%
Interrogativas neutras	Interrogativas SVO (5.1.1.2)	H+L* L% (central) L* HL% (raiano)	H+L* L% L* HL%
	Enumeração disjuntiva (5.1.3.2)	(H* !H%) L* L% L*+H H%... H+L* L% (central) L*+H H%...H+L* L% (raiano)	L*+H H%...H+L* L%
	Enumeração copulativa (5.1.3.2)	L*+H H%...H+L* L%	L*+H H%...L* HL%
Declarativas não-neutras (5.1.4.1)	Focalização contrastiva	L+H* L% (central/raiano) H*+L L% (central)	H* L%
	Exclamativas	L+H* L% (central/raiano)	H* L%
	Catagóricas	-	H* L%
	Óbvias	L+H* !H% (raiano)	H* L%
Interrogativas não-neutras (5.1.4.2)	Confirmatórias	H+L* L% (central) L+H* L% (central) L*+H L% (raiano)	L* HL% L*+H L% H* L% L+H* L%
	Imperativas	L+H* L% (central/raiano) H* L% (central/raiano)	L*+H L% L+H* L% L* HL% H* L%
Interrogativas parciais	Neutras (5.1.5.1)	H+L* L% L* L%...!H+L* L% (coord)	H+L* L% L*+H H%...H+L* L% (coord)
	Não-neutras (5.1.5.2)	H+L* L%	H+L* L%
Interrogativas eco	Neutras (5.1.6.1)	L*+H L% L*+H (!)H%...H+L* L% (disj)	L*+H L% H+L* L% L*+H (!)H%...H+L* L% (disj)
	Não-neutras (5.1.6.2)	L*+H HL%	L* HL%
Imperativas (5.1.7)	Ordem	H*+L L%	H*+L L%
	Pedido	L* L%	L* L%
Vocativos (5.1.8)	Primeiro chamamento	H+L* L% (central) L+H* !H (raiano)	L+H* L% H+L* L%
	Segundo Chamamento	L+H* L% (central) L+H* HL% (raiano)	L+H* L% H* L%

## CAPÍTULO 6 | DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES

Recuperando os principais objetivos deste estudo, pretendemos (i) trazer à luz a investigação da entoação da língua mirandesa no quadro da Fonologia Prosódica e baseada no modelo Autossegmental-Métrico da Fonologia Entoacional, uma vez que, até onde sabemos, esse trabalho ainda não foi realizado; (ii) investigar e descrever a extensão do contexto linguístico da entoação não apenas do mirandês, mas também a do português falado em Miranda do Douro. Assim, propomos apresentar de forma detalhada os padrões entoacionais das duas línguas em contacto tendo em conta o domínio linguístico dos falantes, para que possamos melhor compreender os sistemas entoacionais de ambas as línguas e os efeitos do contacto entre ambas. Para isso, propomo-nos responder às seguintes questões de investigação:

4. Quais são as diferenças e as semelhanças entre os sistemas entoacionais dos falantes do mirandês (L1) e dos falantes monolíngues da variedade do português (L1) falado em Miranda do Douro?
5. Como é que as semelhanças e as diferenças entoacionais entre o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro se explicam em termos de contacto linguístico, ou seja, como surgiram os sistemas entoacionais atuais?
6. Como funciona a mudança entoacional induzida pelo contacto e que tipo de características entoacionais podem ser transferidas?

Ao longo do presente capítulo, fazemos uma descrição geral dos dados e as conclusões a que chegámos. Procuramos tentar responder às questões de investigação formuladas acima, resumindo as diferenças e semelhanças entre os sistemas entoacionais do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro (secção §6.1). De seguida, na secção §6.2, tentamos explicar em termos de contacto linguístico as diferenças e semelhanças entoacionais entre o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro, ou seja, como surgiram os sistemas entoacionais atuais destas línguas. A secção §6.3 é consagrada à mudança entoacional induzida pelo contacto e que características podem ser transferidas do português para o mirandês e vice-versa. A secção §6.4 procura recapitular as principais conclusões da presente investigação, apresentando algumas

observações finais e na secção §6.5 deixamos em aberto questões para investigação futura.

### 6.1 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS SISTEMAS PROSÓDICOS DO MIRANDÊS E DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADA EM MIRANDA DO DOURO

Os resultados da análise que descrevemos em 5.2 revelam que o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro partilham um grande número de características semelhantes e algumas diferenças. Descrevemos, em primeiro lugar, as características semelhantes encontradas em ambas as línguas:

- Ambas as línguas fazem uso de um inventário de seis acentos nucleares: H\*, !H\*, L+H\*, L\*, L\*+H, !H+L\* e H+L\*.
- Ambas as línguas fazem uso de um inventário de quatro tons de fronteira: L%, !H%, H% e HL%.
- A densidade tonal das declarativas SVO em ambas as línguas é elevada, apesar de esta ser maior em mirandês. A densidade tonal do mirandês ronda os 90%, ao passo que a densidade tonal em português ronda dos 70%
- Em ambas as línguas, as estruturas coordenadas com as conjunções *e* e *ou* foram agrupadas em IPs independentes
- As conjunções subordinativas desencadeiam IPs independentes, apesar de não serem precedidas de pausa em nenhuma das línguas em análise
- Em ambas as línguas, nas interrogativas coordenadas disjuntivas ou copulativas, se o enunciado for composto por dois elementos coordenados, a incorporação da conjunção num IP autónomo é opcional
- Por outro lado, se o enunciado for composto por mais de dois elementos coordenados, a incorporação da conjunção num IP autónomo é obrigatória
- A conjunção copulativa *e* desencadeou pausa precedente a esta em ambas as línguas
- L\*+H é o acento pré-nuclear usado em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro
- H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos IPs nas estruturas interrogativas SVO neutras na variedade central do mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro
- L\*+H H% foi estabelecido como o acento nuclear do primeiro IP nas estruturas coordenadas e subordinadas em ambas as línguas
- H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear do segundo IP nas estruturas coordenadas e subordinadas em ambas as línguas

- L\*+H H% foi estabelecido como o acento nuclear dos IPs não finais nas estruturas de enumeração declarativas e interrogativas em ambas as línguas
- H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear dos IPs finais nas estruturas de enumeração declarativas e interrogativas em ambas as línguas
- O movimento ascendente-descendente é o movimento nuclear subjacente do foco não final em ambas as línguas
- H\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos IPs nas declarativas não-neutras em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro
- Os seguintes acentos nucleares subjacentes foram estabelecidos como semelhantes em ambas as línguas:
  - As interrogativas sim-não confirmatórias na variedade raiana e na variedade do português falada em Miranda do Douro usam o mesmo padrão entoacional ascendente-descendente que as interrogativas sim-não neutras
  - H\* foi estabelecido como acento nuclear subjacente das estruturas imperativas
  - H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente das estruturas interrogativas parciais neutras simples
  - L\*+H L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente das estruturas interrogativas eco
  - L\*+H !H% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos IPs não finais das interrogativas eco coordenadas
  - H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos IPs finais das interrogativas eco coordenadas
  - H\*+L L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente das estruturas imperativas
  - L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos pedidos

Por outro lado, encontramos algumas características singulares para cada uma das línguas que transcrevemos abaixo:

- H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos IPs nas estruturas declarativas SVO neutras em mirandês
- L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos IPs nas estruturas declarativas SVO neutras na variedade do português falada em Miranda do Douro
- H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente dos IPs nas estruturas interrogativas SVO neutras na variedade central do mirandês

- L\* HL% como o acento nuclear subjacente dos IPs nas estruturas declarativas SVO neutras na variedade raiana do mirandês
- A configuração H\* L% nas declarativas não neutras em mirandês pode emergir como L+H\* no plano fonético
- As interrogativas sim-não confirmatórias na variedade central usam o mesmo padrão entoacional descendente que as interrogativas sim-não neutras
- !H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente das estruturas interrogativas parciais complexas em mirandês
- H+L\* L% foi estabelecido como o acento nuclear subjacente das estruturas interrogativas parciais complexas na variedade do português falada em Miranda do Douro
- Na variedade central, é a configuração do acento nuclear que desambigua os chamamentos (H+L\* vs. L+H\*)
- Na variedade raiana, é a fronteira direita que desambigua os dois chamamentos (!H% vs. HL%)
- Na variedade do português falada em Miranda do Douro, ou os falantes usam o mesmo movimento nuclear para veicular os dois chamamentos (L+H\* L%) ou veiculam-nos através de diferentes configurações nucleares (H+L\* vs. H\*)

Como pudemos verificar na secção §5.2, e resumido acima, foi possível estabelecer uma ou duas configurações nucleares subjacentes tanto no mirandês como na variedade do português falada em Miranda do Douro para as declarativas SVO neutras, as estruturas sintaticamente complexas, a enumeração, as estruturas contrastivas, exclamativas, categóricas e óbvias, as interrogativas parciais, as eco, as ordens, os pedidos e os chamamentos (secção §5.2). Por outro lado, as interrogativas (neutras e não neutras) mostram uma maior variação na seleção do acento nuclear para veicular este tipo frásico. Considerando os estudos prévios, os sistemas entoacionais do asturo-leonês e do português apresentam uma maior estabilidade na seleção dos acentos nucleares subjacentes, apresentando pouca variação (Alvarellos *et al.*, 2011; Frota, Cruz *et al.*, 2015; Fernández Planas *et al.*, 2020; Muñiz Cachón & Roseano, 2022). A questão que colocamos é: como é que a variação encontrada neste espaço geográfico pode ser explicada, tendo em conta a posição atual da língua mirandesa em relação às línguas geograficamente próximas?

Em primeiro lugar, parece-nos que a variação encontrada em mirandês e na variedade do português de Miranda do Douro pode estar relacionada com fatores diastráticos, uma vez que ainda residem claros preconceitos e estigmas como diferenciadores sociais (Wardhaugh & Fuller, 2015) associados ao mirandês (subsecção §2.2.1). Retomemos,

como exemplo, o estudo de Martins (1994, 1997) em que os falantes de Miranda do Douro promovem o uso do português em vez do mirandês, sobretudo os jovens que frequentam o ensino secundário (76,8%). A par, a autora nota que 44% dos alunos têm vergonha/receio de serem ridicularizados/conotação social de falta de cultura quando falam mirandês. Como referido por Wardhaugh & Fuller (2015), o estatuto social pode determinar a utilização de uma variedade específica.

Em segundo lugar, acreditamos que a variação encontrada nos nossos dados pode estar relacionada com o facto de termos feito uma descrição exaustiva de todos os acentos nucleares encontrados. A literatura, seguindo o modelo AM, apenas nos fornece uma simplificação do sistema fonológico dos acentos nucleares subjacentes, ou seja, uma imagem reduzida e parcial da variação. Por um lado, os dados reportados (veja-se, por exemplo, Frota, Cruz *et al.*, 2015; Frota & Moraes, 2016) apenas descrevem os principais acentos nucleares, logo, os mais frequentes, para uma determinada variedade do português por tipo de enunciado. Por outro lado, Cruz *et al.* (2017) iniciam o desafio do mapeamento da variação prosódica, uma vez que descrevem uma grande variação na implementação dos acentos nucleares em diversas variedades do PE. Através da análise exaustiva dos contornos nucleares e alternativos das interrogativas sim-não neutras, e tendo em conta duas faixas etárias, os autores notam que apenas nas variedades de Lisboa e de Évora os acentos nucleares são descendentes-ascendentes (H+L\* LH%), uma vez que em Castelo Branco o acento nuclear é descendente (H\*+L L%) e nas restantes, Braga, Porto, Alentejo e Algarve os acentos nucleares são ascendentes: L\* LH%, L\*+H H% e L\* H%. Se considerarmos os dados que reportamos para as declarativas neutras, estes mostram-nos que a seleção do acento nuclear não é tão linear como parece: o acento H+L\* L% para as declarativas em mirandês e na variedade do português aqui estudada parece estar em conflito com o acento L\* L%. Do mesmo modo, a seleção do acento nuclear descendente (H+L\* L%) pelos falantes para as interrogativas sim-não neutras em mirandês central e na segunda faixa etária em português (60+) e o acento nuclear ascendente-descendente (L+H\* L%) na variedade raiana e na segunda faixa etária do português (20-50).

Em terceiro lugar, a variação na distribuição de diferentes acentos nucleares para veicular os tipos fráscicos em mirandês pode ser interpretada como a sobrevivência do substrato prosódico asturo-leonês à mudança linguística. Se observarmos, por exemplo, as declarativas neutras nas variedades do mirandês, o acento nuclear H+L\* L%, documentado nas variedades atuais do asturo-leonês (Muñiz Cachón & Roseano, 2022), emerge ao tempo que L\* L%, documentado nas variedades setentrionais do português (Vigário & Frota, 2003). Nas interrogativas sim-não neutras, o movimento H L L,

documentado na variedade centro-sureña do asturo-leonês (Muñiz Cachón & Roseano, 2022) emerge ao mesmo tempo que L H L, documentado na variedade de Zamora (Bargiela, 2022). Assim, a prosódia do mirandês atual parece resistir à mudança linguística, uma vez que os traços suprasegmentais que documentamos foram também encontrados nas variedades atuais do asturo-leonês.

## 6.2 COMPARAÇÃO ENTRE OS SISTEMAS PROSÓDICOS DO MIRANDÊS, DO ASTURO-LEONÊS E DO PORTUGUÊS

Nesta secção, pretendemos estabelecer uma comparação entre os sistemas prosódicos do mirandês, do asturo-leonês e do português. Numa primeira análise, iremos comparar os sistemas prosódicos do mirandês e do asturo-leonês. Numa segunda análise, os sistemas prosódicos da variedade do português falada em Miranda do Douro, com aquelas já descritas para o PE. Por fim, iremos tentar estabelecer uma comparação interlíngua: mirandês-asturo-leonês-português.

A comparação entre o mirandês e o asturo-leonês evidencia mais semelhanças que diferenças, apesar de que dispomos de escassas análises para os diferentes tipos frásicos para as variedades do asturo-leonês faladas em território espanhol. Ainda assim, iremos suportar-nos nos resultados reportados por Bargiela (2022) para os dados de Zamora e por Muñiz Cachón & Roseano (2022) para a variedade centro-sureña do asturo-leonês. Segundo a Tabela 44, ambas as línguas selecionam o mesmo movimento pré-nuclear ascendente:  $L^*+H$  no mirandês e  $L+<H^*$  em asturo-leonês (Muñiz Cachón & Roseano, 2022). A par, o mirandês aproxima-se do asturo-leonês na seleção de diversos acentos nucleares: (i) o movimento descendente para as declarativas e interrogativas na variedade central do mirandês e na variedade centro-sureño do asturo-leonês (Muñiz Cachón, 2019; Roseano, 2020; Muñiz Cachón & Roseano, 2022) e o movimento ascendente-descendente na variedade raiana, assim como na região de Zamora (Bautista & Moutinho, 2021; Bargiela, 2022); (ii) o movimento descendente para as ordens em ambas as línguas (Muñiz Cachón & Roseano, 2022); também a variedade central do mirandês usa o contorno descendente, tal com a variedade centro-sureño do asturo-leonês para veicular o primeiro chamamento (Muñiz Cachón & Roseano, 2022).

Comparando os dados da variedade do português falada em Miranda do Douro, com aqueles já reportados para outras variedades do PE, podemos observar algumas diferenças, bem como algumas semelhanças. Como é possível verificar na Tabela 44, a variedade aqui estudada evidencia diferenças relativamente à densidade tonal: os dados da densidade tonal reportados por Cruz (2013) e Frota, Cruz *et al.* (2015) mostram que a variedade do português em análise apresenta uma alta densidade tonal quando comparada

com as variedades de Braga, do Porto, do Alentejo e do Algarve. Ainda assim, estes últimos evidenciam uma maior densidade tonal comparada com aquela reportada para a variedade dita padrão (ou seja, de Lisboa). Considerando o português como um todo, concluímos que o domínio para a atribuição dos eventos tonais na maioria das variedades é a PW, o que faz com que o português seja uma língua com elevada densidade tonal e que se aproxima das restantes línguas românicas, com exceção do francês e do occitano (Vigário & Frota, 2003; Cruz, 2013; Frota & Prieto, 2015b). No que diz respeito aos acentos pré-nucleares, a variedade do português falada em Miranda do Douro aproxima-se daquelas do espaço a noroeste da Península Ibérica: a seleção de um acento ascendente pré-nuclear, conforme reportado por Vigário & Frota (2003) para a variedade de Braga, Hualde & Prieto (2015) para as variedades peninsulares do espanhol e Muñiz Cachón & Roseano (2022) para o asturo-leonês. Também a seleção de diferentes configurações nucleares em diferentes tipos frásicos: L\* L% vs. H+L\* L% nas declarativas SVO neutras (Frota, 2000; Vigário & Frota, 2003; Frota, 2014 para o PE padrão); H+L\* L% e L\* HL% vs. H+L\* LH% e L\*+H H% (Cruz, 2013; Frota, Cruz *et al.* 2015); o movimento circunflexo vs. ascendente nas interrogativas confirmatórias e interrogativas eco neutras (Frota, Cruz *et al.* 2015).

As semelhanças entre a variedade do português falada em Miranda do Douro e aquelas já reportadas (cf. Tabela 44) encontram-se apenas na seleção dos acentos nucleares: o acento nuclear que veicula foco ou ênfase é H\* (H\* na variedade do português falada em Miranda do Douro e H\*+L nas restantes variedades do PE) (Frota, 2014; Frota, Cruz *et al.* 2015); o acento H+L\* L% nas interrogativas parciais neutras (Cruz & Frota, 2011; Frota, Cruz *et al.* 2015); o movimento ascendente-descendente nas interrogativas eco não-neutras; H\*+L L% para as ordens e L\* L% para os pedidos (Frota, Cruz *et al.* 2015).

**Tabela 44. Distância entoacional entre o mirandês, o asturo-leonês, a variedade do português falada em Miranda do Douro e as restantes variedades do português europeu**

	Mirandês	Asturo-leonês	Variedade do português de Miranda do Douro	Português Europeu
densidade tonal	90%	-	70%	POR: 50% SEP: 17% ALE: 56% ALG: 46% NEP: 74%
acentos pré-nucleares	L*+H	L+>H*	L*+H	H* (LH)
marcador de foco/ênfase	H*	L*	H*	H*
configuração nuclear das declarativas neutras	H+L* L% (L* L%)	H+L* L%	L* L% (H+L* L%)	EP: H+L* L% NEP, ALE: L* L%
configuração nuclear das	H+L* L% (central) L* HL% (raiano)	H+L* L% (centro-sureño)	H+L* L% L* HL%	EP: H+L* LH%

interrogativas neutras		L+H* L% (Zamora) ¡H* L% (León)		POR, ALE, ALG: L*+H H%
configuração nuclear das interrogativas confirmatórias	H+L* L% L+H* L% L*+H L%	-	L* HL% L*+H L% H* L% L+H* L%	L*+H H%
configuração nuclear das interrogativas imperativas	L+H* L% H* L%	-	L*+H L% L+H* L% L* HL% H* L%	-
configuração nuclear das interrogativas parciais neutras	H+L* L%	-	H+L* L%	H+L* L%
configuração nuclear das interrogativas parciais não neutras	H+L* L%	-	H+L* L%	-
configuração nuclear das interrogativas eco neutras	L*+H L%	-	L*+H L% H+L* L%	L* LH%
configuração nuclear das interrogativas eco não neutras	L*+H HL%	-	L* HL%	L*+H HL%
configuração nuclear das ordens	H*+L L%	H+L* L%	H*+L L%	H*+L L%
configuração nuclear dos pedidos	L* L%	L+H* L%	L* L%	L* L%
configuração nuclear dos chamamentos: primeiro (I) e segundo (II)	H+L* L% (I) L+H* !H (I) L+H* L% (II) L+H* HL% (II)	H+L* L% (I) (II)	L+H* L% (I) H+L* L% (I) L+H* L% (II) H* L% (II)	(L+)H* !H% (I) (L+)H* L% (II)

Uma vez descritas as diferenças e semelhanças entre o mirandês e o asturo-leonês e a variedade do português falada em Miranda do Douro com aquelas já descritas na literatura, resta-nos estabelecer o panorama em termos globais entre as línguas faladas no espaço geográfico de *Tierra de Miranda*. A análise dos dados em §5.2 e o resumo das diferenças e semelhanças estabelecida na Tabela 44 leva-nos a considerar que, apesar de o mirandês estar em forte contacto com a língua nacional maioritária, neste caso, o português, o substrato do asturo-leonês em Miranda do Douro resistiu à mudança linguística quando *Tierra de Miranda* foi “aportuguesada”, fazendo, inclusive, com que a variedade do português aí falada incorporasse aspetos da prosódia do mirandês: por exemplo, veja-se a análise das declarativas e interrogativas neutras (descendente na variedade central e ascendente-descendente na variedade raiana); a densidade tonal da variedade do português em análise é mais próxima daquela encontrada para as restantes variedades do português já descritas na literatura; o acento pré-nuclear do mirandês incorporado na variedade do português aqui estudada.

## 6.2 PROSÓDIA E CONTACTO LINGUÍSTICO EM *TIERRA DE MIRANDA*

Como vimos de observar na secção §6.1, o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro apresentam algumas diferenças, mas partilham diversas características prosódicas, levando a considerar que a variedade do português falada em Miranda do Douro se distancia da variedade padrão do PE (SEP), incorporando características do mirandês. A análise que abaixo se segue nas diferentes subsecções tentará dar conta dos mecanismos que estão na base dos resultados que encontramos, comparando o mirandês com o asturo-leonês e a variedade do português falada em Miranda do Douro com as variedades do PE já documentadas na literatura. As questões que nos parecem importantes responder são: (i) porque é que comparamos os dados do mirandês com a variedade central do asturo-leonês e não a variedade ocidental; e (ii) por que razão comparamos os dados da variedade do português falada em Miranda do Douro com a variedade padrão e outras já documentadas na literatura?

Em primeiro lugar, e relativamente ao domínio asturo-leonês, desde as primeiras classificações (Arias de Miranda, 1858) até às mais recentes (González i Planas, 2004), há um consenso sobre o facto de o asturo-leonês se subdividir em três grandes áreas: ocidental (onde se inclui o mirandês), central e oriental. Porém, André Díaz-Madariaga (2024) alerta para o facto de não haver consenso nas zonas mais castelhanizadas do flanco oriental do asturo-leonês sobre se deve ou não ser considerado do domínio linguístico asturo-leonês ou castelhano, assim como o extremo oriente das Astúrias, a Cantábria, grandes áreas do centro e leste de León e Zamora e Salamanca. A par, a comparação entre o mirandês e a variedade central do asturo-leonês deve-se ao facto de que apenas a variedade central do asturo-leonês apresenta uma análise de diversos tipos frásicos: declarativas e interrogativas SVO neutras, enumerações, enunciados com marcadores de foco/ênfase, ordens, pedidos e chamamentos (Muñiz Cachón & Roseano, 2022), uma vez que Muñiz Cachón (2013, 2020), Roseano (2020), Elvira-García (2020), Fernandez-Planas, Dorta, Muñiz Cachón, Roseano, Elvira-García & Cerdà-Massó (2020) e Bargiela (2022) apenas apresentam resultados para declarativas e interrogativas. Ainda assim, incluímos os resultados dos estudos mencionados.

Em segundo lugar, a variedade do português falada em Miranda do Douro é classificada como um *subdialeto transmontano* do grupo setentrional. A divisão dialetal estabelecida para o PE tem como base aspetos da fonética segmental, lexical e sintática (Lindley Cintra, 1971; Álvarez e Saramago, 2012; Carrilho & Pereira, 2011, 2012). Segura & Saramago (2001) representam os limites entre dialetos com base nas seguintes isófonas (Figura 111): (i) o limite ocidental e sul da sibilante áptico-alveolar [ʃ], (ii) a área com o antigo sistema de quatro sibilantes e (iii) o limite sul da manutenção do ditongo [ej].



## 6.2.1 Acentos pré-nucleares e densidade tonal

### 6.2.1.1 Declarativas

Os resultados da análise entoacional permitiu-nos estabelecer o acento L\*+H como o acento pré-nuclear subjacente em ambas as línguas. O acento H\* encontrado nas declarativas na variedade do português falada em Miranda do Douro foi analisado como uma variante de superfície de um acento L\*+H subjacente (subsecções §5.1.1.1 e §5.1.1.2). Tal como verificámos nas estruturas subordinadas, H\* associado à fronteira esquerda do segundo IP é condicionado pelo movimento alto da fronteira do IP imediatamente anterior.

Pouco se sabe sobre que tipo de acento pré-nuclear está subjacente nas variedades do asturo-leonês. Apesar disso, foram notadas algumas considerações de  $f_0$  sobre os acentos pré-nucleares das declarativas: Muñiz Cachón (2013: 17) nota que “[l]es curves melódiques carauterístiques del asturianu en modalidá enunciativa neutra con una cadarma SVO parten d’**un tonu baxu dende’l que xuben hasta la postónica del primer acentu**, vanceyada col picu cimeru del enunciáu” (negrito nosso). A par, e se observarmos os resultados reportados por Muñiz Cachón & Roseano (2022), é possível observar que o esse movimento ascendente está presente nas declarativas (veja-se a figura 1 em Muñiz Cachón & Roseano, 2022).

Para a variedade padrão do PE, Frota (2014) descreve um contorno entoacional que se inicia com um pico associado à primeira PW e numa queda final realizada na última PW dentro de IP. Considerando a análise de Frota (2002, 2014), três realizações são possíveis: um acento tonal H\* ou L\*+H, um tom de fronteira inicial %H ou um tom H com associação secundária na primeira PW. A par, Armstrong & Cruz (2014) apontam, ainda, para o facto de o acento L\*+H estar mais associado à posição nuclear que à posição pré-nuclear. Importa aqui também notar os dados que Vigário & Frota (2003: 129) reportam para a variedade falada em Braga: “[t]hese tonal events are usually rises realised either  $\omega$ -initially [...]”.

Se considerarmos os resultados da densidade tonal, os resultados mostram-nos que no mirandês 90% das PW dentro de IP em declarativas SVO são marcadas tonalmente e 70% na variedade do português falada em Miranda do Douro.

Considerando os resultados que vimos de descrever, podemos concluir que (i) em primeiro lugar, tanto o mirandês, como a variedade do português falada em Miranda do Douro seguem o padrão ascendente (com diferentes alinhamentos) encontrado no asturo-leonês, no português falado a norte de Portugal (Braga) e no castelhano (Muñiz Cachón & Roseano, 2022; Vigário & Frota, 2003; Hualde & Prieto, 2015); (ii) em segundo lugar,

a variedade do português falada em Miranda do Douro usa uma forma predominante de L\*+H (embora H\* possa ocorrer); (iii) em terceiro lugar, o mirandês está em linha com a descrições das línguas românicas no que diz respeito à densidade tonal: “[m]ost Romance languages show a dense pitch accent distribution in non-question intonation, where essentially every prosodic word, with a few exceptions, receives a pitch accent” (Frota & Prieto, 2015b: 397). Contrariamente ao que tem sido evocado, a grande maioria das variedades do português europeu apresenta uma grande densidade tonal: 74 % em Braga, 70% em Miranda do Douro, 50% no Porto, 56% no Alentejo e 46% no Algarve (Cruz, 2013; Frota, Cruz *et al.* 2015). Desta forma, parece-nos que a análise dos resultados para a variedade *padrão* do português europeu constitui a exceção e não a regra, logo, parece-nos evidente que o português europeu é uma língua com uma elevada densidade tonal.

Os resultados permitem-nos supor que numa primeira fase, ou seja, antes do intenso contacto linguístico com a variedade padrão do português europeu, L\*+H fosse o acento nuclear subjacente na área geográfica de *Tierra de Miranda* (assim como nos subdialetos transmontanos-alto-minhotos; vejam-se os dados de Vigário & Frota, 2003; Moutinho & Fernández Rei, 2009) semelhante aos acentos pré-nucleares encontrados no mirandês. Devido à forte pressão da variedade dominante, a variedade padrão de Lisboa, pode sugerir-se que o acento pré-nuclear H\* foi integrado no sistema do português aí falado por convergência com a variedade padrão, surgindo como acento tonal de superfície do acento tonal subjacente L\*+H. Assim, a emergência de dois acentos pré-nucleares na variedade do português falada hoje em Miranda do Douro deve-se ao forte contacto com a variedade padrão. No entanto, e considerando que L\*+H é o acento pré-nuclear subjacente na variedade do português falada hoje em Miranda do Douro, pode supor-se que L\*+H sobreviveu como acento tonal subjacente.

Em mirandês, parece-nos que H\* emerge como acento tonal de superfície de L\*+H devido à forte pressão da língua maioritária, neste caso, o português, uma vez que os habitantes de Trás-os-Montes têm consciência de que o que falam é diferente do resto do país (“linguagem vulgar” nas palavras de Vasconcellos, 1982: 98) acentuando essa diferença apelidando-a de “*fala charra* e *fala chacota*”<sup>65</sup>, por oposição a *falla grave* (português)” (Vasconcellos, 1982: 98).

#### 6.2.1.2 Interrogativas

Também nas interrogativas, o acento L\*+H emergiu como o acento pré-nuclear subjacente em ambas as línguas: interrogativas sim-não neutras, interrogativas parciais e

<sup>65</sup> Lembramos que, segundo o Dicionário Priberam, o termo *chacota* designa, de forma pejorativa, mofa, troça, zombaria, gracejo. Vasconcellos (1892: 98) acrescenta que o termo *chacota* passou a designar a *linguagem popular*.

interrogativas eco. O acento H\* apenas emergiu nas interrogativas parciais e nas eco (subsecções §5.1.5 e §5.1.6). Se observarmos os resultados do asturo-leonês (reportados por Muñiz Cachón & Roseano, 2022), é possível observar que o movimento ascendente (L\*+H) está presente tanto nas interrogativas sim-não neutras (veja-se a figura 4 em Muñiz Cachón & Roseano, 2022), apesar de os autores não terem determinado o tipo de alinhamento e qual o movimento subjacente.

Relativamente à variedade do português falada em Miranda do Douro, o acento L\*+H foi aquele que nos pareceu ser o acento pré-nuclear subjacente. Retomando as descrições feitas para o português europeu, Frota (2014) e Frota & Moraes (2016) reportam que o pico inicial das interrogativas parciais é o mesmo das declarativas, ou seja, H\*.

Assim, através da comparação dos resultados do mirandês, do asturo-leonês, da variedade do português falada em Miranda do Douro e da variedade padrão do português europeu, concluímos que (i) em primeiro lugar, os acentos tonais H\* e L\*+H são realizações de superfície de acento tonal L\*+H subjacente nas interrogativas; (ii) em segundo lugar, o acento ascendente em mirandês para marcar a sílaba nuclear da primeira PW dentro de IP é L\*+H, tal como encontrado para a variedade central do asturo-leonês; (iii) em terceiro lugar, a realização ascendente do acento pré-nuclear na variedade do português falada em Miranda do Douro difere daquele encontrado na variedade padrão do português europeu, aproximando-se do mirandês e, por consequência, mais próxima das variedades faladas a noroeste da Península Ibérica no que diz respeito às interrogativas.

O uso do mesmo acento tonal pré-nuclear em diferentes tipos frásicos nas línguas em análise, ou seja, H\* e L\*+H como realizações de superfície do movimento L\*+H subjacente, pode ser interpretado como uma consequência do contacto do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro com a variedade padrão do português europeu: H\* português europeu > português Miranda do Douro > mirandês. Como foi possível observar na subsecção anterior (§6.2.1.1) e nesta subsecção, o mesmo acento tonal pré-nuclear H\* pode ser encontrado em declarativas SVO neutras e interrogativas sim-não SVO neutras, interrogativas parciais e interrogativas eco na variedade padrão do português europeu, o que nos leva a considerar que a variedade do português falada em Miranda do Douro incorporou esta característica da variedade padrão do português europeu. Se assim for, podemos, ainda, sugerir que o mirandês também incorporou esta característica da variedade padrão do português europeu por transferência da variedade do português falada em Miranda do Douro.

## 6.2.2 Acentos nucleares

### 6.2.1.1 Declarativas

As configurações nucleares subjacentes no nível do IP propostas para as declarativas neutras SVO foram: H+L\* L% para o mirandês e L\* L% para a variedade do português falada em Miranda do Douro. Enquanto os dados da variedade raiana mostraram uma preferência por H+L\* L%, os dados da variedade central oscilaram entre L\* L% e H+L\* L%, este último com maior frequência. Os dados do mirandês parecem-nos mais sólidos e, por isso mesmo, propomos que H+L\* L% seja o acento nuclear subjacente em mirandês. Os dados reportados por Muñiz Cachón (2013) e Muñiz Cachón & Roseano (2022) para o asturo-leonês corroboram o que vimos de descrever.

Na variedade do português falada em Miranda do Douro, os dados mostram dois cenários: a primeira faixa etária (20-50) evidencia uma preferência pelo acento nuclear H+L\* L%, ao passo que a segunda faixa etária (60+) evidenciou uma preferência pelo acento nuclear L\* L%. Perante este cenário, consideramos que o acento nuclear subjacente é L\* L%, evidenciado pela segunda faixa etária. A par, L\* L% é o acento nuclear também encontrado nos dialetos transmontanos-alto-minhotos por Vigário & Frota (2003). Assim, parece-nos que, por influência do mirandês, neste momento o acento nuclear subjacente L\* L% na variedade do português falada em Miranda do Douro oscile entre as realizações de superfície L\* L% e H+L\* L%. Assim, a análise que vimos de descrever permite-nos considerar que (i) em primeiro lugar, ambas as variedades do mirandês partilham o mesmo acento nuclear subjacente H+L\* L%; (ii) a variedade central, por motivos geográficos, está mais exposta ao contacto com a variedade do português falada em Miranda do Douro, logo, tende a incorporar padrões entoacionais desta última; (iii) o acento nuclear subjacente na variedade do português falada em Miranda do Douro encontra-se em variação entre a forma subjacente L\* L% e a realização de superfície H+L\* L%.

A análise acima permite-nos considerar que o mirandês apresenta uma configuração H+L\* L% tal como encontrado nas variedades do asturo-leonês. A variedade raiana resiste à pressão da língua dominante, a variedade do português falada em Miranda do Douro, mantendo no nível lexical o acento nuclear H+L\* L%. Como a variedade central está mais exposta à influência do português falado em Miranda do Douro, os dados evidenciam uma oscilação entre H+L\* L% e L\* L%. Uma vez consolidado o acento nuclear H+L\* L% na variedade do português falada em Miranda do Douro por influência do mirandês, numa fase posterior, o acento H+L\* L% poderá vir a ser o acento nuclear subjacente em toda a região de *Tierra de Miranda*. Assim, podemos considerar que na gramática entoacional dos falantes de mirandês, H+L\* L% é a configuração nuclear

subjacente nas declarativas neutras SVO e L\* L% uma realização de superfície, enquanto na gramática entoacional da variedade do português falada em Miranda do Douro L\* L% é a configuração nuclear subjacente das declarativas SVO neutras e H+L\* L% é uma representação de superfície.

Com base nos pressupostos que expusemos acima, é proposta uma configuração nuclear subjacente para cada língua falada no espaço geográfico de *Tierra de Miranda* para as declarativas neutras SVO. Ainda assim, os dados da variedade central do mirandês e da variedade falada em Miranda do Douro parecem estar numa fase intermédia: a consolidação de H+L\* L% na variedade central do mirandês e a mudança para H+L\* L% na variedade do português falada em Miranda do Douro. Parece-nos que a consolidação do acento nuclear H+L\* L% na variedade central do mirandês se dê numa fase posterior à mudança de L\* L% para H+L\* L% na variedade do português falada em Miranda do Douro. Parece-nos importante, ainda, colocar em hipótese que a variação encontrada na variedade do português falada em Miranda do Douro se deva pela influência da variedade padrão do português europeu, que é a variedade utilizada nos meios de comunicação social (Yule, 2010: 257-258).

Relativamente às declarativas não-neutras, que pragmaticamente envolvem foco ou ênfase, ambas as línguas evidenciam um movimento alto H\* (cf. focalização contrastiva, exclamativas, categóricas e óbvias). Todos os dados de ambas as línguas usam o tom alto como marcador subjacente deste tipo frásico: L+H\*, H\* e H\*+L para a focalização contrastiva, L+H\* e H\* para as exclamativas, H\* para as categóricas (embora só tenhamos dados para a variedade do português falada em Miranda do Douro) e L+H\* e H\* para as óbvias. Os dados que vimos de descrever podem ser agrupados em duas categorias: uma ascendente-descendente, sendo que a sílaba tónica está associada ao tom alto, e uma descendente, realizada ou não com o tom baixo: (L)H\*(L). Ambas as variedades do mirandês fazem uso da primeira categoria e a variedade do português da segunda. As configurações nucleares subjacentes dos IPs propostas com base na análise dos enunciados de foco contrastivo, exclamativo, categórico e óbvio foram L+H\* L% para o mirandês e H\* L% para a variedade do português falada em Miranda do Douro. Por isso mesmo, propomos que a representação subjacente de foco/ênfase em ambas as línguas seja H\*.

O asturo-leonês e o português diferem na seleção do acento tonal nuclear para marcação de foco/ênfase. Os dados de Muñiz Cachón & Roseano (2022) evidenciam uma preferência por L\* HL%, ao passo que o português europeu padrão evidencia uma preferência pelo movimento H\*+L L% (Frota, 2014). Como é possível verificar nas

Tabelas 43 e 44, o foco contrastivo e exclamativo é marcado de forma diferente nas duas línguas: (i) através do acento tonal  $L+H^* L\%$  (apesar de o acento  $H^*+L L\%$  e a fronteira  $!H\%$  emergirem) em mirandês e (ii)  $H^* L\%$  na variedade do português falada em Miranda do Douro. Comparando os nossos dados com os do asturo-leonês e os do português europeu padrão, podemos observar que o mirandês se aproxima do asturo-leonês na seleção do movimento ascendente, apesar de o alinhamento ser diferente, aproximando-se daquele encontrado no castelhano, ou seja,  $L+H^* L\%$  (Estebas-Vilaplana & Prieto 2010). Por sua vez, a variedade do português falada em Miranda do Douro aproxima-se da variedade padrão do português europeu, selecionando o movimento descendente (Frota, 2014).

Considerando os dados que vimos de descrever, a representação subjacente para marcação de foco ou ênfase em mirandês é  $L+H^* L\%$ , apesar de  $H^*+L L\%$  poder ocorrer. Na variedade central,  $H^*+L L\%$  foi analisado como uma representação de superfície de  $L+H^* L\%$  por influência da variedade do português falada em Miranda do Douro, que faz uso do mesmo movimento descendente, próximo daquele descrito na literatura por Frota (2014). O mirandês aproxima-se, assim, mais do asturo-leonês e das variedades do castelhano peninsular faladas do outro lado da raia (Estebas-Vilaplana & Prieto, 2010; Muñiz Cachón & Roseano, 2022).

Resumindo, o mirandês apresenta configurações mais próximas daquelas encontradas no asturo-leonês e no castelhano peninsular falado na região a noroeste da Península Ibérica ( $L^* HL\%$  para o asturo-leonês e  $L+H^* L\%$  e  $L^* HL\%$  para o castelhano peninsular). Os dados mostram-nos que a configuração ascendente-descendente em mirandês resistiu à influência da variedade do português falada em Miranda do Douro, assim como da variedade padrão. Ainda assim, o mirandês enquadra-se nas descrições feitas para as línguas românicas, onde  $H^*$  é o acento alinhado com a sílaba tónica, apresentado duas representações fonológicas: ascendente-descendente ou descendente (Frota & Prieto, 2015b).

#### 6.2.1.2 Interrogativas

As configurações nucleares subjacentes no nível do IP propostas para as interrogativas neutras SVO foram:  $L^* HL\%$  e  $H+L^* L\%$  para o mirandês e para a variedade do português falada em Miranda do Douro. Observando os dados do mirandês, enquanto os dados da variedade central mostram uma preferência por configurações subjacentes descendentes ( $H+L^* L\%$ ), a variedade raiana do mirandês evidencia preferência por configurações subjacentes ascendentes-descendentes ( $L^* HL\%$ ). Por outro lado, a variedade central evidenciou maior variação: emergiram, também, os acentos nucleares

H\* L% e L\*+H L%, configurações de superfície de H+L\* L%. Os dados da segunda faixa etária (60+) da variedade do português falada em Miranda do Douro mostram uma preferência pelo movimento subjacente H+L\* L%. Já os dados da primeira faixa etária (20-50) mostram uma maior variação: H+L\* L% (acento nuclear proposto para a variedade do português falada em Miranda do Douro), L\*+H L% (tal como aquele encontrado na variedade central do mirandês) e L\* HL% (tal como aquele encontrado na variedade raiana do mirandês). Esta variação nos padrões entoacionais das interrogativas não ocorre apenas em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro, mas em diversas línguas românicas (Frota & Prieto, 2015b). Propomos, neste trabalho, que H\* L% e L\*+H L% sejam representações de superfície na variedade central do mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro do acento subjacente H+L\* L%. O movimento H\* L% merece uma observação mais detalhada, uma vez que este acento nuclear também foi encontrado na variedade do asturo-leonês falada em León (Fernández Planas *et al.* 2020). Este movimento descendente assemelha-se àquele que encontramos em mirandês (apesar do alinhamento ser diferente), o que nos permite propor o movimento descendente subjacente na variedade central do mirandês. Por outro lado, ainda na variedade central, o movimento ascendente-descendente vai ao encontro daquele encontrado na variedade raiana, na variedade asturo-leonesa centro-sureño, mas também daquele encontrado em Zamora (Alvarellos *et al.*, 2011; Bargiela, 2022), município espanhol vizinho do município de Miranda do Douro. Estes resultados permitem-nos concluir que (i) em primeiro lugar, o movimento descendente é o movimento preferencial nas variedades do asturo-leonês: gallego-asturo-leonês, asturo-leonês ocidental, asturo-leonês centro-norteño e mirandês (Muñiz Cachón, 2013; Alvarellos *et al.*, 2011; Muñiz Cachón & Roseano, 2022); (ii) em algumas variedades do asturo-leonês é encontrado o movimento ascendente-descendente: asturo-leonês centro-sureño e em Zamora (Alvarellos *et al.*, 2011; Bargiela, 2022); (iii) a variedade do asturo-leonês falada em território português partilha os mesmos traços que as variedades anteriormente descritas, ou seja, parece-nos que o mirandês apresenta uma variação intralinguística devido à consequência do contacto desta língua com as línguas maioritárias, neste caso, o português e o castelhano: veja-se, por exemplo, os dados que Bargiela & Roseano (2024) reportam para as variedades urbanas do asturo-leonês que também apresentam padrões L\* H% tal como aquele reportado por Estebas-Vilaplana & Prieto (2010) para o castelhano peninsular. Os dados evidenciam, assim, que o substrato do asturo-leonês resistiu ao “aportuguesamento” da língua mirandesa e transmitiu para a variedade do português falada em Miranda do Douro as suas características entoacionais.

Os dados da variedade do português falada em Miranda do Douro evidenciam uma mudança em curso. Os dados da segunda faixa (60+) etária parecem-nos claros, uma

preferência pelo movimento subjacente  $H+L^* L\%$ , ao passo que os dados da primeira faixa etária evidenciam maior variação:  $H+L^* L\%$ ,  $L^*+H L\%$  e  $L^* HL\%$ . A nossa interpretação é a de que  $H+L^* L\%$  é o acento nuclear subjacente, apesar de emergir a configuração ascendente-descendente com dois tipos de alinhamento diferentes ( $L^*+H L\%$  e  $L^* HL\%$ ). Esta configuração ascendente-descendente é própria, como já vimos, do asturo-leonês centro-sureño, da variedade asturo-leonesa de Zamora, assim como do castelhano falado no norte de Espanha (Alvarellos *et al.*, 2011; Hualde & Prieto, 2015; Bargiela, 2022). Se observarmos os dados das variedades do português descritas na literatura, a variedade do português falada em Miranda do Douro afasta-se daquelas já descritas:  $H+L^* LH\%$  e  $L^*+H H\%$  (Cruz, 2013; Frota, 2014; Frota, Cruz, *et al.* 2015). Os dados da primeira faixa etária (20-50) mostram-nos que as variedades do asturo-leonês têm uma forte influência na variedade do português falada hoje em Miranda do Douro. Esta proposta prende-se com o facto de que, em todos os dados, a fronteira baixa ( $L\%$ ) emerge em todos os casos, ao passo que nas restantes variedades do português europeu é o tom alto ( $H\%$ ) que marca fronteira direita de IP. A exceção é aquela encontrada por Cruz *et al.* (2017) para a variedade do português falada em Castelo Branco, onde  $L+H^* L\%$  é o movimento preferencial. Os mesmos autores reportam, ainda, que no Porto, em Évora e no Algarve, a fronteira baixa ( $L\%$ ) pode ser encontrada na fronteira direita de IP, mas com uma menor frequência. Finalmente, os dados do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro vão ao encontro daquilo que Fernández Rei (2019c) reporta sobre a configuração nuclear das línguas faladas a noroeste da Península Ibérica: (i) as variedades das línguas aqui estudadas alinham-se com as descrições já feitas para o galego, ou seja, padrões descendentes; (ii) o movimento circunflexo que encontramos na variedade raiana enquadra-se no padrão encontrado para as áreas ocidentais da Península Ibérica.

Todos estes dados mostram-nos que as interrogativas sim-não neutras SVO apresentam uma forte variação interna nas línguas românicas, à exceção do Friuliano e do Sardo (Roseano, Vanrell & Prieto, 2015; Vanrell, Ballone, Schirru & Prieto, 2015). Como já reportado por Frota & Prieto (2015b), a variação encontrada nas línguas românicas nas interrogativas sim-não tem impacto na forma em que outro tipo de interrogativas como as confirmatórias, as imperativas e eco são expressas. Na variedade central do mirandês, a marcação de interrogativas sim-não neutras e confirmatórias faz-se através do uso do mesmo acento nuclear  $H+L^* L\%$  encontrado nas interrogativas sim-não neutras. A par, na variedade raiana do mirandês, o movimento ascendente-descendente é usado para marcar tonalmente as interrogativas sim-não neutras, confirmatórias e eco ( $L^* HL\%$ ,  $L^*+H L\%$  e  $L^*+H L\%$ , respetivamente). Finalmente, a variedade do português falada em Miranda do Douro faz, também, uso do mesmo contorno nas interrogativas sim-não

neutras e confirmatórias. Se observarmos os dados das interrogativas imperativas, na variedade central do mirandês e na segunda faixa etária do português falado em Miranda do Douro, o movimento descendente marca também as interrogativas sim-não neutras e as imperativas.

Uma vez que não possuímos, até onde sabemos, dados do asturo-leonês relativamente às interrogativas confirmatórias, imperativas e eco, não podemos fazer qualquer comparação com o asturo-leonês. Já nas variedades do português europeu, as interrogativas confirmatórias são tonalmente marcadas com o acento  $L^*+H H\%$  (o mesmo reportado para as interrogativas sim-não neutras no Porto, no Alentejo e no Algarve) e as interrogativas eco são marcadas tonalmente com um acento específico  $L^* LH\%$  (Cruz, 2013; Frota, Cruz, *et al.* 2015). Como evidenciado anteriormente, a variedade padrão do português parece não ter impacto na entoação das interrogativas no mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro: (i) as interrogativas confirmatórias, imperativas e eco são marcadas com uma fronteira baixa ( $L\%$ ) no nível de IP em mirandês e na variedade do português aqui analisada; (ii) as interrogativas confirmatórias e eco são marcadas com uma fronteira alta ( $H\%$ ) em português europeu padrão (Tabela 44).

Para as interrogativas parciais foi proposta a configuração  $H+L^* L\%$  para marcação subjacente dos IPs. Frota (2014) propõe o acento nuclear  $H+L^* L\%$  para a variedade padrão do português europeu. Os dados permitem-nos concluir que o mirandês, a variedade do português falada em Miranda do Douro e a variedade padrão do português europeu partilham a mesma configuração subjacente:  $H+L^* L\%$ . Como tipicamente as interrogativas parciais se caracterizam por conterem uma partícula interrogativa à esquerda, a interrogatividade está associada, a nosso ver, à estrutura sintática, uma vez que não há necessidade de uma marcação entoacional específica. O mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro vão ao encontro do que Frota & Prieto (2015b: 405) atestam para as várias línguas europeias: “[t]he most common pattern observed is thus statement-like intonation, which is found in Portuguese, Spanish, Italian, Sardinian (in long wh-questions), French, and Occitan”.

### 6.2.1.3 Imperativas

A configuração nuclear subjacente no nível do IP proposta para as ordens é  $H^*+L L\%$  tanto nas variedades do mirandês, como na variedade do português falada em Miranda do Douro. O contorno nuclear subjacente proposto para o asturo-leonês e para o português europeu padrão é, também, descendente, apesar de apresentarem alinhamentos diferentes:  $H+L^* L\%$  e  $H^*+L L\%$ , respetivamente (Muñiz Cachón & Roseano, 2022; Frota, Cruz, *et al.* 2015).

Considerando os dados reportados acima para as ordens, podemos concluir que as variedades das línguas aqui analisadas apresentam semelhanças e diferenças em relação ao asturo-leonês e à variedade padrão do português europeu: por um lado, o movimento descendente é partilhado pelas variedades do asturo-leonês, assim como pelas variedades do português europeu; por outro lado, a variedade do asturo-leonês falada em território português aproxima-se, em termos de alinhamento tonal, às variedades do português europeu. Assim, propomos que a marcação tonal das ordens em mirandês seja interpretada como o resultado de um processo de transferência e convergência com as variedades do português europeu, seja a variedade padrão ou a variedade do português falada em Miranda do Douro. Podemos assumir que os falantes de mirandês tenham mantido o movimento do asturo-leonês, mas que tenham incorporado o alinhamento subjacente da língua maioritária, o português europeu.

Relativamente aos pedidos, a configuração nuclear subjacente no nível do IP proposta é  $L^* L\%$  tanto nas variedades do mirandês, como na variedade do português falada em Miranda do Douro. O acento nuclear subjacente proposto para o asturo-leonês é  $L+H^* L\%$  e o acento nuclear subjacente para o português europeu padrão é  $L^* L\%$  (Muñiz Cachón & Roseano, 2022; Frota, Cruz, *et al.* 2015). Podemos observar que o movimento ascendente-descendente reportado por Muñiz Cachón & Roseano (2022) é idêntico àquele encontrado para o castelhano peninsular (Estebas-Vilaplana & Prieto, 2010). Segundo os nossos dados, o acento nuclear do mirandês é  $L^* L\%$ , o mesmo encontrado na variedade do português falada em Miranda do Douro e na variedade padrão do português europeu. Estes dados mostram-nos que (i) o acento nuclear subjacente em mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro estão em sintonia com aquele reportado para a variedade padrão do português europeu; (ii) o acento nuclear subjacente reportado por Muñiz Cachón & Roseano (2022) está em sintonia com aquele reportado para o castelhano peninsular; (iii) a comparação das variedades do asturo-leonês (centro-sureño e mirandês) permitem-nos supor que a variedade centro-sureña adotou integralmente as características do castelhano e o mirandês as características do português.

#### 6.2.1.4 Chamamentos

As configurações nucleares subjacentes encontradas nos chamamentos com base na análise dos dados do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro são: para o primeiro chamamento, as configurações  $H+L^* L\%$  e  $L+H^* !H\%$  em mirandês e  $L+H^* L\%$  e  $H+L^* L\%$  na variedade do português falada em Miranda do Douro; para o segundo chamamento (ou chamamento insistente), as configuração  $L+H^* L\%$  e  $L+H^*$

HL% para o mirandês e L+H\* L% e H\* L% para a variedade do português falada em Miranda do Douro.

Os resultados da análise entoacional do asturo-leonês, reportados por Muñiz Cachón & Roseano (2022), mostram que a variedade centro-sureña faz uso do mesmo padrão entoacional para marcação do primeiro chamamento e do chamamento insistente. Os autores reportam H+L\* L% para marcação dos chamamentos, embora assinalem um tom fronteira esquerda no nível de IP ([LH%]), a par do alongamento final ou da inserção de uma partícula discursiva. Para as variedades do português, Frota, Cruz *et al.* (2015) reportam que L+H\* !H% é o acento nuclear subjacente para o primeiro chamamento e L+H\* L% o segundo chamamento. Chama-se a atenção para o facto de Frota, Cruz *et al.* (2015) reportarem que na variedade do Alentejo o acento nuclear L+H\* !H% veicula, também, o segundo chamamento.

Os nossos resultados mostram que o tom alto H\* está presente em mirandês e na variedade do português europeu padrão no primeiro chamamento. Estes resultados têm um impacto na configuração nuclear subjacente em mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro: (i) apesar de a variedade central do mirandês ainda mostrar o mesmo padrão encontrado por Muñiz Cachón & Roseano (2022) para a variedade centro-sureña do asturo-leonês, ou seja, H+L\* L%, a variedade raiana apresenta um movimento L+H\* !H%, que é próprio das variedades do português e do castelhano (Frota, Cruz *et al.* 2015; Hualde & Prieto, 2015); (ii) os resultados da variedade do português europeu padrão mostram-nos que, por um lado, a segunda faixa etária (60+) se aproxima do padrão do mirandês, e, por outro, a primeira faixa etária (20-50) evidencia um padrão próximo daquele descrito para as variedades do português europeu.

Se observarmos os dados do segundo chamamento, a variedade central faz uso de um movimento nuclear distinto para marcar a diferença entre os dois chamamentos: H+L\* para o primeiro chamamento e L+H\* para o segundo chamamento. A variedade raiana, por outro lado, faz essa distinção através da fronteira direita de IP para marcar a diferença entre os dois chamamentos: !H% (para o primeiro chamamento) e HL% (para o segundo chamamento). A fronteira HL% é também reportada por Prieto (2014) no castelhano para veicular mais insistência. Os dados da variedade do português falada em Miranda do Douro mostram que a primeira faixa etária (20-50) faz uso do mesmo acento nuclear para veicular diferentes significados pragmáticos, ao passo que a segunda faixa etária (60+) faz uso do mesmo movimento encontrado no mirandês.

Posto isto, os resultados permitem-nos supor que a variedade central do mirandês mantém o acento nuclear subjacente do asturo-leonês (como aquele reportado na variedade centro-sureña) H+L\* L% e o português falado em Miranda do Douro incorporou o acento nuclear do mirandês num dado momento da história, mas, neste momento, está em curso uma

mudança em direção aos acentos nucleares encontrados tanto no português europeu padrão, como no castelhano. Por outro lado, a variedade raiana do mirandês parece já ter incorporado no seu sistema os padrões próprios do castelhano, devido à sua proximidade com esta língua: o uso das fronteiras !H% e HL%, que nos leva a supor que a convergência da variedade raiana do mirandês com o castelhano seja bastante antiga.

### **6.2.2 Sumário: os sistemas prosódicos do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro**

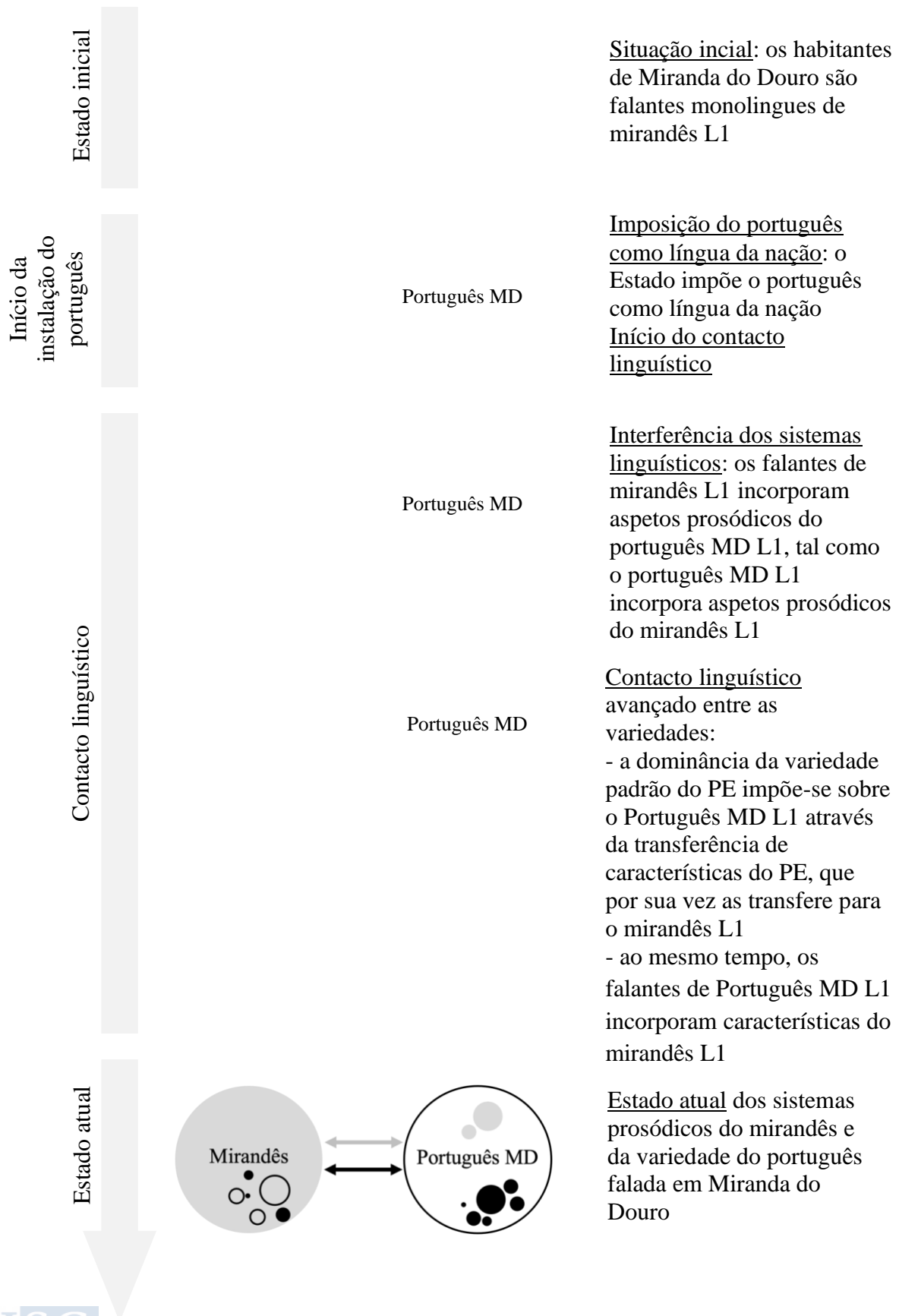
Os resultados da análise entoacional no capítulo 5, e que expusemos em 6.2.1, levam-nos a considerar que, apesar de o sistema prosódico atual do mirandês partilhar aspetos do substrato asturo-leonês, pode, também, ser interpretado como o resultado de uma transferência de substrato do sistema do português, que ocorreu quando os grandes movimentos culturais dos séculos XV-XVI fortaleceram as línguas ditas nacionais, de poder, e menorizaram a língua asturo-leonesa. Também o Estado Novo, a ditadura que vingou em Portugal de 1933 a 1974, através dos mecanismos de propaganda nacionalista, abalou a língua mirandesa, uma vez que era notória a generalização do ensino em português e de nenhuma outra língua que não a da Nação.

Por sua vez, o sistema prosódico da variedade do português falada em Miranda do Douro pode ser interpretado através do processo de transferência de substrato da variedade padrão do português europeu, uma vez que, como pudemos verificar, alguns traços prosódicos foram substituídos em proveito daqueles encontrados na variedade padrão do português europeu, mas também de variedades setentrionais. A par, inúmeros aspetos do sistema prosódico asturo-leonês foram encontrados na variedade do português falada em Miranda do Douro como um processo de convergência entre os sistemas prosódicos em contacto.

Relativamente às duas variedades em contacto, a variedade do português falada em Miranda do Douro pode ser interpretada como uma convergência ou, pelo menos, com fortes tendências convergentes com o mirandês. A par, os sistemas prosódicos do mirandês como da variedade do português falada em Miranda do Douro são o resultado da propaganda da variedade dita padrão do português europeu nos meios de comunicação e pela imposição do português como a única língua da Nação, deste a ditadura do Estado Novo, culminando na inclusão do ponto 3, Artigo 11º da última revisão Constitucional. A incorporação de certas características da variedade padrão do português europeu no mirandês e na variedade do português falada em Miranda do Douro podem ser atribuídos à acomodação do sistema prosódico da língua dominante. Como resultado, numerosos traços do português foram encontrados em mirandês, levando a um “aportuguesamento”

do estado atual do mirandês (a título de exemplo, vejam-se os exemplos de processos fonético/fonológicos na integração de estrangeirismos no PE em Freiras, Ramilo & Soalheiro, 2003). Ainda assim, o mirandês é língua de comunicação entre os falantes, apesar da forte pressão da língua dominante no espaço em *Tierra de Miranda*.

A Figura 112 ilustra o que vimos de descrever. Num estado inicial, os habitantes da atual região de Miranda do Douro adquirem o mirandês como L1. Após a imposição do português (PE) como língua da Nação, o mirandês começa a entrar em contacto linguístico com o português por volta dos séculos XV e XVI e, a partir do século XX, o português torna-se a única língua oficial do Estado e do ensino, sendo a única língua autorizada em público, levando os falantes mirandófonos apenas a expressar-se em mirandês no seio familiar. No estado atual, devido à imposição do português e ao forte contacto linguístico, os falantes de mirandês começam a incorporar características prosódicas da variedade padrão do PE, através da variedade do português falada em Miranda do Douro (MD). Por sua vez, esta última incorpora, também, características do mirandês e, por consequência, do substrato asturo-leonês.



Assim, a Figura 112, acima, mostra-nos que existe uma forte convergência entre os sistemas prosódicos em *Tierra de Miranda*, apesar de ambos evidenciarem características próprias da área geográfica do noroeste da Península Ibérica (Fernández Rei, 2019c). Aliás, parece-nos relevante, ainda, referir que o nosso estudo revelou que a prosódia da variedade do português falada em Miranda do Douro difere consideravelmente das restantes variedades faladas nas regiões centro-meridionais do português (Figura 111). Em termos entoacionais, e no quadro teórico em que este estudo se baseia, as variedades do português faladas para além da variedade padrão foram pouco tidas em conta na literatura. Parece-nos que a variedade do português falada em Miranda do Douro pode ser considerada como uma variedade de contacto linguístico com o mirandês. Estes resultados permitem, ainda, confirmar o que o Matras (2009: 233) defende quando mostra que a prosódia pode ter um papel periférico tornando-a mais variável em situações de contacto linguístico. Como vimos, a variedade atual do português falado em Miranda do Douro evidencia uma mudança em curso, uma vez que os dados nos mostram que a consolidação do sistema prosódico desta variedade está longe de se estabilizar e que a extensão da variação é bem maior do que aquela que pensamos. Esta variação prende-se com o facto de que os falantes da primeira faixa etária (20-50) estarem em contacto com o sistema prosódico subjacente da sua própria variedade, mas também estarem expostos a outras variedades do português (tal como a variedade padrão) e a outras línguas (como o asturo-leonês e o castelhano). Parece-nos, assim, claro que estamos perante uma variedade singular, que apresenta características de um protosistema ibérico a noroeste.

### 6.3 MUDANÇA PROSÓDICA POR TRANSFERÊNCIA E/OU CONVERGÊNCIA

Como referido em §6.2, a mudança linguística por contacto deve-se, maioritariamente, a fatores extralinguísticos, como referido em 2.2.1, tais como fatores económicos, sociais e políticos, mas também o prestígio e o estatuto da língua dominante. O contacto linguístico a noroeste da Península Ibérica conduziu *de facto* a um multilinguismo neste espaço geográfico ibérico. Todas as línguas românicas atuais na Península Ibérica desenvolveram-se a partir de um *continuum linguístico* a norte da península que se vai espraiando para sul ao mesmo tempo que a Reconquista avança

“el devenir histórico influyó de forma determinante en el hablar de los habitantes de la parte occidental de la Península. La proyección lingüística del dominio lingüístico asturleonés con un foco inicial situado en la actual Asturias y una proyección lingüística hacia el sur que pasando por Extremadura llegaría hasta Andalucía occidental, primero con la Reconquista, después con la repoblación de las tierras

por los habitantes del norte, creó un cúmulo de interferencias lingüísticas que afectaron y afectan a todos los planos de la lengua, fundamentalmente al léxico, aunque también al fónico y al morfosintáctico” Congosto Martín *et al.* (2010: 53)

Ora, parece-nos que os sistemas linguísticos no noroeste da Península Ibérica partilham características comuns que convergem num protosistema ibérico a noroeste. No que diz respeito ao contacto do mirandês com o português, parece-nos que o resultado do processo de transferência tenha ocorrido da seguinte forma:

1. O mirandês e o português entram em contacto, sendo que o português possui um elevado prestígio nacional
2. O mirandês incorpora, por exemplo, no seu sistema o acento nuclear das declarativas neutras  $L^* L\%$  do português. Como consequência dessa transferência, o mirandês tem em competição dois acentos nucleares:  $L^* L\%$  (adotado do português) e  $H+L^* L\%$ , que faz parte do seu próprio sistema antes da adoção deste contorno do português, que são usados para exprimir o mesmo valor linguístico. Neste momento, supomos que o acento nuclear  $L^* L\%$  seja uma realização de superfície de  $H+L^* L\%$ , subjacente no mirandês. O pressuposto de que o acento nuclear  $L^* L\%$  se vai instalar definitivamente no mirandês vai depender, por exemplo, da frequência que essa característica terá no meio linguístico em contacto<sup>66</sup>. Numa primeira instância, se o acento nuclear  $L^* L\%$  for reconhecido pela comunidade de falantes de mirandês,  $L^* L\%$  passa a ser uma realização de superfície de  $H+L^* L\%$ . Numa fase posterior,  $L^* L\%$  adquire a forma da característica  $H+L^* L\%$ .
3. Se  $L^* L\%$  não for reconhecido pela comunidade de falantes de mirandês, dois cenários são possíveis: (i)  $L^* L\%$  integra o sistema prosódico do mirandês, mas sempre como realização de superfície de  $H+L^* L\%$  e os dois acentos nucleares coocorrem com maior ou menor grau de frequência; (ii) a comunidade de falantes de português, exposta, também, ao acento nuclear  $H+L^* L\%$ , pela frequência com que ela ocorre em mirandês, vai incorporar  $H+L^* L\%$  como representação de superfície de  $L^* L\%$
4. Se os falantes de mirandês persistirem em manter a característica  $H+L^* L\%$  na sua gramática,  $L^* L\%$  coocorre com  $H+L^* L\%$
5. Se os falantes de português reconhecerem  $H+L^* L\%$  na sua gramática,  $H+L^* L\%$  coocorre com  $L^* L\%$

<sup>66</sup> O efeito da frequência tem um papel fundamental na mudança linguística (Bybee, 2010). Os estudos baseados no uso reconhecem que a frequência tem impacto na representação cognitiva da língua.

Por outro lado, se observarmos a variedade do português falada em Miranda do Douro, podemos presumir que os processos de transferência de substrato da variedade padrão do português europeu, seguido de um processo de convergência, podem ser explicados pelas etapas que propomos a seguir:

1. O grupo monolíngue de falantes da variedade do português de Miranda do Douro (PMD) é exposto à variedade padrão do PE (SEP) através do prestígio desta última, do ensino e dos meios de comunicação
2. Numa primeira fase, a comunidade falante do PMD vai incorporar características do SEP, através da transferência de substrato; a comunidade de falantes de PMD incorpora o acento pré-nuclear  $H^*$  que foi transferida do SEP, coocorrendo  $H^*$  (a adotada do SEP) e  $L^*+H$ , que faz parte do seu sistema linguístico
3. Numa fase intermédia, dois cenários são possíveis: (i) a comunidade de falantes do PMD integra  $H^*$  como realização de superfície de  $L^*+H$ ; (ii) a comunidade de falantes do PMD não reconhece  $H^*$  e  $H^*$  não emerge, mantendo a característica  $L^*+H$ . O pressuposto de que  $H^*$  se vai instalar definitivamente no PMD vai depender, mais uma vez, da frequência que essa característica terá no meio linguístico em contacto. Numa primeira instância, se  $H^*$  for reconhecido pela comunidade de falantes do PMD,  $H^*$  passa a ser uma realização de superfície de  $L^*+H$ . Numa fase posterior,  $H^*$  adquire a forma de  $L^*+H$ .
4. Se a comunidade de falantes do PMD não reconhecer a característica  $H^*$ , durante um período as características  $H^*$  e  $L^*+H$  podem coocorrer, mas a característica  $L^*+H$  subjacente manter-se-á
5. Se a comunidade de falantes do PMD reconhecer a característica  $H^*$  como realização da característica  $L^*+H$ , a longo prazo a característica  $L^*+H$  será totalmente substituída pela característica  $H^*$ , passando  $H^*$  a fazer parte da gramática da comunidade de falantes de PMD

Considerando a análise entoacional do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro no Capítulo 5 e os estudos sobre contacto linguístico apresentados no Capítulo 3, os dados permitem-nos propor que traços prosódicos podem resultar de processos de convergência e/ou transferência. A entoação do mirandês parece, a nosso ver, manter as características entoacionais do substrato de um sistema entoacional histórico do asturo-leonês e, também, o resultado de uma transferência de características do português para o mirandês. A entoação da variedade do português falada em Miranda do Douro parece-nos ser o resultado de (i) uma transferência de características do mirandês para o português, mas também o resultado de (ii) uma convergência com a variedade padrão do PE. As características que aqui assumimos como sendo resultados

da transferência de substrato na presente investigação são: acentos pré-nucleares (o movimento ascendente dos acentos tonais pré-nucleares do mirandês para a variedade do português falada em Miranda do Douro), configurações nucleares (p.e. declarativas SVO neutras, marcação de foco ou ênfase, imperativas) e a marcação tonal. As características que aqui assumimos como sendo resultados de convergência são os acentos nucleares, por exemplo, a configuração nuclear das ordens e pedidos.

Relativamente às configurações nucleares, podemos verificar que as declarativas neutras SVO na variedade do português falada em Miranda do Douro são o resultado da transferência do tom alto H, associado à sílaba pré-tónica, proveniente do substrato asturo-leonês implantado na área geográfica em que este estudo incide. Claro que se pode sugerir que o tom H encontrado na configuração nuclear H+L\* na variedade do português falada em Miranda do Douro possa ser uma convergência com a variedade padrão do português europeu e, portanto, uma mudança linguística em curso. Um estudo mais alargado sobre a configuração nuclear dos dialetos transmontanos pode ajudar a resolver esta questão. Por outro lado, parece-nos que o mirandês adotou a marcação de foco da variedade padrão do português europeu, através da transferência do alinhamento do tom alto H\* à sílaba tónica, uma vez que em asturo-leonês se mantém L\*. As interrogativas são um exemplo claro de que (i) por um lado, o mirandês vai manter a fronteira baixa (L%) própria do substrato asturo-leonês, que parece ser partilhado pelas variedades faladas a noroeste da península ibérica, provenientes de um *protosistema ibérico*; e (ii) por outro, vai transferir essa característica à variedade do português falada em Miranda do Douro. Parece-nos que essa característica se implantou antes da forte “colonização” do português em *Tierra de Miranda* e sobreviveu até hoje na gramática a nordeste do território português.

Os resultados da análise entoacional permitem-nos estabelecer que características prosódicas podem ser mais suscetíveis à mudança. Propomos que os acentos pré-nucleares sejam aqueles mais suscetíveis e os contornos nucleares os menos suscetíveis. Ainda dentro destes, parece-nos, ainda, existir uma hierarquia: acentos pré-nucleares >> marcação tonal >> configuração nuclear (foco ou ênfase > interrogativas não-neutras > interrogativas parciais > imperativas > chamamentos > declarativas neutras > interrogativas neutras).

A nossa proposta de um *protosistema ibérico* é baseado, por um lado, nas isoglossas propostas por Fernández Rei (2019c) para os padrões entoacionais das interrogativas e, por outro, através da clarificação que Dubert-García (2017) nos apresenta a partir de uma visão panorâmica sobre a área geográfica atual que provém da antiga *Gallaecia* (Figura

6), onde o autor discorre sobre a origem desta unidade geolinguística a noroeste da Península Ibérica:

“Galicia, o norte de Portugal e Asturias (ou, polo menos, a súa parte occidental), conforman unha especie de área xeolinguística no seo dos dialectos hispánicos” (Dubert-García (2015: 49)

Ora, se considerarmos as isoglossas L% e (H)L% propostas por Fernández Rei (2019c), podemos, então, observar que, recuperando Dubert-García (2017: 63), a origem do galego, do português e do asturo-leonês estaria circunscrito a um espaço geolinguístico partilhado. Desta forma, cremos que o nosso estudo contribui, também, para a compreensão da gramática (histórica) das línguas a noroeste da Península Ibérica.

#### 6.4 CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo a descrição e análise do sistema entoacional do mirandês, uma língua asturoleonesa falada em território português, e da variedade do português falada em Miranda do Douro. Com base numa tarefa (semi-)espontânea, construímos uma base de dados que nos forneceu informação sobre a gramática entoacional em contacto do mirandês, anteriormente não documentada, e de uma variedade do português. Esta análise abordou, pela primeira vez, a gramática entoacional, assim como o léxico tonal, do mirandês e do português numa perspetiva de contacto linguístico desde os séculos XV-XVI. O nosso trabalho é pioneiro no estudo de variedades em contacto, tendo em conta aspetos da prosódia, como a entoação, e contribui para a dialetologia e a variação linguística no campo da entoação, mas também para os estudos de contacto linguístico e o multilinguismo a noroeste da Península Ibérica. Os falantes que seleccionámos são falantes nativos do mirandês, ou seja, em que o português não é a língua de afeto, mas apenas língua de comunicação com o exterior à comunidade de falantes mirandófonos.

Os resultados da análise entoacional revelam que o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro partilham um grande número de características prosódicas semelhantes e apresentam algumas diferenças. Os resultados mostraram-nos que ambas as línguas fazem uso dos mesmos inventários tonais e dos mesmos tons de fronteira. O mirandês e o português falado em Miranda do Douro mostraram que algumas características prosódicas podem ser transferidas de uma língua para a outra, levando à convergência, como por exemplo, as declarativas neutras e não-neutras, as enumerações, as interrogativas sim-não neutras, as interrogativas sim-não confirmatórias, as imperativas, as eco, as parciais e os enunciados imperativos (ordens e pedidos). Concluímos, também, que estas duas línguas partilham uma alta densidade tonal, o que

vai ao encontro daquilo que é descrito para as línguas românicas. Apesar das semelhanças, encontramos algumas diferenças que distinguem ambas as línguas: as declarativas SVO neutras (H+L\* vs. L\*), as interrogativas sim-não neutras e os chamamentos.

No entanto, também encontramos uma grande variabilidade na determinação da configuração nuclear associada a alguns tipos frásicos: as interrogativas sim-não confirmatórias, as imperativas e os chamamentos. Esta variabilidade é, claramente, resultado do contacto linguístico.

Com base nos dados que reportamos, sugerimos que a entoação do mirandês mantém as características entoacionais do substrato de um sistema entoacional histórico do asturo-leonês, mas também é o resultado de uma transferência de características do português para o mirandês. Por seu turno, a entoação da variedade do português falada em Miranda do Douro parece-nos ser o resultado de uma transferência de características do mirandês para o português, assim como o resultado de uma convergência com a variedade padrão do PE. Esta ligeira transferência de características do português para o mirandês pode ser uma consequência de erosão linguística, em que, em algumas situações, os mirandófonos são impedidos de se expressar na sua própria língua, uma vez que inúmeros traços do português foram encontrados no mirandês. A prosódia atual da variedade do português falada em Miranda do Douro leva-nos a considerar que há características transferidas da variedade padrão, uma vez que é a variedade de prestígio.

Uma comparação interlinguística entre os sistemas entoacionais do mirandês e da variedade do português falada em Miranda do Douro com o asturo-leonês e o português revela que ambas as línguas em análise partilham características entoacionais próprias das línguas de substrato. Por um lado, os resultados da análise entoacional das interrogativas em mirandês mostrou que esta está mais próxima do substrato do asturo-leonês e não permitiu que as características da língua maioritária se instalassem na sua gramática. Podemos supor, também, que essas mesmas características foram transferidas para a variedade do português falada em Miranda do Douro, num dado momento da história, não permitindo que o movimento alto associado à fronteira do português (H%), e também do castelhano, incorporasse a gramática do português falado em *Tierra de Miranda*.

No entanto, podemos considerar que ambas as variedades, tanto do asturo-leonês, como do português, são variedades que fazem parte de um diassistema. Entenda-se diassistema uma variedade que na sua gramática comporta características mais profundas que aquelas que os dados nos mostram, levando-nos a supor a existência de uma gramática comum às

variedades a noroeste da Península Ibérica. Uma dessas características é a fronteira baixa associada a todas as variedades das línguas a noroeste: o galego, o asturo-leonês, o mirandês e os dialetos setentrionais do PE. Apesar de todas as diferenças encontradas nestas línguas, através de processos de dialeção, um ancestral comum parece-nos possível. Um estudo mais abrangente parece-nos necessário para explicar as diferenças, mas, sobretudo, as semelhanças das variedades a noroeste.

Os resultados da análise entoacional no Capítulo 5 e descritos nas secções §6.1 a §6.3 permitiram-nos responder às questões a que nos propusemos, a saber:

1. Quais são as diferenças e as semelhanças entre os sistemas entoacionais dos falantes do mirandês (L1) e dos falantes monolíngues da variedade do português (L1) falado em Miranda do Douro?
2. Como é que as semelhanças e as diferenças entoacionais entre o mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro se explicam em termos de contacto linguístico, ou seja, como surgiram os sistemas entoacionais atuais?
3. Como funciona a mudança entoacional induzida pelo contacto e que tipo de características entoacionais podem ser transferidas?

Os resultados da análise entoacional mostraram-nos que as variedades do mirandês e a variedade do português falada em Miranda do Douro partilham características prosódicas, mas também evidenciam algumas diferenças. No que respeita aos acentos pré-nucleares, verificou-se que o mirandês e o português partilham o mesmo acento pré-nuclear ( $L^*+H$ ) nos tipos frásicos analisados. A par, ambas as variedades apresentam um padrão semelhante no que diz respeito à realização das configurações nucleares de diversos tipos frásicos, por exemplo, uso da fronteira baixa ( $L\%$ ) para marcação da interrogatividade, o tom alto associado à sílaba tónica ( $H^*$ ) para marcação de foco ou ênfase, o mesmo movimento descendente nas interrogativas parciais, o movimento ascendente-descendente nas interrogativas eco, o movimento  $H^*+L L\%$  para marcação de ordens,  $L^* L\%$  para marcação de pedidos. Apesar de todas estas semelhanças, encontrámos algumas diferenças, por exemplo, a marcação nuclear nas declarativas SVO neutras, o alinhamento das interrogativas eco não-neutras, os chamamentos.

A comparação dos sistemas prosódicos do mirandês e do português falado em Miranda do Douro com o asturo-leonês e a variedade padrão do PE mostram-nos que o substrato do asturo-leonês está presente no sistema entoacional atual do mirandês, apesar de este apresentar algumas características transferidas do português (p.e. marcação de foco ou ênfase, declarativas SVO neutras, imperativas). A entoação da variedade do português falada em Miranda do Douro evidencia a transferência de certas características

transferidas do mirandês, como por exemplo os acentos pré-nucleares e as declarativas SVO neutras. A par, podemos também avançar que o português falado em Miranda do Douro apresenta mais características do mirandês do que da variedade padrão do PE. Por isso mesmo, parece-nos que a entoação da variedade do português falada em Miranda do Douro é o resultado de uma transferência de características do mirandês para o português.

### **6.5 INVESTIGAÇÃO FUTURA**

Os resultados da análise entoacional no Capítulo 5 e descritos nas secções §6.1 a §6.3 permitiram-nos responder a várias questões deixando algumas em aberto.

Em relação ao mirandês, uma dessas questões prende-se com a extensão da variação do acento nuclear nas interrogativas sim-não neutras SVO nas diferentes variedades do mirandês e do português. Essa questão é crucial para compreender as particularidades regionais e estilísticas da entoação, que contribuem para o estudo da interação entre a prosódia e a pragmática. A par, pretende-se investigar quais são as pistas prosódicas para veicular as interrogativas parciais, considerando que as configurações nucleares das interrogativas neutras e não-neutras são semelhantes. Desta forma, procuramos perceber como é que os falantes lidam com a seleção de categorias semelhantes para veicular diferentes tipos frásicos. Por fim, pretendemos avaliar a robustez da gama de variação como sinalizador gramatical e pragmático através de testes de perceção, ou seja, se a gama de variação é suficiente para veicular diferentes significados pragmáticos. Por último, não nos foi possível analisar uma outra variedade do mirandês: o sendinês. Por isso mesmo, pretendemos fazer uma análise dos padrões desta variedade do mirandês para obtermos uma visão panorâmica de todas as variedades do mirandês.

Em relação à variedade do português falada em Miranda do Douro, pretendemos avaliar a extensão da mudança linguística em curso, refletir sobre o estado atual do português em Miranda do Douro e que fatores podem estar na base dessa mudança (por exemplo, a extensão da variedade padrão, migrações e política linguística). Questão da transmissão intergeracional é central nessa discussão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilar, L., de-la-Mota, C. & Prieto, P. (2009-2011). *Cat\_ToBI Training Materials*. [http://prosodia.upf.edu/cat\\_tobi/](http://prosodia.upf.edu/cat_tobi/)
- Aguilar, L., de-la-Mota, C. & Prieto, P. (2009). *Sp\_ToBI Training Materials*. [http://prosodia.upf.edu/sp\\_tobi/](http://prosodia.upf.edu/sp_tobi/)
- Alvarellos, M., Muñiz Cachon, C., Díaz, L., & González, R. (2011). La entonación en las variedades lingüísticas de Asturias: estudio contrastivo. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 9(1), 111-120.
- Álvarez, X., & Saramago, J. (2012). Áreas lexicais galegas e portuguesas: um novo olhar para a proposta de Cintra. *Estudis Romànics*, 34, 55-97.
- Alves, A. (1997). *A língua mirandesa: contributos para o conhecimento da sua história e do seu léxico* [Dissertação de Mestrado]. Repositório da Universidade do Minho.
- Alves, A. (2002). *Palavras de identidade da Terra de miranda. uma abordagem estatístico-pragmática dos contos da literatura oral mirandesa* [Tese de doutoramento]. Repositório da Université de Toulouse II.
- Alves, A., Castro, I., Fernandes, M., Ferreira, M., Gonçalves, V., Martins, C., Marquilhas, R., Mourinho, A., Pires, M., Raposo, D., & Raposo, J. (1999). *Convenção ortográfica da Língua Mirandesa*. Miranda do Douro/Lisboa: Câmara Municipal de Miranda do Douro/CLUL.
- Andreeva, B., Dimitrova, S., Gabriel, C., Gazdik, A., & Grünke, J. (2017). Intonation and convergence: Evidence from Bulgarian Judeo-Spanish. Em E. Tarpomanova & K. Aleksova (Eds.), *Domination and adaptation. Proceedings of the International Conference of the Faculty of Slavic Studies* (pp. 169-177). Sofia University “St. Kliment Ohridski”.
- Andreeva, B., Dimitrova, S., Gabriel, C., & Grünke, J. (2019). The intonation of Bulgarian Judeo-Spanish spontaneous speech. Em S. Calhoun, P. Escudero, M. Tabain & P. Warren (Eds.), *Proceedings of the 19th International Congress of Phonetic Sciences (ICPhS 19)* (pp. 3827-3841). Canberra: Australasian Speech Science and Technology Association.

- Andreeva, B., Dimitrova, S., Gabriel, C., & Grünke, J. (2021). Intonational convergence in Bulgarian Judeo-Spanish spontaneous speech. Em A. Kalkhoff, M. Selig & C. Mooshammer (Eds.), *Prosody and conceptional variation. Situational conditions of communication, degree of communicational planning, and activity types as parameters for prosodic design* (pp. 171-190). Frankfurt: Peter Lang.
- Andrés Díaz-Madariaga, R. (2024). Asturleonese dialect classifications. *Dialectologia*, 12, 51-97
- Appel, R., & Muysken, P. (1987). *Language contact and bilingualism*. London and Baltimore, MD: Edward Arnold.
- Arantes, P. (2018). *parantes/slicer: First release* (Version v1.0.0). Zenodo. <http://doi.org/10.5281/zenodo.1453541>
- Arias de Miranda, J. (1858-1859). *El dialecto asturiano*. Revista de Asturias. Periódico de Literatura, 1-2, Oviedo: Imprenta de D. Domingo González Solís.
- Arvaniti, A. (2022). The Autosegmental-Metrical model of intonational phonology. Em S. Shattuck-Hufnagel, & J. Barnes (Eds.), *Prosodic Theory and Practice* (pp. 25-63). Cambridge: MIT Press.
- Arvaniti, A., & Baltazani, M. (2000). Greek ToBI: A system for the annotation of Greek speech corpora. *Proceedings of the Second International Conference on Language Resources and Evaluation* (pp. 555-562). Atenas: European Language Resources Association.
- Arvaniti, A., & Baltazani, M. (2005). Intonational analysis and prosodic annotation of Greek spoken corpora. Em S.-A. Jun (Ed.), *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing* (pp. 84-117). Oxford: Oxford University Press.
- Arvaniti, A., Ladd, R., & Mennen, I. (2006). Effects of focus and "tonal crowding" in intonation: evidence from Greek polar questions. *Speech Communication*, 48, 667-696.
- Astruc, L. (2003). Sentence external elements in Catalan. *Catalan Journal of Linguistics*, 2, 15-31.
- Baldinger, K. (1972). *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos.
- Baltrons Graboleda, N. (2006). Rihonor de Castilla-Rio de Onor: un poble migpartit per la frontera hispanolusa. *Estudis Romànics* 28, 49-72.
- Bargiela, V. & Roseano, P. (2024). Intonational and durational features of the Asturleonese substrate in Northwestern Peninsular Spanish. Em Y. Chen, A. Chen & A. Arvaniti (Eds.), *Speech Prosody 2024* (pp. 622-626). Leiden: ISCA.

- Bargiela, V. (2022). Dialectalisation of intonational patterns of yes-no questions in León, Zamora, Salamanca, and Palencia. *Estudios de Fonética Experimental*, 31, 149-160.
- Barreña, A., Amorrortu, E., Ortega, A., Uranga, B., Izagirre, E., & Idiazabal, I. (2007). Does the number of speakers of a language determine its fate? *International Journal of the Sociology of Language*, 186, 125–139.
- Barros, N. (2014). *Fraseamento prosódico em português: uma análise entoacional de construções parentéticas e tópicos em duas variedades do Português Europeu* [Dissertação de mestrado]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Barros, N., & Frota, S. (2015). Prosodic Phrasing in parentheticals and topics across varieties of European Portuguese. In The Scottish Consortium for ICPHS 2015 (Ed.), *Proceedings of the 18th International Congress of Phonetic Sciences*. Glasgow, UK: the University of Glasgow.
- Batalha, G. (1991). La teoría del control cultural en el estudio de procesos étnicos. *Anuário Antropológico*, 11(1), 13-53.
- Bautista, A. (2013). *El mirandés: Historia, contexto y procesos de formación de palabras* [Tese de doutoramento]. Repositório da Universidad Complutense de Madrid.
- Bautista, A. (2017). Línguas e variedades fronteiriças de Portugal. Em A. Gómez Bautista, L. Moutinho, & R. Coimbra (Eds.), *Ecolinguismo e Línguas Minoritárias* (pp. 11-28). Aveiro: UA Editora.
- Bautista, A., & Moutinho, L. (2019). Aspectos da geoprosódia no planalto mirandês. *Intercâmbio*, 39, 30-42.
- Bautista, A. & L. Moutinho (2021). A study of prosodic variation in Mirandese. *Lletres Asturianas*, 124, 33-39.
- Bautista, A., & Moutinho, L. (coords.) *AMPER-MIR*.  
[https://www.varialing.eu/?page\\_id=260](https://www.varialing.eu/?page_id=260)
- Beckman, M., & Ayers-Elam, G. (1997). *Guidelines for ToBI Labelling* (versão 3.0 ed.). The Ohio State University Research Foundation.
- Beckman, M., & Hirschberg, J. (1994). *Guidelines for ToBI Labelling*. Disponível em <http://www.speech.cs.cmu.edu/tobi/ToBI.0.html>
- Beckman, M., & Pierrehumbert, J. (1986). Intonational structure in Japanese and English. *Phonology*, 3, 255-309
- Beckman, M., Hirschberg, J., & Shattuck-Hufnagel, S. (2005). The Original ToBI System and the Evolution of the ToBI Framework. Em S. Jun (Ed.), *Prosodic Typology. The Phonology of Intonation and Phrasing* (p. 9-54). Oxford: Oxford University Press.

- Belina, M. (2023). El mirandés y el asturiano: ¿una lengua, dos vías de la evolución fonética? Em A. Esteban (Ed.), *The Asturian Language. Distinctiveness, Identity, and Officiality* (pp. 185-195). Berlin, Germany: Peter Lang.
- Bibiri, A.-D., & Bleortu, C. (2022). Some considerations about intonation patterns of vocatives in Romanian. *Onomázein*, 11, 86-104.
- Billmyer, K., & Varghese, M. (2000). Investigating instrument-based pragmatic variability: effects of enhancing discourse completion tests. *Applied Linguistics*, 21(4), 517-552.
- Blakemore, D. (1994). Echo questions: A pragmatic account. *Lingua*, 94(4), 197-211.
- Bloomfield, L. (1933). *Language*. Londres: George Allen & Unwin Ltd.
- Blum-Kulka, S. (1982) Learning to Say What You Mean in a Second Language: A Study of the Speech Act Performance of Learners of Hebrew as a Second Language. *Applied Linguistics*, 3(1): 29-59.
- Blum-Kulka, S., House, J., & Kasper, G. (1989). *Cross-cultural pragmatics: Requests and apologies*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation.
- Boersma, P., & Weenink, D. (2020). *Praat: doing phonetics by computer*. [Computer program]. Version 6.1.16.
- Bolinger, D. (1989). *Intonation and its uses*. Palo Alto, CA: Stanford University Press.
- Bolinger, D. (1978). Intonation across languages. In J. Greenberg (ed.), *Universals of human language*, vol. II: Phonology (pp. 471-524). Palo Alto, CA: Stanford University Press.
- Borràs-Comes, J., Sichel-Bazin, R., & Prieto, P. (2015). Vocative intonation preferences are sensitive to politeness factors. *Language and speech*, 58(1), 68-83.
- Brito, A. (2003a). A estrutura da frase simples de tipo declarativo. Em M. Mateus, A. Brito, I. Duarte, & I. Faria (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 435-449). Lisboa: Caminho.
- Brito, A. (2003b). Frases interrogativas. Em M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, & I. H. Faria (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 460-479). Lisboa: Caminho.
- Brown, A. (2014). *Pronunciation and Phonetics: A practical guide for English language teachers*. New York & London: Taylor & Francis.
- Büring, D. (2012). Focus and intonation. Em G. Russell & D. Graff Fara (Eds.), *Routledge Companion to Philosophy of Language* (pp. 103-115). New York & London: Routledge.

- Burridge, K. (2006). Language contact and convergence in Pennsylvania German. Em A. Aikhenvald & R. Dixon (Eds.), *Grammars in contact. A cross-linguistic typology* (p. 179-200). Oxford: Oxford University Press.
- Canagarajah, A. (2005). Dilemmas in planning English/vernacular relations in post-colonial communities. *Journal of Sociolinguistics*, 9(3), 418-447.
- Candeias, S. (2007). *Sistema fonológico da Beira Interior e algumas considerações sintáctico-semânticas*. [Tese de doutoramento]. Repositório da Universidade de Aveiro.
- Cano González, A. (1992). Asturianisch: Interne Sprachgeschichte. Evolución lingüística interna. *Lexikon der Romanistischen Linguistik* 6(1), 652-680.
- Carrilho, E., & Pereira, S. (2012). Aires dialectales en português europeén et syntaxe dialectale. *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology (LimiAr)*. Lisboa: CLUL.
- Carrilho, E., & Pereira, S. (2011). Sobre a distribuição geográfica de construções sintácticas não-padrão em português europeu. In M. A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 125-139). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Carvalho, J. (2015[1952]). Porque se fala dialecto leonês em Terra de Miranda. Em J. Meirinhos (Ed.), *Fonologia mirandesa e outros estudos sobre o mirandês* (pp. 203-226). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, J. (2015[1958]). Fonologia Mirandesa. In J. Meirinhos (Ed.), *Fonologia mirandesa e outros estudos sobre o mirandês* (pp. 31-202). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Casali, R. (1997). Vowel elision in hiatus contexts: Which vowel goes? *Language*, 73(3), 493-533.
- Castro, I. (2003). História da Língua Portuguesa. In *Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais (2002)* (vol. 2). Cascais: Câmara Municipal.
- Castro, I. (2013). Formação da língua portuguesa. Em E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ceolín, R. (2002). Um enclave leonês na paisagem unitária da língua portuguesa. *Ianua. Revista Philologica Romanica*, 3, 62-83.
- Chambers, J., & Trudgill, P. (1998). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Cintra, L. (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia* 22, 81-116.
- Coetsem, F. (1988). *Loan phonology and the two transfer types in language contact*. Dordrecht: Foris.
- Coetsem, F. (2000). *A general and unified theory of the transmission process in language contact*. Heidelberg: Universitätsverlag, C. Winter.
- Coimbra, R., Teixeira, A., Pereira, M. & Moutinho, L. (2007). Relação Acento Prosódia no Corpus AMPER-POR. Em M. González González, E. Fernández Rei & B. González (Coords), *III Congreso Internacional de Fonética Experimental* (pp. 195-203). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Coimbra, R., Moutinho, L., & Vaz, A. (2008). Relação entre acento e entoação numa variedade do Português europeu continental. *Language Design*, 10(2), 283-291.
- Colantoni, L., & Gurlekian, J. (2004). Convergence and intonation: Historical evidence from Buenos Aires Spanish. *Bilingualism: Language and Cognition*, 7(2), 107-119.
- Collier, R. (1975). Physiological correlates of intonation patterns. *The Journal of the Acoustical Society of America*, 58(1), 249-256.
- Congosto Martín, Y., Díaz Gómez, L., Viejo Lucio-Villegas, M. & González Rodríguez, R. (2010). Estudio contrastivo de la entonación del castellano de Don Benito y del asturiano de Mieres en el marco del Proyecto AMPER. Em M. Iliescu, H. Siller-Runggaldier & P. Danler (Ed.), *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Tome I-VII ; pp. 2-53-2-66). Berlin, New York: De Gruyter Mouton.
- Contini, M., Lai, J., Romano, A., Roulet, S., Moutinho, L., Coimbra, R., Bendiha, U & Ruivo, S. (2002). Un projet d'atlas multimédia prosodique de l'espace roman. Em *Speech Prosody 2002* (pp. 1-4). Aix-en-Provence: International Speech Communication Association.
- Costas, X. (2022). *Persente i feturo de la lhéngua mirandesa: Studo de ls usos, atitudes i cumpeténcias lhenguísticas de la populaçon mirandesa*. Vigo: Universidade de Vigo.
- Cruttenden, A. (1997). *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cruz, M. (2013). *Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties* [Tese de doutoramento]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Cruz, M. & Frota, S. (2011). Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. Em M. A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (Eds.) *Textos*

*Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 208-22). Lisboa: APL.

Cruz, M., Oliveira, P., Palma, P., Neto, B., & Frota, S. (2017). Building a prosodic profile of European Portuguese varieties: The challenge of mapping intonation and rhythm. Em P. Barbosa, M. Paiva & C. Rodrigues (Eds.), *Studies on Variation in Portuguese* (pp. 82–110). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.

Cruz, M., Crespo-Sendra, V., Castelo, J. & Frota, S. (2022). Asking questions across Portuguese varieties. Em M. Cruz & S. Frota (Eds.), *Prosodic Variation (with)in Languages: Intonation, Phrasing and Segments* (pp. 36-70). UK: Equinox Publishing

Cruz-Ferreira, M. (1984). Perception and interpretation of non-native intonation patterns. Em *Proc of the 10th International Congress of Phonetic Sciences* (pp. 565-569). Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.

Crystal, D. (1969). *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press.

Cunha, C. (1970). *Gramática moderna*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, S.A.

Cunha, C., & Cintra, L. (2000). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.

Dehé, N., & Kavalova, Y. (2007). Parentheticals: An introduction. Em N. Dehé, & Y. Kavalova (Eds.), *Parentheticals* (pp. 1-22). Amsterdam: John Benjamins.

Delais-Roussarie, E., Post, B., Avanzi, M., Buthke, C., Di Cristo, A., Feldhausen, I., Jun, S., Martin, P., Meisenburg, T., Rialland, A., Sichel-Bazin, R., & Yoo, H. (2015). Intonational phonology of French: Developing a ToBI system for French. Em S. Frota, & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 63-100). Oxford: Oxford University Press.

Duarte, I. (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência ligação e condições sobre movimento* [Tese de doutoramento]. Repositório da Universidade de Lisboa.

Dubert-García, F. (2017). Sobre a *Gallaecia magna* e as relações históricas e xeolingüísticas entre galego, português e asturiano. *Estudis Romànics*, 39, 43-69.

Edwards, J. (2010). *Minority languages and group identity: Cases and categories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.

Els, T. (1986). An overview of European research on language attrition. Em B. Weltens, K. de Bot & T. van Els (Eds.), *Language Attrition in Progress* (p. 3-18). Dordrecht: Foris.

- Elvira-García, W. (2020). Fusión de patrones entonativos en variedades lingüísticas en contacto: el caso de las interrogativas del español de León. *Sintagma*, 32, 71-84.
- Elvira García, W. (2022). *Create pictures with tiers v.6. Praat script*. (Disponível em [https://github.com/wendyelviragarcia/create\\_pictures](https://github.com/wendyelviragarcia/create_pictures))
- Elvira García, W. & P. Roseano (2014). *Create pictures with tiers v.3.2 Praat script*. (Disponível em <http://stel.ub.edu/labfon/en>)
- Escourido, A., Fernández Rei, E., González, M., & Regueira, X. (2008). A dimensión prosódica da oralidade: achega dende AMPER. Em E. Fernández Rei & X. Regueira (Eds.), *Perspectivas sobre a oralidade* (pp. 75-93). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Instituto da Lingua Galega.
- Estebas, E., & Prieto, P. (2010). Castilian Spanish Intonation. Em P. Prieto & P. Roseano (Eds.), *Transcription of intonation of the Spanish language* (p. 17-48). München: Lincom.
- Estebas, E., & Prieto, P. (2008). La notación prosódica del español: una revisión del Sp\_ToBI. *Estudios de Fonética Experimental*, 17, 265-283.
- Falé, I. (2020). Entoação. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.) *Gramática do Português* (vol. 3) (p. 3429-3447). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Feldhausen, I., Pešková, A., Kireva, E. & Gabriel, C. (2011). Categorical perception of porteño nuclear accents. Em W. Lee & E. Zee (Eds.) *Proceedings of the 17th International Congress of Phonetic Sciences 2011 (ICPhS 17)* (p. 116-119). Hong Kong: City University of Hong Kong.
- Félix-Brasdefer, J. (2010). Data Collection Methods in Speech Act Performance. Em A. Martínez-Flor & E. Usó-Juan (Eds.), *Speech Act Performance: Theoretical, Empirical and Methodological Issues* (p. 69-82). Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Ferguson, C. (1959). Diglossia. *Word* 15(2), 325-340.
- Fernandes (Svartman), F. (2007a). Entoação e domínios prosódicos em sentenças pseudo-clivadas do português europeu. *Letras de Hoje*, 42(3), 69-88.
- Fernandes, F. (2007b). *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia* [Tese de doutoramento]. Repositório da Universidade Estadual de Campinas.
- Fernández Planas, A., Dorta, J., Muñiz Cachón, C., Roseano, P., Elvira-García, W., & Cerdà-Massó, R. (2020). León y Palencia: dos patrones entonativos en las interrogativas absolutas neutras en el español europeo actual. *Zeitschrift für romanische Philologie*, 136(1), 84-105.

- Fernández Rei, E. (1997). Contribución ó estudio da entoación das cláusulas interrogativas (totais e parciais) en galego. Em B. Fernández Salgado (Ed.), *Actas do IV Congreso Internacional de Estudos Galegos* (Vol. 1, pp. 241-253). Oxford: Centre for Galician Studies.
- Fernández Rei, E. (2002). *Regras fonolóxicas posléxicas e regras precompiladas de alomorfia sintagmática: dominios prosódicos en galego* [Tese de doutoramento]. Repositorio da Universidade de Santiago de Compostela.
- Fernández Rei, E. (2016). Dialectal, historical and sociolinguistic aspects of Galician intonation. *Dialectologia*, 6, 147-169.
- Fernandez Rei, E. (2019a). La entonación en las periferias de la Romania: Galicia y Calabria. *Quaderni del Dipartimento di Linguistica*, 27, 165-183.
- Fernandez Rei, E. (2019b). Galician and Spanish in Galicia: Prosodies in contact. *Spanish in Context*, 16(3), 438-461.
- Fernandez-Rei, E. (2019c). La entonación de las variedades ibéricas occidentales. Em J. Dorta (Ed.) *Investigación geoprosódica AMPER* (pp. 25-46). Frankfurt a. M., Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft.
- Fernández Rei, E. (coord.). *AMPER-Galicia*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.gal/amper/>
- Fernández Rei, E., Escourido, A., & Castro, S. (2007). Acento e entoación nas frases con extensión en dúas variedades do galego (O Incio e Camelle). Em J. Dorta (Ed.), *La prosodia en el ámbito lingüístico románico* (pp. 55-71). Tenerife: La Página.
- Fernández Rei, E., & Escourido, A. (2008). La entonación de las interrogativas totales a lo largo de la costa gallega. Em A. Turculet (Ed.), *La variation diathopique de l'intonation dans le domain roumain et roman* (pp. 151-166). Iasi: Editura Universitatii Alexandru Ioan Cuza.
- Fernández Rei, F. (1990). *Dialectoloxía da lingua galega*. Xerais.
- Fernández Rei, F. (1994). *Galegisch: Areallinguistik*. Em G. Holtus, M. Metzeltin & C. Schmitt (Eds.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (Volume VI,2; pp. 98-110) Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Ferreira, A. (2011). *O mínimo sobre a língua mirandesa*. Studos mirandeses: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1294.html>
- Ferreira, C. (2013). *Sendim - Terra de Miranda: Geografia e Toponímia*. Lisboa: Âncora Editora.

- Ferreira, J., Chesi, C., Baldewijns, D., Pinto, F., Correia, M., Braga, D., Cho, H., Ferreira, A., & Dias, M. (2014). Casa de la Lhéngua: a set of language resources and natural language processing tools for Mirandese. Em *Proceedings of the Ninth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'14)* (pp. 536–540). Reykjavik: European Language Resources Association.
- Ferreira, J., Chesi, C., Baldewijns, D., Braga, D., Dias, M., & Correia, M. (2016). The first Mirandese text-to-speech system. *Language Documentation & Conservation*, 9, 150-158.
- Ferreira, M. (1995). O mirandés e as línguas do noroeste peninsular. *Lletres Asturianas*, 57, 7-22.
- Ferreira, M. (2001). A situação actual da língua mirandesa e o problema da delimitação histórica dos dialectos asturo-leoneses em Portugal. *Revista de Filología Románica*, 18, 117-136.
- Ferreira, M., & Marquilhas, R. (2000). *Adenda à Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*. Manuscrito.
- Ferreira, M., & Martins, A. (1987). O Mirandês nos Altas Linguísticos. Em *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa* (pp. 33-42). Miranda do Douro.
- Ferreira, S., & Martins, C. (2016). Capital tradutológico e defesa da língua mirandesa. Em A. Gómez Bautista, L. Moutinho, & R. Coimbra (Eds.), *Ecolinguismo e Línguas Minoritárias* (pp. 183-222). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Flores, C. (2007). Language Attrition: uma sinopse das principais questões de investigação. *Diacrítica* 21(1), 107-126
- Flores, C. (2010). The effect of age on language attrition: Evidence from bilingual returnees. *Bilingualism: Language and Cognition*, 13(4), 533-546.
- Fought, C. (2013). *Sociolinguistic variation: Critical reflections*. New York: Oxford University Press.
- Frías Conde, X. (2001). Os límites entre galego e asturoleonés em Asturias. *Revista de Folología Románica*, 18, 51-71.
- Frota, S. (1994). Aspectos da prosódia do foco no português europeu. *Letras de Hoje*, 29(4), 77-99.
- Frota, S. (1999). Questões de associação e alinhamento tonal: implicações para uma teoria da entoação. In *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 513-532). Lisboa: APL.

- Frota, S. (2000). *Prosody and Focus in European Portuguese: Phonological Phrasing and Intonation*. New York: Routledge.
- Frota, S. (2002). Nuclear falls and rises in European Portuguese: A phonological analysis of declarative and question intonation. *Probus*, 14(1), 113-146.
- Frota, S. (2014). The intonational phonology of European Portuguese. In S. Jun (Ed.), *Prosodic Typology II* (p. 6-42). Oxford: Oxford University Press.
- Frota, S. (coord.) *InAPoP - Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*. <https://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/>
- Frota, S., & Prieto, P. (2015a). Intonation in Romance: Systemic similarities and differences. Em S. Frota, & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 392–418). Oxford: Oxford University Press.
- Frota, S., & Prieto, P. (Eds.) (2015b). *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press.
- Frota, S. & Moraes, J. (2016) Intonation in European and Brazilian Portuguese. Em W. L. Wetzels, J. Costa & S. Menuzzi (Eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 141-166). NJ: John Wiley & Sons.
- Frota, S., Oliveira, P., Cruz, M., & Vigário, M. (2015). *P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody*. <https://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/>
- Frota, S., Cruz, M., Fernandes-Svartman, F., Collischonn, G., Fonseca, A., Serra, C., Oliveira, P., & Vigário, M. (2015). Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. Em S. Frota, & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 235-283). Oxford: Oxford University Press.
- Frota, S., Cruz, M., Castelo, J., Barros, N., Crespo-Sendra, V., & Vigário, M. (2016). Tune or Text? Tune-text accommodation strategies in Portuguese. Em *Proceedings of the Speech Prosody 2016* (pp. 1129-1133). Boston: Boston University.
- Gabriel, C. (2006). Focal pitch accents and subject positions in Spanish: Comparing close-to-standard varieties and Argentinean Porteño. Em R. Hoffmann & H. Mixdorff (Eds.), *Proceedings of Speech Prosody 2006*. Dresden: TUDpress Verlag der Wissenschaften.
- Gabriel, C. (2007). *Fokus im Spannungsfeld von Phonologie und Syntax. Eine Studie zum Spanischen*. Frankfurt a. M., Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft.
- Gabriel, C., & Kireva, E. (2012). Intonation und Rhythmus im spanisch-italienischen Kontakt: Der Fall des Porteño-Spanischen. Em M. Selig & E. Schafroth (Eds.), *Testo e ritmi: Zum Rhythmus in der italienischen Sprache* (p. 131-149.). Frankfurt: Peter Lang.

- Gabriel, C., & Kireva, E. (2014). Prosodic transfer in learner and contact varieties: Speech rhythm and intonation of Buenos Aires Spanish and L2 Castilian Spanish produced by Italian native speakers. *Studies in Second Language Acquisition*, 36(2), 257-281.
- Gabriel, C., Feldhausen, I., & Pešková, A. (2011). Prosodic Phrasing in Porteño Spanish. Em C. Gabriel & C. Lleó (Eds.), *Intonational phrasing in Romance and Germanic: Cross-linguistic and bilingual studies* (p. 153-182). Amsterdam: John Benjamins.
- Gabriel, C., Feldhausen, I., Pešková, A., Colantoni, L., Lee, S., Arana, V., & Labastía, L. (2010). Argentinian Spanish intonation. Em P. Prieto & P. Roseano (Eds.), *Transcription of intonation of the Spanish language* (p. 285-317). München: Lincom.
- García Arias, X. (2002). Breve reseña sobre la lengua asturiana. Em *Informe sobre la llingua asturiana* (pp. 15-25). Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- García Arias, X. (2003). *Gramática histórica de la lengua asturiana. Fonética, fonología e introducción a la morfosintaxis histórica*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- García Alvarez, A. (1983). El dialecto leonés: historia y perspectivas futuras. *Tierras de León: Revista de la Diputación Provincial*, 23(53), 81-96.
- Gili Fivela, B., Avesani, C., Barone, M., Bocci, G., Crocco, C., D'Imperio, M., Giordano, R., Marotta, G., Savino, M. & Sorianello, P. (2015). Intonational phonology of the regional varieties of Italian. Em S. Frota & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 140-197). Oxford: Oxford University Press.
- Goldsmith, J. (1976). *Autosegmental Phonology* [Tese de doutoramento]. Repositório da Massachusetts Institute of Technology.
- Grabe, E. (1998). Pitch accent realization in English and German. *Journal of Phonetics*, 26(2), 129-143.
- Grabe, E. (2004). Intonational variation in urban dialects of English spoken in the British Isles. Em P. Gilles, & J. Peters (Eds.), *Regional Variation in Intonation* (pp. 9-31). Max Niemeyer Verlag.
- Grabe, E., & Post, B. (2002). Intonational Variation in the British Isles. Em *Proc. Speech Prosody 2002* (pp. 343-346). ISCA Archive.
- Granja, F. (2023). Apontamentos sobre a paragoge no Português Europeu: estudo de caso com base na análise de um dialeto transmontano. *elingUP: Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto*, 12(1), 23-32.
- Grenoble, L., & Singerman, A. (2014). Minority Languages. Em M. Aronoff (Ed.), *Oxford Bibliographies in Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

- Grice, M. & Savino, M. (2003). Map Tasks in Italian: Asking Questions about Given, Accessible and New Information. *Catalan Journal of Linguistics*, 2, 153-180.
- Grice, M., D'Imperio, M., Savino, M., & Avesani, C. (2005). Strategies for Intonation Labelling across Varieties of Italian. Em S. Jun (Ed.), *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing* (pp. 362-389). Oxford: Oxford University Press.
- Grønnum, N. (1992). *The Groundworks of Danish Intonation*. København: Museum Tusulanum.
- Grünke, J. (2021). *Intonation in language contact: The case of Spanish in Catalonia* [Tese de Doutoramento]. Repositório da Johannes Gutenberg-Universität Mainz.
- Gussenhoven, C. (2001). Suprasegmentals. Em N. Smelser, & P. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 15294-15298). Oxford: Pergamon.
- Gussenhoven, C. (2002). Phonology of intonation. *Glott International* 6(9/10), 271-284.
- Gussenhoven, C. (2004). *The Phonology of Tone and Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gussenhoven, C. (2005). Transcription of Dutch Intonation. Em S.-A. Jun (Ed.), *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing* (pp. 118-145). Oxford: Oxford University Press.
- Gussenhoven, C. (2008). Types of Focus in English. Em C. Lee, M. Gordon & D. Büring, (Eds.), *Topic and Focus. Studies in Linguistics and Philosophy* (vol 82; pp. 83-100). Dordrecht: Springer.
- Gussenhoven, C. (2015). Suprasegmentals. Em J. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (2 ed., pp. 714-721). Oxford: Elsevier.
- Hale, K., Krauss, M., Watahomigie, L., Yamamoto, A., Craig, C. Jeanne, L., & England, N. (1992). Endangered Languages. *Language*, 68(1), 1-42.
- Halliday, M. (1967). *Intonation and grammar in British English*. The Hague: Mouton.
- 't Hart, J., & Cohen, A. (1973). Intonation by rule: a perceptual quest. *Journal of Phonetics*, 1(4), 309-327.
- 't Hart, J., & Collier, R. (1975). Integrating different levels of intonation analysis. *Journal of Phonetics*, 3(4), 235-255.

- 't Hart, J., Collier, R., & Cohen, A. (1990). *A Perceptual Study of Intonation. An Experimental-Phonetic Approach to Speech Melody*. Cambridge University Press.
- Haugen, E. (1953). *The Norwegian language in America: A study in bilingual behavior*. Bloomington: Indiana University Press.
- Hayes, B. & A. Lahiri (1991). Bengali intonational phonology. *Natural Language & Linguistic Theory*, 9(1), 47-96.
- Hellmuth, S. (2007). The relationship between prosodic structure and pitch accent distribution: Evidence from Egyptian Arabic. *The Linguistic Review*, 24(2-3), 291-316.
- Hickey, R. (2010). Language Contact: Reconsideration and Reassessment. In R. Hickey (Ed.) *The Handbook of Language Contact* (p. 1-28). MA/Oxford: Blackwell Publishing.
- Hirst, D., & Di Cristo, A. (Eds.) (1998). *Intonation systems: A survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hirschberg, J. & Ward, G. (1992). The influence of pitch range, duration, amplitude and spectral features on the interpretation of the rise-fall rise intonation contour in English. *Journal of Phonetics*, 20(2), 241-251.
- Höder, S. (2014). Convergence vs. divergence from a diasystematic perspective. Em K. Braunmüller, S. Höder, & S. Höder (Eds.), *Stability and Divergence in Language Contact. Factors and Mechanisms* (pp. 39–60). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Hualde, J., & Prieto, P. (2015). Intonational variation in Spanish: European and American varieties. Em S. Frota, & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 350-391). Oxford: Oxford University Press.
- Ihemere, K. (2013). Language contact. Em K. Ihemere (Ed.), *Language Contact: A Multidimensional Perspective* (pp. 1-23). Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- Johanson, L. (2002). *Structural Factors in Turkic Language Contacts*. Richmond: Routledge-Curzon.
- Johanson, L. (2010). Turkic Language Contacts. Em R. Hickey (Ed.), *The Handbook of Language Contact* (pp. 652-672). UK: John Wiley & Sons, Ltd.
- Jun, S. (Ed.). (2005a). *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press.

- Jun, S. (2005b). Korean Intonational Phonology and Prosodic Transcription. In S. Jun (Ed.), *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing* (p. 201-229). Oxford: Oxford University Press.
- Jun, S. (Ed.). (2014). *Prosodic Typology II: The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press.
- Kireva, E. (2016). *Prosody in Spanish-Portuguese contact* [Tese de Doutoramento]. Repositório da University of Hamburg.
- Kloss, H. (1978). Sprachkontakte im Nordseegebiet. Em P. Ureland (Ed.), *1 Symposions über Sprachkontakt in Europa* (pp. 1-18). Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- Ladd, D. (1980). *The structure of intonational meaning: evidence from English*. Bloomington: Indiana University Press.
- Ladd, D. (1983). Phonological Features of Intonational Peaks. *Language*, 59(4), 721-759.
- Ladd, R. (2008). *Intonational phonology* (2ª edição). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ladd, R. & Morton, R. (1997). The perception of intonational emphasis: continuous or categorical? *Journal of Phonetics*, 25(3), 313-342.
- Lehiste, I. (1970). *Suprasegmentals*. Cambridge: MIT Press.
- Lieberman, P. (1966). *Intonation, Perception, and Language*. Cambridge: MIT Press.
- Liberman, M., & Prince, A. (1977). On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry*, 8(2), 249-336.
- Lopez-Bobo, M. & Cuevas-Alonso, M. (2010). Cantabrian Spanish Intonation. Em P. Prieto & P. Roseano (Eds.) *Transcription of Intonation of the Spanish language* (pp. 49-86). München: Lincom.
- Mackey, W. (1962). The description of bilingualism. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique*, 7(2), 51-85.
- Martins, C. (1994). *Estudo sociolinguístico do mirandês. Padrões de alternância de códigos e escolha de línguas numa comunidade trilingue* [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório.
- Martins, C. (1997). A vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas: o caso do mirandês. *Lletres asturianas*, 62, 7-42.

- Martins, C. (2006). Mirandês: estado da arte, produtos e projectos. Em A. P. Linguística (Ed.), *Mostra de Linguística. A Linguística em Portugal: estado da arte, projectos e produtos*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Martins, C. (2008). *Línguas em contacto. “Saber sobre” o que as distingue. Análise de competências metalinguísticas de crianças mirandesas em idade escolar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Mateus, M. & Andrade, E. (2000). *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Matisoff, J. (2001). Genetic versus contact relationship: Prosodic diffusibility in south-East Asian languages. Em A. Aikhenvald & R. Dixon (Eds.), *Areal Diffusion and Genetic Inheritance: Problems in Comparative Linguistics* (p. 294–327). Oxford: Oxford Academy.
- Matos, G. (2003a). Estruturas de coordenação. Em M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, & I. H. Faria (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 549-592). Lisboa: Caminho.
- Matos, G. (2003b). Frases imperativas. Em M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, & I. H. Faria (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 449-459). Lisboa: Caminho.
- Matras, Y. (2009). *Language Contact*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Matras, Y., & Sakel, J. (Eds.) (2007). *Grammatical borrowing in cross-linguistic perspective*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- May, S. (2003). Rearticulating the case for minority language rights. *Current Issues in Language Planning*, 4(2), 95-125.
- May, S. (2005). Language rights: Moving the debate forward. *Journal of Sociolinguistics*, 9(3), 319-347.
- McMahon, A. (2004). Prosodic change and language contact. *Bilingualism: Language and Cognition*, 7(2), 121-123.
- Mehler, J., Jusczyk, P., Lambertz, G., Halsted, N., Bertocini, J., & Amiel-Tison, C. (1988). A precursor of language acquisition in young infants. *Cognition*, 29, 143-178.
- Meirinhos, L. (2014). A evolução da Terra de Miranda: Um estudo com base nos Sistemas de Informação Geográfica [Dissertação de Mestrado]. Repositório da Universidade do Porto.
- Meisenburg, T. (2011). Prosodic phrasing in the spontaneous speech of an Occitan/French bilingual. Em C. Gabriel & C. Lleó (Eds.), *Intonational phrasing in Romance and*

*Germanic: Cross-linguistic and bilingual studies* (p. 127-151). Amsterdam: John Benjamins.

Mennen, I. (2004). Bi-directional interference in the intonation of Dutch speakers of Greek. *Journal of Phonetics*, 32(4), 543-563.

Merlan, A. (2007). Las variedades lingüísticas del noroeste peninsular: convergencias y divergências. *Lletres Asturianas*, 96, 7-56

Merlan, A. (2009). *El mirandés: situación sociolingüística de una lengua minoritaria en la zona fronteriza portugués-española*. Asturias, Uviéu: Academia Llingua Asturiana.

Moral, R. (2013). El español en Asturias y el asturiano (Un origen común, un destino distinto). Em M. Valero, M. Castillo & S. Heikel Eds.), *Actas del XLVII Congreso Internacional de la AEPE (Asociación Europea de Profesores de Español)* (pp. 29-44). Gijón: Asociación Europea de Profesores de Español.

Moulton, W. (1962). Toward a classification of pronunciation errors. *Modern Language Journal* 46, 101-109.

Mourinho, A. (1987). A língua mirandesa como vector cultural do Nordeste português. Em *Actas das 1.as Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa* (pp. 75-87). Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.

Mourinho, A. (2000). Cultura e Museologia na Terra de Miranda. In J. Meirinhos (Ed.), *Estudos Mirandeses: balanço e orientações* (p. 223-236). Porto: Edições Granito.

Moutinho, L. (coord.). *AMPER-POR, o estudo da Prosódia do Português Europeu e do Português do Brasil*. [https://www.varialing.eu/?page\\_id=254](https://www.varialing.eu/?page_id=254)

Moutinho, L., & E. Fernandez Rei (2009). Do sul da Galiza ao norte de Portugal: uma viagem através da frequência fundamental. *Fórum Linguístico*, 5(1), 63-75.

Moutinho, L., & Bautista, A. (2017). Uma primeira abordagem ao estudo da prosódia da língua mirandesa. Em L. Moutinho, & A. Bautista (Eds.), *Ecolinguismo e Línguas Minoritárias* (pp. 117-140). Aveiro: UA Editora.

Moutinho, L., Coimbra, R. & Fernández Rei, E. (2009). Novos contributos para o estudo da fronteira prosódica entre o Galego e o Português europeu. *Cadernos de Letras da UFF*, 39, 67-78.

Moutinho, L., Coimbra, R. & Vaz, A. (2011). Variación diatópica de la entonación en el portugués europeo continental. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 9(1), 133-140.

Müller, M. (1871). *Lectures on the science of language*. New York: Scribner.

- Muñiz Cachón, C. (2013). La entonación asturiana nel marcu de les llingües romániques: los atles prosódicos. *Lletres Asturianes*, 109, 11-28.
- Muñiz Cachón, C. (2016). Aspectos prosódicos y pragmáticos de la partícula ho. *Lletres Asturianes*, 115, 73-88.
- Muñiz Cachón, C. (2020). Índices entonativos de modalidad entre enunciados declarativos e interrogativos con final descendente: variedades geoprosódicas de Asturias. *Revista de Lingüística*, 10(1), 283-302.
- Muñiz Cachón, C., & Roseano, P. (2022). Prosodia del Asturiano centromeridional: rasgos característicos y anotación en ASTUR\_ToBI. Em B. Blecua, J. Cicres, M. Espejel & M. Machuca (Eds.), *Propuestas en fonética experimental: enfoques metodológicos y nuevas tecnologías* (p. 210-214). Girona: Universitat de Girona-Servei de Publicacions.
- Muntendam, A. (2012). Information structure and intonation in Andean Spanish. *LSA Annual Meeting Extended Abstracts 3*, 1-4.
- Myers-Scotton, C. (2006). *Multiple voices: an introduction to bilingualism*. MA/Oxford: Blackwell Publishing.
- Nespor, M. & I. Vogel (1986). *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- Noh, E. (1998). Echo Questions: Metarepresentations and Pragmatic enrichment. *Linguistics and Philosophy* 21, 603-628.
- O'Connor, J., & Arnold, G. (1973). *Intonation of colloquial English*. UK: Longman.
- O'Rourke, E. (2004). Peak Placement in Two Regional Varieties of Peruvian Spanish Intonation. Em J. Auger, J. Clements & B. Vance (Eds.), *Contemporary approaches to Romance linguistics: Selected papers from the 33rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)* (p. 321-341). Bloomington, Indiana, April 2003. Amsterdam: Benjamins.
- O'Rourke, E. (2005). *Intonation and language contact: A case study of two varieties of Peruvian Spanish* [Tese de Doutorado, University of Illinois at Urbana Champaign]. Repositório.
- Odlin, T. (1989). *Language transfer*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Odlin, T. (2003). Cross-Linguistic Influence. Em C. Doughty & M. Long (Eds.), *The Handbook of Second Language Acquisition* (pp. 436-486). MA/Oxford: Blackwell Publishing.
- Pakendorf, B. (2010). Contact and Siberian Languages. Em R. Hickey (Ed.), *The Handbook of Language Contact* (pp. 714-737). UK: John Wiley & Sons, Ltd.

- Park, H.-S. (2006). Structural characteristics of proper nouns in Korean-Swedish discourse. *International Journal of Bilingualism*, 10(1), 17-36.
- Pešková, A. (2019). L2 Italian and L2 Spanish vocatives produced by L1 Czech learners: Transfer and prosodic overgeneralization. Em S. Calhoun, P. Escudero, M. Tabain & P. Warren (Eds.), *Proceedings of the 19th International Congress of Phonetic Sciences (ICPhS 19)* (p. 1932-1936). Canberra, Australia: Australasian Speech Science and Technology Association.
- Pešková, A. (2020). *L2 Spanish and Italian intonation: Accounting for the different patterns displayed by L1 Czech and German learners*. Berlin: Language Science Press.
- Pešková, A. (2021). Gibt es melodische Konstruktionen? Erwerb von W-Fragen im L2-Italienischen und L2-Spanischen. Em H. Döhla & A. Hennemann (Eds.), *Konstruktionsgrammatische Zugänge zu romanischen Sprachen* (p. 241-271). Berlin: Frank & Timme.
- Pešková, A., Feldhausen, I., Kireva, E., & Gabriel, C. (2012). Diachronic prosody of a contact variety: Analyzing Porteño Spanish spontaneous speech. Em K. Braunmüller & C. Gabriel (Eds.), *Multilingual individuals and multilingual societies* (p. 365-389). Amsterdam: John Benjamins.
- Pidal, R. (1906). El dialecto Leonés. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 10(2-3): 128-311.
- Phillipson, R. (2003). *English-Only Europe? Challenging Language Policy*. New York & London: Routledge.
- Pierrehumbert, J. (1980). *The phonology and phonetics of English intonation* [Tese de doutoramento]. Repositório da Massachussets Institute of Technonlogy.
- Pijper, J. (1983). *Modelling British English Intonation: An Analysis by Resynthesis of British English Intonation*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- Poplack, S., & Meechan, M. (1998). Introduction: How Languages Fit Together in Codemixing. *International Journal of Bilingualism*, 2(2), 127-138.
- Poser, W. (1984). *The phonetics and phonology of tone and intonation in Japanese* [Tese de doutoramento]. Repositório da Massachussets Institute of Technology.
- Price, P., Ostendorf, M., Shattuck-Hufnagel, S., & Fong, C. (1991). The Use of Prosody in Syntactic Disambiguation. Em *Speech and Natural Language: Proceedings of a Workshop Held at Pacific Grove* (pp. 19-22). California: Morgan Kaufmann Publishers.
- Prieto, P. (2001). L'entonació dialectal del català: El cas de les frases interrogatives absolutes. In A. Bover, M. Lloret & M. Vidal-Tibbits (Eds.), *Actes del novè colloqui*

*d'estudis Catalans a Nord-Amèrica* (pp. 347-377). Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat.

Prieto, P. (2014). The Intonational Phonology of Catalan. Em S. Jun (Ed.), *Prosodic Typology 2. The Phonology of Intonation and Phrasing* (pp. 43-80). Oxford: Oxford University Press.

Prieto, P., & Roseano, P. (Eds.) (2010). *Transcription of Intonation of the Spanish Language*. München: Lincom.

Prieto, P., Borràs-Comes, J., & Roseano, P. (coords.) (2010-2014). *Interactive Atlas of Romance Intonation*. <http://prosodia.upf.edu/iari/>

Prieto, P., Borràs-Comes, J., Cabré, T., Crespo-Sendra, V., Mascaró, I., Roseano, P., Sichel-Bazin, R., & Vanrell, M. (2015). Intonational phonology of Catalan and its dialectal variation. Em S. Frota & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 9-62). Oxford: Oxford University Press.

Quarteu, R., & Frías Conde, F. (2002). L mirandés: Ua lhéngua minoritaira an Pertual. *Ianua. Revista Philologica Romanica*, 2, 89-105.

Raposo, E. (2013). Estrutura da Frase. Em E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.), *Gramática do português* (Vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Real Academia Española (2010). *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Asociación de Academias de la Lengua Española.

Reis, L. (2017). Riodonorês e guadramilês: um estudo histórico e sociolinguístico. *Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos* 1(1), 20-38.

Rijswijk, R. & A. Muntendam (2014). The prosody of focus in the Spanish of Quechua-Spanish bilinguals: A case study of noun phrases. *International Journal of Bilingualism* 18(6): 614-632.

Robles-Puente, S. (2014). *Prosodic transfer and attrition in Spanish/English bilinguals*. Póster apresentado no 88th Annual Meeting of Linguistic Society of America, Hilton Minneapolis, Estados Unidos da América, janeiro de 2014.


Rodrigues, E., & Ferreira, A. (2011). *A terra de duas línguas: antologia de autores transmigrantes*. Academia de Letras de Trás-os-Montes, Instituto Politécnico de Bragança, Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

Rodríguez Vázquez, R. (2019). The intonation of wh- questions in a language contact situation: The case of Galician and Galician Spanish bilingual speakers. *Estudios de Fonética Experimental*, 28, 81-124.

- Romano, A. (2003). Un projet d'Atlas multimédia prosodique de l'espace roman (AMPER). Em F. Sánchez Miret (Ed.). *Actas del XXIII CILFR* (pp. 279-294). Salamanca: Niemeyer.
- Roseano, P. (2020). Análisis estadístico de les distancies prosódiques ente los dialeutos del asturianu. *Lletres asturianas*, 122, 13-40.
- Roseano, P., Fernández Planas, A., Elvira-García, W., & Martínez, E. (2015). Contacto lingüístico y transferencia prosódica bajo una perspectiva diacrónica: El caso del alguerés. *Dialectologia et Geolinguistica*, 23(1), 95-123.
- Roseano, P., Vanrell, M. & Prieto, P. (2015). Intonational phonology of Friulian and its dialects. Em S. Frota & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 101-139). Oxford: Oxford University Press.
- Ross, M. (1996). Contact-induced change and the comparative method: cases from Papua New Guinea. Em M. Durie, & M. Ross (Eds.), *The comparative method reviewed: regularity and irregularity in language change* (pp. 180-217). New York: Oxford University Press.
- Ross, M. (2003). Diagnosing prehistoric language contact. Em R. Hickey (Ed.), *Motives for Language Change* (pp. 174–198). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ross, M. (2007). Calquing and Metatypy. *Journal of Language Contact*, 1(1), 116-143.
- Rudin, D. (2018). Rising imperatives. Em S. Maspong, B. Stefánsdóttir, K. Blake & F. Davis (Eds.), *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory (SALT) 28* (pp. 100-119). Ithaca, NY: CLC Publications.
- Santana, M. (2007). A Língua Mirandesa. *Latitudes. Cahiers lusophones*, 29, 51-56.
- Santos, I., Martins, C., & Pereira, I. (2019). Padrões de formação de palavras em mirandês: processos derivacionais na formação de nomes eventivos e de qualidade na escrita de tipo académico. *LaborHistórico*, 5(2), 192-209.
- Savino, M. & Grice, M. (2007). The role of pitch range in realising pragmatic contrasts - the case of two question types in Italian. Em J. Trouvain & W. Barry (Eds.), *Proceeding of the 16th International Congress of Phonetic Sciences* (pp. 1037-1040). Saarbrücken: Univ. des Saarlandes.
- Schmid, M. (2011). *Language Attrition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schmid, M., & Köpcke, B. (2007). Bilingualism and attrition. Em B. Köpcke, M. Schmid, M. Keijzer & S. Dostert (Eds.), *Language Attrition. Theoretical perspectives* (p. 1-7). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Schmid, M. & Köpcke, B. (2009). L1 Attrition and the Mental Lexicon. Em A. Pavlenko (Ed.), *The Bilingual Mental Lexicon: Interdisciplinary Approaches* (pp. 209-238). Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters.
- Schuchardt, H. (1884). *Slawo-deutsches und Slawo-italienisches*. Graz: Leuschner & Lubensky.
- Segura, L., & Saramago, J. (2001). Variedades dialektais portuguesas. In M. H. Mateus (Ed.), *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas* (pp. 221-237). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Selkirk, E. (1981). On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In T. Fretheim (Ed.), *Nordic Prosody II* (pp. 111-140). Trondheim: Tapir.
- Selkirk, E. (1984). *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge: MIT Press.
- Sichel-Bazin, R., & Roseano, P. (2013). Català septentrional. Em P. Prieto & T. Cabré (Eds.) *L'entonació dels dialectes catalans* (p. 127-152). Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat.
- Sichel-Bazin, R., & Meisenburg, T. (2015). *Methodology for the study of prosody in language contact: Occitan and French*. Apresentação no Methods in Empirical Prosody Research, Universität Mannheim, Alemanha, julho de 2015. <https://methodenromanistentag2015.wordpress.com/programme/>
- Sichel-Bazin, R., Buthke, C., & Meisenburg, T. (2015). Prosody in Language Contact: Occitan and French. Em E. Delais-Roussarie, M. Avanzi & S. Herment (Eds.), *Prosody and languages in contact: L2 acquisition, attrition, languages in multilingual situations* (p. 71-99). Berlin: Springer.
- Sichel-Bazin, R., Meisenburg, T., & Prieto, P. (2015). Intonational phonology of Occitan: Towards a prosodic transcription system. Em S. Frota, & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 198-234). Oxford: Oxford University Press.
- Siemund, P. (2008). Language contact: Constraints and common paths of contact induced language change. Em P. Siemund & N. Kintana (Eds.), *Language Contact and Contact Languages* (pp. 3-11). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Silva-Corvalán, C. (1994). *Language Contact and Change: Spanish in Los Angeles*. Oxford: Clarendon Press.
- Silverman, K., Beckman, M., Pitrelli, J., Ostendorf, M., Wightman, C., Price, P., Pierrehumbert, J., & Hirschberg, J. (1992). TOBI: A Standard for Labeling English Prosody. Em *Second International Conference on Spoken Language Processing (ICSLP'92)* (pp. 867-870). Canada: ISCA.

- Simonet, M. (2011). Intonational convergence in language contact: Utterance-final F0 contours in Catalan-Spanish early bilinguals. *Journal of the International Phonetic Association*, 41(2), 157-184.
- Skutnabb-Kangas, T. (1998). Human rights and language wrongs - A future for diversity? *Language Sciences*, 20(1), 5-27.
- Skutnabb-Kangas, T. (2002). Marvelous human rights rhetoric and grim realities: Language rights in education. *Journal of Language, Identity, and Education*, 1(3), 179-205.
- Skutnabb-Kangas, T. (2003). Linguistic Diversity and Biodiversity: The Threat from Killer Languages. Em C. Mair (Ed.), *The Politics of English as a World Language. New Horizons in Postcolonial Cultural Studies* (pp. 31-52). Amsterdam & New York: Rodopi.
- Skutnabb-Kangas, T., & Phillipson, R. (1994). Linguistic human rights, past and present. Em T. Skutnabb-Kangas, & R. Phillipson (Eds.), *Linguistic Human Rights* (pp. 71-110). Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- Skutnabb-Kangas, T., & May, S. (2017). Linguistic Human Rights in Education. Em T. McCarty & S. May (Eds.), *Language Policy and Political Issues in Education* (125-141). New York: Springer.
- Sletsjøe, L. (1967). La position du mirandais. *Studia Neophilologica*, 39, 150-169.
- Sosa, J. (1999). *La entonación del español*. Madrid: Cátedra.
- Strik, H., & L. Boves (1995). Downtrend in F0 and P<sub>sb</sub>. *Journal of Phonetics*, 23(1-2), 203-22.
- Thomason, S. (2001). *Language contact*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Thomason, S., & Kaufman, T. (1988). *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press.
- Thorsen, N. (1978). An acoustical investigation of Danish intonation. *Journal of Phonetics*, 6(3), 151-175.
- Thorsen, N. (1983). Standard Danish sentence intonation. Phonetic data and their representation. *Folia Linguistica*, 17(1-4), 187-220.
- UNESCO (2003). *Language vitality and endangerment*. UNESCO Publishing.
- UNESCO (2010). *Atlas of the world's languages in danger*. UNESCO Publishing.

- Vanrell, M. (2006). A scaling contrast in Majorcan Catalan interrogatives. Em R. Hoffmann & H. Mixdorff (Eds.), *Proceedings of Speech Prosody 2006* (pp. 807-810). Dresden: TUDpress Verlag der Wissenschaften GmbH.
- Vanrell, M., Feldhausen, I., & Astruc, L. (2018). The Discourse Completion Task in Romance prosody research: Status quo and outlook. Em I. Feldhausen, J. Fliessbach & M. Vanrell (Eds.), *Methods in prosody: A Romance language perspective* (p. 191-227). Berlin: Language Science Press.
- Vanrell, M., Stella, A., Gili Fivela, B., & Prieto, P. (2013). Prosodic manifestations of the Effort Code in Catalan, Italian and Spanish contrastive focus. *Journal of the International Phonetic Association*, 43(2), 195-220.
- Vanrell, M., Ballone, F., Schirru, C., & Prieto, P. (2015). Sardinian intonational phonology: Logudorese and Campidanese varieties. Em S. Frota, & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 317-349). Oxford: Oxford University Press.
- Vanrell, M., Ballone, F., Cabré, T., Prieto, P., Schirru, C., & Torres-Tamarit, F. (2020). Contacte lingüístic i entonació a Sardenya. Em C. Gabriel, A. Pešková & M. Selig (Eds.), *Contact, variation and change: Studies in honor of Trudel Meisenburg* (p. 219-242). Berlin: Erich Schmidt.
- Vasconcellos, J. (1882). *O dialecto mirandês. Contribuição para o estudo da dialectologia românica no domínio glotológico hispano-lusitano*. Porto: Livraria Portuense.
- Vasconcellos, J. (1900). *Estudos de Philologia Mirandesa* (Vol. 1). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcellos, J. (1901). *Estudos de Philologia Mirandesa* (Vol. 2). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcellos, J. (1929). *Opúsculos* (Vol. 4). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Vázquez Cuesta, P., & Mendes da Luz, M. (1987). *Gramática portuguesa*. Madrid: Gredos.
- Veloso, J. (2000). O mirandês visto por futuros professores de português. Em J. Meirinhos (coord.), *Estudos Mirandeses-Balanço e Orientações. Homenagem a António Maria Mourinho* (p. 127-140). Porto: Granito.
- Veloso, J. (2008). Coda-avoiding: Some Evidence from Portuguese. *Romanitas, Lenguas Y Literaturas Romanicas* 3(1), 1-29.
- Verdelho, T. (1993). Falares asturo-leoneses em território português. *Lletres Asturianes*, 50, 7-25.
- Vigário, M. (1996). Marcação prosódica em frases negativas no Português Europeu. Em  *Atas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: APL.

- Vigário, M. (1998). *Aspectos da prosódia do Português Europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica*. Braga: CEHUM.
- Vigário, M. (2010). Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*, 27(4), 485-530.
- Vigário, M. & Frota, S. (2003). The intonation of Standard and Northern European Portuguese: A comparative intonational phonology approach. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2(2), 115-137.
- Wardhaugh, R. & Fuller, J. (2015). *An Introduction to Sociolinguistics* (7th ed.). Oxford, MA: Wiley-Blackwell.
- Weinreich, U. (1953). *Languages in contact, findings and problems*. The Hague: Mouton
- Welby, P. (2003). *Draws picture in Praat*. Disponível em [https://github.com/wendyelviragarcia/create\\_pictures/blob/master/create\\_pictures.praat](https://github.com/wendyelviragarcia/create_pictures/blob/master/create_pictures.praat)
- Wendel, J., & Heinrich, P. (2012). A framework for language endangerment dynamics: the effects of contact and social change on language ecologies and language diversity. *International Journal of the Sociology of Language*, 2012(218), 145-166.
- Winford, D. (2003). *An Introduction to Contact Linguistics*. MA/Oxford: Blackwell Publishing.
- Winford, D. (2007). Some Issues in the Study of Language Contact. *Journal of Language Contact*, 1(1), 22-40.
- Yule, G. (2010). *The study of language*. Cambridge: Cambridge University Press.

## **ANEXOS**

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DCT MIRANDÊS

**1. DECLARATIVAS**

1.1 Declarativas SVO

**Um sintagma entoacional**

a) Preguntórun-te se preferes péra ó lharanja. Tu respundes lharanja.

*Lharanja.*

b) Ouserba la figura. L que faç la mulhier?



*Corre na praia.*

**Mais do que um sintagma entoacional**

c) Estes son la Ana Alves i l Demingos. Que fázen eilhes?



*La Ana Alves bebe bino i l Demingos bebe cerbeija.*

d) Stá mui calor na rue. La Marie quier buber algo fresco. Fui purparar ua lhimonada. Alguien antrou i preguntou l que ye qu'eilha stá a fazer.



*Eilha stá a fazer ua lhimonada porque stá mui calor.*

**Enumeração**

e) Diga ls meses de l'anho.

*Janeiro, Fevereiro, Márcio, Abril, Maio, Júnio, Júlio, Agosto, Setembro, Outubro, Nobembre i Dezembro.*

f) Faç ua lhista de frutas que mais gustas.

*Manga, ananás, maçana i bananas.*

## 1.2 Outras declarativas

### Focalização contrastiva

a) Bocé entra nua lhoija adonde nunca antrou i pergunta se eilhes ténen lharanjas.

Mas la mulhier que t'atende nun t'atende bien.

A. You quiero un quilo de lharanjas.

B. Lhimonos?

*Nó, you quiero lharanjas!!!*

b) Ancuntreste ua amiga na rue i perguntas se la Marie i l Joan tenien casa. Eilha admirada cula pergunta diç qu'eilhes se diborciórun. Eilha ansiste qu'eilhes se casórun. Tu repetes, dues bezes, anrabiada, qu'eilhes se diborciórun.

*Diborciórun-se!!!*

### Exclamação

b) Entrás nua panadarie i cheira mui bien l pan. L que diries?

*Qu'oulor buono la pan!*

### Declarativa categórica

c) Stás a falar cula Rita subre la cena donte. Stás cun dúbedas se la Marie chegou depuis de bós. Dizes que nó, qu'eilha yá alhá staba.

*Nó, eilha yá alhá staba.*

### Declarativa dubitativa

d) Un amigo sou piede-le para mercar un persente para alguien que nun bos conhece mui bien i ten miedo de nun fazer la scolha cierta. Diga-le que talbéç el puoda nun gustar de l que bos bai mercar.

*El puode nun gustar.*

### Declarativa óbvia

e) Stás cun ua amiga i falan subre l filho de la Marie, ua amiga an quemun. La Marie pergunta se l filho ye de l Mário. Tu, admirada cula pergunta, dizes que si, claro que ye de l Mário.

*Si, claro que ye de l Mário.*

## 2. INTERROGATIVAS

### 2.1 Interrogativas SVO

#### Uma unidade tonal

c) Entrás ne l café i perguntas se ténen sumo.

*Ténen sumo?*

b) Entrás ne l café i perguntas se ténen auga.

*Ténen auga?*

c) Stás ne l restourante cun ua amiga i eilha nun sabe que fruta quier para subremesa. Pregunta se quier maçana ó tangerina.

*Quieres maçana ó tangerina?*

### Enumeração (disjunção)

d) Ténés ua fruitarie i entra ua cliente i piede fruta. Pregunta se quier lharanjas, maçanas, péras ó bananas.



*Quier lharanjas, maçanas, péras ó bananas?*

### Enumeração (coordenação)

d) Tue mai pediu-te uas frutas. Mas tu chegeste al mercado i squeciste-te. Telefonas i preguntas se eilha quier mesmo lharanjas, maçanas, péras i bananas.



*Quier lharanjas, maçanas, péras i bananas?*

## 2.2 Outras interrogativas

### Interrogativas confirmatórias

e) Sabes qu'alhá fura stá mui friu. Entra alguien agasalhado i preguntas se essa persona ten friu.

*Tenes friu?*

b) L Jaime dixo que benie a cenar a la tua casa. Tu lhigas i preguntas se el ben.

*Tu benes jantar?*

### Interrogativas imperativas

c) Stás ne l sofá a ber tribison. Ls tous filhos stan a fazer mui barulho. Pregunta se eilhes se calhan.

*Bós calan-se!?*

d) Eilhes cuntinan a falar. Pregunta se eilhes se calhan, pula tue alma.

*Bós calan-se, pula mie alma!?*

e) Pregunta se quieren caramelos.

*Quieren caramelos?*

## 3. INTERROGATIVAS PARCIAIS PARCIAIS

### 3.1 Neutras

a) Pregunta que horas son.

*Qu'horas son?*

b) La sue filha diç qu'esta nuite bai salir culas amigas. Bocé queda preocupado i quier saber todo.

Pregunte adonde ye qu'eilha bai i cumo ye qu'eilha ben.

*Adonde bás i cumo benes?*

### 3.2 Não-neutras

a) Pediste a tou armano que t'arranjasse l carro. Yá passou algun tiempo. Pregunta quando ye qu'el l fazerá.

*Quando l fazerás?*

b) Cumbideste uns amigos a cenar. Eilhas, a la radadeira de l'hora, telefonan i dízen que nun bénen. Tu, cun pena, preguntas porque ye que nun bénen.

*Porque nun bénen?*

c) Pregunteste hai dous meses al tou primo se el pintaba la casa de la tua amiga. El inda nun te respndiu. Pregunta-le quando ye qu'el pintará la casa de la tue amiga.

*Quando pintarás la casa de a mie amiga?*

## 4. INTERROGATIVAS ECO

### 4.1 Neutro

#### Eco absoluta

a) Preguntas las horas, mas nun percebiste bien la repuosta. Achas que ye ua. Cunfirma se ye ua.

*(Que deziste,) que ye ua hora?*

#### Eco parcial

b) Preguntórun-t'adonde bás, mas nun percebiste bien se fui esso que te preguntas. Cunfirma se te preguntórun adonde ibas.

*(Pregunteste-me) adonde bou?*

#### Disjunção

c) Preguntórun-t'adonde fuste, mas nun percebiste bien se te preguntórun adonde fuste ó adonde beniste. Pregunta i cunfirma se te preguntórun adonde fuste ó por adonde beniste.

*(Pregunteste-me) por adonde bin ó por adonde antrei?*

### 4.2 Não-neutro

#### Absoluta anti-expetativa

a) La tue prima, la Rita, stá a pensar ir morar para Spanha. Naide staba a cuntar cun essa ambora. Quedas mui spantado i preguntas, sin acradito nisso, se eilha stá a dezir que bai morar para Spanha.

*(Stás a dezir que) bás morar para Spanha!?*

## 5. IMPERATIVAS

PEDRO GUEDES DE OLIVEIRA

a) La tue nieta nun quier almuorçar. Yá stás anrabiada i ourdenas qu'eilha coma.

*Come!!!*

**Pedido**

b) Quieres ir al cinema, mas nun quieres ir solica. Piedes a un amigo. El diç que nun le apetece. Tu piedes, gentilmente, qu'el benga.

*Anda!*

**6. VOCATIVOS**

a) Quieres que la tua filha, la Joana, benga almuorçar. Cháma-la.

*Joana!*

b) Passórun 10 (dieç) minutos i eilha nun bieno. Ansiste.

*Joana!!!*

## APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DCT PORTUGUÊS

**1. DECLARATIVAS**

## 1.1 Neutras

**Um sintagma entoacional**

a) Perguntaram-se te preferes pera ou laranja. Tu respondes laranja.

*Laranja.*

b) Observa a figura. O que faz a mulher?



*Corre na praia.*

**Mais do que um sintagma entoacional**

c) Estes são a Maria Amara e o Domingos. O que estão eles a fazer?



*A Maria Amara bebe vinho e o Domingos bebe cerveja.*

d) Está muito calor na rua. A Maria quer beber algo fresco. Fui preparar uma limonada. Alguém entrou e perguntou o que é que ela está a fazer.



*Ela está a fazer uma limonada porque está muito calor.*

**Enumeração**

e) Diga os meses do ano.

*Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro.*

f) Faz uma lista de frutas que mais gostas.

*Manga, ananás, maçã e bananas.*

## 1.2 Não-neutros

### **Focalização contrastiva**

a) Você entra numa loja onde nunca tinha entrado e pergunta se eles têm laranjas. Mas a mulher que te atende não entende bem a pergunta.

A. Eu quero um quilo de laranjas.

B. Limões?

*(Não,) eu quero laranjas!!!*

b) Encontraste uma amiga na rua e perguntas se a Marie e o João se têm casa. Ela admirada com a pergunta diz que eles se divorciaram. Ela insiste que eles se casaram. Tu repetes, enfurecida, que eles se divorciaram.

*Divorciaram-se!!!*

### **Exclamação**

c) Entras numa padaria e cheira muito bem a pão. O que dirias?

*Que cheio bom a pão!*

### **Declarativa categórica**

d) Estás a falar com a Rita sobre o jantar de ontem. Estás com dúvidas se a Maria chegou depois de vocês. Dizes que não, que ele já lá estava.

*(Não,) ela já lá estava.*

### **Declarativa dubitativa**

e) Um amigo pediu-te para comprar um presente para alguém que tu não conheces muito bem e tens medo de não fazer a escolha certa. Diz-lhe que talvez ele possa não gostar de que tu lhe vais comprar.

*Ele pode não gostar (do que lhe comprar).*

### **Declarativa óbvia**

f) Estás com uma amiga e falam sobre o filho da Maria, uma amiga em comum. A Maria pergunta se o filho é do Mário. Tu, admirada com pergunta, dizes que sim, claro que é do Mário.

*Sim, claro que é do Mário.*

## **2. INTERROGATIVAS**

### 2.1 Neutras

#### **Uma unidade tonal**

a) Entras no café e perguntas se têm sumo.

*Têm sumo?*

b) Entras no café e perguntas se têm água.

*Têm água?*

c) Estás no restaurante com uma amiga e ela não sabe que fruta quer para sobremesa.

Pergunta se quer maçã ou tangerina.

*Queres maçã ou tangerina?*

### Enumeração (disjunção)

d) Tens uma frutaria e entra uma cliente e pede fruta. Pergunta se quer laranjas, maçãs, peras ou bananas.



*Quer laranjas, maçãs, peras ou bananas?*

### Enumeração (coordenação)

e) A tua mãe pediu-te umas frutas. Mas tu chegaste ao mercado e esqueceste-te. Telefonas e perguntas se ela quer mesmo laranjas, maçãs, peras e bananas.



*Quer laranjas, maçãs, peras e bananas?*

## 2.2 Não-neutras

### Interrogativas confirmatórias

a) Sabes que lá fora está muito frio. Entra alguém agasalhado e perguntas se essa pessoa tem frio.

*Tens frio?*

b) O Jaime disse que vem jantar à tua casa. Tu ligas e perguntas se ele vem.

*Tu vens jantar (certo)?*

### Interrogativas imperativas

c) Estás no sofá a ver televisão. Os teus filhos estão a fazer muito baralho. Pergunta se eles se calam.

*Vocês calam-se!?*

d) Eles continuam a falar. Perguntas se eles se calam, por favor.

*Vocês calam-se, por favor!?*

e) Pergunta se querem caramelos.

*Querem caramelos?*

## 3. INTERROGATIVAS PARCIAIS WH-

### 3.1 Neutras

a) Pergunta que horas são.

*Que horas são?*

b) A tua filha diz que esta noite vai sair com as amigas. Você fica preocupado e quer saber tudo. Pergunta onde é que ela vai e como é que ela vem.

*Onde vais e como vens?*

### 3.2 Não-neutras

a) Pediste ao teu irmão que te arranjasse o carro. Já passou algum tempo. Pergunta quando é que ele o fará.

*Quando o farás?*

b) Convidaste uns amigos para jantar. Eles, à última da hora, telefonaram e dizem que não vêm. Tu, com pena, perguntas porque é que não vêm.

*Porque (é que) não vêm?*

c) Perguntaste há dois meses ao teu primo se ele pintava a casa da tua amiga. Ele ainda não te respondeu. Pergunta-lhe quando é que ele pintará a casa da tua amiga.

*Quando pintarás a casa da minha amiga?*

## 4. INTERROGATIVAS ECO

### 4.1 Neutro

#### **Eco absoluta**

a) Perguntas as horas, mas não percebeste bem a resposta. Achas que é uma. Confirma se é uma.

*(Que disseste, que) é uma (hora)?*

#### **Eco parcial**

b) Perguntaram-te aonde vais, mas não percebeste bem se foi isso que te perguntaram. Confirma se te perguntaram aonde ias.

*(Perguntaste-me) aonde vou?*

#### **Disjunção**

c) Perguntaram-te de onde vieste, mas não percebeste bem se te perguntaram de onde vieste ou por onde entraste. Pergunta e confirma se te perguntaram de onde vieste ou por onde entraste.

*(Perguntaste-me) de onde vim ou por onde entrei?*

### 4.2 Não-neutro

#### **Absoluta anti-expetativa**

a) A tua prima, a Rita, está a pensar ir morar para Espanha. Ninguém estava a contar cum essa ida. Ficas muito surpreendido e perguntas, sem acreditar nisso, se ela está a dizer que vai morar para Espanha.

*(Estás a dizer que) vais morar para Espanha!?*

## 5. IMPERATIVAS

a) A tua neta não quer almoçar. Já estás a ficar aborrecida e ordenas que ela coma.

*Come!!!*

**Pedido**

b) Queres ir ao cinema, mas não queres ir sozinha. Pedes a um amigo. Ele diz que não lhe apetece. Tu pedes, gentilmente, que ele venha.

*(Vá), anda (lá)!*

**6. VOCATIVOS**

a) Queres que a tua filha, a Joana, venha almoçar. Chama-a.

*Joana!*

b) Passaram 10 minutos e ela não veio. Insiste.

*Joana!!!*

APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Antes de começar a responder a este inquérito, o participante toma conhecimento que o propósito deste projeto se destina à investigação em linguística levada a cabo pelo investigador Pedro Oliveira, sob a orientação científica da Professora Doutora Elisa Fernández Rei da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e pelo Professor Doutor João Veloso da Universidade do Porto, Portugal. Não existem respostas 'corretas' ou 'incorretas'. Todas as informações são de opinião pessoal acerca do uso da língua mirandesa. Todos os dados serão tratados de forma anónima e confidencial. A informação pessoal será alterada através de códigos.

**Sim, tomei conhecimento das condições e voluntario-me a participar no referido projeto**

1.1 NOME:		
1.2 DATA DE NASCIMENTO	1.3 SEXO M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> O <input type="checkbox"/>	1.4 IDADE
1.5 ENDEREÇO		
1.6 ESTADO CIVIL SOLTEIRO/A <input type="checkbox"/> CASADO/A <input type="checkbox"/> VIÚVO/A <input type="checkbox"/> OUTRO UNIÃO DE FACTO		
1.7 NATURALIDADE		
1.8 TEMPO DE PERMANÊNCIA EM OUTROS LOCAIS (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)		
1.9 ESCOLARIDADE	1.10 OUTROS CURSOS	
1.11 NATURALIDADE DOS PAIS E AVÓS		
1.12 PROFISSÃO	1.13 ONDE EXERCE/EXERCEU?	

1.14 OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES

**Parte I – Informação Pessoal****Parte II – Contacto com os meios de comunicação**

2.1 VÊ TELEVISÃO? A. SEMPRE <input type="checkbox"/> B. ÀS VEZES <input type="checkbox"/> C. NUNCA <input type="checkbox"/>	2.2 PROGRAMAS PREFERIDOS A. TELENÓVELAS <input type="checkbox"/> C. FILMES <input type="checkbox"/> B. PROGRAMAS DE DESPORTO <input type="checkbox"/> D. OUTROS <input type="checkbox"/> C. NOTÍCIAS <input type="checkbox"/>		
2.3 OUVI RÁDIO? A. SEMPRE <input type="checkbox"/> B. ÀS VEZES <input type="checkbox"/> C. NUNCA <input type="checkbox"/>	2.4 LÊ JORNAIS? A. SEMPRE <input type="checkbox"/> B. ÀS VEZES <input type="checkbox"/> C. NUNCA <input type="checkbox"/>	2.5 QUE TIPO DE JORNAIS LÊ? A. DESPORTIVOS <input type="checkbox"/> C. REGIONAIS <input type="checkbox"/> B. NOTÍCIAS <input type="checkbox"/> D. NACIONAIS <input type="checkbox"/> C. ECONÓMICOS <input type="checkbox"/>	
2.4 LÊ REVISTAS? A. SEMPRE <input type="checkbox"/> B. ÀS VEZES <input type="checkbox"/> C. NUNCA <input type="checkbox"/>			
2.5 QUE TIPO DE REVISTAS LÊ?			

**Parte III – Uso linguístico**

3.1 QUE LÍNGUA(S) FALA?	3.2 COM QUE FREQUÊNCIA?
3.3 COMO APRENDEU PORTUGUÊS?	3.4 COMO APRENDEU MIRANDÊS?
3.5 QUE LÍNGUA FALAM/FALAVAM OS PAIS/AVÓS?	3.6 QUANDO PENSA, PENSA EM QUE LÍNGUA?
3.7 COM QUE FREQUÊNCIA FALA CADA LÍNGUA (PARA O CASO DE FALAR MAIS QUE UMA?)	
3.8 QUE LÍNGUA FALA EM CASA/COM OS AMIGOS?	
3.9 ACHA QUE OS FALANTES DE MIRANDÊS SÃO BILINGUES?	

**Parte IV – Atitude e identidade linguísticas**

4.1 QUANDO LHE PERGUNTAM QUE LÍNGUA FALA, O QUE RESPONDE?

4.2 EM TERRA DE MIRANDA, QUE LÍNGUA FALA? E FORA?

4.3 ACHA QUE O MIRANDÊS DEVERIA SER UMA DISCIPLINA OBRIGATÓRIA NO ENSINO REGULAR?

A. SIM

B. NÃO

4.4 PARA ALÉM DE LÍNGUA MIRANDESA, POR QUE OUTRO NOME É CONHECIDA?

4.5 PARA ALÉM DE LÍNGUA PORTUGUESA, POR QUE OUTRO NOME É CONHECIDA?

## APÊNDICE 4 - CONSENTIMENTO INFORMADO



Instituto da Lingua Galega




---

 CONSENTIMENTO INFORMADO
 

---

\_\_\_\_\_ (nome próprio e apelidos), maior de idade, com documento de identificação nº \_\_\_\_\_ e com domicílio em \_\_\_\_\_, reconhece:

Ter sido informado/a de que, em cumprimento da Lei de Proteção de Dados Pessoais da União Europeia 2016/679, os seus dados pessoais registados em áudio pelo investigador Pedro Miguel Guedes de Oliveira, estudante da Universidade de Santiago de Compostela, se destinam à realização da tese de doutoramento sobre os aspetos entoacionais do mirandês, através da recolha de um questionário sociolinguística e através de recolhas áudio. Estes dados apenas serão utilizados com a única finalidade de realizar investigação no âmbito da Linguística e sem qualquer fim lucrativo, de forma anónima. Os dados resultantes dos estudos de prosódia poderão ser tornados públicos no âmbito de conferências e encontros de investigação, destinados à investigação, ensino e aprendizagem no âmbito da língua mirandesa e das línguas românicas. A participação é voluntária, confidencial e sem qualquer remuneração.

Ter sido informado/a de que posso exercer os direitos de acesso, retificação, cancelamento ou contestação mediante uma comunicação escrita, acompanhada de fotocópia de documento de identificação, dirigida a D. José Julio Fernández Rodríguez, Edifício CACTUS, 1ª Planta, 15782 Santiago de Compostela ou pelo endereço eletrónico [vr.investigacion@usc.es](mailto:vr.investigacion@usc.es).

Para os efeitos acima descritos, assino esta autorização.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)





O presente estudo foca-se na análise do impacto do contacto linguístico entre o mirandês e o português, com especial atenção na entoação. O mirandês, apesar de sua importância cultural e identitária, possui pouca investigação no campo da entoação, principalmente no contexto de contacto linguístico, o que torna este estudo inovador e relevante para os estudos sobre línguas minoritárias em situações de contacto. A comparação dos sistemas prosódicos do mirandês e do português falado em Miranda do Douro com o asturo-leonês e a variedade padrão do PE mostram-nos que o substrato do asturo-leonês ainda está presente no sistema entoacional atual do mirandês, apesar de este apresentar algumas características transferidas do português.